

MUITAS MORADAS

GINA CERMINARA

Tradução: Amadeu António



**MUITAS MORADAS
O HOMEM DOS MILAGRES E A REENCARNAÇÃO DA ALMA
GINA CERMINARA**

Conteúdo

1. A Possibilidade Magnífica
2. A Clarividência Médica de Edgar Cayce
3. Uma Resposta aos Enigmas da Vida
4. Alguns Tipos de Carma Físico
5. O Carma do Escárnio
6. Um Interlúdio de Comentário
7. Carma em Suspensão
8. O Carma e os Problemas de Saúde
9. Uma Nova Dimensão na Psicologia
10. Tipos Humanos
11. Exemplos de Carma Psicológico Retributivo
12. Origens em Vidas Passadas das Anomalias Mentais
13. O Casamento e o Destino da Mulher
14. Os Solitários
15. Alguns Problemas do Casamento
16. Infidelidade e Divórcio
17. Pais e Filhos
18. Enredos Cármicos Familiares
19. Origens em Vidas Passadas da Competência Profissional
20. Uma Filosofia da Escolha Vocacional
21. Implicações dos Dados sobre as Capacidades Humanas
22. Dinâmicas da Personalidade
23. Aspectos Diversos do Carma
24. Uma Filosofia para Viver
- 25.** Conclusão
26. Sobre a Autora

Capítulo 1

A Possibilidade Magnífica

Os homens nascem; sofrem; morrem. Nestas sete palavras, segundo um conto narrado por Anatole France, um sábio resumiu outrora toda a história da humanidade.

Há, porém, outra história, mais antiga e mais significativa, que fala do sofrimento dos homens. É a lenda do jovem príncipe Siddhartha, que mais tarde viria a ser conhecido como Buda, o Iluminado.

O pai de Siddhartha era um rico potentado hindu que estava determinado a proteger o filho do conhecimento dos males do mundo. Assim, o príncipe cresceu numa agradável reclusão até à juventude e recebeu em casamento uma bela princesa, sem jamais ter posto os pés para além das muralhas do palácio. Só depois do nascimento do seu primeiro filho é que o jovem príncipe Siddhartha — feliz com a esposa e o filho, mas curioso acerca do mundo exterior — conseguiu iludir os guardas do palácio e fazer a sua primeira viagem pela cidade apinhada de gente.

Nessa excursão fatídica, três visões nas ruas impressionaram-no profundamente: um velho, um doente e um morto. Chocado, o jovem príncipe sensível perguntou ao servo que o acompanhava o significado de tamanha aflição. Quando lhe foi dito que esses três males não eram invulgares, mas o destino comum de toda a humanidade, o príncipe ficou tão profundamente abalado que não conseguiu regressar à sua vida de conforto e prazer.

Renunciando a todos os seus bens mundanos, dedicou-se à tarefa de alcançar a sabedoria, para poder aprender a libertar os homens dos sofrimentos que os atingiam. Finalmente, após muitos anos, tornou-se iluminado, aprendeu aquilo que procurava aprender e — reconhecida a sua luz interior — ensinou aos homens o caminho da libertação.

Nem todos nós poderíamos, como Buda, renunciar ao amor, ao poder, à riqueza, ao conforto e ao calor dos laços familiares para procurar algo tão intangível como o sentido da existência. No entanto, todos nós podemos — e, em última análise, devemos — preocupar-nos com o mesmo problema: porque sofrem os homens? E o que podem fazer para se libertarem da dor?

Os nossos romancistas utópicos imaginaram uma era futura em que duas das aflições que tanto chocaram Buda teriam sido abolidas: a velhice e a doença. Mas ainda não conceberam a possibilidade — mesmo com as mais brilhantes aplicações da física moderna — de abolir aquilo que o homem considera o seu inimigo supremo: a morte. E, entretanto, antes que uma organização mais sensata do mundo e dos seus recursos possa, se assim o quiser, trazer segurança, saúde, paz, beleza e juventude a todos os homens, enfrentamos mil inseguranças, mil perigos e dez mil ameaças à felicidade e à

paz interior. Incêndios e inundações, epidemias e sismos, doenças e catástrofes, guerras e a ameaça de aniquilação — estas são algumas das ameaças externas. E, no mundo interior e psíquico do homem, existe uma multidão de fraquezas e imperfeições — egoísmo, estupidez, inveja, malevolência e ganância — que são fonte de dor tanto para si próprio como para aqueles com quem vive.

Nos nossos momentos de exaltação, arrebatados pela sublimidade da música ou de um nascer do sol, sentimos que deve haver alegria no coração do universo e uma intenção profunda; contudo, ao regressarmos às duras realidades da vida, com as suas crueldades e frustrações esmagadoras, não podemos deixar de colocar, se tivermos alguma percepção, alguma compaixão, algum assombro filosófico, as questões últimas: que significado e propósito tem a vida, em nome da sanidade, para além do óbvio e material da mera sobrevivência? Quem sou eu? Porque estou aqui? Para onde vou? Porque sofro? Qual é a minha verdadeira relação com os outros homens e a deles comigo? Qual é a nossa relação comum com a vasta interação de forças, e talvez com uma força suprema, para além de nós e à nossa volta?

Estas são as questões mais básicas e mais antigas da humanidade. Sem uma resposta a elas, todas as soluções temporárias para aliviar a dor, sejam de natureza física ou psicológica, acabam por carecer de sentido. Enquanto a própria possibilidade da dor não for explicada, nada terá sido explicado. Até que o sofrimento da criatura mais insignificante e mais remota seja compreendido, nada terá sido plenamente compreendido, e a nossa apreensão filosófica da vida permanecerá incompleta.

Desde os tempos mais remotos, até os homens mais primitivos colocaram estas questões últimas. Olharam para a grandeza dos céus e sentiram que as lutas e tristezas do homem não eram tão ignóbeis ou fúteis como pareciam; assumiram um significado em virtude de uma grande relação cósmica entre o homem e as estrelas. Ou pressentiram presenças na floresta e afirmaram que todos os seres vivos tinham um espírito, incluindo o próprio homem, e que esse espírito humano vivia e sofria apenas por um breve período na Terra, partindo depois da morte para um lugar mais feliz e pacífico. Ou observaram o sentido de bem e de mal dentro de si mesmos e sentiram que devia existir, por conseguinte, um bem e um mal maiores na consciência do universo, bem como um grande lugar de punição ou recompensa nalgum outro reino distante.

Houve milhares de crenças e explicações desse tipo, algumas mais rudimentares do que outras, algumas mais refinadas e razoáveis. E, ainda hoje, em todo o mundo, os homens vivem as suas vidas e enfrentam corajosamente as suas dificuldades na convicção de que alguma dessas explicações é verdadeira. Há os que, com base na autoridade de Maomé, acreditam numa coisa; os que, com base na autoridade de Buda, de Guru Nanak, de Moisés, de Jesus ou de Krishna, acreditam noutra. E há muitos milhares que acreditam

que, para além da necessidade de sobreviver, não existe qualquer explicação para a vida humana; outros deixaram até de se interrogar, preferindo desfrutar do conforto ou do prazer do momento.

Nós, que fomos educados na tradição cristã, temos a nossa própria explicação para a vida e o sofrimento humanos, e ela é esta: o homem tem uma alma e essa alma é imortal; o sofrimento é uma prova que Deus nos concede, e o céu ou o inferno são a recompensa ou o castigo que nos aguardam, consoante a forma como enfrentamos o desafio da nossa vida presente. Aqueles de nós que acreditam nesta explicação acreditam nela — não porque tenham alguma prova — mas porque ela lhes foi ensinada com base na autoridade dos pais e dos prelados; e estes, por sua vez, receberam-na dos seus pais e dos seus prelados; e assim sucessivamente, até chegarmos à autoridade de um livro chamado Bíblia e de um homem chamado Jesus.

Trata-se, concordará a maioria das pessoas, de um livro notável; e Jesus — quer tenha sido homem ou Filho de Deus — foi uma figura extraordinária. Desde o Renascimento, porém, o homem ocidental tornou-se cada vez mais cético em relação às crenças transmitidas com base na autoridade, quer se trate de um livro quer de uma pessoa — um ceticismo crescente relativamente a todas as crenças que não podem ser provadas no implacável laboratório da ciência.

Ptolomeu afirmou — e a Igreja aceitou e ensinou a sua afirmação — que o Sol girava em torno da Terra; no entanto, os instrumentos que Copérnico inventou e utilizou mostraram que era, pelo contrário, a Terra que girava em torno do Sol. Aristóteles — cuja psicologia e ciência a Igreja adotou plenamente — escreveu que, se dois objetos de pesos diferentes fossem largados, o mais pesado chegaria primeiro ao solo; contudo, através de uma simples experiência do topo da Torre de Pisa, Galileu demonstrou que dois objetos de volume semelhante, mas de pesos diferentes, quando largados, atingem o solo ao mesmo tempo. Numerosas passagens da Bíblia — juntamente com as mais óbvias observações de senso comum — indicavam que a Terra era plana; no entanto, Colombo, Magalhães e outros exploradores do século XV derrubaram silenciosamente essa convicção pelo feito irrefutável de navegar para Oeste e chegar a Oriente.

Por estas e por centenas de outras demonstrações, os homens começaram gradualmente a perceber que as antigas autoridades podiam estar erradas. Assim nasceu a atitude científica e, com ela, o ceticismo da mente moderna. Descoberta após descoberta desorganizou a visão ordenada do mundo em que o homem acreditara. Espírito? Ninguém jamais viu um espírito. Alma? Ninguém conseguiu detetar uma alma, quer escondida no protoplasma quer sentada na glândula pineal, onde Descartes afirmara que deveria estar. Imortalidade? Quem alguma vez voltou para nos falar dela? Céu? Os nossos telescópios não mostram qualquer evidência disso. Deus? Uma suposição

colossal; uma projeção de uma mente que necessitava de um substituto paterno. O universo é uma grande máquina. O homem é uma pequena máquina, tornada possível por um arranjo accidental de átomos e por um processo evolutivo naturalista. O sofrimento é o quinhão inevitável do homem na sua luta pela sobrevivência. Não tem outro “significado” além desse; nenhum propósito. A morte é a dissolução de elementos químicos; nada mais permanece.

À autoridade do Grande Homem, do Grande Livro ou do Grande Mestre substituiu-se, então, a autoridade dos nossos próprios cinco sentidos. A ciência alargou, é certo, o alcance desses sentidos com microscópios, telescópios, raios X e radar; e sistematizou as observações dos cinco sentidos com o raciocínio, a matemática e técnicas experimentais repetíveis. Mas, fundamentalmente, o testemunho da ciência e da razão é o testemunho dos nossos cinco sentidos. O edifício sobre o qual a ciência se ergue assenta na visão, na audição, no olfato, no paladar e no tato do homem.

Nas últimas décadas, contudo, tornámo-nos ainda mais sofisticados e ainda mais céticos em relação ao que sabemos ou julgamos saber. Os instrumentos que criámos com os nossos sentidos audazes e orgulhosos voltaram-se ironicamente contra nós e mostraram-nos que esse próprio equipamento sensorial é imperfeito e inadequado para nos dar a conhecer o mundo tal como ele realmente é. As ondas de rádio, a radioatividade e a energia atômica, para citar apenas alguns fenómenos do nosso tempo, demonstram de forma incontestável que estamos rodeados por ondas e pulsações invisíveis de energia, e que as mais diminutas partículas de matéria contêm forças de uma magnitude tão grande que a nossa imaginação não as consegue abarcar.

Algo humilhados, sabemos agora que observamos o mundo através dos nossos olhos e ouvidos como através de pequenas frestas na estreita cela do nosso corpo. A nossa sensibilidade vibratória à luz permite-nos receber apenas uma pequena fração do número total de vibrações luminosas que existem. A nossa sensibilidade vibratória ao som oferece-nos apenas uma oitava estreita, por assim dizer, de todo o teclado sonoro do universo. Um apito para cães, comprado numa loja por cinquenta cêntimos, chamará o nosso cão, mas será inaudível para nós, porque a sua frequência vibratória está acima do nosso limite máximo de sensibilidade.

Existem muitos outros animais, bem como numerosas aves e insetos, cujo alcance da audição, da visão ou do olfato é diferente do nosso; consequentemente, o seu universo contém muito daquilo que nós não percebemos e não podemos perceber.

Um homem que pensa começa a interrogar-se perante este curioso espetáculo do homem orgulhoso — ultrapassado por animais, insetos, aves e

pelas suas próprias engenhosas invenções na percepção da realidade — e começa a especular sobre a possibilidade de ele próprio vir a ver algumas dessas grandes invisibilidades...

Suponhamos, por exemplo, que conseguíssemos de algum modo treinar ou aperfeiçoar o nosso equipamento sensorial de forma a que a nossa sensibilidade vibratória à luz e ao som fosse apenas ligeiramente ampliada: não nos tornaríamos então conscientes de muitos objetos que anteriormente nos eram inacessíveis? Ou suponhamos que algumas pessoas entre nós nascessem com um intervalo de sensibilidade ligeiramente mais alargado: não seria natural que vissem e ouvissem coisas que o resto de nós não vê nem ouve? Não poderiam ouvir à distância, como se possuíssem um recetor de rádio interior, ou ver à distância, como se tivessem um ecrã de televisão interior?

O vasto, incrível e invisível mundo de objetos e energias que os instrumentos do século XX nos revelaram obriga-nos a pensar nessas possibilidades; e — recuando na longa e estranha história do homem — verificamos que existem muitos casos registados em que tal ampliação da percepção parece efetivamente ter existido. Ficamos a saber que Swedenborg, o grande matemático e cientista do século XVIII, desenvolveu, segundo os seus biógrafos, nos últimos anos de vida, um dom percetivo supranormal. Um exemplo da sua faculdade percetiva semelhante à televisão é particularmente conhecido, uma vez que é confirmado por muitas personalidades ilustres, incluindo o filósofo Immanuel Kant.

Às seis horas de uma tarde, Swedenborg, enquanto jantava com amigos na cidade de Gotemburgo, ficou subitamente agitado e declarou que tinha deflagrado um incêndio perigoso na sua cidade natal de Estocolmo, a cerca de trezentos quilómetros de distância. Pouco depois afirmou que o fogo já tinha destruído a casa de um dos seus vizinhos e ameaçava consumir a sua própria. Às oito horas dessa mesma noite, exclamou, com algum alívio, que o incêndio tinha sido travado a três portas da sua casa. Dois dias mais tarde, todas as declarações de Swedenborg foram confirmadas por relatórios reais do incêndio, que começara exatamente à hora em que ele tivera pela primeira vez a impressão do acontecimento.

O caso de Swedenborg é apenas um entre centenas de episódios semelhantes registados na história e na biografia de figuras eminentes, quase eminentes ou obscuras. Em algum momento das suas vidas, Mark Twain, Abraham Lincoln e Saint-Saëns, para citar apenas alguns, tiveram — segundo os seus biógrafos e, nalguns casos, segundo os seus próprios relatos — visões súbitas e estranhas de acontecimentos que decorriam à distância, ou de eventos que viriam a ocorrer, com pormenores minuciosos, meses ou anos mais tarde nas suas próprias vidas. No caso de Swedenborg, a capacidade de ver à distância desenvolveu-se mais tarde numa faculdade poderosa e

sustentada; na maioria dos outros casos, a percepção intensificada parecia surgir apenas num momento de crise.

Nós, no mundo ocidental, temos tendido a olhar para tais ocorrências de soslaio e com alguma suspeita. Por mais bem fundamentadas que estejam, por mais confirmadas que sejam por pessoas honradas e inteligentes, por mais frequentemente que ocorram, temos tendência a descartá-las com uma sobrancelha erguida, um encolher de ombros, a palavra «coincidência» ou o adjetivo «interessante» — e ficamos por aí.

Chegou, porém, o momento em que já não podemos descartá-las de forma tão leviana. Para uma mente atenta às possibilidades de grandes descobertas contidas num acontecimento inexplicado, para uma mente consciente das grandes correntes científicas e das necessidades do nosso tempo, todo o tema das estranhas faculdades potenciais do homem reveste-se de enorme importância e interesse.

Entre os cientistas visionários que consideraram os fenômenos extrassensoriais dignos de investigação sistemática em laboratório — e que efetivamente a realizaram — encontra-se o Dr. J. B. Rhine, da Universidade de Duke. Desde 1930, o Dr. Rhine, juntamente com os seus colaboradores, tem conduzido estudos extensivos sobre as faculdades telepáticas e claridentes do homem. Utilizando experiências rigorosamente controladas e repetíveis, e aderindo estritamente ao método científico, Rhine descobriu que muitos indivíduos conseguem demonstrar poderes extrassensoriais de percepção em condições laboratoriais.

Técnicas estatísticas cuidadosas foram usadas para avaliar as experiências de Rhine e verificou-se, do ponto de vista matemático, que os resultados obtidos não poderiam, de modo algum, ser atribuídos ao acaso. (Para pormenores sobre os métodos e resultados do Dr. Rhine, ver o seu livro *The Reach of the Mind*, publicado em 1947.) Outros investigadores científicos, como Warcollier em França, Kotik na Rússia e Tichner na Alemanha, também utilizando métodos laboratoriais, chegaram de forma independente às mesmas conclusões que Rhine, e o crescente corpo de evidência científica está lentamente a minar as dúvidas predominantes no mundo ocidental quanto à existência, na constituição mental do homem, de poderes de natureza telepática e clarividente.

Sob três pontos de vista, portanto, parece haver razões para acreditar que as estreitas fendas da percepção sensorial do homem podem ser alargadas. Do ponto de vista inferencial, é razoável acreditar que tal alargamento seja possível; do ponto de vista histórico, uma vasta acumulação de relatos autênticos demonstra que, em muitos casos, ele ocorreu; do ponto de vista científico, existe um corpo crescente de dados laboratoriais que testemunha,

através de experiências repetíveis, que o homem pode experimentar uma consciência para além do alcance normal dos sentidos.

Até ao momento, porém, os laboratórios estabeleceram a clarividência apenas como um modo possível de percepção. As suas potencialidades de utilidade prática ainda nem sequer foram exploradas, apesar de serem enormes. Claramente, se o homem possui um meio de conhecimento que não depende dos olhos nem dos ouvidos; se pode, em determinadas condições, «ver» como se tivesse um aparelho de televisão interior aquilo que está a acontecer noutro ponto do espaço sem recorrer aos olhos físicos — então o homem possui uma nova e importante ferramenta para obter conhecimento sobre si próprio e sobre o universo em que se encontra.

O homem realizou grandes feitos ao longo dos séculos. A sua força e a sua astúcia permitiram-lhe conquistar o espaço e subjugar a matéria à sua vontade. Mas, apesar de toda a sua força e engenho, continua frágil e vulnerável; apesar de todas as suas grandes conquistas externas, continua impotente e perplexo; apesar de todos os seus triunfos na arte, na cultura e na civilização, continua a interrogar-se sobre o significado e o propósito dos sofrimentos que o acompanham, a ele e aos que lhe são queridos, desde o nascimento até à morte.

Recentemente, penetrou nos recessos íntimos do átomo. Talvez esteja agora, com as suas faculdades recentemente descobertas de percepção extrassensorial e com o reconhecimento emergente da estranha relação entre a mente consciente e a inconsciente, à beira de penetrar nos recessos mais profundos de si próprio. Talvez possa finalmente encontrar, após tantos séculos de hesitação, respostas científicas e satisfatórias para os grandes enigmas fundamentais da sua existência: o porquê do seu nascimento e a razão da sua dor.

Capítulo 2

A Clarividência Médica de Edgar Cayce

É entusiasmante especular sobre as possibilidades da faculdade clarividente. Ainda mais entusiasmante é encontrar um homem que, possuindo esse dom, conseguiu utilizá-lo tanto de forma prática como intelectualmente significativa. Esse homem foi Edgar Cayce.

Cayce (pronuncia-se *Kei-si*) era, nos últimos anos da sua vida, conhecido como «O Homem dos Milagres de Virginia Beach». O título é enganador; embora centenas de pessoas tenham experimentado curas notáveis como resultado da sua intervenção, ele não foi, de modo algum, um fazedor de milagres no sentido habitual do termo. Não houve imposição de mãos, nem presença mágica, nem abandono de muletas após o simples beijo de uma veste. Os chamados milagres de Edgar Cayce realizaram-se exclusivamente através dos seus diagnósticos clarividentes de espantosa precisão, frequentemente feitos a milhares de quilómetros de distância do paciente. Além disso, a sua clarividência era induzida inteiramente sob hipnose — facto que deverá ser de especial interesse para os psicoterapeutas que fazem uso crescente da hipnose como instrumento terapêutico ou como ferramenta de investigação da mente inconsciente.

Um dos exemplos mais dramáticos da forma como a clarividência hipnótica de Cayce se manifestou encontra-se no caso de uma jovem rapariga em Selma, no Alabama, que inexplicavelmente perdeu a razão e foi internada numa instituição psiquiátrica. O irmão, profundamente preocupado, solicitou a ajuda de Cayce. Cayce deitou-se no seu divã, respirou profundamente algumas vezes e adormeceu. Aceitou então uma breve sugestão hipnótica para observar e diagnosticar o corpo da jovem em questão. Após alguns momentos de pausa, começou a falar, como fazem todos os sujeitos hipnotizados quando assim instruídos. Ao contrário da maioria, porém, começou a descrever, como se possuísse visão de raios X, a condição física da jovem demente. Declarou que um dos dentes do siso estava incluso e pressionava um nervo no cérebro. A remoção do dente, afirmou, aliviaria a pressão e devolveria a jovem à normalidade. Foi examinada a área da boca que ele indicara; a inclusão, até então desconhecida, foi encontrada. A cirurgia dentária apropriada resultou num regresso completo à sanidade.

Outro exemplo notável é o de uma jovem mulher do Kentucky que deu à luz um bebé prematuro. Com quatro meses de idade, a criança, que era frágil desde o nascimento, sofreu um ataque de convulsões tão grave que os três médicos assistentes, incluindo o pai da criança, duvidaram que sobrevivesse ao dia. Em desespero, a mãe pediu a Cayce que fizesse o diagnóstico. Sob hipnose, Cayce prescreveu uma dose do veneno beladona, a ser seguida pouco depois por um antídoto, se necessário. Desafiando as objeções

escandalizadas dos médicos, a mãe insistiu em administrar ela própria a dose venenosa. Quase imediatamente, as convulsões cessaram; depois de administrado o antídoto, o bebê esticou-se, relaxou e adormeceu tranquilamente. A sua vida foi salva.

Estes casos, e centenas de outros semelhantes, não pertencem propriamente à categoria das «curas pela fé» psicológicas. Em muito poucos casos a cura foi tão imediata como nos dois exemplos citados; e em todos os casos foi prescrito um método de tratamento muito concreto e, por vezes, prolongado — quer por meio de medicamentos, cirurgia, dieta, terapêutica vitamínica, hidroterapia, osteopatia, tratamentos elétricos, massagens ou autossugestão. Além disso, não podem ser considerados exageros ou invenções de pessoas crédulas; foram mantidos registos cuidadosos nos arquivos de Virginia Beach de cada um dos mais de trinta mil casos que estiveram sob a influência de Cayce. Esses registos podem ser examinados por qualquer pessoa qualificada que o deseje. Incluem cartas datadas de pedidos, apelos e agradecimentos de pessoas sofredoras em todas as partes do mundo; cartas, registos e declarações juramentadas de médicos; e a transcrição estenográfica de cada palavra proferida por Cayce enquanto estava sob hipnose. Em conjunto, constituem uma impressionante prova documental da validade do fenómeno em questão.

Edgar Cayce nasceu em 1877, perto de Hopkinsville, no Kentucky, filho de pais agricultores sem instrução. Frequentou a escola rural até ao nono ano e, embora alimentasse na juventude a ambição de se tornar pregador, as circunstâncias nunca lhe permitiram prosseguir os estudos. A vida na quinta não agradava ao jovem Cayce, pelo que se mudou para a cidade, onde trabalhou primeiro como empregado numa livraria e depois como vendedor de seguros.

Quando tinha vinte e um anos, ocorreu uma estranha reviravolta do destino que alterou o rumo da sua vida: foi acometido por laringite e perdeu a voz. Toda a medicação se revelou ineficaz; nenhum dos médicos que consultou conseguiu ajudá-lo. Incapaz de continuar o seu trabalho como vendedor, o jovem Cayce viveu durante quase um ano em casa dos pais, inativo e desanimado perante a sua condição aparentemente incurável.

Por fim, decidiu abraçar a profissão de fotógrafo, uma ocupação que exigiria pouco da sua voz. Enquanto trabalhava como aprendiz de fotógrafo, um artista itinerante e hipnotizador chamado Hart chegou à cidade e passou a apresentar um espetáculo noturno na Ópera de Hopkinsville. Hart foi informado da condição de Cayce e ofereceu-se para tentar uma cura por meios hipnóticos. Cayce aceitou de bom grado a experiência. Esta revelou-se bem-sucedida apenas na medida em que, enquanto se encontrava sob hipnose, respondia às sugestões de Hart e falava com uma voz normal; após despertar, porém, a condição anómala da voz reaparecia. Foi-lhe então dada a sugestão,

ainda em transe hipnótico, de que, depois de acordar, conseguiria falar normalmente. Embora este procedimento, conhecido como sugestão pós-hipnótica, seja frequentemente eficaz e tenha ajudado inúmeras pessoas a ultrapassar o consumo excessivo de tabaco e outros hábitos, não teve sucesso no caso de Cayce.

Hart tinha compromissos teatrais noutras cidades e, por isso, não pôde continuar as experiências. Contudo, um homem local chamado Layne acompanhara o caso com algum interesse; ele próprio estudava terapêutica sugestiva e osteopatia e tinha algum talento como hipnotizador. Layne perguntou se poderia tentar a sua habilidade na garganta ainda anómala; Cayce estava disposto a tentar tudo o que o pudesse ajudar a recuperar a voz.

A ideia de Layne era sugerir a Cayce que descrevesse ele próprio a natureza da sua enfermidade enquanto estivesse sob hipnose. Estranhamente, Cayce fez exatamente isso em resposta à sugestão. Falando com uma voz normal (também em resposta à sugestão de Layne), começou a descrever o estado das suas próprias cordas vocais. «Sim», começou ele, «podemos ver o corpo [estava a usar aqui — como faria sempre depois — uma espécie de “nós” editorial]... No estado normal, este corpo é incapaz de falar, devido a uma paralisia parcial dos músculos inferiores das cordas vocais, provocada por tensão nervosa. Trata-se de uma condição psicológica que produz um efeito físico. Pode ser removida aumentando-se a circulação nas partes afetadas por meio de sugestão enquanto no estado inconsciente.»

Layne sugeriu prontamente a Cayce que a circulação aumentaria nas partes afectadas e que a condição seria aliviada. Gradualmente, a parte superior do peito de Cayce e depois a sua garganta começaram a ficar rosadas — depois avermelharam — depois tornaram-se de um vermelho intenso. Ao fim de cerca de vinte minutos, o homem adormecido pigarreou e disse: «Está tudo bem agora. A condição foi removida. Faça a sugestão de que a circulação regresse ao normal e que, depois disso, o corpo desperte.» Layne deu a sugestão conforme indicado; Cayce acordou e começou a falar normalmente pela primeira vez em mais de um ano. Nos meses seguintes, teve recaídas ocasionais. Em cada ocasião, Layne fazia a mesma sugestão relativamente à circulação e, todas as vezes, a condição desaparecia.

O assunto teria ficado por aí, no que dizia respeito a Cayce, mas Layne estava atento às suas implicações. Conhecia a história da hipnose e sabia de casos comparáveis nas primeiras experiências de De Puysegur, sucessor de Mesmer, em França. Ocorreu-lhe que, se no estado hipnótico Cayce conseguia ver e diagnosticar a condição do seu próprio corpo, talvez também fosse capaz de ver e diagnosticar a de outras pessoas. Tentaram a experiência com o próprio Layne, que sofria há algum tempo de um problema de estômago. A experiência revelou-se bem-sucedida. Cayce, sob hipnose, descreveu o estado interno do corpo de Layne e sugeriu certos métodos de tratamento. Layne ficou

encantado; a descrição correspondia exatamente aos seus sintomas, tal como ele os conhecia e como vários médicos já os tinham diagnosticado, embora os métodos de cura propostos incluíssem medicamentos, dieta e exercícios que não tinham sido anteriormente recomendados. Experimentou o tratamento sugerido e, ao fim de três semanas, sentiu que o seu estado tinha melhorado de forma notória.

Cayce mantinha reservas quanto a todo o assunto, mas Layne estava entusiasmado e desejoso de ver se poderiam ajudar outras pessoas a sofrer de problemas de saúde. Em criança, aos dez anos, quando começou a ler a Bíblia de uma ponta à outra uma vez por ano, Cayce desejara ser, como um discípulo de Cristo, um auxiliar e curador de outras pessoas. Mais tarde pensara que deveria ser pregador — mas essa ambição fora frustrada pelas circunstâncias. Agora, estranhamente, estava-lhe a ser oferecida a oportunidade de curar pessoas — mas receava aceitá-la. E se dissesse algo enquanto dormia que pudesse ser prejudicial — até fatal? Layne assegurou-lhe que não havia perigo; ele próprio conhecia suficientemente a terapêutica para vetar qualquer recomendação que pudesse ser insegura. Cayce procurou orientação nas Escrituras. Finalmente, concordou em ajudar as pessoas que desejassem ser ajudadas de uma forma tão pouco ortodoxa, mas insistiu que isso fosse encarado como uma experiência e recusou receber qualquer dinheiro pelo que fazia.

Layne começou a registar em taquigrafia o que Cayce dizia sob hipnose e a chamar a essas transcrições escritas «leituras». Não era um termo particularmente preciso, mas não lhe ocorreu nenhum mais apropriado.

Um dos aspetos mais surpreendentes dos diagnósticos que Cayce começou então a fazer aos habitantes doentes da cidade, no tempo que lhe sobrava do estúdio fotográfico, era o facto de estarem formulados com precisão nos termos técnicos da anatomia e da fisiologia, apesar de Cayce, no estado de vigília, nada saber de medicina e nunca ter sequer lido um livro sobre o assunto. Mas o mais surpreendente de tudo, para Cayce, era o facto de as pessoas estarem efetivamente a melhorar com base no que ele lhes dizia para fazer. O caso de Layne parecia-lhe duvidoso; talvez fosse apenas imaginação de Layne acreditar que se sentia melhor. A sua própria recuperação da voz não era certamente imaginária, mas talvez se devesse apenas a um feliz acaso; talvez o dom fosse fiável apenas no que lhe dizia respeito. Todas estas dúvidas, com as quais lutou continuamente nos primeiros anos das leituras, foram-se dissipando gradualmente perante o facto inegável de estarem a ocorrer curas, mesmo em casos considerados incuráveis.

A notícia do seu dom notável espalhou-se gradualmente. Um dia, Cayce recebeu uma chamada interurbana do antigo diretor das escolas públicas de Hopkinsville, cuja filha de cinco anos estava doente havia três anos. Aos dois anos de idade, tivera um ataque de gripe e, depois disso, a sua mente não se

desenvolvera normalmente. Os pais consultaram especialista após especialista, mas nenhum conseguia fazer algo pela criança. Ultimamente, sofria de convulsões cada vez mais frequentes, e o último especialista consultado afirmara que a menina tinha uma rara afeção cerebral que invariavelmente se revelava fatal. Com o coração cheio de tristeza, os pais tinham-na trazido para casa para morrer, quando ouviram, através de um amigo, falar do estranho dom de Edgar Cayce.

Cayce ficou comovido com a história e concordou em fazer uma deslocação especial fora da cidade para realizar uma leitura. Como se encontrava em dificuldades financeiras, viu-se obrigado a aceitar o dinheiro da viagem de comboio que o pai lhe ofereceu; foi a primeira vez que aceitou algo tangível pela prestação dos seus serviços.

Apesar disso, empreendeu a viagem com apreensão no coração. Depois de ver a pequena criança anómala, sentiu ainda mais intensamente a dimensão da sua própria presunção. Ele, um filho de agricultor sem instrução, que nada sabia de medicina, a tentar ajudar uma criança que os melhores especialistas do país não tinham conseguido ajudar. Foi com um sentimento de grande receio que se deitou no sofá da sala da família e se deixou adormecer. Sob hipnose, porém, toda a dúvida desapareceu. Layne estava presente e deu a sugestão; depois transcreveu, como de costume, o que Cayce dizia. Com a mesma calma e fluência segura de todas as leituras anteriores, o fotógrafo adormecido começou a descrever a condição da criança. Afirmou que a menina tinha sofrido uma queda de uma carruagem pouco antes do ataque de gripe, e que os germes da gripe se tinham instalado na zona afetada, causando assim os ataques convulsivos. Ajustamentos osteopáticos adequados aliviarão as pressões e resultariam na normalização.

A mãe confirmou que a criança tinha caído de uma carruagem; nunca lhe ocorrera, porém — não havendo qualquer lesão aparente — que isso pudesse ter alguma relação com a condição anómala da menina.

Os ajustamentos foram feitos por Layne, conforme indicado pelas leituras; ao fim de três semanas, a criança estava livre de todos os ataques convulsivos e a sua mente mostrava sinais claros de recuperação. Chamou pelo nome uma boneca que tinha sido o seu brinquedo favorito antes do início da doença; depois chamou o pai e a mãe pelo nome, pela primeira vez em anos. Ao fim de três meses, os pais agradecidos relataram que a menina estava normal em todos os aspetos e recuperava rapidamente o tempo perdido nos três anos de obscurecimento.

Casos como este deram a Cayce a tranquilidade de saber que não estava errado ao usar uma faculdade tão estranha e inexplicável. Também contribuíram para a expansão da sua fama. Os jornais descobriram-no subitamente e deram-lhe destaque; começou a receber chamadas interurbanas

e telegramas de pessoas desesperadas que queriam a sua ajuda. Foi então que aprendeu que era possível realizar leituras à distância, desde que lhe fosse fornecido, na sugestão, o nome exato da pessoa e a sua localização no momento da leitura — morada, cidade e estado. Muitas vezes começava essas leituras à distância com algum comentário em voz baixa sobre o ambiente da pessoa para quem estava a fazer a leitura. «Vento bastante forte aqui esta manhã.» «Winterthur, Suíça. Não é bonito? Um riacho agradável e belo.» «O corpo está mesmo a sair — a descer agora no elevador.» «Pijamas nada maus.» «Sim. Encontramos a mãe a rezar.» Estas descrições revelavam-se invariavelmente exatas e constituem mais uma prova da validade da sua clarividência.

O procedimento, contudo, era sempre o mesmo, quer estivesse a dar leituras a pessoas à distância, quer na mesma sala. Bastava-lhe tirar os sapatos, desapertar o colarinho e a gravata, deitar-se num sofá ou numa cama e relaxar completamente. Descobriu que era preferível deitar-se na direção sul-norte, com a cabeça voltada para sul e os pés para norte. Para além do sofá e de uma almofada para a cabeça, não era necessário qualquer equipamento; mesmo estes podiam ser dispensados, exceto por razões de conforto. As leituras podiam ser feitas à noite ou em plena luz do dia; a escuridão ou a luz não tinham qualquer efeito no procedimento. Poucos minutos depois de se deitar, já se tinha colocado a si próprio a dormir. Então Layne, ou a esposa de Cayce, ou, em anos posteriores, o seu filho Hugh Lynn, ou qualquer outra pessoa responsável a quem confiasse a tarefa, dava-lhe a sugestão apropriada. A fórmula habitual era:

«Terá agora diante de si [nome do indivíduo], que se encontra em [morada, cidade, estado]. Irá examinar este corpo cuidadosamente, analisá-lo minuciosamente, e dizer-me as condições que encontra no momento presente, indicando a causa das condições existentes; bem como sugestões para ajudar e aliviar este corpo. Responderá às perguntas que eu lhe fizer.»

Ao fim de alguns minutos, Cayce começava a falar, e Layne — ou, mais tarde, a Sr.^a Gladys Davis — registava em taquigrafia o que ele dizia. Posteriormente, esses registos escritos eram transcritos à máquina; uma cópia era, na maioria dos casos, entregue ao destinatário da leitura ou ao seu pai, tutor ou médico; a cópia em papel químico amarelo ficava nos arquivos permanentes que ele começara a manter.

A publicidade nos jornais, juntamente com a sua crescente fama transmitida de boca em boca, começou em breve a atrair a atenção de caçadores de fortuna. Um comerciante de algodão ofereceu a Cayce cem dólares por dia durante duas semanas para leituras diárias sobre o mercado do algodão. Precisava muito de dinheiro na altura, mas recusou. Outros queriam saber onde procurar tesouros enterrados; como apostar nas corridas de cavalos. Em várias ocasiões deixou-se persuadir a tentar leituras desse tipo

como experiência. Algumas vezes teve sucesso a prever o resultado de uma corrida; outras vezes não; mas, sempre que acordava, sentia-se esgotado em energia e insatisfeito consigo próprio. Uma vez foi levado a embarcar num empreendimento no Texas, usando a sua faculdade clarividente para descobrir a localização de poços de petróleo. Os resultados foram insatisfatórios. Acabou por chegar à convicção de que o seu dom só podia ser considerado fiável no que dizia respeito a ajudar os doentes; que deveria ser usado apenas para esse fim e nunca simplesmente para ajudar alguém, incluindo ele próprio, a ganhar dinheiro.

As ofertas de publicidade deixaram-no tão indiferente quanto as ofertas de grande fama partilhada. Em 1922, o editor do *Denver Post* ouviu falar de Cayce e chamou-o a Denver. Depois de assistir a uma demonstração convincente do seu trabalho, o editor sugeriu um acordo segundo o qual lhe pagaria mil dólares por dia e faria todos os preparativos para as suas aparições triunfais, sob as seguintes condições: Cayce deveria usar um turbante e assumir um nome oriental, e dar as leituras oculto dos ouvintes por uma cortina translúcida. Cayce recusou categoricamente.

David Kahn, presidente da Brunswick Radio and Television Corporation e amigo de toda a vida de Cayce, fez muito para tornar o trabalho deste conhecido no vasto círculo dos seus amigos e associados comerciais, através de conversas privadas; no entanto, quando propôs meios mais espetaculares de o divulgar, Cayce foi inflexível na recusa. Com exceção de um único anúncio de uma palestra num jornal de Birmingham, Alabama, nunca, em toda a sua carreira, permitiu qualquer tipo de publicidade, quer para as suas leituras, quer para as suas palestras públicas.

Em conversas com pessoas que o conheciam apenas superficialmente, nunca falava do seu dom invulgar, a menos que fosse questionado sobre o assunto. A maioria das pessoas da sua cidade sabia pouco acerca dele, para além do facto de dar aulas numa das classes locais da Escola Dominical; não era membro de nenhuma organização social, fraternal ou cívica. Viveu inabalavelmente segundo a convicção de que era apenas um instrumento através do qual a cura e a ajuda podiam ser concedidas às pessoas que sofriam; que nunca se deveria chamar a atenção para si próprio; e que aqueles a quem pudesse ajudar ouviriam falar dele por recomendação pessoal, e não pelo alarde das manchetes.

Durante os primeiros anos, Cayce continuou a exercer a profissão de fotógrafo, recusando escrupulosamente aceitar dinheiro pelas leituras. Só mais tarde, quando a procura dos seus serviços se tornou tão premente que já não conseguia trabalhar na sua profissão, é que se sentiu justificado em cobrar pelo que fazia, de modo a sustentar a família. Mesmo então, deu um grande número de leituras gratuitamente a pessoas que não tinham meios para pagar. A sua atitude manteve-se sempre fundamentalmente pouco comercial. As cópias em

papel químico das suas cartas arquivadas em Virginia Beach (para onde se mudou em 1927, por recomendação das leituras) são testemunho eloquente desse facto. Embora mal escritas, com erros gramaticais, de pontuação e de ortografia, respiram ainda assim um espírito de entusiasmo em ajudar e ensinar os seus semelhantes.

Ao longo desses anos, foi assediado por dúvidas quanto ao que estava a fazer. Por vezes, quando uma leitura era solicitada, o Cayce adormecido permanecia simplesmente em silêncio. Aparentemente, a sua própria saúde e estado de espírito afetavam a sua capacidade. Embora, no geral, fosse um homem de temperamento dócil, não estava isento de acessos de irritação; a preocupação com as finanças envolvia-o frequentemente. Estados emocionais como estes pareciam inibir o seu dom. Na maioria destes casos, as leituras mal-sucedidas eram obtidas mais tarde, quando a sugestão lhe era novamente dada e quando o seu tom físico ou emocional tinha melhorado.

O que mais o perturbava, contudo, era quando as pessoas, por vezes com indignação, relatavam que a leitura não descrevera com exatidão a sua condição ou que, depois de seguirem as recomendações, não tinham sido ajudadas. Humilde e apologeticamente, Cayce escrevia-lhes longas cartas, explicando que não pretendia ser infalível; que muitas condições que não compreendia plenamente pareciam afetar as leituras; que, por vezes, tal como um recetor de rádio, não obtinha uma receção clara. Concluía geralmente: «O nosso único propósito é ajudá-lo; se não foi ajudado, quero que lhe seja devolvido o seu dinheiro.» E juntava um cheque com o valor total pago.

Por vezes, voltava a ter notícias dessas pessoas muitos meses mais tarde, dizendo-lhe que um diagnóstico médico posterior confirmara aquilo que ele tinha dito inicialmente e que elas haviam descreditado. Outras vezes, descobria que pessoas que se tinham queixado do fracasso do tratamento tinham sido descuidadas ao omitir uma parte essencial da dieta, da medicação, dos ajustamentos ou da disciplina mental que lhes tinham sido prescritos.

Em qualquer caso, ele sabia que as leituras não eram infalíveis. Mas, com o passar do tempo, a sua clareza e precisão melhoraram à medida que compreendia cada vez melhor como usar o seu dom. As falhas ocasionais e as aparentes imprecisões eram, além disso, contrabalançadas pelas curas quase espetaculares alcançadas ao longo dos anos. Um padre católico no Canadá foi curado de epilepsia; um jovem recém-licenciado do ensino secundário, de Dayton, Ohio, foi aliviado de um grave caso de artrite; um dentista de Nova Iorque ficou livre, em duas semanas, de uma enxaqueca que o atormentava havia dois anos; uma jovem musicista do Kentucky, considerada um caso perdido por uma famosa clínica do Tennessee, foi curada, em um ano, da estranha doença chamada esclerodermia; um rapaz da Filadélfia, nascido com glaucoma infantil (geralmente considerado incurável), recuperou a visão normal sob tratamento de um médico que seguiu as instruções dadas por Cayce.

Foram casos como estes que, cumulativamente e finalmente, convenceram o sempre modesto, sempre duvidoso, sempre escrupuloso Cayce de que, salvo pequenas distorções e dificuldades, o seu dom podia ser digno de confiança; que era, na realidade, um dom de Deus e não uma ferramenta do diabo.

Em vários momentos da sua carreira, Cayce foi confrontado por investigadores tão desconfiados e céticos em relação a ele quanto ele próprio era. Hugo Münsterberg, psicólogo da Universidade de Harvard, foi um deles. Münsterberg chegou esperando encontrar um gabinete, uma sala escurecida e os restantes apetrechos habituais dos charlatões mediúnicos. Ficou surpreendido ao descobrir que Cayce não precisava de nada disso, que simplesmente se deitava num sofá, em plena luz do dia, e que, após receber uma simples sugestão hipnótica, começava a falar coerentemente enquanto dormia.

Münsterberg observou Cayce atentamente enquanto este dava uma leitura; entrevistou pessoas que tinham experimentado curas como resultado da clarividência de Cayce; examinou os registos de leituras anteriores. Partiu convencido — como todos os outros antes e depois dele que vieram para desmascarar o que julgavam ser uma engenhosa fraude — de que, fosse o que fosse, Cayce não era um charlatão. Münsterberg fora persuadido tanto pelo testemunho dos próprios casos como pela simples e despretensiosa honestidade do próprio homem.

Por outro lado, homens de visão e boa vontade surgiram em vários momentos da vida de Cayce que, reconhecendo a importância humanitária e científica do que ele fazia, lhe prestaram apoio moral e financeiro nas vicissitudes da sua estranha carreira. Algumas dessas pessoas conceberam a ideia de um hospital no qual pudessem ser dadas leituras e em que as prescrições algo invulgares das leituras fossem aplicadas por uma equipa solidária. Um homem rico chamado Morton Blumenthal, que ele próprio beneficiara das leituras, transformou esse sonho em realidade; em 1929 foi fundado o Hospital Cayce, em Virginia Beach, Virgínia. O hospital existiu durante dois anos, mas teve de encerrar devido às perdas financeiras do seu patrocinador com o colapso da bolsa.

A publicação da biografia de Cayce em 1942 (*There Is a River*, de Thomas Sugrue), seguida do aparecimento de um artigo de revista intitulado «Miracle Man of Virginia Beach», na edição de Setembro de 1943 da revista *Coronet*, deu ao fenómeno do dom de Cayce projeção a nível nacional. Como resultado, foi inundado de correspondência proveniente de todas as partes do país.

A urgência trágica de alguns desses casos era dilacerante. Cayce não conseguia recusar ajuda a ninguém, e os compromissos eram marcados com uma antecedência de até um ano e meio. Em vez de dar apenas duas ou três

leituras por dia, viu-se a dar até oito — quatro de manhã e quatro à tarde. Trabalhar durante o sono pode parecer uma forma fácil de vida, mas era um enorme desgaste da sua energia nervosa. A tensão desse serviço constante acabou por afetá-lo e, a 3 de Janeiro de 1945, morreu aos sessenta e sete anos.

Assim terminou a história de vida do homem Edgar Cayce; mas a sua importância não foi enterrada com ele. Se se pode dizer que a imortalidade de um homem nasce do bem transformador que realizou na vida dos seus semelhantes, então o direito de Cayce à imortalidade está assegurado. Mais importante ainda do que isso é a contribuição de Cayce para o corpo sempre crescente de provas que atestam a realidade da faculdade clarividente no ser humano. Pois a clarividência de Cayce passou por uma rigorosa prova pragmática. Não só via o que outras pessoas não conseguiam ver, como aquilo que via podia ser posteriormente verificado. Não só era verificável; era aplicável. E não só era aplicável; funcionava.

Capítulo 3

Uma resposta aos enigmas da vida

Durante vinte anos de atividade humanitária, a clarividência de Edgar Cayce demonstrou ser fiável em literalmente milhares de casos. Sente-se a necessidade de recordar este facto ao chegar ao desenvolvimento seguinte da sua estranha carreira.

Inicialmente, os seus poderes de percepção tinham sido dirigidos para o interior, para os lugares ocultos do corpo humano. Só muitos anos depois ocorreu a alguém que esses poderes também poderiam ser dirigidos para o exterior, para o próprio universo, para a relação entre o homem e o universo e para os problemas do destino humano. Aconteceu da seguinte forma.

Arthur Lammers, um tipógrafo abastado de Dayton, Ohio, ouvira falar de Cayce através de um associado comercial, e o seu interesse foi suficientemente despertado para fazer uma viagem especial até Selma, Alabama, onde Cayce vivia na altura, para o observar a trabalhar. Lammers não tinha qualquer problema de saúde, mas ficou convencido, após vários dias de observação das leituras, de que a clarividência de Cayce era autêntica. Homem bem informado e intelectualmente alerta, começou a pensar que uma mente capaz de perceber realidades inacessíveis à visão normal deveria ser capaz de lançar luz sobre problemas de significado mais universal do que o funcionamento do fígado de um doente ou as complexidades do seu aparelho digestivo.

Qual sistema filosófico, por exemplo, se aproximava mais da verdade? Qual era, se existia, o propósito da existência humana? Havia alguma verdade

na doutrina da imortalidade? Se sim, o que acontecia ao homem após a morte? Poderia a clarividência de Cayce dar resposta a questões como estas?

Cayce não sabia. Questões abstratas relativas a matérias últimas nunca lhe tinham passado pela cabeça. A religião que aprendera na igreja aceitava-a sem questionar; a especulação quanto à sua verdade em comparação com a filosofia, a ciência ou os ensinamentos de outras religiões era alheia ao seu modo de pensar. Fora apenas por causa do seu generoso desejo de ajudar pessoas que sofriam que continuara a entrar num sono tão pouco ortodoxo. Lammers foi a primeira pessoa a ver outras possibilidades nesta faculdade para além da cura da doença, e a imaginação de Cayce foi despertada. As leituras raramente tinham falhado em responder a qualquer pergunta que lhes fosse colocada; não parecia haver razão para que não respondessem também às questões de Lammers.

Como Lammers não podia, devido a compromissos profissionais, permanecer em Selma, convidou Cayce a ser seu hóspede durante uma ou duas semanas em Dayton. Cayce, sentindo que talvez Deus desejasse abrir-lhe novos caminhos de serviço, aceitou ir.

Lammers interessara-se recentemente por astrologia. Se a astrologia fosse verdadeira, pensava ele, poderia muito bem ser um sistema de análise que relacionasse o homem de forma inteligível com o resto do universo. Este parecia-lhe, então, um bom ponto de partida para uma investigação clarividente. Assim, quando Cayce se deitou numa tarde de Outubro de 1923, no antigo Hotel Phillips, em Dayton, foi-lhe sugerido, não que visse o interior do corpo de Lammers, mas que fizesse o seu horóscopo.

Sempre obediente à sugestão que lhe era dada, o Cayce adormecido apresentou um horóscopo em frases breves e telegráficas. Depois, quase no fim da leitura, e ainda nesse estilo seco e lacónico, surgiu a curiosa frase: «Foi outrora um monge.»

Havia apenas cinco palavras monossilábicas nessa frase. Mas, para Lammers, que através de leituras extensas se familiarizara com as principais teorias do destino humano, tratava-se de um conjunto electrizante de palavras. Poderia significar que a visão para além do normal de Cayce via como facto a antiga teoria da reencarnação?

Longe de satisfazer a curiosidade de Lammers, esta leitura apenas serviu para a inflamar. Quando Cayce acordou do sono, encontrou Lammers a discutir excitadamente as implicações do que acabara de ser dito com a sua estenógrafa e com o seu secretário, Linden Shroyer. Se se pudesse provar que a reencarnação era um facto — exclamava Lammers — essa demonstração modificaria as ideias atuais sobre filosofia, religião e psicologia. Se Cayce desse mais leituras sobre o assunto, poderiam descobrir especificamente como funcionavam as leis da reencarnação. Como, por exemplo, se relacionava a

reencarnação com a astrologia. Como é que ambas, em conjunto, explicavam a vida humana, a personalidade e o destino?

Com avidez, Lammers pediu mais leituras sobre o tema. Perplexo e algo relutante, Cayce concordou em dá-las. Em resposta às perguntas entusiásticas de Lammers, as leituras tornaram-se agora mais específicas e detalhadas, tanto no que respeita às suas próprias experiências de vidas passadas como aos problemas abstratos que se propusera investigar. A astrologia, segundo as leituras, continha uma certa dose de verdade. O sistema solar proporcionava um ciclo de experiências à alma em evolução; o homem alternava experiências na Terra com experiências noutras dimensões de consciência.

A essas dimensões a tradição tinha dado, desde a Antiguidade, os nomes dos planetas que serviam como seus pontos focais. A astrologia tal como então praticada era, contudo, apenas uma aproximação da verdade; ficava aquém da precisão completa porque, em primeiro lugar, não tinha em conta a reencarnação e, em segundo lugar, não compreendia plenamente de que modo as chamadas influências «astrológicas» afetavam o homem através do seu sistema glandular e através das suas experiências anteriores nas outras dimensões. Lammers estava familiarizado tanto com o conceito de astrologia como com o de reencarnação; mas uma inter-relação como esta nunca lhe ocorrera.

Tudo aquilo parecia fantástico a Cayce, mas a curiosidade levou-o a concordar em continuar a dar as leituras que Lammers lhe solicitava. Ocorreu-lhes que poderiam obter melhor informação sobre vidas passadas se deixassem de pedir um «horóscopo» e dessem a Cayce uma sugestão hipnótica mais adequada; por isso, pediram-lhe, enquanto dormia, uma fórmula desse tipo. Ele deu o seguinte comando:

«Terá diante de si [o nome da pessoa], nascido(a) em [a sua data de nascimento] em [o seu local de nascimento]. Dará a relação desta entidade com o universo e com as forças universais, indicando as condições que se apresentam como personalidades, latentes e manifestas, na vida presente; bem como as aparições anteriores no plano terrestre, indicando tempo, lugar e o nome; e, em cada vida, aquilo que construiu ou retardou o desenvolvimento da entidade.»

Depois disso, as leituras tornaram-se mais incisivas e explícitas no que respeita às encarnações de vidas passadas e, em breve, surgiu o termo «leituras de vida», para distingui-las das leituras para a saúde física, que passaram então a ser conhecidas como «leituras físicas». O procedimento para ambos os tipos era o mesmo, exceto num pormenor. Cayce começou a notar uma forte sensação de tonturas sempre que dava várias leituras de vida em sucessão. Fez uma leitura física sobre si próprio para descobrir a causa das tonturas e disseram-lhe que invertesse a sua posição de sul-norte para norte-

sul (isto é, cabeça para norte e pés para sul) para as leituras de vida. Não foi dada qualquer explicação para essa mudança além de «uma questão de polaridade».

As leituras de vida sobre o próprio Cayce revelaram que ele fora um sumo sacerdote no Egito, muitos séculos antes, possuidor de grandes poderes ocultos; mas a vontade própria e a sensualidade acabaram por o perder. Numa encarnação posterior, na Pérsia, fora médico. Uma vez fora ferido numa guerra no deserto e deixado a morrer nas areias; sozinho, sem alimento, água ou abrigo, passou três dias e noites em tal agonia física que fez um esforço supremo para libertar a sua consciência do corpo. (Um paralelo interessante desse esforço de libertação encontra-se na ficção, na experiência do prisioneiro amarrado a uma camisa-de-forças em *The Star Rover*, de Jack London.)

Foi bem-sucedido na tentativa. Isto esteve, em parte, na base da sua faculdade atual de libertar a mente das limitações do corpo. Todas as suas virtudes e defeitos presentes foram avaliados com franqueza e atribuídos a uma ou outra das suas muitas experiências anteriores. A vida atual era uma espécie de prova para a sua alma; fora-lhe dada a oportunidade de servir a humanidade de forma altruísta e, assim, redimir o orgulho, o materialismo e a sensualidade do passado.

Lammers considerou que esta nova orientação das leituras era tão importante que justificava muito mais investigação. Insistiu que Cayce chamasse a família de Selma para Dayton, garantindo-lhe que os sustentaria durante a estadia. A Sr.^a Cayce, os dois filhos e a secretária Gladys Davis — já quase um membro da família — aceitaram vir; quando chegaram e souberam o que se passara, a reação foi semelhante à do próprio Cayce: incredulidade espantada, seguida, gradualmente, por curiosidade e interesse entusiástico. Foram feitas leituras de vida a todos. Em cada caso, o relato fazia uma avaliação franca do carácter do indivíduo e indicava que a origem das suas qualidades residia em experiências de vidas passadas. «Quatro das suas vidas foram passadas como cientista investigador», foi dito, em substância, a um dos filhos, «e tornou-se materialista e centrado em si mesmo.» «Tem um temperamento muito mau», foi dito ao outro rapaz. «Isso levou-o à desgraça, tanto no Egito como em Inglaterra, por isso é melhor aprender a controlá-lo agora.»

A exatidão marcante e a honestidade inflexível desses retratos de carácter — não apenas de pessoas que Cayce conhecia intimamente, mas também de quase estranhos como Lammers, Linden Shroyer e outros amigos de Lammers — fez com que Lammers se tornasse cada vez mais entusiasmado, mas inspirou em Cayce, à medida que se ia apercebendo das implicações, um crescente mal-estar. Iniciou-se então para ele outro período de dúvidas torturantes e de autoanálise. Acabara finalmente por se convencer de que a sua clarividência podia ser digna de confiança, com os seus diagnósticos

e prescrições, para fazer a obra de Deus e não a do diabo; mas agora que trouxera à tona esta noção pagã, este conceito sacrílego, como podia ele ter certezas sobre o que quer que fosse?

A agitação interior de Cayce não é difícil de compreender. Fora educado num ambiente de cristianismo ortodoxo e rigoroso, sem instrução sobre os ensinamentos das grandes religiões do mundo para além da sua. Naquela altura, portanto, desconhecia em grande medida os muitos pontos profundos de semelhança entre a sua fé e outras fés e não tivera oportunidade de apreciar a luz ética e espiritual que arde em lâmpadas diferentes da do seu próprio tipo de cristianismo. Estava particularmente mal informado quanto a esse ensinamento central do hinduísmo e do budismo — a reencarnação.

Na verdade, a própria palavra repelia-o, confundindo a reencarnação, como algumas pessoas fazem, com a doutrina da transmigração das almas — isto é, a ideia de que o homem regressa à Terra, após a morte, sob forma animal. Parecia recordar-se de ter lido algures sobre hindus que se recusam a matar vacas porque poderiam ser o avô reencarnado; parecia ter ouvido falar algures de pessoas que não matam escaravelhos — ou seria que não comem feijões? — porque poderiam conter o espírito de um antepassado falecido.

As próprias leituras depressa desfizeram essa confusão. A reencarnação, explicavam as leituras, não significa o regresso dos seres humanos à forma animal; não é apenas uma superstição de pessoas ignorantes. É uma doutrina perfeitamente respeitável, tanto do ponto de vista religioso como filosófico. Milhões de pessoas instruídas na Índia e em países budistas acreditam nela de forma consciente e orientam as suas vidas pelos seus princípios éticos. É certo que existem muitas seitas na Índia e no Oriente que ensinam a transmigração da alma humana para formas animais; mas isso não passa de uma interpretação errónea do verdadeiro princípio da reencarnação. Até o cristianismo tem formas deturpadas e equivocadas; não se deve permitir que um conhecimento estreito das versões distorcidas feche a mente à possibilidade de verdade no original.

Lammers conseguiu acrescentar à clarificação dada pelas próprias leituras. A reencarnação significa evolução, explicou: a evolução do espírito do homem através de muitas vidas sucessivas na Terra — por vezes como homem, por vezes como mulher; ora como pobre, ora como príncipe; aqui pertencendo a uma raça, ali a outra — até que, por fim, o espírito alcance a perfeição que Cristo nos exorta a atingir. A alma é como um ator que assume diferentes papéis e veste diferentes figurinos em noites diferentes; ou como uma mão que calça a luva de um corpo material por algum tempo e, quando a luva se gasta, sai dela e mais tarde calça outra. Qualquer número de homens de intelecto no nosso hemisfério aceitou esta ideia e escreveu sobre ela. Schopenhauer acreditava nela profundamente. Também Emerson, Walt Whitman, Goethe, Giordano Bruno, Plotino, Pitágoras, Platão.

Isso tudo está muito bem, respondeu Cayce; mas e o cristianismo? Se eu aceitar a reencarnação, não estarei, com isso, a negar Cristo e os seus ensinamentos?

De modo nenhum, retorquiu Lammers. Afinal, qual era a essência dos ensinamentos de Cristo? Um advogado entre os fariseus perguntara certa vez a Cristo precisamente isso, e a resposta foi: «Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento... E amarás o teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas.» (Mateus 22:35–40)

Em que é que este ensinamento simples e profundo entrava em conflito com o quadro da evolução da vida proposto pela reencarnação? Como, aliás, poderia esta lei de amor conflitar com os ensinamentos de qualquer uma das grandes religiões do mundo? «Não faças mal aos outros de maneiras que tu próprio considerarias dolorosas», dissera Buda. «Eis a soma do dever: não faças aos outros o que te causaria dor se te fosse feito», ensinavam as escrituras hindus. E tanto o hinduísmo como o budismo não viam discrepância entre a lei do amor e a lei da evolução espiritual chamada reencarnação. É certo que enfatizavam mais a segunda do que a primeira; mas não viam conflito entre ambas.

Cayce continuava pouco convencido. Aos dez anos, tinham-lhe oferecido um exemplar da Bíblia — e o livro fascinara-o. Concebeu então a ambição de o ler integralmente uma vez por ano, durante toda a vida e, assim — depois de recuperar os anos em falta — avançou sistematicamente do Génesis ao Apocalipse, uma vez por ano. Em todos esses anos a ler o seu livro amado, nunca encontrara uma única vez a palavra «reencarnação». Porque motivo a Bíblia e, mais importante, o próprio Cristo, nunca falaram de reencarnação?

Bem, disse Lammers, talvez Cristo tivesse falado. Deve lembrar-se, antes de mais, de que ensinou muitas coisas aos seus discípulos que não ensinou às multidões. Além disso — mesmo que tivesse ensinado a reencarnação de forma mais geral — é preciso recordar que os registos originais dos seus ensinamentos sofreram muitas alterações ao longo dos séculos, devido às interpretações feitas do que ele disse e às traduções através de várias línguas. Consequentemente, muitos dos ensinamentos autênticos de Cristo podem ter-se perdido para nós. Pelo menos uma passagem parece ter permanecido — aquela em que Cristo disse aos discípulos que João Baptista era uma reencarnação de Elias (Mateus 17:12–13). Não usou a palavra «reencarnação», mas indicou claramente que «Elias já veio... Então os discípulos compreenderam que lhes falara de João Baptista».

O próprio facto de os discípulos terem perguntado a Cristo acerca do cego: «Mestre, quem pecou, este homem ou os seus pais, para que nascesse cego?» era significativo. Outras passagens sugeriam ou mesmo apontavam

claramente para a reencarnação. O Apocalipse, capítulo 13, versículo 10, dizia: «Aquele que leva para o cativeiro irá para o cativeiro; aquele que mata à espada deve ser morto à espada. Aqui está a paciência e a fé dos santos.» Esta passagem sugere que uma lei de retribuição moral opera de vida para vida.

A ortodoxia cristã cristalizara gradualmente, é certo, em torno das partes do que Cristo ensinara que não pareciam referir-se à reencarnação; mas como podemos ter a certeza de que a ortodoxia estava certa nas suas interpretações, seleções e rejeições? Além disso — prosseguiu Lammers — se se estudasse a história dos primeiros Padres da Igreja, ver-se-ia que muitos deles escreveram explicitamente sobre a aceitação da reencarnação e a ensinaram abertamente. Orígenes, por exemplo, nos primeiros anos da sua vida; Justino Mártir; São Jerónimo; Clemente de Alexandria; Plotino; e muitos outros. Seria possível que eles — estando tão próximos, no tempo, da fonte da presença efetiva de Cristo — tivessem aprendido e perpetuado ensinamentos que ele transmitira secretamente aos seus doze discípulos e que tinham sido preservados pela tradição esotérica desde os tempos mais antigos?

Valia também a pena notar, disse Lammers, que o prelado católico Cardeal Mercier não admitia pessoalmente acreditar na reencarnação, mas declarara que a doutrina não entrava em conflito com os ensinamentos essenciais da Igreja Católica. E o deão Inge, de St. Paul's, disse não encontrar conflito entre a reencarnação e o episcopalismo moderno. Assim, nem protestantes nem católicos precisam de sentir que pisam terreno profano quando consideram a reencarnação como possibilidade religiosa e científica.

É verdade — havia certas ideias na teologia cristã que poderiam parecer conflitar com a ideia de reencarnação. O ensinamento da ressurreição dos mortos, por exemplo, e o dia do Juízo Final seriam encarados pela maioria dos cristãos ortodoxos como uma contradição direta da reencarnação. Mas não será possível que as expressões «ressurreição dos mortos» e «dia do Juízo Final» devessem ser entendidas simbolicamente, e não literalmente? E que as parábolas e metáforas poéticas — como «fogo do inferno», por exemplo — com que Cristo e os escritores do Novo Testamento dramatizaram a sua percepção da verdade espiritual, tenham sido cristalizadas num dogma rígido e literal?

Cayce achou estas respostas estimulantes e elas serviram para acalmar a perplexidade quase assustadora que sentira quando começou a reear que o seu poder peculiar estivesse a ser usado contra a religião que conhecera em criança. Mas outras objeções lhe surgiram em breve — agora, científicas. E o enorme aumento da população mundial, por exemplo? Pode esse aumento ser conciliado com a noção de que todas as almas já estiveram antes na Terra? De onde veio o excedente?

Toda a família Cayce, juntamente com Gladys Davis, Lammers e Linden Shroyer, tornou-se um fórum de debate vivo em torno de todas estas questões. Quando chegavam a um impasse, consultavam as próprias leituras; quando as leituras pareciam demasiado absurdas para acreditar, recorriam a livros da biblioteca pública.

Encontraram uma resposta para a questão da população sem grande dificuldade. Afinal, argumentou alguém, como podemos ter a certeza de que houve um aumento absoluto? Muitas das leituras até então tinham-se referido a civilizações desaparecidas no Egipto e na Atlântida. Ruínas arqueológicas no Camboja, no México, no Egipto e no Oriente confirmam o facto de terem existido grandes civilizações onde hoje há apenas terras abandonadas; grandes vagas de população poderiam, concebivelmente, aumentar e depois diminuir em número em qualquer momento da história, sem alterar o número total de almas no universo. O mundo invisível pode muito bem acolher milhões de almas em períodos em que as condições são desfavoráveis à sua permanência na Terra.

Isto pareceu uma explicação bastante razoável, até para o teimosamente cético Cayce. Mas a Atlântida era outro obstáculo. Como é que sabemos que um lugar assim existiu realmente? Não seria apenas mais um mito? As próprias leituras responderam a esta pergunta, com considerável detalhe e a grande extensão.

Platão foi o primeiro escritor do mundo ocidental, diziam elas, a referir-se, com toda a naturalidade, à antiga existência da Atlântida, sob as águas do Oceano Atlântico. E embora o público em geral, hoje, não pense seriamente no assunto, os geólogos têm-lhe dedicado atenção científica há já algum tempo. Há divergência de opiniões entre eles — uns negando, outros afirmando com grande veemência que a Atlântida existiu de facto. Em todo o caso, vários livros eruditos sobre o tema apresentavam um conjunto de provas históricas, culturais e geológicas que se corroboravam mutuamente. Cayce encontrou um desses livros: *Atlantis, the Antediluvian World*, de Ignatius Donnelly. Ficou espantado ao descobrir que as suas leituras tinham dado um relato exato das principais linhas de evidência.

Estas discussões, sondagens e excursões exploratórias por livros de história, ciência, religiões comparadas, ensinamentos esotéricos antigos, Atlântida e psicologia da hipnose — todos temas tocados na substância das leituras — deram em pouco tempo a Cayce uma perspetiva histórica e cultural que nunca antes tivera. Gradualmente, começou a sentir menos medo do que dizia no sono hipnótico e mais abertura à possibilidade de essas palavras conterem alguma verdade. Com curiosidade ávida, mas crítica, passou a escrutinar as leituras em busca de verificações internas e externas da sua validade.

Descobriu, desde logo, que eram sempre consistentes consigo próprias. Uma leitura nunca contradizia outra, mesmo quando entre ambas decorria um longo período de tempo. Por exemplo, podia ser feita uma segunda leitura de vida a um indivíduo vários meses ou vários anos depois da primeira. Ainda assim, a informação da segunda leitura coincidia exactamente com a da primeira e prosseguia, de certo modo, como uma pessoa que abre um livro na página marcada por uma fita e continua a ler a partir do ponto onde tinha ficado. A maioria das leituras continha informação de fundo sobre épocas passadas da história, como o Egipto antigo e a Atlântida. Quando se comparava um conjunto dessas leituras, verificava-se que todos os pormenores fragmentários concordavam entre si; cada leitura ou repetia parte do que fora dito noutro lugar, ou acrescentava um novo detalhe ao mosaico.

As leituras não só concordavam entre si, como também coincidiam, em muitos aspetos, com os factos da história registada, por mais obscuros que fossem. Por exemplo, uma das primeiras leituras referia-se a uma encarnação anterior de um homem como «mergulhador de bancos». Cayce não fazia ideia do que era um «mergulhador de bancos», mas, ao consultar uma enciclopédia, descobriu que o termo se referia ao antigo costume americano de amarrar supostas bruxas a bancos e mergulhá-las num tanque de água fria.

Outro exemplo, talvez ainda mais marcante, da exatidão histórica das leituras — independente da ignorância do Cayce consciente — foi a referência a Jean Poquelin, ou Molière, cuja mãe morreu quando ele era muito novo. O nome de Molière, o grande dramaturgo francês, era desconhecido para Cayce e, mais ainda, o facto de Molière ser um pseudónimo, sendo Poquelin o seu verdadeiro nome. Obras de referência mostraram que o Cayce adormecido fora preciso tanto quanto ao verdadeiro nome de Molière como quanto à morte precoce da mãe. Outro exemplo surgiu no caso de um jovem a quem foi dito que, numa vida anterior, vivera em França, onde fizera amizade com Robert Fulton e o ajudara em algumas das suas invenções. Cayce sabia quem era Robert Fulton, mas duvidava de que ele alguma vez tivesse vivido fora dos Estados Unidos. Ao consultar um dicionário biográfico, encontrou a confirmação de que Fulton, de facto, passara vários anos em França e conhecera ali muitas pessoas estimulantes que influenciaram a sua carreira.

As leituras, por norma, davam o nome exato usado em vidas anteriores; mas, em vários casos, diziam também ao indivíduo onde poderia encontrar registos dessa personalidade passada — num livro, num velho registo ou numa lápide. Talvez o melhor exemplo tenha sido o caso de um homem a quem foi dito que, numa vida anterior, se chamara Barnett Seay e fora soldado sulista na Guerra Civil. Disseram-lhe ainda que vivera no Condado de Henrico, Virgínia, e que ainda poderia encontrar registos dessa personalidade passada, se os procurasse. Logo que pôde, o homem fez, entusiasmado, uma viagem ao Condado de Henrico. Os registos que procurava não estavam lá, mas o

secretário do tribunal informou-o de que muitos dos registos antigos tinham sido recentemente transferidos para o Departamento de Registos Antigos da Biblioteca Histórica do Estado da Virgínia. Por fim, nos arquivos dessa biblioteca, encontrou efetivamente os registos de Barnett A. Seay, que se alistara no exército de Lee como porta-estandarte, em 1862, aos vinte e um anos.

Para além destas curiosas confirmações históricas dos dados de vidas passadas, houve inúmeras confirmações relativas ao material da vida presente. Cayce depressa aprendeu que as análises psicológicas das leituras eram exatas, não só acerca de si próprio e de membros da sua família, mas também acerca de completos desconhecidos. A precisão das leituras relativamente à sua família poderia talvez ser explicada pelo facto de, no estado de vigília, Cayce conhecer muito bem a si mesmo e à família; poderia argumentar-se que, no estado hipnótico, estaria a recorrer a esse conhecimento pessoal. Mas, tal como acontecia com as leituras físicas, depressa percebeu que era irrelevante conhecer ou não as pessoas para quem fazia a leitura. Podiam ser completos estranhos e estar em qualquer lugar do mundo; ainda assim, se tivesse o nome completo e a data e o local de nascimento, era capaz de descrever com precisão as circunstâncias e o carácter mais íntimo, enumerando capacidades e fraquezas e atribuindo-as, de forma plausível, a encarnações anteriores em que, presumivelmente, se tinham começado a desenvolver.

Se caracterizações exatas de um desconhecido distante tivessem ocorrido apenas uma vez, poder-se-ia atribuí-las ao acaso. Mas, tendo em conta o número infinito de capacidades humanas e a infinita diversidade das circunstâncias humanas, tal coincidência seria extraordinária. Multiplicando-se essas delineações corretas, torna-se difícil considerar o fenómeno como uma série de coincidências.

Ainda outro aspeto da exatidão das leituras de vida, que Cayce observou ao longo de anos, foi a correção com que caracterizavam crianças pequenas, tanto no temperamento como na aptidão vocacional. Uma leitura de vida de uma criança de Norfolk, feita no dia do nascimento, dizia que se tratava de uma entidade teimosa, voluntariosa e obstinada — difícil de controlar. À medida que crescia, esses traços começaram a manifestar-se de forma inconfundível — e podemos talvez supor, com segurança, sem qualquer incitamento deliberado por parte dos pais.

Um caso ainda mais impressionante foi o de um rapaz cuja leitura de vida, feita três semanas após o nascimento, afirmava que poderia tornar-se um médico notável. Todos os defeitos de carácter que a leitura lhe atribuíra começaram a surgir cedo, bem como um interesse marcado pela medicina. Aos oito anos, começou a dissecar animais mortos para perceber como eram por dentro; antes de chegar à adolescência, devorava com avidez enciclopédias médicas; aos doze anos, anunciou ao pai a intenção de ir para Johns Hopkins

e tornar-se médico. O pai era homem de negócios em Nova Iorque; a mãe, atriz; ambos, a princípio, olharam com desagrado para a ideia de ele entrar na profissão médica e tentaram dissuadi-lo. Mas a determinação do rapaz venceu todos os obstáculos e, agora, está a frequentar o curso pré-medicina numa grande universidade do leste. Também aqui os pais não estavam, de modo algum, a favorecer a previsão da leitura e, mais uma vez, parece haver uma percepção clarividente genuína, desde o nascimento, das potencialidades da criança, com base no seu desenvolvimento em vidas passadas.

Casos como estes parecem indicar o elevado valor preditivo das leituras — usando a palavra «preditivo» não no sentido de adivinhação, mas no mesmo sentido em que os psicólogos a usam quando falam do valor preditivo de testes psicológicos. Por exemplo, o conhecido teste de manchas de tinta de Rorschach foi aplicado a cadetes de aviação no início do curso de formação. As interpretações do teste mostraram que seis, num grupo de cerca de duzentos alunos, estavam emocionalmente inaptos para a vida de piloto. Todos os cadetes foram autorizados a continuar o curso, mas, no fim do ano, os seis assinalados como inaptos tinham abandonado a escola por razões psicológicas. O teste de Rorschach é, portanto, com base em muitos exemplos desse tipo, considerado como tendo elevado valor «preditivo».

As leituras de vida de Cayce tinham um elevado valor preditivo neste mesmo sentido; e isso era observável não só no caso de bebés, mas também no caso de adultos. Uma jovem telegrafista em Nova Iorque ficou curiosa acerca dos estranhos telegramas que, em várias ocasiões, lhe pediam para enviar para Virginia Beach. Informou-se sobre a identidade de Cayce; a curiosidade aumentou e decidiu pedir uma leitura de vida. Disseram-lhe na leitura que estava a desperdiçar tempo como telegrafista e que deveria estudar arte comercial, pois fora uma artista competente em várias vidas passadas e poderia voltar a sê-lo. A ideia de entrar na arte comercial — ou em qualquer arte — nunca lhe passara pela cabeça; mas, movida por um impulso audaz de que valia a pena tentar uma vez, matriculou-se numa escola de arte. Para sua surpresa, descobriu que tinha verdadeiro talento; em pouco tempo tornou-se uma artista comercial muito bem-sucedida e, de passagem, transformou a sua personalidade no processo.

Assim, com o passar dos anos, e à medida que Cayce observava a concretização dessa informação na vida das pessoas, foi-se convencendo gradualmente de que era verdadeira e boa, pelo bem que estava a produzir. Havia muito nas leituras que não podia ser provado; contudo, as partes que podiam ser provadas davam-lhe confiança nas partes que não podiam. Muitas pessoas eram orientadas para vocações adequadas; outras eram levadas a compreender as dificuldades no casamento; outras ainda recebiam autoconhecimento que as ajudava a fazer melhores ajustamentos sociais e psicológicos.

Logo desde o início, Cayce perguntara-se se não estaria a dar essa informação apenas porque Lammers acreditava na reencarnação e de algum modo teria implantado essa sugestão na sua mente. Mas os factos pareciam desmentir essa suspeita. Em primeiro lugar, Lammers não usara a palavra «reencarnação» na sugestão para a primeira leitura — pedira apenas um horóscopo, nada mais, nada menos; a mente inconsciente ou supraconsciente de Cayce é que oferecera a informação sobre uma vida anterior.

Além disso, quase toda a informação probatória que, mais tarde, foi dada sobre desconhecidos distantes estava completamente fora do alcance do conhecimento tanto de Lammers como de Cayce. Se a mente inconsciente de Cayce estivesse apenas a elaborar, de forma fantasiosa, sobre uma sugestão de Lammers, dificilmente a informação teria coincidido tantas vezes com factos desconhecidos, mas verificáveis.

Todas estas considerações, em conjunto, convenceram gradualmente Cayce da validade do material das leituras de vida e da explicação do destino humano que elas propunham. Acima de tudo, porém, foi convencido pelo espírito profundamente cristão que permeava as leituras, tanto na ajuda fraterna com que eram dadas como na integração fácil dos ideais cristãos com o enquadramento da reencarnação. Quase não havia uma leitura que não usasse alguma frase bíblica ou alguma admoestação de Cristo. Talvez as palavras mais citadas de todas fossem: «Como semeardes, assim colhereis»; e «Fazei aos outros aquilo que quereis que vos façam a vós». Por vezes eram citações diretas; por vezes, paráfrases ou desenvolvimentos de citações diretas, como: «Não vos enganeis; não entendeis mal; Deus não é escarnecido! Pois o que o homem semeia, isso mesmo colherá. O homem encontra-se constantemente consigo próprio. Fazei o bem, pois, como Ele disse, àqueles que vos trataram com desprezo; e assim venceis em vós mesmos aquilo que fizestes ao vosso semelhante.»

Tais afirmações eram feitas como comentário a uma afeção presumivelmente trazida de uma iniquidade de uma vida passada. Eram proferidas com tanta seriedade e, invariavelmente, tão apropriadas e cheias de sentido, que produziam convicção. Esta concordância da ideia de reencarnação com uma visão profundamente cristã não teria, naturalmente, qualquer força científica e nada significaria para um agnóstico. Para Cayce, contudo, foi o peso decisivo numa balança que oscilava.

Depois de o primeiro entusiasmo ter arrefecido um pouco, o grupo começou a fazer perguntas sobre a própria natureza da informação. Por um lado, estavam curiosos quanto à frequência com que certas épocas da história reapareciam nas leituras de vida que faziam. Muitas pessoas recebiam um pano de fundo histórico semelhante; de facto, o esboço das vidas passadas parecia quase encaixar num padrão. Uma sequência comum era: Atlântida, Egipto, Roma, o período das Cruzadas e o início do período colonial. Outra era:

Atlântida, Egipto, Roma, França no tempo de Luís XIV, XV ou XVI, e a Guerra Civil Americana. Havia variações, naturalmente — incluindo China, Índia, Camboja, Peru, Terra dos Nórdicos, África, América Central, Sicília, Espanha, Japão e outros lugares — mas a maioria das leituras seguia as mesmas linhas históricas.

A razão para isso, segundo Cayce, era que as almas de uma determinada época, em geral, reencarnam juntas numa época posterior. Nos séculos intermédios, outros grupos de almas estão na Terra — por assim dizer, cumprindo a sua vez. Isto processa-se com alternância ordeira e rítmica, quase como os turnos de trabalhadores numa fábrica. Consequentemente, a maioria das almas que hoje estão na Terra também esteve junta em épocas anteriores da história. Além disso, almas estreitamente ligadas por laços familiares, de amizade ou de interesses mútuos tenderiam a ter estado ligadas antes por laços semelhantes noutras eras — e a maioria das pessoas que procuravam leituras de Cayce estava, de algum modo, ligada dessa forma.

Outra pergunta foi: De onde vem esta informação? A resposta foi que havia duas fontes de conhecimento a que a mente de Cayce, enquanto em transe hipnótico, conseguia aceder.

Uma fonte era a mente inconsciente de cada indivíduo cuja história de vida lhe era pedido que desse. A mente inconsciente, explicavam as leituras, retém a memória de toda e qualquer experiência por que o indivíduo passou — não apenas desde o nascimento, mas também antes do nascimento, em todas as experiências anteriores. Essas memórias pré-natais existem abaixo do que se poderia chamar uma «porta de alçapão», e em níveis mais profundos do inconsciente do que aqueles a que os psicoterapeutas modernos habitualmente acedem; mas existem, ainda assim. A mente inconsciente, além disso, é mais facilmente acessível a outras mentes inconscientes do que a mente consciente — tal como é, em geral, mais fácil viajar entre dois pontos de Nova Iorque de metro do que à superfície. Sob hipnose, portanto, a mente de Cayce era posta em contato imediato com os níveis inconscientes de outras mentes.

Esta explicação não era difícil de aceitar; coincidia, pelo menos em parte, com as descobertas da psicanálise acerca da existência e do conteúdo do inconsciente. A explicação da outra das duas possíveis fontes de informação, porém, parecia fantástica. Tinha a ver com aquilo a que as leituras chamavam «Registos Akáshicos». Como sempre, perante palavras desconhecidas, o Cayce adormecido soletrou o termo — Akasha, o substantivo; Akáshico, o adjetivo. Em suma, a explicação de Cayce era a seguinte:

Akasha é uma palavra sânscrita que se refere à substância etérica fundamental do universo, de composição electro-espiritual. Sobre esse Akasha permanece impresso um registo indelével de todos os sons, luzes, movimentos ou pensamentos desde o início do universo manifesto. A existência desse

registro explica a capacidade de clarividentes e videntes verem literalmente o passado, por mais remoto que seja e por mais inacessível que esteja ao conhecimento humano comum. O Akasha registra impressões como uma chapa sensível e pode quase ser considerado uma enorme câmara fotográfica espontânea do cosmos. A capacidade de ler esses registros vibratórios existe de forma inerente em cada um de nós, dependendo da sensibilidade da nossa organização, e consiste em sintonizar o grau apropriado de consciência — muito à semelhança de sintonizar um rádio para o comprimento de onda adequado. No seu estado normal de vigília, Edgar Cayce não conseguia subjugar suficientemente a consciência física para fazer essa sintonia; sob hipnose, porém, conseguia fazê-lo.

De todas as afirmações estranhas que lhe tinham saído dos lábios adormecidos, esta parecia-lhe, a Cayce, a mais absolutamente estranha. Ainda assim, através de repetidas perguntas incrédulas, a mesma explicação surgia sempre, por vezes nas mesmas palavras, por vezes com desenvolvimentos. Frequentemente, as leituras indicavam que os «Registos Akáshicos» também podiam ser chamados «A Memória Universal da Natureza» ou «O Livro da Vida». Acrescentavam ainda que o ponto ensinava a realidade do Akasha já há muitos séculos. Tendo em conta que outras noções hindus — nomeadamente a natureza ilusória e não sólida da «matéria», a permutabilidade entre matéria e força, e a realidade da transmissão de pensamento por meios telepáticos — só recentemente tinham sido confirmadas pela ciência ocidental, por que não manter pelo menos alguma abertura de espírito quanto à possibilidade desta outra ideia hindu, o Akasha?

Cayce suspendeu o juízo sobre este ponto durante muito tempo. A explicação da mente inconsciente poderia, concebivelmente, abranger histórias individuais de vidas passadas; mas como explicar o material pronto, abundante e detalhado que dele fluía em «leituras de investigação» sobre épocas históricas passadas, como a Atlântida, o Egipto ou os tempos de Jesus? Seria essa informação retirada do inconsciente de alguém que vivera nessas épocas, embora o indivíduo não fosse ostensivamente o sujeito da leitura? Ou estaria ele realmente a ler uma vasta tapeçaria da história, preservada numa dimensão desconhecida e ténue do universo?

No fim, Cayce acabou por aceitar até o Akasha — não porque houvesse prova absoluta, mas porque as leituras diziam que era assim e, em todos os outros aspetos passíveis de verificação, as leituras tinham-se mostrado honestas. Talvez investigadores da percepção extrassensorial venham a demonstrar que, neste ponto, a informação de Cayce se desviou do rumo; talvez outra explicação venha a dar conta dos factos da sua clarividência em relação ao passado. Talvez, por outro lado, alguma mente científica da nossa época consiga mostrar que o Akasha existe realmente — algo não mais

fantástico do que ondas de rádio, rádio, energia atômica ou os engramas de memória do sistema nervoso humano.

Seja como for, as leituras de vida que Cayce deu, e a sua espantosa validade demonstrável, permanecem um facto, independentemente de qual tenha sido a sua fonte última. Nos vinte e dois anos que decorreram entre 1923, quando ele tropeçou nelas pela primeira vez, e 1945, quando morreu, Cayce deu cerca de 2.500 destas leituras de vida. Tal como as leituras físicas, foram cuidadosamente preservadas e anotadas. Cartas e outros documentos testemunham a exatidão de muitas delas, pelo menos na medida em que essa exatidão podia ser apurada; o investigador que o deseje ainda pode entrevistar muitos dos destinatários.

Se, então, pudermos, com Cayce, acabar por acreditar na validade destes documentos estranhos e na explicação do destino humano que propõem, encontramos-nos na posse de uma massa extraordinária de informação. Em primeiro lugar, temos aqui um vasto conjunto de provas circunstanciais a favor de um princípio revolucionário: a reencarnação. Se não pudermos aceitar essas provas como absolutamente conclusivas, parece valer a pena, por razões de vigilância científica, pelo menos dirigir a nossa atenção para a área de especulação para a qual apontam. Muitas grandes descobertas foram feitas ao explorar fontes improváveis. Quando perguntaram a Einstein como descobrira a relatividade, respondeu: «Desafiando um axioma.» Em segundo lugar, temos aqui um vasto corpo de informação de natureza psicológica, médica e filosófica que, quando organizado e analisado, oferece um quadro transformado da natureza e do destino do homem.

Nesses vinte e dois anos, uma procissão de humanidade sofredora e perplexa passou em revista perante o profundo entendimento da clarividência hipnótica de Cayce. Doenças físicas e psicológicas de toda a espécie preocupavam essas pessoas; e, como o salmista, que clamava numa angústia incompreensível, queriam saber: por que razão me aconteceu isto?

Nem todos os casos eram desesperados ou trágicos — muitas das histórias de vidas passadas dessas pessoas não tinham maior interesse dramático do que as vidas comuns e banais que levavam no presente. Mas, invariavelmente, fosse o problema leve ou grave, demonstrava-se que a situação atual era um elo numa cadeia de acontecimentos iniciada séculos antes. Caso após caso, mostrava-se às pessoas a relevância cósmica da sua doença ou frustração. Esse conhecimento tinha um efeito transformador nas suas vidas; a compreensão da pertinência de longo alcance da sua situação permitia-lhes alcançar um equilíbrio dinâmico em níveis mais elevados de integração.

Se a validade destas leituras puder ser aceite, então as suas implicações espantosas têm de ser consideradas. A sua importância não reside certamente

no facto de apresentarem ao mundo uma teoria nova — a teoria em si é antiga, encontrada entre muitos povos amplamente separados em todos os continentes. A importância das leituras de Cayce reside antes em duas coisas. A primeira é que aqui, pela primeira vez no mundo ocidental, foram dadas descrições específicas, bem definidas, coerentes e psicologicamente credíveis das presumíveis vidas passadas de muitos indivíduos. A segunda é que aqui, pela primeira vez na história conhecida do mundo, esses relatos foram mantidos em registos de modo a ficarem disponíveis ao público em geral.

Além disso, as leituras de Cayce integram a filosofia do Oriente com uma dinâmica cristã de vida; assim, é insuflada nova vida a ambas. Deste modo, realiza-se uma síntese muito necessária entre as duas perspectivas, introvertida e extrovertida, que têm caracterizado respetivamente o Oriente e o Ocidente durante tanto tempo.

Mas, acima de tudo, as leituras de Cayce alcançam uma síntese entre ciência e religião. Fazem-no ao mostrar que o mundo moral está sujeito a leis de causa e efeito tão precisas como as que governam o mundo físico. O sofrimento humano, tornam claro, não se deve apenas a um infortúnio materialista, mas antes a erros de conduta e de pensamento; as desigualdades do nascimento humano e da capacidade humana não resultam da caprichosidade do Criador nem do mecanismo cego da hereditariedade, resultam de méritos e deméritos do comportamento em vidas passadas. Toda a dor e toda a limitação têm um propósito educativo; deformidades e afeções têm origem moral; e todas as agonias do homem são lições numa escola de longo prazo para a sabedoria e a perfeição.

Capítulo 4

Alguns tipos de karma físico

O coxo, o surdo, o deformado, o cego, o incurável — estes são talvez os exemplos mais conspícuos do sofrimento humano. Quando vemos tal afeção noutra, somos movidos a uma compaixão das mais profundas. Quando experimentamos tal afeção nós próprios e conhecemos as suas tristes frustrações, começamos, amargamente, a questionar os caminhos de Deus para com o homem. Porque me aconteceu isto?, perguntamos, em lamento. Porque me aconteceu isto?

Job era conhecido como um dos homens mais justos e pacientes. Sofreu a perda de todos os seus bens terrenos e mesmo de todos os seus filhos com angústia no coração, mas sem uma palavra de queixa. Mas quando, como prova final, o diabo infligiu ao seu corpo chagas repugnantes, então Job, pela primeira vez, amaldiçoou Deus e, pela primeira vez, clamou em desespero pelo porquê da sua aflição. «Ensina-me, e eu calarei a minha língua», exclamou, «e faz-me compreender em que errei!»

Esta crença de que o sofrimento deve ser devido a algum tipo de malfeito tem sido descartada pela mente moderna como superstição de religiões ultrapassadas; poucas pessoas, hoje, estão inclinadas a pensar no sofrimento em termos de «pecado». Contudo, na perspectiva das leituras de Cayce, o pecado e o sofrimento têm uma relação exata de causa e efeito, ainda que o ponto de origem do pecado possa estar oculto à vista.

Para compreender esta ideia, que é fundamental nas leituras de Cayce, é essencial conhecer o significado da palavra *karma*, porque é a única que exprime a relação causal entre pecado e sofrimento. *Karma* é uma palavra sânscrita que significa literalmente *ação*; no pensamento filosófico, porém, passou a significar a lei de causa e efeito, ou de ação e reação, à qual toda a conduta humana está sujeita. Emerson, que estava profundamente imbuído da filosofia brâmane da Índia, referiu-se a este conceito como a lei da compensação. Cristo formulou-o de forma muito concisa quando disse: «O que o homem semear, isso também colherá.» A terceira lei do movimento de Newton — isto é, que a toda a ação corresponde uma reação igual e oposta — aplica-se tanto à lei moral como à lei da física.

As leituras de vida de Cayce são fascinantes pelo facto de traçarem as aflições e limitações humanas do presente até condutas específicas do passado e, assim, colocarem a noção abstrata de *karma* num foco mais nítido e mais imediato. Um exame cuidadoso destes casos indica que existem vários tipos de *karma*. Um tipo poderia, com propriedade, ser chamado *Karma Bumerangue*, porque, tal como o bumerangue australiano, que ao ser lançado regressa a quem o lançou, uma ação nociva dirigida a outra pessoa parece repercutir-se no autor do ato.

Há muitos exemplos deste tipo de *karma* nos arquivos de Cayce. Um deles: um professor universitário que nascera totalmente cego ouviu falar de Cayce num programa de rádio chamado «Miracles of the Mind». Pediu uma leitura física e experimentou uma melhoria notória na saúde e na visão ao seguir as instruções, que incluíam ajustamentos osteopáticos, tratamentos elétricos e uma mudança de dieta. Em três meses, alcançara 10% de visão no olho esquerdo, que os especialistas consideravam sem esperança. A leitura de vida do professor descreveu quatro encarnações anteriores: uma na América durante o período da Guerra Civil, uma em França no tempo das Cruzadas, uma na Pérsia por volta de 1000 a.C., e uma na Atlântida, pouco antes do seu afundamento final.

Foi na Pérsia que ele pôs em movimento a lei espiritual que resultou na sua cegueira no presente. Fora membro de uma tribo bárbara cujo costume era cegar os inimigos com ferros em brasa, e era sua função executar essa cegueira.

Surge aqui inevitavelmente a pergunta: como pode um indivíduo ser considerado moralmente responsável por um dever que lhe é imposto pelos costumes da sociedade em que vive? Trata-se de uma pergunta inteiramente válida; será discutida com alguma extensão no Capítulo 23.

O segundo exemplo digno de nota é o de uma rapariga que ganhava a vida como manicura e que fora atingida por paralisia infantil com um ano de idade. Ficou com ambas as pernas aleijadas e com ambos os pés atrofiados, a tal ponto que tinha de usar muletas e aparelhos.

A causa cármica da sua condição foi atribuída a uma encarnação atlante em que, por algum meio — por drogas, hipnose ou telepatia, a leitura não específica — tornava as pessoas «fracas dos membros e incapazes de fazer outra coisa senão seguir... Assim, encontramos a entidade a encontrar-se a si mesma precisamente naquilo que levou aos outros». («A entidade» é o termo usado pelas leituras para se referir ao indivíduo imortal que, para adquirir experiência no seu caminho para a perfeição, encarna repetidas vezes.)

Um terceiro exemplo interessante de *Karma Bumerangue* encontra-se no caso de uma mulher de quarenta anos que, desde a infância, sofria de sintomas que tinham sido mais recentemente diagnosticados como alergias. Quando comia certos alimentos — principalmente pão e todos os cereais — começava a espirrar, como se fosse vítima de febre dos fenos. Quando entrava em contato com certos materiais — sobretudo couro de sapato e aros plásticos de óculos — sentia dores neuríticas lancinantes no lado esquerdo. Ao longo dos anos consultara inúmeros médicos, mas a única melhoria que alguma vez tivera, afirmou, resultara de tratamentos hipnóticos quando tinha vinte e cinco anos. O alívio durou seis anos; depois os sintomas regressaram gradualmente.

A principal preocupação desta mulher ao obter uma leitura de Cayce era conseguir a cura; mas a clarividência de Cayce incluiu a origem cármica da sua condição. «Noutra experiência», relata a leitura, «encontramos esta entidade como química, e usou muitas destas coisas para produzir comichão nos outros. Assim, encontra-o agora em si no presente... A entidade também usou certas substâncias que faziam com que a própria respiração fosse venenosa para os outros. De modo semelhante, a entidade encontra-se agora imediatamente envenenada na presença de certos metais, plásticos, odores e couros. Se estes couros forem curtidos com carvalho, não fazem mal ao corpo. Se forem curtidos com exatamente as mesmas coisas que a entidade outrora usou para prejudicar alguém, prejudicam a entidade.»

Um segundo tipo de *karma* no domínio físico poderia chamar-se *Carma Organísmico*. Envolve o mau uso do organismo numa vida e resulta numa retribuição apropriada que surge do próprio organismo numa vida seguinte. Um bom exemplo deste tipo de *karma* vê-se no caso de um homem de trinta e cinco anos que, desde a infância, sofre de fraqueza digestiva. Precisa de se

limitar constantemente a certos alimentos em determinadas combinações; e, mesmo tomando estas precauções, necessita de várias horas para digerir uma refeição. Por causa desta sensibilidade, sofre com frequência inconvenientes e embaraço social.

A origem da sua incapacidade foi atribuída, pela leitura de Cayce, a uma encarnação na corte de Luís XIII de França, quando fora uma espécie de acompanhante e protetor do rei e conselheiro do guarda-roupa real. Desempenhou as funções com fidelidade e competência; tinha, porém, uma fraqueza séria — a gula. Mesmo numa vida anterior, como médico da corte na Pérsia, entregara-se aos prazeres da mesa. Assim, durante duas vidas cometera o pecado psicológico do excesso; o desequilíbrio precisava de ser, de algum modo, compensado e, por isso, encontramos-lo agora forçado, através de uma fraqueza corporal predisponente, a tornar-se temperante no presente.

Um terceiro tipo de *karma* físico, frequentemente encontrado nas leituras de Cayce, poderia receber o nome de *Karma Simbólico*. Este é talvez o tipo de consequência cármica mais surpreendente e mais interessante entre os casos físicos.

Uma das primeiras leituras de vida foi feita a um jovem que, desde a primeira infância, sofria de anemia. O pai era médico e o rapaz tinha recebido todos os tratamentos conhecidos para a condição, mas sem resultado. Uma disfunção que resiste com tanta persistência à cura é altamente sugestiva de uma causa cármica profunda. E, de facto, a leitura de vida atribuiu a condição a uma encarnação no Peru, há cinco vidas, em que a entidade tomara, sem escrúpulos, o controlo do país, tornando-se assim seu governante. «Muito sangue foi derramado», diz a leitura; «daí a anemia no presente.»

O sentido desta frase só se torna plenamente claro quando comparamos o caso com outros exemplos de *karma* físico. Não é claramente um caso de *Karma Organísmico*, pois o pecado do homem não fora o de abusar do próprio corpo por intemperança. Também não é, em rigor, um exemplo de *Karma Bumerangue*; porque, se fosse deste tipo, o jovem teria sido vítima, em batalha, do massacre de um conquistador impiedoso — talvez um jovem polaco, cujo sangue foi derramado pelas tropas de Hitler.

Em vez disso, vemos que o próprio corpo se tornou o campo de massacre; tornou-se, por assim dizer, o altar sacrificial em que o crime foi expiado. Esta deficiência corporal ao longo da vida constitui uma forma muito mais prolongada de justiça educativa do que uma morte sangrenta num campo de batalha poderia alguma vez ter proporcionado. A entidade derramara outrora o sangue de um povo por quem sentira o desprezo do conquistador; agora ele próprio é um fraco, por deficiência da sua corrente sanguínea, e assim uma parte do seu corpo assume simbolicamente o seu *karma*.

Isto poderia parecer uma noção fantástica se não estivéssemos preparados para ela pelos achados clínicos da medicina psicossomática. Houve um tempo, não há muito, em que se acreditava que todas as doenças tinham causas físicas. O avanço da psiquiatria demonstrou que, pelo menos, algumas condições físicas eram devidas a perturbações mentais e emocionais; e, a partir desta descoberta, desenvolveu-se aquilo a que se chama medicina psicossomática (de duas palavras gregas: *psyche* — alma, e *soma* — corpo), um desenvolvimento recente, mas plenamente reconhecido, no campo da medicina.

A prática clínica da medicina psicossomática demonstrou que tensões de origem emocional, quando não podem ser expressas por palavras ou por ações, muitas vezes se exprimem simbolicamente no corpo através de uma espécie de «linguagem dos órgãos». «Por exemplo», dizem Weiss e English, autores do texto de referência na área, *Psychosomatic Medicine*, «se um doente não consegue engolir satisfatoriamente e não se encontra causa orgânica, isso pode significar que há algo na situação de vida do doente que ele “não consegue engolir”. A náusea, na ausência de doença orgânica, por vezes significa que o doente “não consegue suportar” este ou aquele factor ambiental... O doente que perdeu o apetite e, como consequência, ficou gravemente subnutrido, está muitas vezes emocionalmente faminto tal como está fisicamente faminto... O órgão que “fala” é, com maior probabilidade, o órgão cuja função estava em ascensão quando as condições ambientais eram más e produziram dor (ansiedade) na mente. Mas a predisposição constitucional, a identificação com um dos pais, ou outros factores, podem também determinar a “escolha do órgão”.»

Parece haver uma correspondência estreita entre a «linguagem dos órgãos» da medicina psicossomática e aquilo a que aqui chamámos *Karma Simbólico*. Neste último caso, é como se existisse um sentimento de culpa tão profundo na consciência da entidade relativamente ao seu pecado, que essa culpa fosse projetada — ou representada — no próprio corpo, sendo a escolha do órgão dependente de certa adequação simbólica.

Eis alguns exemplos típicos, entre muitos, dessa retribuição simbólica nos arquivos de Cayce. Num caso grave de asma, disseram ao doente: «Não se pode tirar a vida aos outros sem, por vezes, parecer que a vida nos é tirada a nós.» A uma pessoa surda foi advertido: «Então não voltes a fechar os ouvidos àqueles que suplicam ajuda.» (Esta entidade fora um nobre no tempo da Revolução Francesa.) A alguém com tuberculose da coluna foi dito: «A entidade frustrou os outros e encontra isso agora em si mesma.» Uma vítima de atrofia muscular progressiva soube: «Isto não é apenas a atrofia dos nervos e músculos dos membros inferiores; é o resultado daquilo que construístes na tua vida e na vida dos outros noutras experiências.»

Talvez o caso mais impressionante de *Karma Simbólico* nos arquivos seja o de um rapaz de onze anos que, desde os dois, sofria de enurese noturna crónica. O caso merece ser discutido com algum pormenor por causa da natureza algo invulgar da cura.

Em bebé, era uma criança muito tranquila; não deu qualquer dificuldade aos pais até ao nascimento de um segundo filho, altura em que começou a molhar a cama durante a noite. Isso tornou-se uma ocorrência regular, todas as noites. Ambos os pais estavam conscientes de que o primeiro filho pode sentir-se inseguro com o nascimento de outro e, com frequência, regressar a hábitos infantis para recuperar atenção e supremacia. Foi feito todo o esforço para mostrar ao rapaz que não fora substituído no afeto dos pais pela irmã bebé, mas o facto de molhar a cama continuou.

Por fim, quando o rapaz tinha três anos, os pais decidiram consultar um psiquiatra. Durante mais de um ano esteve sob cuidados psiquiátricos; quando os pais viram que a condição não cedia nem mesmo à psiquiatria, o tratamento foi interrompido. Durante os cinco anos seguintes, o rapaz continuou a molhar a cama todas as noites. Os pais consultaram todos os especialistas conhecidos, tentaram todos os tratamentos conhecidos — tudo sem resultado. Aos oito anos, o hábito infantil persistia. Mais uma vez, os pais decidiram procurar a ajuda de um psiquiatra. Seguiram-se mais dois anos de tratamento, que ajudaram o seu desenvolvimento geral de personalidade, mas a condição continuou. No décimo ano, após dois anos de tentativa infrutífera, abandonou-se a terapia psiquiátrica.

Quando o rapaz tinha onze anos, os pais ouviram falar do trabalho de Edgar Cayce, e o pai decidiu obter uma leitura sobre o caso peculiar do filho. Segundo a leitura de vida do rapaz, na vida imediatamente anterior à presente fora um ministro do Evangelho nos primeiros tempos puritanos, na época dos julgamentos por bruxaria; tinha sido ativo a punir supostas bruxas, mergulhando-as, presas a um banco, num lago.

Dada esta explicação cármica, a leitura oferecia esperança concreta de cura. Disseram aos pais para usarem a sugestão junto do rapaz antes de ele adormecer à noite; a implicação era que a sugestão deveria ser de natureza espiritual e não física.

Pouco depois de obterem a leitura, a mãe sentou-se junto à cama do rapaz, numa noite, e esperou até ele estar prestes a adormecer. Então começou a repetir estas palavras, numa voz lenta e monótona: «Tu és bom e bondoso. Vais fazer muitas pessoas felizes. Vais ajudar todos com quem te cruzas... Tu és bom e bondoso...» A mesma ideia foi expressa de várias formas durante talvez cinco ou dez minutos, para o rapaz, já entretanto adormecido.

Nessa noite, pela primeira vez em quase nove anos, o rapaz não molhou a cama. Durante vários meses, a mãe continuou a fazer as sugestões, sempre na mesma linha; nem uma única vez, nesse período, a condição voltou a ocorrer. Gradualmente, passou a ser possível dar a sugestão apenas uma vez por semana; e, por fim, nem isso foi necessário. O rapaz ficou completamente curado.

Há vários aspetos interessantes neste caso. O facto de, logo na primeira noite da experiência, a sugestão ter quebrado um hábito com nove anos é, por si só, um dado de singular interesse; ainda assim, se a mãe não fosse uma mulher de inteligência formada e integridade inquestionável, quase se poderia imaginar que a circunstância tivesse sido exagerada. Ela é advogada e membro de confiança da equipa de um procurador distrital; não é crédula, supersticiosa ou desonesta.

O segundo aspeto singular do caso é que a sugestão que se revelou tão eficaz não mencionava nada sobre não molhar a cama. Não se dirigia, de todo, à consciência física do rapaz, mas antes ao que se poderia chamar a sua consciência espiritual. Isto é: dirigia-se à consciência de culpa que ele trouxera da sua encarnação em Salem e que se expressara simbolicamente, através de um mecanismo renal apropriado, no seu próprio corpo. Ele outrora mergulhara outros, ou fora responsável por os mergulhar; agora sentia, obscuramente, a necessidade de uma retribuição sobre si próprio.

Embora, nesta vida, a criança não tivesse feito mal a ninguém, uma certa camada da sua mente continuava a duvidar da sua própria bondade, da sua própria aceitabilidade social, por causa da memória persistente do castigo cruel que outrora infligira a outros. A sugestão alcançou essa camada particular, tranquilizou-o de que a sua culpa tinha sido — ou podia ser — expiada através do serviço social e da bondade e, conseqüentemente, apagou a necessidade de mais retribuição simbólica.

Desde então, o rapaz tornou-se bem ajustado; é bem aceite, popular, bom aluno e um líder. A introversão inicial da sua natureza foi tão bem modificada que, num teste do Johnson O'Connor Human Engineering Laboratory, foi classificado como um extrovertido perfeitamente bem ajustado. Para esta mudança de personalidade, a mãe considera que parte do mérito deve ser atribuída ao tratamento psiquiátrico e parte à leitura de Cayce.

Agora, aos dezasseis anos, uma das características marcantes do rapaz, segundo a observação de ambos os pais, é uma grande tolerância em relação às outras pessoas. Perante qualquer defeito de carácter alheio, encontra alguma explicação psicológica, alguma justificação. Pareceria, portanto, que a intolerância de que a sua incapacidade física fora a penitência simbólica se transmutara numa tolerância ativa. O equilíbrio foi tão plenamente restabelecido que o *karma* físico podia, com justiça, ser retirado.

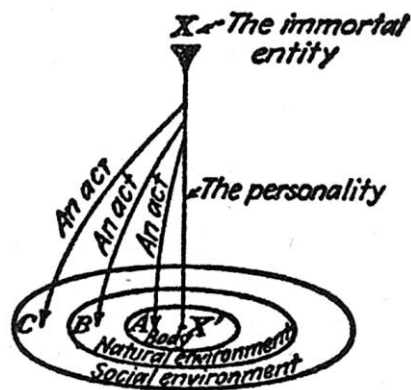
Ao revermos estes casos de ação cármica, verificamos que se podem fazer certas generalizações. O *karma* tem sido muitas vezes definido como ação-reação; esta definição é corroborada nas leituras de Cayce. Mas a reação retributiva que caracteriza todo o *karma* não é, em geral, nem exata nem literal. O professor cego, por exemplo, que outrora cegara inimigos com ferros, não nasceu desta vez numa tribo bárbara; não se tornou, em jovem, vítima da crueldade de um membro de uma tribo inimiga que lhe queimasse os olhos. Em vez disso, nasceu já cego, numa sociedade moderna do século XX, e, em nenhum aspeto, os acontecimentos da sua vida atual foram duplicações exatas da vida anterior.

Este e outros exemplos comparáveis levam-nos a generalizar que: o *karma* é uma lei psicológica e atua primariamente no domínio psicológico, sendo as circunstâncias físicas apenas o meio através do qual o propósito psicológico é cumprido. Assim, a inversão ou reação no plano físico objetivo não é exata, mas apenas aproximada; no plano psicológico, a inversão é mais próxima do exato.

Outra generalização parece justificada quanto à agência da reação. Em nenhum caso, nos arquivos de Cayce, se verificou que a aflição da vida presente tivesse sido instigada por uma vítima anterior da pessoa em questão. Isto é, o professor nasceu cego; não houve indicação de que os pais tivessem sido vítimas suas no passado. A manicura, vítima de poliomielite, não parece, tanto quanto se pode determinar, ter recebido o contágio de uma das suas vítimas anteriores na Atlântida. A pessoa amaldiçoada com fraqueza digestiva sofre-a num estômago diferente daquele que abusara inicialmente. Em suma, a reação ou retribuição parece surgir não do indivíduo idêntico nem do organismo idêntico sobre o qual o ato foi primeiro cometido, mas antes do mesmo campo em que a ação foi dirigida. Alguns diagramas poderão tornar esta generalização clara.

Quando endereçamos uma carta a John Doe, 614 Birch Street, Madison, Wisconsin, estamos a especificar quatro ambientes sucessivamente mais amplos que circundam a pessoa chamada John Doe. Tal como John Doe, o ego espiritual encontra-se, quando assume forma material no plano físico, em vários ambientes concêntricos. Estes ambientes não só rodeiam o ego; oferecem-lhe esferas ou campos de atuação.

A análise do que constitui as esferas de atuação do ego pode ser feita de várias maneiras e com maior ou menor minúcia. Mas parece haver três campos principais sobre os quais o ego impõe a sua vontade: primeiro, o seu próprio corpo (variamente subdividido nos seus numerosos órgãos e capacidades e, talvez, também nos seus aspetos mais subtis e etéreos); segundo, o seu ambiente natural (no sentido de todos os arredores físicos externos); e terceiro, o seu ambiente social (isto é, todas as pessoas com quem mantém relações).



A letra **X** representa a entidade imortal que, no ponto **X'**, se encontra em forma encarnada. A entidade **XX'** está rodeada pelos três grandes campos de ação: **A**, o seu próprio corpo; **B**, o mundo natural; **C**, os outros seres humanos. As setas que irradiam de **XX'** para os círculos **A**, **B** e **C** significam ações deliberadas que afetam esses campos.



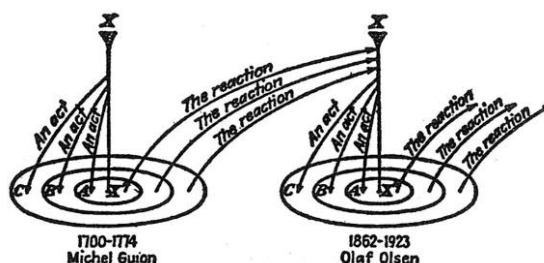
O **Diagrama 2** ilustra as reações que surgem desses campos e que afetam **XX'** como consequência dos seus atos originais. Assim, se **XX'** fizer mau uso do seu corpo (**A**) através da alimentação excessiva, surgirá uma reação corporal a partir desse mesmo campo, quer na vida presente quer numa vida futura. O facto de poder ter um corpo diferente não tem importância; o campo de atuação é o mesmo, e o desequilíbrio pode ser corrigido num lugar tão bem como noutro.

Este conceito pode parecer menos estranho se o encarmos à luz de uma analogia simples retirada de um jogo de ténis. Suponhamos que duas pessoas estão envolvidas num jogo amador de ténis e chegam ao resultado crucial de 5–5 em jogos, quando são interrompidas devido ao término da autorização para utilização do campo. A excitação do encontro leva-as a ir para outro parque próximo e a alugar outro campo, após o que, meia hora depois, retomam o jogo. O local da ação é diferente, mas o resultado mantém-se inalterado; a rivalidade amigável exige que retomem o jogo a partir do mesmo empate em que se encontravam no momento da interrupção. Deve notar-se que este resultado, que é a sua principal preocupação, é intangível no sentido

de não poder ser visto; contudo, é tão real como o campo visível em que os jogadores atuam. O mesmo se passa com o «resultado» do espírito nas suas lutas com a materialidade e com o campo do corpo em que essa luta se desenrola.

Prosseguindo com a explicação do **Diagrama 2**: se **XX'** destrói florestas de forma irresponsável ou utiliza minerais de modo construtivo (**Campo B**), a reação surgirá mais tarde a partir desse mesmo campo, trazendo-lhe infortúnio ou fortuna futuros no que respeita a florestas ou minerais. Existem muitos exemplos deste tipo de reação nos arquivos de Cayce.

Se, ao mesmo tempo, **XX'** tratar os seus semelhantes (**Campo C**) com crueldade ou falta de consideração, a crueldade ou a falta de consideração regressar-lhe-ão — não necessariamente por parte da mesma pessoa específica, mas a partir do mesmo campo geral. A reação pode, contudo, ser retardada, afetando não a personalidade imediata, mas uma posterior.



O **Diagrama 3** ilustra as linhas de força que afetam uma personalidade, **XX''**, conhecida pelos seus associados como Olaf Olsen, provenientes da sua própria conduta passada enquanto **XX'**, ou Michel Guion. Ao mesmo tempo que Olaf Olsen está a ser atingido pelas reações energéticas das suas ações passadas, está também a pôr em movimento causas ainda mais recentes que, por sua vez, poderão reagir sobre um eu posterior.

As leituras de Cayce conduzem-nos, assim, a muitos caminhos estimulantes de reflexão acerca do problema das afeições físicas humanas. Parecem indicar que, com a nossa percepção normal baseada nos cinco sentidos, vemos apenas uma parte limitada de uma vasta e intrincada tapeçaria; por baixo da superfície lisa visível existem inúmeros fios ocultos e inúmeros entrelaçamentos invisíveis. A tapeçaria, além disso, estende-se longamente numa direção e noutra; não se pode dizer que qualquer fio comece na margem ilusória a que chamamos «nascimento», nem termine na margem igualmente ilusória a que chamamos «morte».

Capítulo 5

O Carma da Troça

Um dos sete pecados capitais da teologia cristã é o orgulho. Tal como muitos outros preceitos teológicos, este é intelectualmente interessante, mas parece distante dos problemas práticos e médicos do sofrimento humano. No entanto, se aceitarmos o testemunho das leituras de Cayce, o pecado do orgulho pode resultar carmicamente em sofrimento físico muito concreto — e sobretudo quando esse orgulho se exprime sob a forma de zombaria ou escárnio. O riso cruel e as palavras depreciativas parecem ser o equivalente a um ato físico de agressão e põem assim em movimento o *Karma Bumerangue*, que resulta na mesma afeção física sofrida pela pessoa ridicularizada.

Existem sete casos de grave incapacidade física nos arquivos de Cayce em que a afeção é atribuída a uma causa deste tipo. Curiosamente, seis deles remontam à época das perseguições cristãs em Roma; aqui vemos novamente como grupos de almas de uma determinada época histórica parecem regressar à Terra como contemporâneos noutra época.

Três desses casos são de poliomielite. O primeiro é o de uma mulher de quarenta e cinco anos, esposa de um profissional liberal e mãe de três filhos, que, aos trinta e seis anos, foi atingida por paralisia infantil e nunca mais voltou a andar. Vive numa cadeira de rodas e depende completamente de outros para qualquer deslocação fora de casa. A causa cármica é atribuída pela leitura ao comportamento da entidade na Roma antiga. Fora membro da realeza da época e estivera intimamente associada a Nero na perseguição aos cristãos. «E a entidade ria-se daqueles que eram mutilados na arena», diz a leitura, «e eis que essa mesma coisa regressa agora a ti!»

O segundo caso — e talvez não exista caso mais patético em todos os arquivos de Cayce — é o de uma mulher de trinta e quatro anos que foi atingida por paralisia infantil aos seis meses de idade, o que resultou numa curvatura da coluna e num andar claudicante. O pai, agricultor, encarava a sua condição com indiferença e apropriou-se friamente, para fins próprios, do dinheiro que ela ganhara com esforço a criar galinhas. O destino voltou a servi-la mal em mais duas ocasiões, em duas relações amorosas infelizes. O primeiro namorado morreu na Primeira Guerra Mundial. Mais tarde ficou noiva de outro homem; este adoeceu gravemente e, quando recuperou, casou com a enfermeira que o tratara. Se a tudo isto acrescentarmos o quadro de pais em constante conflito, uma vida solitária no campo e uma queda em degraus de cimento que a deixou acamada com uma lesão adicional na coluna, temos um retrato de miséria difícil de igualar.

Também aqui a causa cármica — pelo menos da condição física — é situada duas vidas atrás, em Roma. Diz a leitura: «A entidade era então membro da casa de Palácio e sentava-se frequentemente nas tribunas a

observar as lutas de homem contra homem e de homem contra fera. No presente, grande parte da luta física surge do riso de escárnio que a entidade então dirigiu à fraqueza daqueles que lutavam por uma causa.»

O terceiro caso é o de um produtor cinematográfico que foi atingido por poliomielite aos dezassete anos e ainda hoje coxeia ligeiramente, embora possa montar a cavalo e praticar alguns desportos ativos. Mais uma vez, o cenário da transgressão é Roma no início da era cristã. «A entidade estava entre a soldadesca e troçava dos que tinham medo ou dos que se submetiam sem demonstração exterior de resistência. A entidade perdeu com esta experiência — não por cumprir o seu dever, mas por zombar daqueles que se mantinham fiéis a um ideal. A quebra do corpo, desta vez, foi uma experiência necessária para o despertar do eu interior e o desenvolvimento de forças espirituais.»

Existem ainda quatro casos interessantes de afeções que não a poliomielite, cuja causa cármica se mostra ter sido a zombaria. Um deles é o de uma rapariga aleijada por tuberculose da articulação da anca. A vida imediatamente anterior fora a de uma colona americana dos primeiros tempos; a causa cármica, porém, surgiu na vida anterior a essa, em Roma. A entidade fora então uma aristocrata na corte de Nero e divertira-se a observar a perseguição dos cristãos na arena. Rira-se, em particular, da rapariga cujo flanco fora rasgado pelas garras de um leão.

Outro caso é o de uma rapariga de dezoito anos que teria sido atraente não fosse o seu excesso de peso. Os médicos diagnosticaram a condição como hiperatividade da glândula pituitária. A leitura física de Cayce concordou em classificá-la como uma condição glandular, mas noutros pontos das leituras é indicado que as glândulas são focos de expressão da hereditariedade da psique, ou do seu *karma*. Seria, portanto, de esperar que a condição glandular desta rapariga e o seu conseqüente excesso de peso tivessem origem cármica — e a leitura de vida confirma essa suposição.

Duas vidas atrás, fora atleta em Roma; destacava-se tanto pela beleza como pela destreza atlética, mas ridicularizava frequentemente aqueles que eram menos ágeis do que ela por causa da corpulência.

O terceiro caso deste grupo é o de um jovem de vinte e um anos, católico, cujos pais desejavam que se tornasse sacerdote. Ele, porém, não sentia esse chamamento e não acedeu aos desejos dos pais. O problema central da sua vida era uma forte inclinação homossexual. A leitura de vida feita a seu pedido mostra que, numa vida anterior, fora um satirista e mexeriqueiro na corte francesa, que se deleitava particularmente em expor escândalos homossexuais da corte com o seu talento de caricaturista. «Não condenes, pois», conclui a leitura, «para que não sejas condenado. Porque, com a medida com que

medes, ser-te-á medido. E aquilo que condenas noutro, isso te tornas em ti mesmo.»

O quarto caso é o de um rapaz que, aos dezasseis anos, sofreu um acidente de automóvel em que a medula espinal foi seccionada. Os especialistas duvidaram que sobrevivesse, mas ele resistiu. Abaixo da quinta vértebra ficou completamente paralisado e, desde então, a sua vida ficou confinada a uma cadeira de rodas. Sete anos e meio após o acidente, quando tinha vinte e três anos, a mãe obteve uma leitura de Cayce para ele. A leitura de vida atribuiu-lhe duas encarnações passadas: uma no tempo da Revolução Americana, em que fora um oficial militar de grande determinação e coragem. Dessa experiência trouxe para o presente «as características de ordem, alegria, a capacidade de tirar o melhor partido de uma má situação e de usar o que se tem à mão».

A encarnação anterior a essa foi a decisiva no que respeita à sua afeição. Fora um soldado romano no início da era cristã «e dado à autocondescendência. Gloriava-se em ver o sofrimento daqueles que se mantinham fiéis aos princípios do Nazareno. Lutou na arena e mais tarde observou muitos com quem se batera lutarem de novo contra feras. A entidade viu muito sofrimento e fez pouco caso dele. Assim, a entidade vê agora o sofrimento em si mesma e deve, de novo, fazer pouco caso dele — mas com um propósito diferente. Aquela mesma intencionalidade que outrora escarneceu deve agora surgir dentro de si para enfrentar aquilo que criou.»

É interessante notar que, nestas sete afeições — que incluíam três casos de poliomielite e um caso, respetivamente, de tuberculose da articulação da anca, excesso de peso, homossexualidade e paralisia espino-muscular decorrente de fratura — nenhuma das pessoas nasceu com a afeição. Em todos os casos, a condição surgiu algum tempo após o nascimento, variando entre os seis meses e os trinta e seis anos, e num caso foi «causada» por um acidente de automóvel. Por detrás do véu da causalidade ostensiva, contudo, parece existir outra causa, mais profunda. A estranha fatalidade dos acidentes, em que uma pessoa morre e outra não, uma sai ilesa e outra fica cruelmente desfigurada, parece ao homem ser uma questão de acaso. Casos como os que acabámos de citar parecem, porém, indicar que alguma linha de força interior e impercetível atua mesmo no caos súbito do acidente, de tal modo que as dívidas cármicas são rigorosamente distribuídas. Até a suscetibilidade ao vírus da poliomielite parece ser induzida de forma semelhante.

Embora, à primeira vista, as penalidades possam parecer desproporcionadas a algo tão trivial como o riso, numa consideração mais profunda a justiça torna-se mais evidente. Quem ri da afeição de outro está a condenar um conjunto de circunstâncias cuja necessidade interior não compreende; está a desprezar o direito de cada ser humano evoluir mesmo através das formas mais humildes de erro; está a menosprezar a dignidade, o

valor e a divindade inerentes a toda a alma, por mais baixa ou ridícula que seja a condição em que tenha caído. Está, além disso, a afirmar a sua própria individualidade como superior à daqueles de quem se riu. O ato de zombaria é um ato de afirmação pessoal no sentido mais ignóbil do termo.

Estas considerações recordam-nos com força certas frases de um antigo livro de sabedoria. Começamos a ver que verdadeiramente bem-aventurado é aquele que não se senta no lugar do escarnecedor, e que certo estava o instinto do salmista quando resolveu: «Guardarei a minha boca com um freio, para não pecar com a minha língua.» «Não julgueis, para que não sejais julgados!» surge subitamente como um mandamento apocalíptico, escrito em línguas de fogo; pois, com o juízo com que julgardes, sereis julgados. E aquelas outras palavras de Jesus: «Quem disser: “insensato!”, ficará sujeito ao fogo do inferno», adquirem subitamente, à luz destes casos de zombaria tragicamente expiados, uma nova profundidade de significado psicológico.

Capítulo 6

Um Interlúdio de Comentário

Um estudo aprofundado dos arquivos de Cayce oferece um vasto panorama de sofrimento humano, que não encontra paralelo, em variedade e alcance, nem mesmo na soma dos arquivos de casos de médicos, psiquiatras, psicólogos e assistentes sociais. Isto pode soar a exagero, mas não o é; a dor humana aqui representada não só toca todos esses domínios de abordagem terapêutica, como também abrange o mal, o erro, a insensatez e a dor de centenas de séculos passados e esquecidos.

Os aspetos negativos do *karma* são conspícuos nos arquivos de Cayce porque eram sobretudo os doentes e os aflitos que recorriam a ele em busca de ajuda. A pessoa saudável não tem motivo para consultar um médico e a pessoa bem ajustada raramente sente necessidade de questionar o significado último da vida. Assim, a grande maioria das leituras de Cayce foi feita para pessoas com problemas pessoais muito definidos e, por vezes, verdadeiramente aterrorizantes, que não tinham sido resolvidos por profissionais da medicina, da psicologia ou da religião.

O estudo das leituras poderia ser esmagadoramente deprimente se não fosse o facto de que, nestes casos — ao contrário do que acontece nas histórias clínicas médicas ou psiquiátricas habituais — o significado ético e espiritual do sofrimento é tornado claro. Por esta razão, percorrer as leituras dá-nos a mesma sensação de grandeza no tempo e no espaço que a leitura do relato de Dante sobre o inferno e o purgatório — sem as reservas intelectuais impostas pelas limitações teológicas medievais de Dante. As leituras de Cayce fornecem uma avaliação contínua do sofrimento num quadro de referência

ético, universal e plenamente inteligível — e é isso que torna o seu estudo suportável.

Mais do que suportáveis, são absorventes, encorajadoras, inspiradoras e profundamente tranquilizadoras, embora o ponto de partida seja, na maioria das vezes, algum tipo de doença ou deformidade.

Nem todos os exemplos cármicos nos arquivos de Cayce são, porém, casos de frustração e anormalidade. Veremos mais adiante, quando chegarmos aos casos de orientação vocacional, como a capacidade humana, o talento, o génio, a distinção de qualquer espécie são as recompensas cármicas de vidas anteriormente bem vividas nessas mesmas direções.

Um ambiente favorável e um corpo saudável são também consequências cármicas positivas, mas as leituras raramente explicam a sua base cármica — possivelmente porque a fonte de informação, como um bom repórter, reconhecia que não é o bem, mas o calamitoso, que tem valor noticioso. As pessoas que obtinham leituras partilhavam a tendência humana geral de sentir que não é necessária explicação para a boa fortuna; o homem sente, intuitivamente, que ela é um direito inerente. Só quando sofre má fortuna é que começa a perguntar por que motivo isso lhe aconteceu.

A beleza pessoal é igualmente uma consequência cármica positiva. As leituras indicaram ocasionalmente, em termos gerais, que um corpo belo no presente é o resultado do cuidado dedicado ao corpo, o templo do espírito, no passado. Há um caso interessante em que a leitura deu outra razão cármica para a beleza. Trata-se de uma impressionante manequim nova-iorquina, cujas mãos invulgarmente belas a tornam muito procurada por comerciantes de verniz de unhas, loções para as mãos e joalheria que apresentam mãos nos seus anúncios. A causa cármica do seu dom de beleza foi encontrada na encarnação imediatamente anterior à presente, quando fora reclusa num convento inglês. A sua vida fora passada a executar tarefas humildes e desagradáveis com as mãos; fê-lo, porém, com tal espírito de dedicação, altruísmo e serviço, que a consagração do seu espírito se transmutou na beleza invulgar da sua pessoa e das suas mãos.

Eis, de facto, um exemplo encorajador para aqueles que anseiam por beleza. Deve também recordar-nos que nem todo o *karma* é disciplinador e constrictivo nos seus efeitos. Os exemplos dos aspetos punitivos do *karma* são talvez mais impressionantes do que as ilustrações dos seus aspetos benéficos — mais impressionantes e mais necessários para a perspetiva geralmente confusa e moralmente falida do nosso tempo. Seres humanos inteligentes precisam de uma base moral inteligente para a vida; os dogmas ortodoxos da Igreja já não são aceitáveis para muitas mentes cientificamente formadas e criticamente treinadas. Assim, as sanções e os ideais tradicionais

desmoronaram-se, mas não surgiram novas noções cientificamente aceitáveis para lhes tomar o lugar.

Durante quase vinte séculos, o sentido moral do mundo ocidental foi embotado por uma teologia que ensina a expiação vicária do pecado através de Cristo, o Filho de Deus. Mesmo céticos, perante os acontecimentos estranhos e a enorme influência que emanou desse homem, poderão conceder que Cristo foi, num certo sentido, um Filho de Deus e que — nobre e compassivo — viveu e morreu para que os homens pudessem ser livres. Mas, cada vez mais, à luz dos avanços da física moderna, as pessoas começam a sentir que toda a vida no universo, até ao mais diminuto átomo carregado de energia, está, na essência, relacionada com toda a outra vida no universo, em virtude de uma fonte sustentadora comum numa energia central, ou Deus. Nesta perspetiva, parece necessário concluir que todos os seres vivos, e todos os homens e mulheres, são filhos de Deus — como raios de um vasto sol central. Pode então sentir-se que talvez a personalidade chamada Jesus fosse diferente de nós apenas no sentido em que estava mais próxima da luz central do que nós.

Além disso, o ato de Cristo dar a vida para que os homens fossem livres não é um acontecimento único na história; o estudo das religiões comparadas revela outros salvadores, entre outros povos, que sofreram martírio e morte. Na nossa própria cultura ocidental, muitos idealistas deram voluntariamente as suas vidas pela humanidade. Mazzini, Bolívar, Lincoln, São Francisco, Toussaint L'Ouverture, Semmelweiss, Santa Teresa — podem citar-se uma centena de nomes e mais, de homens e mulheres que viveram e morreram para que outros seres humanos pudessem ser livres. Mas ninguém sente que o seu esforço nos redime do esforço ou que o seu sacrifício nos absolve da nossa própria culpa pessoal.

Construir, portanto, estas duas afirmações — que Cristo era o Filho de Deus e que morreu para a salvação do homem — num dogma e, depois, fazer depender a salvação de acreditar nesse dogma, foi o grande crime psicológico, não do cristianismo, mas de alguns dos seus teólogos. É um crime psicológico porque coloca a responsabilidade da redenção em algo externo ao eu; faz depender a salvação da crença na divindade de outra pessoa, em vez de depender da transformação pessoal através da crença na divindade intrínseca de cada um. Viola o sentido de justiça e de verosimilhança psicológica porque declara que a crença na expiação vicária é necessária, sendo a pena da descrença a condenação eterna. As mentes do século XX, rigorosamente treinadas nas ciências físicas e psicológicas, acham difícil levar a sério tal doutrina.

Apesar do handicap da sua teologia rígida, a Igreja tem sido, inquestionavelmente, uma grande força para o bem no mundo. As Igrejas cristãs mais esclarecidas hoje, além disso, já não ensinam este dogma de

forma estreita e literal, e a profissão de fé não é universalmente considerada condição de entrada no céu. Mas os vestígios desta atitude são visíveis mesmo onde ela não prevalece na sua forma original, teologicamente intransigente; o mundo cristão continua permeado por uma convicção que retira a responsabilidade do domínio da conduta e a coloca, em larga medida, no domínio da crença acrítica.

A importância cardinal da conduta na salvação pessoal torna-se particularmente evidente à medida que se estudam as leis do *karma* e da reencarnação; por isso, a sabedoria antiga oferece um tónico corretivo à lassidão anémica em que muitas seitas cristãs caíram. A nossa sombria recitação aqui dos aspetos disciplinadores da lei cármica segundo Cayce não deveria ser excessivamente deprimente para quem venha a aceitar a validade da reencarnação; pelo contrário, deveria conduzir à esperança, ao otimismo e a uma fé religiosa renovada, fundada na confiança na justiça cósmica que subjaz a todos os assuntos humanos.

Exemplos como estes devem servir de dissuasor para pessoas que sentem que toda a razão para a moralidade desapareceu quando a «ciência» minou a «religião» e que, conseqüentemente, a conduta pode ser livre e sem peias dos escrúpulos da Igreja. Que a crueldade pode resultar carmicamente em cegueira, anemia, asma ou paralisia; que os excessos sexuais podem resultar em epilepsia; que o bloqueio egoísta dos outros pode resultar na paralisia dos próprios membros — factos como estes, que ilustram uma operação sensível, científica, imparcial e apropriada da lei, têm o poder de sobressaltar as pessoas e levá-las a bom comportamento, se nada mais.

Além disso, casos como os que vimos devem sugerir uma explicação para a trágica condição dos milhões de pessoas aflitas que povoam a Terra. Não vemos, em geral, os coxos, os aleijados, os cegos — o louco, o epilético, o acamado, o leproso — as vítimas mutiladas da guerra e do acidente; estão ocultos à vista comum na privacidade de lares entristecidos ou em colónias concentradas de instituições. Vemos os deficientes apenas ocasionalmente nas nossas ruas apressadas e só nos apercebemos da sua dimensão numérica de forma indireta, ao lermos, de vez em quando, um artigo de revista sobre o assunto.

Mas são legião e a sua sorte é triste. Precisamos de ser lembrados da sua existência para perceber quão trágico pode ser o destino do homem quando privado das normalidades que a maioria de nós tende a tomar como garantidas. A explicação cristã habitual para tais tragédias está contida na expressão «a vontade de Deus». Mas é difícil conciliar um Pai todo-amoroso com uma vontade que impõe afeções tão lamentáveis a pessoas inocentes. Assim, a vontade de Deus é considerada «insondável»; mas o adjetivo não resolve a contradição essencial.

O princípio da reencarnação resolve tais dilemas ao indicar que a «vontade de Deus» pode, de facto, ser uma realidade no universo; mas não é uma questão de capricho ou de propósito insondável. É antes uma lei de intenção espiritual, pela qual apenas os que merecem ser afligidos o são: nenhuma pessoa recebe na vida uma cruz para carregar nem melhor nem pior do que aquilo que ganhou em vidas passadas.

É difícil para pessoas de herança ocidental aceitar o conceito de reencarnação à primeira audição. Parece incrível — algo muito fora dos limites da experiência observada ou observável. E, no entanto, quantas outras coisas incríveis existem na vida, às quais não damos segunda atenção! Um ovo dá origem a um girino que se torna primeiro peixe e depois rã. Uma lagarta fia um casulo de seda e, pouco depois, emerge como uma sumptuosa borboleta. Eis exemplos verdadeiramente espantosos da forma como a mesma vida pode, sem perder a identidade, habitar sucessivamente diferentes formas físicas — e, no entanto, tomamo-los como garantidos. Considerados com atenção, talvez não sejam mais «antinaturais» do que o facto de um espírito humano habitar sucessivamente diferentes formas sem perder a sua individualidade essencial.

Os próprios processos do nascimento são um milagre em que provavelmente não acreditaríamos se os nossos microscópios não nos mostrassem que assim é. Que duas células minúsculas se unam e se multipliquem em composição celular segundo leis matemáticas e, por fim, após uma recapitulação da experiência da espécie, produzam uma criatura humana com olhos, lábios, mãos, pés e um cérebro para os guiar, espantaria sextilhões de infiéis, na expressão pitoresca de Whitman, se ao menos parassem para pensar nisso. Uma sucessão de vidas, portanto, não deveria realmente ser mais surpreendente, mais absurda, do que uma única vida: como disse Voltaire, «Afinal, não é mais surpreendente nascer duas vezes do que nascer uma vez.»

As leituras de vida de Cayce, com a sua plausibilidade psicológica e ética, ajudam a atenuar um pouco a nossa incredulidade. Talvez estes documentos, de origem tão estranha e transmitidos de modo tão estranho, possam ser vistos como veículos para nos elevar de uma dimensão de percepção para outra. Talvez, apesar de toda a sua estranheza, nos possam ensinar — como peixes no fundo do mar — que existe algo como o ar; que há um quadro de existência mais vasto do que o pequeno mundo em que as nossas vidas estão inseridas e um significado para a vida mais vasto do que até agora fomos capazes de supor.

Capítulo 7

Karma em Suspensão

Um facto curioso, observável nos casos de *karma* físico já discutidos, é que a consequência cármica de uma ação por vezes só se manifesta após um intervalo de uma ou mais vidas. Coloca-se então a questão de saber por que motivo essa suspensão cármica é necessária. Porque não há de a reação começar imediatamente, com a prontidão de uma bola a ressaltar numa parede?

Parecem existir várias respostas para esta questão. Uma delas é que o ego tem de esperar por um tempo e um lugar apropriados ao *karma* que criou. Pode demorar séculos até que surja uma oportunidade adequada, e os séculos intermédios devem ser usados para trabalhar outros problemas de carácter. Um bom exemplo deste tipo de suspensão cármica encontra-se nos dados de Cayce sobre entidades que outrora viveram no continente perdido da Atlântida.

A existência deste vasto continente antigo sob o Oceano Atlântico nunca foi plenamente provada nem refutada pela ciência, embora tenha sido construído um argumento razoavelmente forte com base em evidências históricas, geológicas e culturais. A principal fonte histórica secundária é Platão, que se refere à Atlântida com seriedade nos diálogos *Crítias* e *Timeu*. Uma das evidências geológicas frequentemente citadas é a descoberta feita quando um cabo transatlântico se partiu e afundou a uma profundidade de dez mil pés; ao ser içado de volta à superfície, trouxe consigo pedaços de lava que, ao microscópio, se demonstrou terem endurecido em áreas de terra acima da água.

Entre as evidências culturais, talvez as mais marcantes sejam, primeiro, a universalidade da história do dilúvio (encontrada não só na Bíblia, mas também em lendas e religiões de quase todos os povos primitivos do mundo); e, segundo, a estreita semelhança de linguagem e arquitetura entre o Egito e a América Central numa época em que não se conhece ter existido comunicação entre os dois continentes. Considerando tudo, o conjunto das provas é persuasivo, embora de modo algum conclusivo.

Em todo o caso, se as leituras de Cayce forem aceites, a Atlântida existiu de facto. Segundo Cayce, certas câmaras ainda não abertas na Grande Pirâmide poderão, um dia, revelar registos completos da sua história e civilização. Esses registos foram levados para lá, disse ele, quando alguns dos habitantes do continente condenado fugiram para o Egito no tempo do terceiro e último cataclismo, por volta de 9500 a.C. Cayce referiu-se também à ilha de Bimini, ao largo de Miami, na Florida, como um pico montanhoso atlante; afirmou que, no fundo do mar, ali se poderia encontrar um excelente exemplo de um templo atlante, com a sua cúpula construída para captar a energia do sol por meio de cristais especialmente concebidos. Segundo as leituras, os

atlantes tinham atingido um grau muito mais elevado de eficiência científica do que nós. A eletricidade, a rádio, a televisão, as viagens aéreas, os submarinos e o aproveitamento da energia solar e atômica eram altamente avançados entre eles; tinham técnicas de aquecimento, iluminação e transporte muito mais eficientes do que as que hoje possuímos.

Tudo isto é de um interesse absorvente, quer se leve a sério quer não; mas o aspeto significativo a notar aqui, se o levarmos a sério, é este: as leituras de vida afirmavam repetidamente que os atlantes se tornaram maus no uso indevido das forças titânicas que tinham aprendido a desenvolver. Cometeram algumas das suas maiores depravações em ligação com poderes elétricos e psíquicos e, em especial, com uma forma de hipnose usada para escravizar outros para trabalho forçado ou gratificação sexual.

Se isto puder ser aceite como um relato verdadeiro, então compreende-se que essa corrupção antiga do carácter não pudesse, muito facilmente, ser totalmente redimida em épocas em que nem a eletricidade nem o conhecimento oculto e psicológico estavam disponíveis. A prova final de que um homem superou a gula é rodeá-lo de novo do seu alimento preferido e ver se permanece temperante. Não se pode dizer que um homem conquistou os seus desejos sexuais se, colocado no meio de mulheres desejáveis, não resistir à tentação com a tenacidade obstinada de Santo Antão. Do mesmo modo, não se pode dizer que as entidades que abusaram do enorme poder de que dispunham graças à ciência atlante no seu apogeu tenham transmutado o seu egoísmo e a sua sede de poder, a menos que, quando lhes são oferecidas as mesmas oportunidades, consigam usá-las de forma construtiva.

O progresso cíclico da história fez do século XX precisamente um período desse tipo; conseqüentemente, encontramos, segundo as leituras de Cayce, que os atlantes estão a encarnar atualmente em grande número. A tecnologia espantosa da era presente pode, portanto, ser compreendida sob dois aspetos: primeiro, como consequência do génio audaz e inventivo de egos que trouxeram consigo uma lembrança das realizações atlantes; e, segundo, como campo de prova desses mesmos egos, para determinar se, nos séculos intermédios, adquiriram qualidades que resistam à renovada tentação do egoísmo e da barbárie civilizada.

A necessidade de esperar por uma época cultural apropriada parece, assim, ser um factor maior na determinação da suspensão cármica. Pareceria estar relacionada com alguma progressão cíclica da história e com alguma alternância rítmica de grupos de almas nos seus períodos de encarnação e não-encarnação neste planeta. Parece razoável que grandes vagas de raças e povos possam seguir tal regularidade cósmica e rítmica de retorno. Várias passagens nas leituras de Cayce indicam, contudo, que a encarnação de grupos menores dentro dessas vagas, e até de indivíduos dentro dos grupos, pode não ser apenas uma questão de predeterminação mecanicamente

rítmica. As almas e os grupos de almas não regressam com a regularidade automática de uma porta giratória; aqui, como em toda a criação, há liberdade de vontade, e um indivíduo ou um grupo pode escolher manifestar-se em determinados momentos, se assim o desejar.

Isto conduz a uma complexidade adicional: se uma entidade individual precisa de desenvolver alguma qualidade em relação a outra alma individual, ou a um grupo de almas, pode ter de adiar a sua própria encarnação para se ajustar ao período escolhido para a encarnação pelos outros. E se tal adiamento for longo, pode achar conveniente regressar entretanto para trabalhar algum outro aspeto do seu desenvolvimento — dando assim origem ao fenómeno que observámos como *karma* suspenso.

Estas generalizações não podem, evidentemente, ser feitas com certeza científica; são propostas apenas com base em indícios dispersos, mas repetidos, de que assim sucede nas leituras de Cayce.

Os factores acima mencionados representam determinantes puramente externos da suspensão cármica; mas parece haver determinantes internos também. De igual — se não maior — importância é o facto psicológico de que é necessária força para enfrentar o *karma*; é preciso dar à entidade alguma oportunidade de adquirir as qualidades combativas necessárias, caso contrário a obrigação cármica será tão esmagadora que resultará em aniquilação, e não em crescimento.

Várias pessoas aflitas que souberam, pela leitura de Cayce, que a origem da sua aflição se encontrava várias vidas atrás ficaram curiosas quanto à razão do atraso cármico. Todos os que perguntaram sobre este ponto numa leitura posterior receberam, substancialmente, a mesma resposta que a rapariga coxa mencionada no Capítulo 5, que perguntou: «Porque esperou a entidade até esta encarnação para pagar o *karma* do período romano?» A resposta: «Porque não foi capaz de o fazer antes.» O contexto deixa claro que esta incapacidade era uma questão de capacidade interior e não de restrição exterior; neste e noutros casos de aflição, uma análise cuidada das vidas intermédias mostra que foram experiências necessárias para a aquisição de certas qualidades positivas.

Se recuarmos ao caso do rapaz de dezasseis anos ferido num acidente de automóvel, por exemplo, observaremos que a semente cármica, neste caso, foi semeada na Roma antiga. Uma experiência no período da Revolução Americana deu-lhe, porém, a oportunidade de desenvolver certas qualidades de coragem, alegria e a capacidade de tirar bom partido de tudo o que lhe acontecia. Eram qualidades necessárias para suportar a aflição cármica que frutificou no presente.

Um paralelo instrutivo encontra-se na prática de senso comum dos homens relativamente a dívidas monetárias. O homem que pede emprestados

cinco mil dólares a um banco não está em posição de pagar a dívida no dia seguinte, na semana seguinte ou no mês seguinte, e provavelmente nem sequer no ano seguinte. Por isso se dá tempo ao devedor, para que reúna recursos suficientes; não haveria sentido em exigir o pagamento na semana seguinte quando é óbvio que ele nada tem com que pagar. Talvez o cancelamento de dívidas contraídas no domínio moral seja tratado de forma semelhante.

Se o princípio da reencarnação vier, algum dia, a ganhar aceitação popular e o conceito de *karma* for, pelo menos em linhas gerais, compreendido pelas massas do Ocidente como já o é pelas massas do Oriente, a noção de *karma* suspenso poderá tornar-se fonte de preocupação para muitas pessoas. A ideia de que algum ato passado de crueldade possa exigir pagamento futuro sob a forma de cegueira nesta vida ou numa próxima é, indiscutivelmente, desagradável; para uma imaginação impressionável, uma dívida cármica desconhecida pode parecer pender, como a espada de Dâmocles, sobre a cabeça de alguém, ou espreitar como uma fera para lá da curva da estrada. O *karma* suspenso poderia bem tornar-se o papão das primeiras décadas da Era Reencarnacionista, tal como o diabo e o fogo do inferno foram os papões de uma era anterior.

Para contrariar esta tendência para o medo, os líderes de escolas do *New Thought* poderão, de facto, ir ao ponto de fazer negações em massa do *karma* suspenso, tal como os Cientistas Cristãos fazem negações do pecado, da doença, da morte, do erro e da matéria. Não há dúvida de que tais negações teriam grande poder sugestivo e, como no caso da Ciência Cristã e do *New Thought* em geral, poderiam mesmo produzir resultados salutareos no sentido de fortalecer o espírito. Contudo, «negar» verbalmente a matéria, o pecado e o *karma* não os aniquila de facto. A nossa tarefa na vida não é esconder-nos da realidade da matéria, com a evasão alegre mas iludida do avestruz; a nossa tarefa é governá-la, ordená-la e até criá-la a partir de níveis mais elevados do espírito. Na realidade, a matéria é apenas uma condensação de uma energia que se pode chamar espírito; ou a matéria é simplesmente espírito num grau mais baixo de vibração.

O mesmo se aplica ao pecado e ao *karma*. Segundo os reencarnacionistas, «negar» o *karma*, quer esteja a operar no presente quer esteja em suspensão, equivale a negar a existência de dívidas a pagar e de lições a aprender e é uma atitude essencialmente desonesta. Um homem que é enganador e fraudulento quanto às suas obrigações, sejam elas de natureza material ou espiritual, não merece respeito. O facto de a fraude tentada consistir em acrobacias mentais de negação não altera o facto de, no essencial, ela participar do esforço de fugir à responsabilidade.

Isto não significa, porém, que a sugestão não deva ser usada. Pelo contrário, pode ser muito útil para dissolver fixações mentais, mecanismos de

culpa ou cristalizações de atitude. Vimos um caso notável — o do rapaz curado de enurese noturna — em que a sugestão foi dirigida ao sentido subconsciente de culpa. Era o seu sentimento de falta de valor que lhe infligia um castigo simbólico. Ao dissolver esse sentimento de culpa e, assim, libertá-lo para expressar ajuda ao seu semelhante, tanto a condição corporal como a personalidade foram transformadas.

No caso da alergia, também, a leitura recomendou sugestão profunda e hipnose. Mas, em nenhum dos casos, o tratamento sugerido foi um tratamento de negação — pelo contrário, deveria consistir em «afirmação da virtude» e «consciência de sintonia espiritual». Se os curadores mentais quiserem «tratar» condições cármicas ou o sentimento opressivo de um *karma* iminente, parece que o tratamento deveria reconhecer honestamente uma obrigação passada, depois exprimir vontade sincera de cumprir essa obrigação e, por fim, afirmar precisamente aquela força cuja ausência levou ao *karma* em primeiro lugar.

Se a perspectiva reencarnacionista for aceite, então, é necessário encarar o facto de que a raça humana é espiritualmente imatura e, por conseguinte, os seus membros devem esperar *karma* desagradável em vidas futuras. Mas este facto não deveria ser fonte de medo ou ansiedade, por duas razões: primeiro, «Basta a cada dia o seu mal» é um máximo que se aplica não só a viver cada dia com tranquilidade despreocupada; aplica-se também a viver cada vida na calma certeza de que, quaisquer que sejam as suas dificuldades, a porção individual é justa e ajustada à força individual. Em nenhum momento nos vemos envolvidos num *karma* demasiado grande para suportar. Segundo, a incerteza do futuro acompanha-nos sempre, quer acreditemos ou não no *karma*; e, se as calamidades futuras que nos possam ocorrer forem cármicas e não fortuitas, os nossos receios deveriam ser aliviados e não intensificados, nem que seja pela simples razão de que o *karma* representa a operação de uma lei ordenada que garante sempre justiça.

É humano temer dificuldades futuras, mas não é digno temer dificuldades futuras que nos chegam com justiça, para nossa educação e expansão de consciência. Um homem honesto que contraiu uma dívida deseja pagá-la; trata conscienciosamente dos assuntos financeiros de cada dia para que, no primeiro dia do mês, quando as contas vencem, esteja em posição de as pagar. Não passa o mês inteiro a temer o dia em que inevitavelmente receberá as contas; dedica antes as suas energias a tornar-se capaz de cumprir as suas obrigações.

Não estamos conscientes, na nossa mente limitada, da natureza exata da dívida moral que possamos ter contraído no nosso passado ignorante, mas deveríamos ter a integridade de espírito e a aquiescência interior que distinguem os homens honestos, de modo a avançarmos para enfrentar a nossa dívida com simples disposição para pagar.

Mas talvez a palavra *dívida* seja enganadora — talvez o termo mais apropriado seja *défice* ou *deficiência*. Uma doença por deficiência tem de ser combatida fornecendo as vitaminas e os minerais de que o corpo carece; até que a deficiência seja corrigida, o corpo não fica curado da doença. Do mesmo modo, o *karma* só é possível, num sentido importante e fundamental, por ausência de qualidades espirituais; só pela falta de consciência da própria identidade espiritual. A correção adequada de condições cármicas consiste, então, em fornecer as qualidades espirituais cuja deficiência induziu a condição, e em evocar a consciência da identidade espiritual.

Mas, quer o *karma* seja visto como uma dívida, um défice ou uma espécie de deficiência espiritual, o facto é que a sua redenção deve ser abordada num espírito de disposição e não de rebelião. «Negar» a sua existência tem mais a natureza de rebelião do que de aceitação; pois tal «negação» exprime a vontade própria e o desejo de conveniência da personalidade presente, e não a sabedoria de longo prazo da identidade eterna.

As leituras de Cayce dão frequentemente conselhos sobre a atitude apropriada a adotar face ao *karma*. A passagem seguinte oferece uma sugestão particularmente incisiva:

Se a experiência for usada para autoindulgência, autoengrandecimento ou jactância, a entidade fá-lo para sua própria ruína e cria para si aquilo a que se tem chamado karma e que terá de enfrentar. E ao enfrentar cada erro, cada prova, cada tentação, quer sejam experiências mentais quer físicas, a abordagem deve ser sempre a atitude: «Não se faça a minha vontade, mas a Tua, ó Deus, em mim e através de mim.»

«A Tua vontade» pode ser entendida, naturalmente, em dois sentidos: ou como a «vontade» de Deus, que se exprime através das leis impessoais do universo, ou como a vontade da identidade eterna, a Supra-Alma, que, na tradição esotérica, é o Pai a quem dirigimos as nossas preces.

Seja qual for a interpretação dada à expressão, a aquiescência e a confiança devem marcar a nossa atitude perante qualquer *karma* que nos venha ao caminho. Num universo de ordem, justiça e beneficência, como aquele que o princípio da reencarnação revela, não há necessidade de medo.

Capítulo 8

Karma e Problemas de Saúde

Infelizmente, o *karma* ficou associado, na mente de muitos, à passividade, à letargia e ao fatalismo. Isto deve-se em grande parte ao facto de as pessoas da Índia, onde a crença no *karma* é quase universal, parecerem, na sua maioria, passivas, letárgicas e fatalistas.

É verdade que as condições sociais na Índia são deploráveis; é também verdade que a passividade dos hindus na aceitação do seu *karma* é, em parte, responsável por isso. Contudo, os ensinamentos dos sábios religiosos da Índia filtram-se através de tanta superstição incrustada pelo tempo que o carácter desses ensinamentos se altera radicalmente no processo; quando chegam às massas não instruídas, o seu efeito psicológico não pode ser considerado um exemplo ótimo dos resultados da crença na reencarnação. Além disso, os efeitos enervantes do clima indiano são um elemento importante na psicologia do seu povo e afetariam o seu modo de pensar e o seu carácter, independentemente da crença religiosa.

Na realidade, não há qualquer associação psicologicamente necessária entre apatia e crença no *karma* — tal como não há uma associação psicologicamente necessária entre hipocrisia e cristianismo. O cristianismo desenvolveu multidões de hipócritas, tanto no presente como em épocas passadas da sua história, mas essa hipocrisia não pode ser imputada aos ensinamentos de Cristo.

Se um indivíduo chega a aceitar o conceito de *karma*, a aquiescência e a confiança devem caracterizar a sua atitude interior perante ele, tal como devem caracterizar a sua atitude interior perante qualquer lei do universo. Mas não pode deixar de se interrogar sobre até que ponto deve aquiescer, até que ponto deve aceitar as restrições que lhe são impostas. Este problema torna-se particularmente evidente em situações que envolvem aflição física cármica.

Aqui, como noutros domínios, as leituras de Cayce são interessantes porque questões especulativas sobre as implicações éticas e práticas da teoria da reencarnação recebem respostas específicas e tangíveis. Voltamo-nos, então, para elas com as perguntas: que tratamento, se algum, foi prescrito para pessoas que sofriam de uma penalidade física cármica? Que esperança, se alguma, lhes foi apresentada para a cura?

Cada leitura nos arquivos de Cayce contradiz a ideia de que a aceitação passiva deve acompanhar a crença no *karma*. O ponto de vista consistente, ao longo de todas elas, é: «Isto é o teu *karma*. Agora, aqui está o que podes fazer a esse respeito.» Um dos elementos mais marcantes destes documentos originais é a forma como as afirmações sobre *karma* fluem invariavelmente para sugestões de tratamento. Em muitos casos de *karma* físico, a leitura

apresenta esperança definida de cura. Noutros, em que a dívida cármica é mais grave, afirma com franqueza que não se pode esperar uma cura completa, mas que se pode alcançar melhoria através do esforço; e depois passa a delinear o tipo de tratamento.

Um caso interessante é o de um eletricista de trinta e quatro anos, acometido de uma doença que os médicos acabaram por diagnosticar como um caso sem esperança de esclerose múltipla. Durante três anos, fora incapaz de trabalhar; ficara demasiado cego para ler ou escrever e caía frequentemente quando tentava andar. Foi aceite sucessivamente como doente carenciado em vários hospitais; entretanto, a esposa trabalhava como empregada numa loja de departamentos para sustentar a si própria e o filho de cinco anos. Embora não tenha sido feita uma leitura de vida, na leitura física disseram-lhe que a sua condição era cármica. Contudo, foi instado a não perder a esperança.

«Sim, temos aqui o corpo», começou a leitura, usando a mesma expressão simples mas extraordinária com que se iniciava a descrição clarividente de todas as leituras físicas. «Como encontramos, as condições aqui são muito graves, mas não percas a esperança, pois a ajuda está próxima, se apenas a aceites.»

Seguem-se então três páginas de singular beleza e força. Primeiro, é dada uma descrição patológica da condição em termos médicos; depois, um ensaio sobre as energias recuperativas do corpo; em seguida, uma referência ao facto de a situação do homem ser cármica, acompanhada de uma exortação a mudar a sua atitude mental e a eliminar todo o ódio e malícia da sua consciência. A leitura termina com uma prescrição cuidadosa de tratamento.

Cerca de um ano depois, o homem escreveu de novo a pedir outra leitura, relatando que seguira religiosamente a prescrição e notara imediatamente uma melhoria. Essa melhoria continuou de forma constante durante quatro meses, após o que surgiu uma recaída e declínio de forças. Aparentemente, aplicara o lado material da prescrição sem prestar muita atenção ao espiritual, pois a leitura repreende-o de forma inequívoca:

Sim, temos aqui o corpo; já o tivemos antes.
Como encontramos, houve melhorias físicas no corpo, mas há muito, muito a desejar.
Como já foi indicado, esta é uma condição cármica e devem ser tomadas medidas pela entidade para mudar a sua atitude perante as coisas, as condições e o seu semelhante.
Enquanto foram aplicadas coisas mecânicas para a correção física, viram-se melhorias.
Mas quando a entidade se torna tão presunçosa, tão centrada em si, a ponto de recusar as coisas espirituais e não muda a sua atitude; enquanto houver ódio, malícia, injustiça, inveja; enquanto houver dentro algo que esteja em

desacordo com paciência, longanimidade, amor fraternal, bondade, brandura, não pode haver cura da condição deste corpo.

Para quê quer a entidade ser curada? Para satisfazer os seus apetites físicos? Para acrescentar ao seu egoísmo? Então, se assim for, é melhor que permaneça como está.

Se houver mudança de mente e de propósito, e se a entidade expressar essa mudança em palavras e ações, e se houver a aplicação das coisas materiais sugeridas, veremos melhoria.

Mas primeiro tem de haver a mudança do coração, da mente, do propósito, da intenção...

Todos os aparelhos mecânicos que consigas reunir não trarão recuperação completa a menos que o teu propósito e a tua alma tenham sido batizados pelo Espírito Santo...

Aceitarás, rejeitarás? Depende de ti.

Terminámos — a menos que repares o mal.

Terminámos com esta leitura.

Note-se, nas passagens acima, que se oferece esperança de cura sob a condição de o homem mudar o conteúdo da sua consciência e os seus propósitos espirituais na vida. «Para quê queres ser curado?», pergunta a fonte de informação, franca e penetrantemente. Para satisfazeres os teus apetites físicos? Para aumentares o teu egoísmo? Nesse caso, mais vale ficares como estás.

Esta leitura direta é típica do olhar moral, asséptico, de um grande médico, cuja visão incluía muito mais do que a mera conveniência temporária de uma personalidade. Nem uma vez, em mais de 25 000 leituras físicas, Cayce recusou dar sugestões de cura a uma pessoa aflita, por mais depravado ou infame que tivesse sido o seu pecado.

Mas, muitas vezes, como neste caso, por mais infinitamente compassivo que fosse, não conseguiu deixar de salientar que a doença tem um propósito moralmente corretivo e que a falha moral que está na sua origem deve ser corrigida. Quem sofre de doença deve fazer todo o esforço para a corrigir com todos os meios ao seu alcance, mas, ao mesmo tempo, deve aproveitar a indicação que a vida lhe dá para emendar a fraqueza interior da sua alma. O arsenal da natureza e os medicamentos milagrosos da ciência moderna podem produzir alívio temporário, mas, perante a força moral do *karma*, acabam por ser impotentes. Em última análise, a cura tem de vir espiritualmente de dentro; caso contrário, não pode durar muito.

O caso seguinte, de cegueira, é outro entre centenas nos arquivos que ilustram este ponto de vista consistente:

Sim. As condições aqui são, na sua maioria, cármicas. A melhor aplicação de ideais espirituais na relação com os outros fará grande diferença na

experiência de vida desta entidade. Embora, no início, não haja grande mudança na visão, encontramos que o corpo será materialmente melhorado à medida que se façam ajustamentos no eu interior.

As condições no sistema espinal, bem como na boca e nas gengivas, tiveram muito que ver com a condição dos olhos.

Assim, como encontramos, deve haver primeiro o esforço de manifestar os frutos do espírito e de aplicar a consciência de Cristo nas experiências diárias. Prática, então, amor fraternal, bondade, paciência, longanimidade, brandura. Faz também ajustamentos osteopáticos especialmente na 4.^a, 3.^a, 2.^a e 1.^a dorsais, na 3.^a cervical e na 1.^a, 2.^a e 4.^a cervicais. Os ajustamentos devem ser feitos pela ordem indicada; e depois deve dar-se atenção particular aos centros nervosos que abastecem os dentes — sobretudo na zona logo abaixo da orelha, ligada às áreas mastoides da cabeça...

Vê-se, em ambos os casos, que a leitura dá prioridade a uma mudança de consciência e de carácter como *sine qua non* de uma mudança na condição física cármica. Quando se recorda que o propósito do *karma* é a educação moral, percebe-se como esta abordagem à terapêutica cármica é natural e inevitável. O «pecado», claro está, que o *karma* corrige não é pecado no sentido supersticioso e primitivo de deuses e espíritos ofendidos, nem pecado no sentido dos teólogos fundamentalistas, nem sequer pecado no sentido das morais vitorianas ou puritanas. É antes pecado num sentido psicológico; pecado universalmente definível e universalmente sujeito a uma lei cósmica.

O pecado, neste sentido, consiste basicamente em egoísmo ou separatividade, e a autoglorificação pode assumir muitas formas. Pode consistir em violência contra a vontade ou o corpo de outrem; pode consistir em violência contra o próprio corpo, por intemperança ou negligência; pode consistir em orgulho ou exclusividade do espírito. Estas variedades de erro são possíveis por causa de um erro cardinal, um mal-entendido cardinal, um esquecimento cardinal: o homem é um espírito, não um corpo; o pecado nasce do esquecimento deste facto, quando se identifica com o corpo. É contra esta ilusão de identidade com o corpo que ele tem de lutar. E a forma mais segura de combater essa ilusão não é pelo processo negativo da negação, mas pelo processo positivo da identificação com o espírito.

Ao alcançar este sentido de identidade com o espírito, obtém-se aquilo a que as leituras de Cayce e outras fontes místicas chamam a consciência de Cristo (*Christ-consciousness*). Verifica-se, nos casos citados e em quase todos os outros casos de *karma* físico nos arquivos de Cayce, que a recomendação principal para a cura é que o sofredor atinja, pelo menos em alguma medida, esta consciência de Cristo.

A consciência de Cristo não é, porém, um atributo exclusivamente cristão. Cristo, importa lembrar, não é o nome do homem Jesus, mas um termo cujo

significado literal é «o ungido» e cujo significado místico — ou antes psicológico — é o da consciência libertada ou espiritual. Krishna e Buda foram, podemos crer, igualmente possuidores de consciência de Cristo; e os homens esforçam-se, confusamente e às apalpadelas, em todas as partes do mundo, por alcançar essa consciência, independentemente de quem seja o seu mestre e de como se chame esse grau de desabrochar.

Acontece que a linguagem em que as leituras de Cayce estão formuladas usa a fraseologia da tradição cristã; isso deve-se, muito provavelmente, ao facto de o próprio Cayce ter sido criado na fé cristã. A sua mente consciente estava impregnada de imagética e de perspectiva cristãs e, assim, cada afirmação da sua mente supraconsciente, enquanto em hipnose, era filtrada por esse ecrã. Concebivelmente, se Cayce tivesse nascido num país budista, poderia ter adaptado a sua sabedoria ao contexto cultural em que se encontrasse e usado uma terminologia predominantemente budista. Mas este estilo particularizado de expressão não limita a aplicabilidade do que ele disse.

Eis, por exemplo, a exortação dada a um homem que sofria de tuberculose da coluna:

Lembra-te: a fonte desta condição é o encontro contigo mesmo; é cármica. Isto pode ser enfrentado melhor n'Aquele que, ao retirar a lei de causa e efeito cumprindo a lei, estabeleceu a lei da graça. Assim, há necessidade de a entidade se apoiar no braço d'Aquele que é a lei, a verdade e a luz.

A «lei da graça» aqui referida também não é atributo exclusivo da cristandade ou daqueles que «acreditam em Jesus Cristo»; a graça pode ser alcançada por um budista, um hindu ou um muçulmano tanto quanto por um cristão. «A lei, a verdade e a luz» é uma expressão geralmente aplicada pelos cristãos a Jesus — mas a lei e a verdade são igualmente aplicáveis a outros grandes mestres religiosos e aos seus ensinamentos, e a luz, como símbolo da verdade, de Deus e das suas manifestações mais puras, é um símbolo universal.

Do mesmo modo, a expressão «até que a tua alma tenha sido batizada com o Espírito Santo», usada no caso da vítima de esclerose múltipla, é tipicamente cristã. Mas a ideia que lhe está subjacente — o influxo de vida nova como consequência da realização da própria identidade divina — foi formulada em dezenas de imagens diferentes em todas as religiões esotéricas do mundo. Quando as leituras de Cayce falam, portanto, de *consciência de Cristo*, estão a usar o termo mais aceitável para pessoas educadas na tradição cristã. O termo, contudo, refere-se a um estado ou etapa psicológica que poderia ser designada por uma dúzia de outros nomes.

A obtenção da *consciência de Cristo* ou consciência espiritual é a «lei da graça» que dissolve a retribuição exata do efeito cármico. A consciência espiritual «cumpre a lei», para usar a expressão de Jesus, no sentido em que

anula o erro que foi, desde o início, a fonte da ação cármica. «Não vim destruir a lei», é o que Jesus poderia ter dito, «mas ensinar-vos a cumpri-la através da consciência espiritual.»

Mas a plena obtenção desta consciência não é uma conquista fácil. «Lembra-te», diz uma leitura, «não há atalhos para a consciência da força divina. Ela faz parte da tua própria consciência, mas não pode ser realizada por um simples desejo de assim ser. Muitas vezes há a tendência de a querer e esperar sem aplicar a verdade espiritual através do meio dos processos mentais. Esta é a única forma de chegar à porta. Não há atalhos na metafísica, por mais que o digam os que veem visões, interpretam números ou leem as estrelas. Podem encontrar impulsos, mas estes não governam a vontade. A vida aprende-se dentro do eu. Não a professas; aprendes.»

O uso de afirmações, meditação e oração, o estudo das Escrituras, a prática das virtudes e o serviço prestado ao semelhante são métodos frequentemente recomendados pelas leituras para a obtenção de uma consciência transformada. Mas o crescimento genuíno não pode ser induzido mecanicamente. A menos que e até que o coração esteja suficientemente amolecido, essas práticas serão, na expressão feliz de Paulo, como metal que tine; sem verdadeira caridade são, no essencial, inúteis.

Como disciplinas terão valor; como forças sugestivas terão efeito; como experiências educativas porão a alma no caminho certo. Mas, para as multidões de almas que, espiritualmente falando, estão no jardim-de-infância, não podem conduzir imediatamente à universidade. Nem todas as pessoas estão suficientemente evoluídas espiritualmente para serem capazes de alcançar, numa só vida, esse amor total e abrangente que é a essência da verdadeira *consciência de Cristo* e, assim, obter libertação da dívida do *karma*.

No caso de um jovem que sofria de artrite, a fonte de informação estava aparentemente consciente desta impossibilidade para o rapaz em questão. Por isso, com a probidade de um médico que conhece as possibilidades máximas de um organismo e não quer iludir o doente com falsas esperanças, diz: «Pode haver alívio aqui, mas não cura completa.» Contudo, não deixa o assunto por aí. Neste e em todos os casos semelhantes, prossegue sugerindo medidas curativas de natureza física, para que a entidade, independentemente da possibilidade ou impossibilidade de alcançar libertação direta, seja orientada a fazer esforços ativos para superar a sua aflição.

A paciência, a persistência, a fortaleza e quaisquer outras qualidades de humildade ou bondade aprendidas no processo contribuirão, pelo menos indiretamente, para o cumprimento moral da dívida cármica. É óbvio, pois, que, longe de promover uma atitude passiva perante uma condição cármica, as leituras incentivam uma atitude vital e dinâmica de ação.

Outro aspeto importante da questão terapêutica é este: as leituras estavam sempre conscientes da necessidade de aconselhar as pessoas no seu próprio estágio de desenvolvimento. Não propunham métodos exclusivamente mentais de cura a pessoas incapazes de os compreender ou avessas a eles. Segundo o testemunho do cientista Alexis Carrel, nos seus livros *Man, the Unknown* e *The Voyage to Lourdes*, muitas pessoas de profunda fé religiosa foram instantaneamente curadas no santuário de Lourdes de cancro e de outras afeções aparentemente incuráveis. Admitindo que tais curas aconteceram, certamente não é de esperar que curas semelhantes possam ser efetuadas em pessoas que não tenham o mesmo grau de fé, a mesma disposição mental, a mesma prontidão para abdicar do físico.

Um estudo comparativo de muitas das leituras físicas de Cayce indica claramente que a fonte de informação reconhecia sempre, tacitamente, os limites de crença do indivíduo em causa. Em muitos casos de doença específica, por exemplo, as leituras pareciam confiar que certos indivíduos poderiam obter cura por mera sugestão mental — tal é o poder notável da sugestão e a obediência do inconsciente. Noutros casos da mesma doença, os doentes pareciam incapazes de ser curados desse modo, por ignorância, ceticismo ou excessiva absorção num ponto de vista material. Para eles era mais simples e mais sensato, reconheciam as leituras, recomendar tratamentos físicos específicos.

Vem-nos à memória a história clássica contada por mestres hindus sobre o jovem estudante zeloso de um grande iogue. O estudante recebera instrução básica sobre a realização de feitos milagrosos com a mente. Aluno aplicado, retirou-se em solidão e regressou dez anos depois ao mestre. «O que tens feito todos estes anos?», perguntou o iogue, com interesse afetuoso. «Aprendi a dominar a minha mente de modo a poder caminhar sobre a água», respondeu o discípulo, com algum orgulho. «Meu querido rapaz», disse o mestre, tristemente, «tens estado a desperdiçar tempo. Não sabes que podes pedir ao barqueiro que te leve do outro lado por apenas dois tostões?»

Esta história, contada por um povo que durante séculos se dedicou ao cultivo dos poderes da mente, tem uma força de bom senso que deveria ser ponderada por quem resiste a todos os meios físicos no tratamento da doença. É certo que o esforço de alcançar uma cura puramente mental é louvável e gerador de força. A Ciência Cristã, a Ciência Religiosa, a Unity e movimentos metafísicos semelhantes estão a dar um enorme contributo para a consciência pública de que a mente é a fonte de muita doença e, portanto, também pode ser a fonte da sua cura. Importa, porém, reconhecer — em metafísica, tal como já foi reconhecido na medicina psicossomática — que há momentos em que uma condição não é de origem mental e há momentos em que uma condição, qualquer que seja a sua origem, é melhor abordada por meios físicos do que por meios mentais.

Outro aspeto significativo da perspectiva terapêutica de Cayce era este: as leituras não consideravam que um método de cura fosse mais «espiritual», em sentido último, do que outro. Todos os métodos de cura têm a mesma origem divina.

Uma mulher que sofria dores lancinantes nas costas perguntou se devia fazer ajustamentos físicos ou se devia confiar em tratamentos Unity. A leitura respondeu-lhe da seguinte forma:

Muito disto pode ser superado mentalmente. Mas enfrenta as condições à medida que surgem. Se houver dor excessiva, então faz um tratamento ou ajustamentos para responder à necessidade física. Não há diferença, pois o bem em cada forma de tratamento vem da mesma fonte. Não são contraditórios, como algumas pessoas acreditam.

O Mestre curou todos da mesma maneira? Não usou aplicações mecânicas com alguns? Não disse a outros para espalharem a palavra? Não usou simplesmente a palavra falada noutros?

Lembra-te deste fundamento, deste primeiro princípio: «O Senhor teu Deus é um.»

Em todos os domínios — mente, corpo e alma — há uma sintonia com essa Unidade. Cada via tem os seus atributos e as suas limitações. Só n'Ele está a plena unidade.

Um jornalista de Pittsburgh que sofrera de má saúde artrítica durante dez anos e tinha inclinações para uma cura metafísica mais do que física foi instruído a experimentar tratamentos de hidroterapia para estimular a circulação e a eliminação, e tratamentos com raios ultravioleta. Foi-lhe dito:

Toda a cura que pode ser realizada está dentro de ti. Toda a cura vem do Divino. Quem cura as tuas doenças? A fonte do suprimento universal. Todas estas diversas vias vêm de Uma Só Fonte, e as aplicações servem apenas para estimular os átomos do corpo. Cada célula é como um universo em si mesma.

Quer as influências que atuam sobre um corpo venham de medicina, de aparelhos mecânicos, de hidroterapia, seja do que for, têm necessariamente de vir da Única Fonte — a própria Vida.

Há ainda um ponto que deve ser mencionado em ligação com a filosofia de cura de Cayce, e é este: embora toda a causalidade seja, em sentido último e absoluto, na mente — quer de Deus quer do homem — vivemos num domínio de tal submersão na matéria e de tal envolvimento com muitos grupos de almas e muitos níveis de atividade que podemos pôr em jogo, e ser afetados por, muitos níveis diferentes de causalidade.

Por exemplo: podemos entrar num restaurante, comer uma tarte de creme de chocolate estragada e sofrer intoxicação alimentar como resultado. Alguns analistas e metafísicos diagnosticariam isto como tendo sido causado por um estado interior da mente — talvez uma rejeição psicológica de alguma situação de vida. Seguindo esta lógica até à sua conclusão razoável, não teríamos então de afirmar que as outras 250 pessoas que comeram o mesmo lote de tarte no mesmo restaurante estavam a viver o mesmo tipo de rejeição psicológica e, por isso, foram levadas (presumivelmente pelo seu inconsciente) ao mesmo restaurante que lhes forneceria o pretexto tangível para vomitar?

Se insistirmos na causalidade mental de tudo o que nos acontece, até ao mais pequeno detalhe da vida, somos inevitavelmente conduzidos a tal conclusão. E, certamente, a explicação, por mais forçada que pareça, pode até ser a correta. Num mundo em que, segundo o testemunho das leituras de Cayce, a maior parte da causalidade brota de linhas invisíveis de força e atração, não podemos presumir negar tal possibilidade. Contudo, parece mais provável que as 250 pessoas tenham sido vítimas da negligência ou venalidade de um pasteleiro que usou ingredientes estragados; e que, num plano puramente físico, o conteúdo químico dos seus estômagos tenha sido afetado pelo conteúdo químico venenoso do creme deteriorado.

Parece uma visão mais realista e abrangente reconhecer que, ao nosso nível atual de evolução e envolvimento com a matéria, somos inevitavelmente afetados por muitas forças químicas, biológicas, mecânicas, sociais, raciais e económicas pelas quais não temos responsabilidade interior imediata, exceto na medida em que, em última análise, teremos de adquirir força para ser invulneráveis a elas. Daí que Cayce recomendasse frequentemente um remédio puramente físico para uma condição puramente física: um simples antídoto para um veneno; uma simples aplicação de calor para uma congestão; uma simples mudança de local para usufruir de melhor clima.

Uma queda na rua que resulta num braço partido pode — como psiquiatras e especialistas em psicossomática demonstraram amplamente — dever-se a um temperamento «propenso a acidentes», a um estado ou traço de personalidade. Mas também pode dever-se a nada mais complexo do que um passeio partido ou a roda saliente da bicicleta de uma criança descuidada — caso em que não há necessidade de exame de consciência para encontrar uma causa interior profunda.

Meios mentais como sugestão, afirmação, visualização, oração ou fé podem, em qualquer caso, seja qual for a causa verdadeira, favorecer ou apressar a consolidação do osso, por razões psicossomáticas que ainda conhecemos pouco. Mas faremos bem em recordar um pensamento que o Cayce adormecido expressava frequentemente: «Os acidentes acontecem muitas vezes, mesmo na criação.» E esta frase algo críptica deve dar-nos que

pensar antes de atribuímos tudo o que nos acontece a alguma teoria de causalidade supostamente estanque.

Para além das considerações sobre a causalidade, a terapêutica física das leituras de Cayce é interessante em si mesma. Estes métodos de cura, recomendados tanto em casos chamados cármicos como naqueles em que não se mencionava *karma*, constituiriam por si só um estudo autónomo. Como médico, a fonte de informação era profundamente eclética na escolha de métodos de cura; uma lista de todas as medidas curativas recomendadas nas leituras incluiria dieta, exercício, fármacos, terapia vitamínica, cirurgia, ervas e compostos herbais, massagem, osteopatia, hidroterapia, eletroterapia e o uso de dois aparelhos chamados *Radio-active* e *Wet-cell*.

Estes dois últimos dispositivos são, de certo modo, invenções das próprias leituras; isto é, instruções para a sua construção surgiram espontaneamente numa leitura, sem terem sido pedidas, e o seu uso foi depois recomendado em centenas de casos. Tanto o valor preventivo como o terapêutico da osteopatia foram continuamente sublinhados, e foram relatados resultados verdadeiramente notáveis em casos que variavam desde a cura de glaucoma infantil até tornar possível o parto, bem como facilitar o processo de nascimento.

Estes e muitos outros métodos originais de tratamento emergem das leituras de Cayce. A tarefa de examinar e apresentar a prova da sua eficácia em casos que a ciência médica já considerara sem esperança, e de extrair as características principais dos tratamentos nas várias doenças, aguarda os esforços de um investigador qualificado, com formação médica.

Mas o material analisado até aqui sugere os contornos gerais de uma grande nova filosofia de cura, uma grande nova ciência unitária do homem. Pois o homem pareceria ser uma unidade, composta por três aspetos básicos: corpo, mente e alma. Esta triplicidade do homem deriva da natureza trinitária da Divindade e reflete-se, por sua vez, em três grandes corpos de conhecimento que o homem desenvolveu ao longo dos séculos: a medicina, a psicologia e a religião. Estes ramos seguiram caminhos separados e muitas vezes conflituantes; mas talvez a separação e o conflito se devam à ignorância do homem acerca da verdade sobre si próprio. Talvez, na realidade, o médico, o psicólogo e o sacerdote sejam três trabalhadores à mesma mesa de laboratório, três modeladores da mesma argila dúctil, três guardiões do mesmo fogo divino.

Capítulo 9

Uma Nova Dimensão na Psicologia

Resolver enigmas é um passatempo instrutivo. Por trás da solução de muitas partidas infantis esconde-se um princípio significativo de lógica ou de pensamento. Talvez, então, quando chegamos ao mais importante de todos os enigmas — o enigma da identidade do homem, da sua origem e do seu fim último — possamos aplicar-lhe a sabedoria aprendida com um simples truque de fósforos.

Neste truque, dá-se a uma pessoa seis fósforos e pede-se-lhe que, com eles, forme o contorno de quatro triângulos equiláteros. Ela começa, confiante, a fazer arranjos triangulares, mas a confiança depressa esmorece. Na verdade, acaba por desesperar de encontrar a solução. O problema só pode ser resolvido quando lhe ocorre manipular os fósforos em três dimensões e não em duas, e fazer uma pirâmide erguida em vez de uma combinação infrutífera de triângulos planos.

O enigma do homem é, em certo sentido, comparável ao problema dos fósforos. Só através de uma dimensão acrescentada — neste caso, a dimensão do tempo — parece provável que o homem consiga compreender-se.

O nascimento e a morte do corpo humano são comumente considerados o início e o fim do homem. Mas se pudesse ser demonstrado cientificamente que o homem não é apenas um corpo, mas também uma alma que habita um corpo; e que, além disso, essa alma existia antes do nascimento e continuará a existir depois da morte, a descoberta transformaria a ciência psicológica. Seria como se se abrisse um poço desde as camadas superficiais do solo até estratos profundos da terra; a moderna psicologia «de profundidade» pareceria superficial como um buraco de cinco centímetros para plantar uma cebola, quando comparada com um poço de três quilómetros para extrair petróleo.

Antes de mais, tal dimensão acrescentada de tempo ampliaria a compreensão humana dos traços de personalidade. Há já algum tempo que os psicólogos vêm fazendo estudos estatísticos e clínicos minuciosos das qualidades que compõem a personalidade. Estes estudos são monumentos à engenhosidade da mente humana; tiveram muitas aplicações práticas no trabalho de recursos humanos, na orientação vocacional e na psicologia clínica — e, no entanto, representariam apenas o estreito primeiro plano do homem.

A aceitação do princípio da reencarnação lança um holofote de iluminação sobre o fundo não observado. A paisagem assim iluminada tem um fascínio estranho e belo em si mesma, mas a sua principal importância é que, nela, podem discernir-se os caminhos lentos e sinuosos pelos quais os traços, capacidades e atitudes do presente foram alcançados. Ou, mudando a

analogia, é como se a reencarnação revelasse os oito nonos submersos de um iceberg, de que os psicólogos vinham examinando cuidadosamente o nono visível.

Os arquivos de Cayce fornecem numerosos exemplos desta dimensão adicional — o tempo — e da forma como ela explica a personalidade presente. Numa leitura, Cayce contou a história de um soldado da Gália que foi feito prisioneiro por Aníbal e forçado a remar nas galés dos navios mercantes. Foi cruelmente tratado pelos seus capatazes negros, um dos quais acabou por espancá-lo até à morte. Isto aconteceu há três vidas, mas o ódio à raça negra, gerado por essa experiência intensamente dolorosa, persistiu, profundo no inconsciente, ao longo de quase vinte e dois séculos. Na sua encarnação mais recente, a entidade foi um agricultor do Alabama. Ao longo da vida, odiou os negros com um veneno feroz e implacável; chegou mesmo, a certa altura, a fundar uma Sociedade para a Supremacia da Raça Branca.

Este é um exemplo típico de um resquício atitudinal transportado de uma vida para a seguinte. Há dezenas de exemplos semelhantes nos arquivos das leituras de vida. Uma certa colunista de jornal alimentou durante muitos anos uma atitude intensamente antissemita. A sua leitura de vida mostra que isto provém de uma experiência na Palestina, quando ela foi uma das samaritanas que entravam em conflitos frequentes e violentos com os seus vizinhos judeus.

Uma mulher solteira de trinta e oito anos tivera vários romances na vida, mas nunca conseguiu comprometer-se com o casamento, por causa de uma desconfiança profunda em relação aos homens. Essa cautela vinha de uma experiência anterior, em que o marido a abandonara para ir às Cruzadas.

Uma mulher cuja tolerância de crenças religiosas era notável foi informada de que adquirira essa qualidade enquanto cruzada entre os muçulmanos. Ao contactar com pessoas de uma fé diferente, apercebeu-se, pela primeira vez, de que idealismo, coragem, bondade e misericórdia existem também entre não cristãos; e a impressão foi tão forte que lhe deixou um sentido duradouro de tolerância religiosa.

Por outro lado, um redator publicitário, de ceticismo marcante em matéria religiosa, também fora cruzado e ficara tão profundamente desgostoso com a disparidade entre profissão de fé e prática real entre as pessoas com quem convivera que adquirira uma desconfiança profunda em relação a todas as profissões externas de fé.

Aqui vemos, portanto, três tipos de atitudes — perante a raça, perante o sexo oposto e perante a religião — cuja base teria sido, presumivelmente, lançada numa encarnação anterior. Naturalmente, em cada caso, teriam de existir certas circunstâncias ambientais contemporâneas para evocar tal resposta. O homem que odiava os negros nasceu no Sul, em 1853, e os costumes e tradições do seu meio forneceram uma cultura favorável ao germe

do sentimento de dominação racial. Possibilidades semelhantes de influência contemporânea podem ser invocadas nos outros casos citados, ou em quaisquer dos numerosos exemplos análogos nos arquivos de Cayce; mas a intensidade de muitas destas atitudes, e o facto de outras pessoas expostas às mesmas influências ambientais não reagirem do mesmo modo, pareceriam favorecer uma causa mais profunda do que a que é observável nas circunstâncias da vida presente.

Os psiquiatras concordam que as atitudes principais da psique nascem do inconsciente. O princípio da reencarnação apenas amplia o âmbito do inconsciente, para incluir as dinâmicas da experiência de vidas passadas. Tal como no caso da doença física, acrescenta-se um horizonte temporal mais longo, dentro do qual o ponto de origem pode ser encontrado.

Tal como as atitudes, os gostos, desgostos e interesses das pessoas são um componente importante da personalidade humana. Os instintos básicos de instinto de sobrevivência, reprodução e domínio estão intimamente envolvidos em todos os interesses mais superficiais da nossa vida. Contudo, para além das necessidades básicas comuns a toda a humanidade, existe grande diversidade na forma como estes impulsos primários se exprimem como interesses e entusiasmos em pessoas diferentes.

Na mesma família de cinco filhos, por exemplo, um pode interessar-se vivamente por borboletas, outro por música, um terceiro por mecânica, um quarto por pintura e um quinto por travessuras. Para esta diversidade de talento e perspetiva, a explicação psicológica habitual é que a constituição de cada indivíduo é determinada, em primeiro lugar, pela herança genética, e, em segundo lugar, por factores psicanalíticos de posição e experiência na constelação familiar. Esta explicação é inteiramente razoável até onde vai; mas, para quem alarga o seu horizonte de investigação a incluir sequer a possibilidade de reencarnação, é insuficiente. As leituras de Cayce situam o talento e o interesse firmemente na hereditariedade da própria alma, e não na hereditariedade dos avós. Na nossa família hipotética de cinco, teria de ter havido, segundo a visão de Cayce, circunstâncias em vidas anteriores que lançaram a base para a inclinação presente.

Os arquivos de Cayce contêm os seguintes exemplos de origem, em vidas passadas, de interesses. Um certo dentista de Nova Iorque nasceu e cresceu na metrópole onde hoje exerce com sucesso a sua profissão. A sua família, por muitas gerações, foi de gente urbana. Embora feliz na profissão e entusiasta da vida citadina, periodicamente sente um impulso de ir para os campos e ribeiros com a sua espingarda e cana de pesca e acampar sozinho na natureza. Este intenso interesse pela natureza e pela vida ao ar livre, embora não seja invulgar, é um elemento inconsistente no seu carácter totalmente urbano — mas, à luz do princípio da reencarnação, torna-se compreensível. Segundo a sua leitura de Cayce, foi, na vida anterior, um

dinamarquês que veio para este país no tempo dos primeiros assentamentos holandeses. Viveu em Nova Jérсия, numa região de muitos pântanos, lagos e rios, e tornou-se caçador de peles e comerciante de peles. A fome de bosques e rios permanece nele, embora agora tenha de ser subordinada à principal tarefa de vida da encarnação presente.

Muitas pessoas sentem uma atração intensa por uma localidade geográfica específica. Essa atração é frequentemente atribuída pelas leituras a uma estada feliz ali noutra vida. Uma certa empresária da costa leste, por exemplo, ansiou durante muitos anos por ir para o sudoeste dos Estados Unidos. Finalmente conseguiu fazer a mudança e vive hoje no Novo México, onde trabalha como executiva hoteleira. Segundo a sua leitura, tivera duas experiências anteriores nessa zona do país, e o amor pela região persistira ao longo dos séculos intermédios.

Quatro pessoas que tinham, respetivamente, um amor pronunciado pelas ilhas do Mar do Sul, por Nova Orleães, pela Índia e pela China, foram informadas de que já tinham tido experiências nesses lugares e que, por essa razão, sentiam uma forte afinidade por eles.

O interesse por certos tipos de atividade artística ou profissional é igualmente atribuído, pelas leituras, a experiência passada. O interesse absorvente de uma mulher pela dança e drama gregos surgiu de uma experiência na Grécia, quando essas formas de arte estavam no auge. O interesse marcado de um rapaz pela telepatia tinha base numa encarnação em Atlântida como professor de psicologia e transmissão do pensamento; o interesse quase fanático de uma bela rapariga pela aviação também provinha de uma experiência atlante como piloto e diretora de comunicações. O interesse de uma mulher em ajudar crianças deficientes teve origem numa experiência na Palestina, quando, sob a influência dos ensinamentos de Jesus, começou a socorrer os aleijados e doentes. Um engenheiro de investigação, durante muitos anos ativo no movimento Tecnocrata, fora outrora um atlante envolvido na administração científica do país.

Esta transferência de interesse do passado pareceria manifestar-se com particular nitidez na história de vida de pessoas notáveis. Falamos aqui não com base numa leitura de Cayce feita sobre tais pessoas, mas com base em factos biográficos conhecidos, interpretados à luz dos dados de Cayce.

Considere-se, por exemplo, o caso de Heinrich Schliemann, o arqueólogo alemão que descobriu os vestígios da cidade enterrada de Troia e assim estabeleceu a base histórica para o grande épico homérico. Era filho de um pastor pobre de uma aldeia do Norte da Alemanha e, no entanto, desde a infância ficara fascinado pela história da *Ilíada* e concebera a ambição de aprender grego e encontrar o local original da história troiana.

Durante os primeiros trinta e cinco anos da sua vida, Schliemann reuniu a fortuna que lhe permitiu mais tarde alcançar o seu propósito arqueológico. Tornou-se um linguista extraordinário, mas era sobretudo um entusiasta do grego e de tudo o que fosse helénico. Nos anos posteriores usava formas homéricas de tratamento na conversa, e o seu biógrafo relata que segurava uma cópia de Homero sobre a cabeça do filho e recitava-lhe versos homéricos antes de o entregar ao padre grego para ser batizado. Este é apenas um entre centenas de extravagâncias entusiásticas semelhantes. Um ardor tão desmedido torna-se compreensível se o vírmos como uma forma de saudade de casa da alma, que recorda uma era em que foi feliz e tenta restabelecer-se no mesmo meio.

Inúmeros outros exemplos do mesmo género sugerem-se a partir dos anais da biografia. Outro caso impressionante é o do escritor Lafcadio Hearn. Nascido numa ilha jónica, filho de pai irlandês e mãe grega, Hearn vagueou da Grécia para a Inglaterra, depois para a América, para as Índias Ocidentais Francesas e, por fim, encontrou o seu “verdadeiro lar espiritual” no Japão, onde casou com uma mulher japonesa, assumiu um nome japonês e se tornou professor numa escola japonesa. A sua extraordinária apreensão intuitiva do ponto de vista japonês, a sua notável capacidade de interpretar os japoneses aos ocidentais e os ocidentais aos japoneses, parecem menos extraordinárias se as encarmos como o resultado de uma possível encarnação japonesa anterior, que ele foi irresistivelmente impelido a recriar.

T. E. Lawrence é outro exemplo de um homem que, como refere um biógrafo, “tinha isso no sangue”: a capacidade de lidar com mestria com os árabes e, de facto, de se tornar um deles. Nunca se sentiu “em casa” na sua pátria inglesa nem junto da sua família inglesa. A escola aborrecia-o, exceto quando se tratava das Cruzadas e do estudo de castelos e fortificações medievais. O seu sucesso fenomenal como líder militar dos árabes pode talvez ser compreendido como a conclusão de alguma aventura anterior na Idade Média, quando ele próprio era árabe e estratega militar, e morreu antes de cumprir aquilo que, inconscientemente, concebia como o propósito da sua encarnação.

Interesses exóticos como estes não se encontram apenas entre os grandes e os quase grandes; encontram-se também entre as pessoas que fazem parte do nosso círculo de conhecidos.

Os traços de carácter, tal como os interesses e as atitudes, são elementos importantes na análise da personalidade, e os arquivos de Cayce fornecem alguns exemplos fascinantes da sua origem em vidas passadas. A esposa de um certo milionário do Centro-Oeste era extremamente autoritária e dominadora. A sua leitura de vida atribuía essa tendência ao facto de ela ter sido professora no Ohio inicial e de ter ocupado posições de autoridade em encarnações na Palestina e na Índia.

Um rapaz revelou, desde a primeira infância, uma disposição extremamente argumentativa e demonstrou agudos poderes de raciocínio. Esses traços tiveram origem numa encarnação como homem do direito na época da instituição do julgamento por júri por Alfredo, o Grande, e noutra encarnação como juiz na Pérsia.

Uma mulher de tendências místicas e quietistas tinha sido, na vida anterior à presente, a dirigente de um retiro religioso no início do século XIX. Um jovem rico, cujo alcoolismo escapista era o desespero e a vergonha da sua distinta família, lançara as bases dessa fraqueza numa experiência dissoluta durante a Corrida ao Ouro.

Centenas de casos semelhantes a estes podem ser encontrados nos arquivos das leituras de vida. Qualquer pessoa familiarizada com a Psicologia das Diferenças Individuais e com os problemas de que ela trata não pode deixar de reconhecer que este material, se for verdadeiro, confere uma profundidade e abrangência inteiramente novas à Psicologia Diferencial.

O cerne da questão é o seguinte: a psicologia moderna assume que as diferenças entre os seres humanos são determinadas principalmente pelos genes dos pais e, em segundo lugar, pelas influências ambientais. Segundo a visão reencarnacionista, porém, a hereditariedade e o ambiente são eles próprios o resultado de determinantes cármicos de vidas passadas, e cada qualidade da alma é conquistada por si mesma, em vez de ser transmitida pelos pais.

Existe uma certa falácia na teoria da hereditariedade que não é geralmente reconhecida. Pela perspectiva hereditária, presume-se que fenómenos de ordem mental podem ser criados por fenómenos de ordem biológica. Recordando a cativante e ingênua audácia de Einstein (“Como descobriu a relatividade?” “Desafiando um axioma!”), talvez valha a pena desafiar o pressuposto fundamental em que se baseia a teoria hereditária. O conhecimento humano da relação mente-corpo ainda se encontra, sem dúvida, na sua infância; contudo, parece mais credível e psicologicamente mais sólido acreditar que fenómenos de ordem mental devem ser, em grande parte, causados também por fenómenos mentais anteriores.

“Tudo aquilo que sois”, disse Buda, “é o resultado do que pensastes”. No budismo — essa religião excelente e psicologicamente rigorosa — a reencarnação é, naturalmente, um ensinamento central; Buda ensinou que as qualidades de um homem são o resultado dos seus modos de pensar e agir em vidas passadas. Mesmo de um ponto de vista meramente mecanicista, parece razoável argumentar que apenas o esforço pessoal repetido pode explicar a capacidade pessoal. Se assim for, então é inferencialmente necessário que as diferenças entre as dotações humanas no presente se devam a diferenças de esforço humano no passado.

Ralph Waldo Emerson — um ávido estudante do pensamento oriental e leitor devotado da *Bhagavad-Gita*, a bíblia hindu — compreendeu plenamente este conceito. Ele surge implicitamente em grande parte do que escreveu, mas torna-se particularmente explícito no seu ensaio sobre a experiência. O ensaio começa:

Onde nos encontramos? Numa série cujos extremos desconhecemos e acreditamos não ter.

Despertamos e encontramos-nos numa escada; há degraus abaixo de nós que parece termos subido; há degraus acima de nós, muitos deles, que seguem para cima e fora de vista. Mas o Génio que, segundo as antigas crenças, está à porta por onde entramos e nos dá a beber o Letes para que não contemos histórias, misturou a taça com demasiada força, e agora, ao meio-dia, não conseguimos afastar a letargia.

O uso que Emerson faz da palavra “série” sugere a natureza evolutiva de toda a vida; a sua imagem da escada é uma representação particularmente vívida de como as capacidades humanas parecem avançar para cima à medida que as vidas se sucedem. O crescimento dos traços e talentos parece, de facto, revelar nos dados de Cayce uma espécie de continuidade de natureza escalonada. Este facto sugere o nome “**Princípio da Continuidade**”, que pode ser ilustrado da seguinte forma:

A tabela precedente mostra como uma entidade avança gradualmente na aquisição de qualquer traço (como honestidade, coragem, altruísmo) ou talento (aptidão musical, faculdade artística, perspicácia matemática, etc.). Se seguíssemos, por exemplo, o progresso da entidade aqui representada no que respeita à aptidão musical, poderíamos ver que, na Vida 1, começou a usar um instrumento musical rudimentar, talvez uma cana. Nas Vidas 2, 3 e 4 utilizou outros instrumentos musicais de épocas culturais posteriores, aumentando gradualmente as faculdades de altura, ritmo, memória melódica e assim por diante, que constituem os componentes daquilo a que chamamos talento musical. Finalmente, na Vida 35, ele “nasceu com” um talento extraordinário ou mesmo com aquilo que é conhecido como génio.

A nova profundidade que este conceito confere à Psicologia das Diferenças Individuais é ainda mais claramente demonstrada pela tabela seguinte, na qual João e Pedro são comparados quanto ao talento musical desde o momento do nascimento na Vida 40.

O quadro revela que a entidade chamada Pedro se dedicou à música ao longo de muitas vidas passadas. A entidade chamada João deu alguma atenção à música, mas não muita. Na nossa escala arbitrária de graus de talento musical, digamos que 60 é o equivalente a “génio”. No momento do nascimento, Pedro é, então, um génio musical; João, apenas o possuidor de um grau simples de talento. Diagramas semelhantes poderiam ser traçados

relativamente a qualquer capacidade humana e, assim, revela-se a base para uma ciência das Diferenças Individuais; a razão das diferentes dotações humanas à nascença torna-se clara.

Infelizmente, muitas pessoas que aceitam a ideia cármica tendem a pensar no karma apenas em termos de punição e sofrimento. Mas é preciso recordar que karma significa literalmente ação, o que é uma palavra neutra. Tudo no universo manifesto tem a sua polaridade, ou os seus aspetos positivo e negativo; o karma não é exceção. Obviamente, a ação pode ser má ou boa, egoísta ou altruísta. Se a conduta é boa, nada a impede de continuar; ela prossegue por crescimento natural e pode, como se sugeriu, ser chamada **Princípio da Continuidade do karma**. Se, porém, a conduta é flagrantemente má ou impura, tem de ser corrigida; isso processa-se pela lei da ação e reação e pode ser chamado **Princípio Retributivo do karma**.

Pelo Princípio Retributivo somos reconduzidos, através da dolorosa força equilibradora do karma, ao estreito caminho do aperfeiçoamento pessoal. Mas pelo Princípio da Continuidade fazemos um progresso tranquilo e ininterrupto ao longo desse mesmo caminho. Como o náutilo de câmaras, vamos construindo para nós próprios, à medida que as vidas passam, moradas cada vez mais majestosas para a alma. E, por fim, somos livres.

Capítulo 10

Tipos Humanos

Quando Robert Benchley disse: “Há dois tipos de pessoas no mundo: aquelas que dividem o mundo em dois tipos de pessoas e aquelas que não o fazem”, estava a formular, com o seu maravilhosamente excêntrico génio, uma tipologia tão válida como muitas outras.

Estava também a apontar para uma distinção fundamental entre os psicólogos dos últimos anos, no que respeita às suas conceções da personalidade humana. Há os psicólogos que dividiram o mundo em certos tipos de pessoas e há os que não o fizeram. Os primeiros aderem ao que se chama a **teoria dos tipos** da personalidade humana; os segundos, à **teoria dos traços**. Ambas as teorias são tentativas de analisar as diferenças entre os seres humanos.

Na nossa experiência quotidiana com os outros, todos nós acabamos por reconhecer certos tipos diferentes, que classificamos segundo sistemas de valores por nós próprios concebidos. Há o tipo sociável e fácil de conversar, o tipo reservado e difícil de abordar, o tipo egoísta, o tipo egocêntrico, e assim por diante. Muitos psicólogos concluíram também que as pessoas se organizam em agrupamentos fundamentais; e foi natural que tentassem estabelecer uma base científica para esses agrupamentos ou tipos que sentiam

existir. Deste ponto de vista surgiram muitas tipologias, nomeadamente as de Jung, Spranger, Kretschmer e Rosanoff, todas elas merecedoras de sério reconhecimento científico.

Como um sábio Salomão, o princípio da reencarnação apoia tanto a teoria dos traços como a teoria dos tipos da personalidade; mas também evidencia a incompletude de ambas. Se considerarmos um sistema de tipos à luz das leituras de Cayce, veremos como isso é assim.

A tipologia científica talvez mais conhecida do público em geral é a originada por Carl Jung — a tipologia introversão-extroversão. Segundo a formulação original de Jung, a distinção fundamental entre todas as personalidades humanas reside na sua orientação para realidades externas ou internas. Isto pode ser visto no latim original dos termos que escolheu para o efeito: *vert*, significando “voltado”; *intro*, “para dentro”; e *extra*, “para fora”.

Na opinião dos reencarnacionistas, porém, Jung e os psicólogos que o seguiram não forneceram explicações últimas satisfatórias para o facto de uma pessoa ser, por assim dizer, destinada pela vida à introversão e outra à extraversão. Estas duas situações psíquicas básicas são atribuídas por Jung e pela maioria das autoridades a causas biológicas; a visão reencarnacionista é, aqui como noutros domínios, a de que as causas biológicas são apenas secundárias, sendo a conduta em vidas passadas um determinante primário.

A forma como a experiência de encarnações passadas predispõe para a introversão é claramente visível em muitos casos nos arquivos de Cayce. Uma análise desses casos indica que o Princípio da Continuidade parece operar aqui através da transferência de certos elementos atitudinais, ou “conjuntos” mentais, na psique.

Um caso em que isso é claramente demonstrado é o de uma rapariga de vinte e um anos, estudante universitária com alguma aptidão musical. Apesar da sua atração pessoal, era anormalmente tímida e receosa, tinha grande dificuldade em fazer amigos e estava preocupada por não ter sido admitida numa fraternidade universitária feminina. As circunstâncias iniciais da vida desta rapariga não são conhecidas — muito provavelmente existiram factores na sua formação familiar que explicariam o facto de ela ser introvertida ou, como Overstreet lhe chamou, um tipo contrativo.

Segundo a sua leitura de vida, porém, esta disposição temperamental tinha origem numa vida passada. Ela fora uma dama francesa de grande talento, beleza e afabilidade, mas o seu marido, tal como o altivo duque no poema de Browning *My Last Duchess*, não suportava ver a sua graciosidade estendida a todos indistintamente. Consequentemente, suprimiu todos os seus impulsos naturais com uma tirania fria e impiedosa, chegando por vezes a açoitá-la com um chicote. Isso levou-a a recolher-se temerosamente em si

própria; o medo de ser mal-interpretada e castigada persistira no seu inconsciente até ao presente.

Um padrão semelhante de repressão surge no caso que se segue, embora as circunstâncias pessoais e históricas sejam bastante diferentes. O jovem tinha vinte e oito anos na altura da sua leitura; era de natureza estudiosa e introvertida. Na sua vida passada, segundo Cayce, sofreu perseguição em Salem durante os julgamentos por bruxaria. Esta experiência teve um efeito duplo no seu temperamento atual. Em primeiro lugar, deixou-lhe um ódio a todas as formas de opressão. Em segundo lugar, deu-lhe um forte impulso para estudar e um impulso igualmente pronunciado para guardar o seu conhecimento para si próprio.

Importa notar que as leituras apresentaram uma interpretação ligeiramente diferente dos julgamentos das bruxas de Salem daquela que é normalmente dada pelos historiadores. Ou seja, as leituras indicam que existiu então uma verdadeira epidemia de fenómenos espiritistas e que várias pessoas estavam a viver experiências autênticas de natureza psíquica ou mediúnica, o que, naturalmente, ofendia as conceções ortodoxas da época. No caso deste jovem, a leitura não indica com precisão qual terá sido a sua experiência, mas — a julgar por outros casos do período de Salem constantes nos arquivos — pode ter acontecido que, num impulso de relatar alguma estranha experiência psíquica própria ou testemunhada, ou num impulso de defender alguém que a histeria popular havia condenado, tenha sido preso e brutalmente perseguido. Até um cão ou um gato que tenha sido maltratado aprende a desconfiar da humanidade. Assim, não é difícil compreender porque é que, nos recessos profundos do inconsciente deste homem, existia o instinto de ser cauteloso em relação aos outros, de hesitar em procurar a sua companhia ou em revelar tudo o que sabia.

Os arquivos de Cayce registam muitos casos relacionados com experiências em Salem semelhantes à acima descrita e que resultaram numa tendência contrativa semelhante. Outros casos ainda revelam causas diferentes para o retraimento psíquico. Um médico de natureza marcadamente reservada adquirira essa tendência na prática do silêncio enquanto quacre numa vida anterior. O temperamento de um diretor de vendas de Nova Iorque revelava grande falta de sociabilidade; numa vida passada fora explorador e levava uma vida solitária e autossuficiente na África do Sul.

Uma estudante do ensino secundário sentia um profundo sentimento de inferioridade; uma experiência como rapariga indígena americana, que se sentira irremediavelmente inferior aos colonos brancos, lançara as bases da sua timidez. Um médico do Ohio, embora competente na sua profissão, tinha uma disposição extremamente retraída e experimentava constantemente dúvidas sobre si próprio. A origem dessa tendência foi vista numa experiência colonial em que fizera esforços desinteressados em prol do bem-estar público

na Geórgia inicial. A sua contribuição foi injustamente menosprezada e ridicularizada; tornou-se, assim, desiludido e amargo e, duvidando tanto de si próprio como da humanidade, recolheu-se em si mesmo.

A introversão, portanto, segundo o testemunho dos casos acima referidos e de muitos outros constantes nos arquivos de Cayce, procede numa continuidade natural de uma vida para a seguinte, tendo origem numa experiência que levou o ego a retrair-se.

O Princípio da Continuidade atua de modo semelhante no caso da extraversão. Um exemplo notável é o de uma mulher — divorciada, no final da casa dos trinta — com uma personalidade completamente desinibida, atualmente envolvida na sua terceira tentativa matrimonial. A base da sua vivacidade e competência social foi lançada, segundo a leitura de Cayce, em duas vidas passadas: uma como artista de salão de dança nos primórdios da vida de fronteira; outra como uma das amantes de Luís XIV na corte de França. Da última experiência vieram os seus dons de diplomacia e fascínio e a capacidade, como refere a leitura, de “enrolar todos à volta do seu dedo, do rei à criada da cozinha”. Como artista de salão de dança, explorou esses dons e desenvolveu-os ainda mais, até que uma inversão de fortuna e uma mudança de coração a levaram a tornar-se uma espécie de anjo protetor na sua comunidade.

Um segundo exemplo interessante é o caso de um artista e mágico nova-iorquino, de grande encanto pessoal, que faz amigos com facilidade e possui um marcado dom para o cómico. Estas invejáveis tendências extravertidas são atribuídas pela leitura a duas experiências passadas. A primeira foi como colono nos primórdios do vale do Mohawk, onde tentou unificar os vários povoamentos da região. “Embora a entidade tenha tido uma vida curta, as capacidades adquiridas durante essa estada e a imediatamente anterior conferem-lhe, no presente, os seus poderes de atrair e influenciar as pessoas.”

Grande parte da capacidade de liderança e do encanto deste homem tem origem, assim, nas suas lutas idealistas na América inicial; grande parte da sua rapidez de espírito e da perceção do cómico provém da vida anterior como uma espécie de bobo da corte de Henrique VIII, em Inglaterra. Aparentemente, esteve ativo na política, teve um interesse sério em promover o bem-estar do país e desenvolveu a sua arte para vantagem diplomática na corte.

Em suma, todos os casos de extraversão nos arquivos de Cayce parecem ser o resultado de uma atividade socialmente expansiva de um tipo ou de outro em vidas passadas.

É interessante analisar como personalidades introvertidas se tornam extravertidas e vice-versa ao longo de muitas vidas. Deve recordar-se que, etimologicamente, as palavras “introversão” e “extraversão” significam um voltar da atenção para dentro ou para fora; os próprios termos implicam uma

direção do movimento psicológico. Assim, parece que o movimento psicológico para dentro ou para fora, como qualquer outro tipo de movimento, tende a continuar na sua trajetória até ser forçado a parar.

Uma alma pode seguir durante muitas vidas com a placidez saudável de um animal, que não pode ser considerado nem introvertido nem extravertido. Mas depois, na Vida 19, suponhamos que acontece algo que faz essa alma voltar-se para dentro de si própria. Talvez um pé coxo ou uma constituição física frágil lhe tornem impossível viver com a mesma extraversão saudável e descontraída dos seus semelhantes.

A tendência para o interior assim iniciada é, no início, algo saudável (embora talvez desconfortável). Mesmo surgindo inicialmente como um mecanismo de compensação, é benéfica na medida em que aguça a capacidade de análise do homem, o seu sentido de valores e a sua consciência de realidades não materiais. Contudo, a inércia do movimento leva-o a persistir na direção interior até que, com a crescente preocupação pessoal, constrói para si uma torre de marfim onde o resto do mundo já não parece necessário nem digno de atenção. Um sentimento de distanciamento e de fria superioridade isola-o cada vez mais dos seus semelhantes; uma atitude negativista começa a torná-lo inativo e antissocial.

Estas tendências persistem com intensidade crescente nas Vidas 20 e 21, até que, por fim, o movimento interior doentio e as causas cármicas postas em marcha pelos pecados de omissão ou comissão para com os outros provocam uma rutura de um tipo ou de outro. Esta situação intolerável, este impasse, acaba por assustar o ego, levando-o a determinar-se a mudar a direção da sua atenção. Para recorrer a uma analogia simples (e incompleta), é como se uma unha encravada fosse deixada crescer sem preocupação até que, finalmente, a dor se tornasse tão intensa que o hospedeiro indolente decidisse ir a um podologista e mandá-la remover.

A bancarrota da sua situação na Vida 22 leva, então, aos esforços desesperados do ego para se tornar mais sociável e expansivo. Na Vida 23 o impulso terá ganho ímpeto em virtude da vida terrena mais a estada planetária; esse ímpeto continua com força nas Vidas 24 e 25, até que, finalmente, na Vida 26 surge um extravertido pleno, ou tipo expansivo.

Mas agora surge outro período crucial. Conseguirá ele manter-se extravertido e bem ajustado à sociedade sem explorar os seus dons sociais para a autoindulgência e a enaltecimento pessoal? Tal como o extremo da introversão encerra perigos subtis para as tendências presunçosas do ego solitário, também o extremo da extraversão encerra perigos subtis para as inclinações hedonistas do ego socialmente competente. Assim, na Vida 26, o nosso sujeito torna-se arrogante e sensual, e descobrimos nele uma conduta

egoísta nascida da sua complacente competência social e da sua autoconfiança.

Quando o egoísmo entra em ação, porém, o karma entra em jogo. Assim, na Vida 27 ou 28 encontramos uma personalidade ricamente dotada, mas moldada por circunstâncias precoces da vida em tendências introvertidas e, muito possivelmente, neuróticas, de tal modo que é forçada a pensar novamente em termos sociais e a agir com bases mais espirituais, se quiser sobreviver como personalidade.

Segue-se novamente uma luta pelo equilíbrio. E assim descobrimos que a clássica tese, antítese e síntese de Hegel podem ser mais do que um padrão hipotético de movimento nos acontecimentos históricos; podem também representar o padrão de movimento no crescimento da alma. Parece, então, que as grandes áreas de orientação temperamental chamadas introversão e extraversão, ou expansividade e contratividade, existem efetivamente como estados da alma; representam uma verdadeira intuição, respetivamente, por parte de Jung e de Overstreet, e são duas atitudes fundamentais e polarmente opostas da psique. Mas existem não como gavetas de uma secretária, nas quais se possam arrumar os nomes de todas as pessoas do mundo, mas mais como albergues de um parque de campismo, onde, em algum momento ou outro, todos os viajantes pernoitam.

A introversão e a extraversão parecem ser opostos polares tal como o feminino e o masculino são opostos polares. E tal como a alma por vezes encarna num corpo feminino e outras vezes num corpo masculino, mas tem de aprender as virtudes de ambas as polaridades para se tornar andrógina, do mesmo modo a alma torna-se (em vidas sucessivas ou ciclos de vidas) tanto predominantemente introvertida como predominantemente extravertida, embora o seu propósito último seja adquirir a força de ambas e tornar-se ambivertida. O processo parece prosseguir através de oscilações pendulares até que, finalmente, a alma se torna tão requintadamente equilibrada numa atitude de pura receptividade e pura expressão, de puro olhar interior e puro movimento para fora, que os termos “introvertido” ou “extravertido” já não lhe poderiam ser aplicados mais do que a um carvalho.

Nos arquivos de Cayce existem muitos casos de ajustamento social bem-sucedido e malsucedido que fornecem provas corroborantes dos princípios agora expostos. Um desses casos diz respeito a uma mulher de natureza marcadamente faladora, agressiva e extravertida. A sua ambição inicial fora ser atriz, mas circunstâncias familiares difíceis, aliadas a uma figura algo baixa e atarracada, tornaram esse objetivo inatingível, levando-a a ingressar no mundo dos negócios. Segundo a sua leitura de vida, fora artista na época da Revolução Americana. Alcançara posição social e luxo, mas à custa do princípio pessoal. As suas capacidades de influenciar os outros e os seus dons conversacionais e dramáticos tiveram origem nessa estada, mas, por os ter

usado então “sem discernimento espiritual”, como refere a leitura, enfrenta agora frustrações no presente.

Esta entidade parece encontrar-se atualmente naquele período crucial acima referido. A sua estrutura corporal e as suas circunstâncias familiares inibiram a expressão dos seus dons dramáticos de forma profissionalmente espetacular; a sua capacidade conversacional parece relativamente desinibida, mas é explicitamente advertida pela leitura para não usar os seus dons de expressividade sem discernimento espiritual, com a implicação de que algo pior lhe poderá acontecer.

Casos como este mostram a inextricável ligação entre problemas espirituais e vocacionais. Frequentemente, uma frustração vocacional ocorre, como neste caso, não por falta de capacidade, mas devido à existência de algum defeito espiritual cuja correção seria impossível se a ambição vocacional fosse concretizada. A leitura aconselhou esta mulher — tinha trinta e dois anos na altura — a tornar-se leitora de histórias, acompanhante de jovens ou de pessoas confinadas a casa, ou, em qualquer caso, a utilizar os seus dons de forma construtiva e altruísta.

Outro caso que apresenta um quadro de circunstâncias psicológicas corretivas no presente, tornadas necessárias pelo uso indevido de dons extravertidos no passado, diz respeito a uma mulher de quarenta e nove anos, secretária particular em Washington, D.C. As suas cartas revelam que se sente indesejada em qualquer grupo social em que entra — provavelmente porque, em criança, os irmãos e irmãs mais velhos a excluía da sua companhia.

Ela escreve: “Cresci com um complexo de medo, que me acompanhou sempre. Quando estou num grupo, sinto sempre que não sou desejada e fico sem saber o que fazer ou dizer. Quero participar, mas não sei como... Tenho sempre a sensação de que tenho de fazer mais do que se espera de qualquer outra pessoa, com receio de não ser apreciada. Por isso, sacrifico o meu conforto e a minha saúde para fazer algo por alguém. Quero ser necessária.” Relata ainda que teve três relacionamentos amorosos dececionantes, em dois dos quais o homem, apesar de lhe assegurar o seu amor, a deixou e casou com outra pessoa.

A leitura de vida indica que ela fora anteriormente uma das primeiras colunas no Ohio; fora amável no trato com os outros, mas apenas para fins egoístas. “Assim, a entidade desiludiu muitos, embora estivesse satisfeita com aquilo que alcançou. A entidade exerceu poder entre aqueles mesmos indivíduos que hoje são problemas na experiência. Usar os outros como degraus é enterrar-se num karma que terá de ser enfrentado dentro de si.”

O universo é honesto. Devolve, medida por medida, aquilo que nele foi colocado. Como um verdadeiro espelho refletidor, as circunstâncias da vida desta mulher revelavam as circunstâncias que ela própria havia, outrora, criado

na vida dos outros. Na realidade, na sua encarnação anterior, não desejara a companhia de outras pessoas — exceto na medida em que isso lhe pudesse trazer benefício. Na sua encarnação presente, a sua posição na família durante a infância foi tal que sentiu que a sua própria companhia era indesejada. Foi assim conduzida a uma insegurança e a uma introversão que persistiram ao longo da sua vida adulta. Era suficientemente afável e possuía suficientes dons sociais para atrair vários homens, mas, embora eles a levassem a acreditar que a amavam, em todos se desiluiu.

Por sua própria admissão, o sentimento de não ser desejada e a sua introversão levaram-na a esforçar-se por ajudar outras pessoas, para que pudesse ser apreciada e necessária. Deste modo, está a cumprir-se o propósito corretivo e benéfico do karma. A competência social, mal utilizada no passado em egoísmo e insinceridade, conduziu a uma inibição social no presente, da qual ela só pode escapar através de um altruísmo sincero.

A experiência de se sentir desiludido com as pessoas parece ser bastante comum e quase invariavelmente parece ser um exemplo de **karma boomerang** ao nível psicológico. Nenhum resumo mais conciso disto se encontra nas leituras do que o parágrafo seguinte, proferido — como indicam os *itálicos* — em tom enfático:

“A entidade foi muitas vezes desiludida pelos outros. Sabei esta primeira regra, uma lei eterna: a semente lançada um dia deve ser colhida. Desiludistes outros. Hoje, a partir das vossas próprias desilusões, deveis aprender a paciência, a mais bela de todas as virtudes e a menos compreendida.”

É típico do extravertido ser descuidado em relação aos sentimentos dos outros; não poderia haver corretivo melhor do que vir, mais tarde, a encontrar-se vítima da insensibilidade alheia, à mercê dos outros por causa da sua própria ineptidão social, agora introvertida.

Estes e muitos casos semelhantes sustentam o conceito de que uma tendência da alma prossegue sem impedimento, como que pela inércia do movimento, até que alguma corrupção interior estabelece um travão corretivo. É então induzida a direção oposta, de modo que, por fim, se atinge o estado diametralmente oposto. Estas alternâncias processam-se em oscilações de pêndulo até se alcançar o equilíbrio. A passagem entre os estados extravertido e introvertido oferece, assim, um paralelo quase exato com alternâncias de saúde e de fortuna.

Aqui examinámos as leituras apenas no que respeita a um sistema atual de tipos — o junguiano —, mas a mesma conclusão pode ser alcançada em todos os sistemas tipológicos até hoje formulados. Quer sejam tipologias psicológicas, como a classificação de Spranger dos homens com base nos seus “valores”, quer sejam tipologias corporais, como a de Kretschmer, todas se ocupam da manifestação externa de qualidades profundas da mente e do

espírito — qualidades que mudam de vida para vida através de um processo evolutivo. Seja qual for o juízo final da ciência sobre a validade das tipologias, parece que as leituras de Cayce estabelecem, para quem as aceita, pelo menos um facto: os sistemas atuais de tipologia não imprimem à alma qualquer marca eterna e definitiva. Por conveniência, pode dizer-se que uma personalidade pertence a um tipo ou a outro; mas qualquer que seja esse tipo, trata-se apenas de uma fixação temporária da consciência, apenas de uma etapa provisória no crescimento da identidade eterna.

Capítulo 11

Exemplos de Karma Psicológico Retributivo

Já vimos como o orgulho — um pecado do domínio moral — pode ter consequências tangíveis no domínio físico sob a forma de deformações incapacitantes. Os arquivos de Cayce incluem também muitos casos em que pecados do domínio moral resultam em graves problemas psicológicos. Entre estes, há dois casos notáveis de desajustamento cuja origem cármica reside no pecado da intolerância.

O primeiro caso é o de uma freira num convento francês no tempo de Luís XIV. Fora severa, fria e intolerante face às fraquezas humanas. A sua compreensão das Escrituras era puramente literal; conseqüentemente, desprezava aqueles que violavam a letra da lei.

O resultado cármico da sua intolerância manifestou-se pela primeira vez na sua encarnação atual sob a forma de uma perturbação glandular que persistiu durante a adolescência. Esta perturbação — um fluxo menstrual excessivo — tornou impossível à rapariga frequentar a escola com regularidade, confinou-a à cama durante quase duas semanas em cada quatro, tornou-a tímida e reclusa e, ao afastá-la de pessoas da sua idade, afetou todas as áreas da sua personalidade.

A perturbação acabou por passar. A rapariga desenvolveu uma figura bonita e tornou-se modelo profissional em Nova Iorque, e acabou por casar. A escolha do cônjuge foi, porém, infeliz. Tinham pouco em comum — ele era frio e pouco afetuoso; ela ansiava por afeto. Rebentou a Segunda Guerra Mundial e o marido foi para o estrangeiro. Começou então um período de intensa solidão. A tensão tornou-se insuportável e a rapariga foi para uma estância balnear, onde se entregou à bebida e a uma vida dissoluta. Descobriu que apenas um ou dois copos de álcool a libertavam das inibições sociais que ainda a oprimiam.

Uma vez iniciado esse caminho, era incapaz de parar; as suas bebedeiras tornaram-se cada vez mais longas. Por vezes bebia continuamente, dia e noite, durante três semanas, dormindo, entretanto com qualquer soldado, marinheiro,

aviador ou fuzileiro que lhe agradasse. Embriagada, não tinha uma única inibição civilizada em matéria de vestuário. Levava o lixo ao quintal, despreocupadamente, vestindo apenas um robe de casa desapertado, ou — a menos que fosse impedida — entrava alegremente na sala da pensão completamente nua.

Por fim, a sua saúde começou a quebrar sob a tensão da saturação alcoólica. As mãos começaram a tremer-lhe de tal forma que não conseguia assinar o seu nome nos cheques da prestação do marido. Num momento de sensata sobriedade decidiu deixar a estância, que era ponto de encontro de meia dúzia de campos militares e bases navais vizinhas, e regressar à cidade onde nascera. As suas cartas mais recentes mostram que ocupa um cargo de secretariado responsável, mas há várias indicações de outras fontes de que ainda bebe em alguma medida. Divorciou-se do marido.

Parece evidente que as suas degradações tiveram origem sobretudo na sua dificuldade de personalidade e que esta, por sua vez, teve origem numa perturbação glandular. (As glândulas, salientava muitas vezes Cayce, são pontos focais da expressão do karma.) Este mau funcionamento foi a consequência cármica direta da sua própria condenação dos outros, da sua própria falta de caridade de espírito; as fraquezas que ela condenara com tanta insensibilidade nos outros tornaram-se as suas próprias fraquezas. Deste modo, foi levada a compreender a necessidade interior do erro, a fome que impele os que erram para o seu pecado, a fraqueza e a solidão que os obrigam a procurar consolo na gratificação dos sentidos. Tal como aqueles que troçam, também aqueles que condenam têm de enfrentar dentro de si as circunstâncias da sua condenação.

Um segundo caso é o de uma mulher cujas duas vidas anteriores apresentam um quadro interessante de orgulho e preconceito. Na primeira dessas duas vidas encontramo-la na Palestina no tempo de Cristo, onde era esposa de um sacerdote judeu; devido à sua posição social, era desdenhosa e intolerante para com as atividades do jovem pouco convencional que causava tanta agitação nos círculos religiosos.

Aparentemente, o tempo não murchou, nem o hábito tornou insípido, o prazer que ela retirava da superioridade. Regressou para outra encarnação em Salem, Massachusetts, com uma prontidão intacta para excluir e condenar — na verdade, parecia ter-se tornado ainda mais implacável. Desta vez, para citar a leitura, “a entidade estava entre aqueles que eram muito duros, muito questionadores, muito condenatórios daqueles que tinham provas convincentes da sobrevivência da personalidade... A entidade então causou muitas dificuldades. Quando alguns foram submersos, a entidade estava presente e deu consentimento. Quando alguns foram açoitados com muitas vergastadas, a entidade deu testemunho e aprovação. Daí que, no presente, a entidade se encontre ligada àqueles períodos em que a consciência é tolhida. Houve lesões

formadas nos ductos lactíferos e nas primeiras e segundas vértebras cervicais por pressões na descoordenação entre os sistemas simpático e cérebroespinal. Isto provoca os períodos de reação física.”

A “reação física” a que a leitura se refere aqui é uma crise nervosa que a mulher viveu na vida presente aos trinta e nove anos, seguida de catorze anos de depressão mental periódica. Não era casada; a sua morada elegante em Nova Iorque, aliada ao facto de não ter ocupação, parece indicar que era uma mulher de meios independentes. Sem dúvida, existiam aqui síndromas médicos ou psiquiátricos típicos; seguramente a ociosidade pode ter sido um factor importante na sua depressão. Mas, como já foi referido, tais factores são apenas aparentemente e de forma imediata causais, não o são em última instância. No âmago da natureza desta mulher existia uma intolerância em relação aos seres humanos, uma indiferença fria tanto às suas entusiasmos como aos seus sofrimentos. A dura intolerância que expressou causou desesperança em muitas pessoas em vidas anteriores; é justo que ela própria experimente agora a desesperança.

Pode perguntar-se por que razão esta mulher não experimentou as consequências cármicas da sua intolerância na Palestina durante a experiência em Salem. Há duas respostas possíveis. Primeiro, a sua encarnação em Salem pode ter tido um propósito diferente do de corrigir a sua intolerância — e, por isso, a tendência iniciada na Palestina teve rédea solta enquanto a entidade estava absorvida por outra tarefa maior. Segundo, a atitude intolerante do período da Palestina pode não ter sido suficientemente manifesta para se exprimir num ato de intolerância que ferisse gravemente outro ser humano.

Era intolerância nas suas fases iniciais; por isso, não tinha força suficiente para gerar uma consequência cármica de grandes proporções. Além disso, cada momento da vida é, por assim dizer, um teste. Em Salem, foi colocada numa posição em que podia ser tolerante ou intolerante. Falhou o teste, fortalecendo assim, em vez de apagar, a intolerância da Palestina e gerando ativamente a consequência cármica do presente.

Na mesma família de traços da intolerância está a tendência para ser crítico. O caso seguinte é um exemplo interessante dos resultados cármicos de um excesso de crítica. Diz respeito a um jovem de vinte e sete anos, primeiro-tenente no exército, que sofre agudamente de um sentimento de inadequação pessoal. Não temos forma de descobrir a causa ostensiva das suas dificuldades de personalidade na primeira juventude. É possível que tenha tido um progenitor crítico e irrazoável; é também possível que a sua aparência física, de algum modo, o tenha tornado alvo do ridículo dos colegas. Inferimos estas possibilidades por causa da natureza do seu pecado cármico. “Como se semeia”, diz a leitura, “assim se colhe. Como criticastes, sabeis que vós próprios deveis ser criticados.”

A leitura revela então que o jovem fora, numa vida passada, crítico literário, cujo hábito era escrever de forma implacável e cáustica sobre tudo o que não lhe agradava. Tendo gerado muitas dúvidas sobre si próprios nos outros no passado, é de esperar que ele próprio sofra dúvidas sobre si no presente. E aqui vemos mais uma faceta da infinitamente variada lei do karma — uma faceta de tal importância que as suas implicações morais merecem reflexão.

A crítica como profissão, é certo, abrange uma minoria muito pequena de pessoas; mas, no planeta Terra, há atualmente cerca de dois mil e quinhentos milhões de críticos não profissionais. Provavelmente nenhuma outra profissão conta com tantos praticantes amadores que exercem a sua ocupação com um interesse tão constante desde o momento em que aprendem a falar até ao momento em que a morte lhes sela os lábios. Não é um passatempo caro em moeda corrente. É mais universalmente acessível do que comer. Ao contrário de outras formas de entretenimento humano, pode praticar-se ao ar livre, em espaços fechados e durante todo o ano, sem qualquer equipamento para além de um par de línguas. Reúnam-se dois ou três, e haverá crítica.

No entanto, embora não custe nada em termos de dinheiro, a crítica pode ser um entretenimento muito caro, em termos do preço psicológico que um dia terá de ser pago. A fonte de informação — como Edgar Cayce chamava ao seu poder —, do seu ponto de observação sobre causa e consequência ao longo de grandes períodos de tempo, dava frequentemente avisos severos e explícitos às pessoas que erravam de forma notória nesta direção. O que se segue é um exemplo incisivo, entre centenas de casos semelhantes:

“Verificamos que a entidade tem a inclinação para, quando contrariada, ser bastante severa nas suas críticas aos outros. Isto deve ser temperado; pois aquilo que se diz de outrem costuma, em geral, tornar-se também o próprio estado de alguém, de uma forma ou de outra.”

Temos aqui uma declaração explícita de causa moral e consequência situacional, que de súbito faz recordar certas afirmações algo crípticas da Bíblia cristã. Jesus disse:

“Mas eu digo-vos que de toda a palavra ociosa que os homens disserem hão de dar conta no Dia do Juízo. Porque pelas tuas palavras serás justificado e pelas tuas palavras serás condenado.”

Não parece ilógico identificar o “Dia do Juízo” aqui referido com o momento em que a dívida cármica vence. Ainda:

“Não é o que entra pela boca que contamina o homem; mas o que sai da boca, isso é que contamina o homem.”

E ainda:

“Não julgueis, para que não sejais julgados. Porque com o juízo com que julgardes sereis julgados.”

À luz das consequências cármicas que vimos, estas citações adquirem subitamente um significado vigoroso, exato e sensato, cuja força prática não pode ser ignorada.

Importa notar que, nestes casos, como em todos os outros, o motivo e a intenção são a força propulsora da ação cármica. Não foi a profissão de crítico literário, em si mesma, que condenou o jovem tenente na sua vida anterior, mas antes a atitude que assumiu e a dúvida sobre si próprio que gerou nos outros através do exercício imprudente da sua profissão. Uma situação semelhante foi vista no caso do soldado romano (Capítulo 5) que troçava dos cristãos. O seu karma não resultou do cumprimento do seu dever como guarda romano, mas de troçar daqueles que estavam indefesos sob o seu poder. Como sempre, não é a letra, mas o espírito, que importa; não a forma, mas a substância; não o ato, mas o motivo.

Na secção sobre traços foi mostrado como a tendência autoritária pode começar em experiências passadas de comando. A liderança é uma qualidade admirável, mas frequentemente degenera em tirania; mais de uma vez na história humana o poder do cargo conduziu à insolência e a um engrandecimento pessoal sem escrúpulos. Vários exemplos flagrantes de autoridade mal usada e das suas consequências cármicas vêm à luz nos arquivos de Cayce.

Existe, por exemplo, o caso de uma entidade que, nos dias dos julgamentos de bruxaria em Salem, era um cavalheiro investido de autoridade; foi, em grande medida, responsável pela perseguição de mulheres suspeitas de bruxaria. Parece, porém, que este puritano zeloso, decidido a expurgar esse surto de diabrura para proteger a moral pública e salvaguardar a fé cristã, viu na sua posição oficial outras possibilidades de natureza mais pessoal: aproveitou-se dos que estavam presos para satisfazer os seus próprios apetites sexuais.

Os arquivos mostram este patife puritano na sua nova encarnação como um rapaz de onze anos, filho de uma mulher em dificuldades por ter sido abandonada pelo marido e vítima de um caso violento de epilepsia. Na altura da leitura, tinha perdido o uso do lado esquerdo e também a faculdade da fala. Era incapaz de se vestir ou despir sozinho ou de cuidar das suas próprias funções corporais. Os ombros estavam encurvados e, após um ataque com vários dias de duração, em que sofreu convulsões de vinte em vinte ou de trinta em trinta minutos, ficou incapaz de manter a cabeça erguida ou de se sentar sem ajuda.

Segundo Cayce, a epilepsia é frequentemente o resultado cármico de excessos sexuais.* No entanto, o abuso de autoridade é, neste caso, um

elemento importante da situação. A pobreza e o baixo estatuto social da mãe parecem uma inversão adequada da sua anterior segurança financeira; a epilepsia em si, a consequência cármica do excesso sexual, que foi uma das formas do seu abuso de poder.

O caso seguinte é um exemplo de autoridade mal usada que remonta ao período da perseguição aos cristãos em Roma. Romus era soldado; a sua patente era suficientemente elevada para o colocar numa posição em que podia ganhar uma soma apreciável para além do seu salário de soldado romano. A leitura não especifica se o seu método era extorsão, chantagem ou uma versão primitiva do “dinheiro de proteção”; mas uma conduta sem escrúpulos desse género permitiu-lhe obter bons ganhos materiais e “perder e perder e perder” espiritualmente. “E disso”, diz a leitura, “veio a influência de Saturno.”

Este último pormenor é digno de nota, pois indica que a experiência corretiva do homem começou na estada planetária entre vidas, perto de Saturno — aparentemente um reino limitador, de tipo purgatorial. Indica também toda a visão de Cayce sobre a inter-relação entre encarnações na Terra e “astrologia”, termo que ele próprio usava com extrema cautela e relativamente ao qual insistia, repetidas vezes, que a nossa compreensão das influências planetárias é ainda muito imperfeita.

As circunstâncias da vida presente de Romus são certamente suficientemente restritivas para sugerirem a qualquer pessoa com inclinação astrológica uma pronunciada influência saturnina. A pobreza, a privação, a falta de casa e a fome têm-lhe perseguido os passos ao longo de toda a vida adulta. Alfaiate de profissão, tem sido incapaz de ganhar dinheiro suficiente para sustentar adequadamente a mulher e os cinco filhos. Só graças à generosidade de parentes americanos conseguiram ele e a família arrastar uma existência precária nos bairros miseráveis de Londres.

Também aqui o abuso de autoridade parece ter sido apropriadamente corrigido no domínio em que o abuso foi cometido. O desespero económico deste homem duplicou exatamente as privações que ele outrora infligira a outros.

Outro caso de abuso de autoridade digno de nota é o de uma mulher que, na época da Revolução Francesa, era uma das burguesas que incitaram os seus compatriotas à rebelião contra os aristocratas. Nesse aspeto — e no seu idealismo sincero e dedicação a uma causa — fez grande progresso espiritual. Mas, quando a situação se inverteu e ela foi colocada numa posição de poder após o fim da revolução, tornou-se ela própria ditatorial e abusou da autoridade quase tão gravemente como aqueles que tentara derrubar. “Por isso”, diz a leitura, “vemos que, ao longo da experiência presente, foi necessário que a

entidade recebesse ordens dos outros, assim como subjugassem muito daquilo que procura expressão.”

No presente, esta mulher encontra-se em circunstâncias muito difíceis. Tinha quarenta anos na altura da leitura — viúva há dez anos e mãe de uma menina pequena. Lutava contra enormes dificuldades para se sustentar a si e à filha. Durante algum tempo trabalhou num projeto governamental da W.P.A., mas, no melhor dos casos, a sua situação era precária, e a solidão e a falta de oportunidades de recreação davam-lhe um sentimento desesperado de frustração. A prisão situacional em que se via não era mero resultado do acaso; era o reflexo exato da constrição que ela anteriormente impusera aos outros através do abuso de autoridade. À superfície, era vitimada por um sistema económico implacável ou por uma distribuição injusta do destino; em termos de realidade cármica, era vitimada apenas por si própria.

Casos como estes fornecem uma importante pista inferencial para qualquer análise que se queira fazer das dificuldades de outros seres humanos, ou para qualquer tentativa de raciocinar para trás, do efeito visível para uma possível causa. Quando Ésquilo escreveu, há dois mil anos, na Grécia, que “o carácter é destino”, formulou uma proposição cujo inverso também é verdadeiro. Pois, a julgar pelos casos acima considerados, parece que o destino de hoje revela o carácter de ontem.

Surge então uma questão importante — uma questão que inevitavelmente ocorrerá ao estudante refletido da reencarnação. Se a pobreza e a baixa condição social são as necessárias consequências cármicas educativas de certos tipos de abuso de autoridade, por que razão, então, se deveria fazer algum esforço para melhorar a ordem social? Não frustraria isso a intenção cármica se o alfaiate, por exemplo, fosse bem amparado num sistema económico menos implacável do que o nosso?

A questão será discutida mais amplamente num capítulo posterior, mas, por agora, importa afirmar de forma enfática que a aceitação da teoria da reencarnação não é equivalente a uma atitude de *laissez-faire* relativamente à sociedade humana. Entidades que precisam de aprender a lição da privação terrível nascem numa época e num lugar da história em que a injustiça social permite a miséria que necessitam de experimentar. Ao mesmo tempo, porém, aqueles que não trabalham ativamente para melhorar a sorte dos outros cometem um pecado de omissão; aqueles que vivem na exploração consciente dos outros cometem um pecado de comissão; e ambos os pecados contra o próximo terão um dia de ser expiados.

Bem compreendida, a teoria da reencarnação não oferece qualquer refúgio a tiranos ou a quem procure defraudar o seu semelhante. O ensinamento reencarnacionista é, no seu enfoque primário, psicológico, porque se ocupa da alma individual e das leis e condições através das quais a alma

alcança a perfeição; mas, por extensão, é também social, pois o amor é o propósito último e o único solvente da lei do karma, pela qual se regula a evolução pessoal.

Segundo a visão reencarnacionista, sustenta-se como certo que a lei cósmica nunca é contornada por arranjos humanos. O Princípio Retributivo, como a água, encontra sempre o seu próprio nível. Seja qual for a estrutura social de uma época, parece certo que, dentro do seu quadro, existe, para as almas que a escolheram como meio, o meio adequado para a correção do seu defeito interior.

Capítulo 12

Origens de Vidas Passadas das Anomalias Mentais

O nome de Freud e o termo “mente inconsciente” são hoje bem conhecidos. Muitas pessoas, porém, ignoram que a descoberta freudiana do inconsciente se deveu às suas investigações em hipnose. Foi porque sujeitos hipnotizados podiam recordar incidentes da infância completamente esquecidos no estado consciente que Freud foi levado a postular um inconsciente para explicar a preservação desse material, de outro modo irre recuperável. Mais tarde, Freud abandonou a hipnose como técnica clínica por se ter revelado insatisfatória em muitos casos e desenvolveu outros métodos para explorar as profundezas do inconsciente. Ainda assim, a hipnose deve ser considerada a progenitora da psicanálise.

No domínio da psicologia reencarnacionista, a hipnose poderá desempenhar um papel semelhante. A clarividência de Cayce parece indicar que é possível a um sujeito hipnotizado descobrir a história de vidas passadas de outras pessoas. Mas, talvez ainda mais importante do que isso, parece que poderá ser possível a um indivíduo, usando hipnose ou alguma técnica semelhante, como a *reverie* dianética, reviver as suas próprias vidas passadas. As experiências de regressão de idade em hipnose estabeleceram o facto de que existe, em certos estratos da mente, uma memória detalhada e sequencial de todos os acontecimentos vividos desde o nascimento. Um sujeito hipnotizado, por exemplo, “regredido” à idade de dez anos e instruído a escrever o seu nome, escrevê-lo-á como o fazia aos dez; regredido mais ainda, aos seis, escreverá com um traço ainda mais infantil; regredido aos três, será incapaz de fazer mais do que traçar linhas sem sentido com o lápis. Estas experiências de regressão são frequentemente realizadas em aulas universitárias e são familiares aos estudantes da área.

Menos conhecido, porém, é o trabalho do cientista francês **De Rochas**, que, na segunda metade do século XIX, afirmou ter conseguido, através das mesmas técnicas de regressão de idade, evocar memórias de experiências de

vidas passadas. O seu livro *Les Vies Successives* (vidas sucessivas) não recebeu reconhecimento científico; mas talvez um dia venha a ser saudado como pioneiro no campo da psicologia reencarnacionista. Mais recentemente, **A. R. Martin**, de Sharon, Pensilvânia, realizou estudos semelhantes e publicou um livro notável intitulado *Researches in Reincarnation and Beyond*. Memórias de vidas passadas induzidas experimentalmente desta forma parecem contradizer a intenção da natureza neste ponto, caso contrário todos nós recordaríamos espontaneamente o passado. Esforços como estes, porém, feitos no interesse da ciência, são interessantes e valiosos; poderão, em breve, fornecer a prova experimental final, em laboratório, da realidade da reencarnação.

Ao passar aos casos de anomalia mental que foram examinados pela clarividência hipnótica de Cayce, verifica-se que tendem a iluminar a natureza da memória e da mente inconsciente e que tendem a confirmar a crença de que o inconsciente é muito mais profundo do que se pensa, mesmo entre os psicanalistas atuais. Estes casos nem sempre são probatórios — isto é, nem sempre nos fornecem prova direta ou indireta de que aquilo que Cayce disse sobre o passado fosse verdadeiro. Mas alguns dos casos são, pelo menos em certa medida, probatórios; e os que não o são só podem ser considerados como mais fragmentos do intrincado mosaico total que — uma vez percebida a sua razoabilidade global — confere automaticamente credibilidade aos pormenores.

Uma das anomalias mais curiosas da vida mental é o fenómeno conhecido como **fobia**. Uma fobia é geralmente entendida pelos analistas como um medo exagerado que teve origem numa série complicada de situações ou relações propícias ao antagonismo, à agressividade reprimida ou a sentimentos de culpa de natureza intensa. Estes sentimentos submersos exprimem-se mais tarde como um medo intenso e aparentemente irracional de espaços fechados, lugares altos, gatos, trovoadas ou algum outro, entre uma variedade quase interminável de possíveis objetos fóbicos, sendo o objeto escolhido portador de alguma relação direta ou indireta com uma das experiências precipitantes de base. As leituras de Cayce, contudo, parecem mostrar que, pelo menos em alguns casos, estes medos fortes e aparentemente irrazoáveis podem ter uma origem muito razoável numa experiência diretamente relacionada de uma vida passada.

Um exemplo interessante é o caso de uma mulher que, mesmo em menina, tinha medo de espaços fechados. Nos teatros, insistia em sentar-se perto de uma saída. Se o autocarro em que seguia ficasse demasiado cheio, saía e esperava por outro. Em excursões ao campo, tinha medo de entrar em grutas, cavernas, grotões ou em qualquer espaço pequeno e fechado. Nem ela nem os seus familiares conseguiam compreender esta atitude peculiar, pois ninguém se lembrava de qualquer experiência invulgar na infância que pudesse

ter induzido tal medo. Segundo a leitura de Cayce, a explicação era a de que, numa vida passada, ela fora sufocada quando o teto de uma caverna desabou sobre ela. A memória dessa morte horrível persistia ainda no inconsciente.

Outro caso é o de uma mulher que tem duas fobias: uma de instrumentos cortantes e outra de todos os animais peludos, sobretudo animais domésticos. É tomada por medo nervoso sempre que vê instrumentos cortantes perto de si, ou vê alguém a usá-los. A leitura de vida explicou esta fobia afirmando que ela encontrara a morte, numa encarnação persa, ao ser trespassada por uma espada.

A sua aversão a animais é difícil de compreender à luz da vida presente, pois vinha de uma família numerosa, e todos tinham animais de estimação. O irmão, em particular, gostava muito de animais. E, no entanto, a simples visão de um gato ou de um cão dentro de casa repelia esta mulher tanto quanto a visão de uma serpente repele outra pessoa. Além disso, nunca conseguira usar um casaco de peles, nem sequer um casaco com gola guarnecida de pele. Psiquiatras poderiam explorar a sua fobia em termos das relações com membros da família — ciúme do irmão especialmente amigo dos animais, por exemplo — e explicá-la como expressão de antagonismo. As leituras, porém, atribuíram a sua estranha aversão a uma encarnação atlante, na qual tivera algum tipo de experiência relacionada com criaturas repulsivas.

Muitas outras fobias foram explicadas de modo semelhante pela leitura com base em vidas passadas. Um medo mórbido da escuridão foi atribuído a uma experiência de masmorra em França, quando a entidade era prisioneira política no tempo de Luís XVI. Um medo de facas afiadas foi associado a uma experiência numa câmara de tortura em França, onde a entidade sofreu o potro e outros instrumentos de tortura. Um medo de destruição coletiva iminente foi explicado pelo facto de a entidade ter tido uma experiência no Peru no tempo de uma das submersões de Atlântida: fora deixada sozinha num monte elevado, para onde se retirara a fim de estudar, e vira as águas a subir por toda a parte à sua volta. Um medo esmagador de animais selvagens foi atribuído a uma experiência em Roma, quando o marido da entidade fora obrigado a combater feras na arena. A duas pessoas que tinham medo mórbido de água foi dito que tinham morrido afogadas na última vida; a uma terceira pessoa que temia a água foi dito que naufragara numa tempestade, durante o período de expansão do Império Romano.

Examinando criticamente estes casos, do ponto de vista da psicologia comum, poderíamos perguntar se, em todas as situações, não teria existido uma circunstância na vida presente capaz de explicar adequadamente a fobia. Concedido: é concebível que se encontre alguma perturbação emocional reprimida, mas isso não negaria necessariamente a possibilidade de uma memória anterior que fosse a verdadeira base da fobia. Por exemplo, a mulher que tinha medo mórbido de espaços fechados pode ter sido fechada num

armário escuro aos quatro anos e o incidente ter sido esquecido. Por associação livre ou hipnose, o incidente poderia vir à tona, e o psiquiatra poderia, a partir dessa informação, chegar a uma compreensão de problemas emocionais que poderiam ter causado a perturbação nervosa.

Há um facto importante que é frequentemente ignorado nestes casos. Embora seja de reconhecer que, no domínio emocional, não se devem esperar equivalências algébricas, inúmeras pessoas têm experiências emocionais semelhantes às que produzem fobias nuns e, no entanto, não sofrem elas próprias de fobias. Por que razão, então, é que esta pessoa em particular é suscetível? Se todos os que tivessem vivido os tipos de abalos emocionais a que a claustrofobia é frequentemente atribuída ficassem claustrofóbicos, teríamos uma população de claustrofóbicos tão grande que cabines telefónicas, quartos de dormitório, apartamentos de uma só divisão e alguns dos clubes noturnos mais requintados teriam de ser abolidos como ameaças à saúde pública e à sanidade.

A resposta ao problema, tal como é sugerida pelos dados de Cayce, é esta: a maior suscetibilidade nervosa de uma criança em relação a outra perante uma situação emocional pode dever-se a uma experiência de vida passada. A situação na vida presente atua apenas como agente de reativação da impressão trágica enterrada.

Segundo a perspetiva reencarnacionista, o inconsciente, tal como uma caixa com fundo falso, é muito mais profundo do que se supõe habitualmente. Certos analistas — nomeadamente Carl Jung — já pressentiram a necessidade de níveis mais profundos para explicar factos da vida mental que de outro modo seriam inexplicáveis e falaram do “inconsciente coletivo”, “inconsciente da raça” ou “memória racial”, partindo do pressuposto de que existe uma espécie de reservatório de memória da experiência racial a que todos os indivíduos recorrem.

Embora não se possa afirmar com certeza que tal memória coletiva não exista, parece mais difícil de aceitar do que a teoria de que a memória é individual e se estende, no inconsciente, para trás através de vidas anteriores. Pelo menos, a teoria da memória individual não pode ser considerada menos plausível do que um conceito que sustenta que as memórias estão empilhadas como milho num celeiro e depois são retiradas e usadas pelo resto da comunidade. Se um fenómeno desses, de experiência partilhada, existir, parece já não ser memória, no sentido estrito do termo, mas antes uma cognição, ou um processo de conhecimento.

Segundo o ponto de vista das leituras de Cayce, um indivíduo tem, de facto, memórias inconscientes que irrompem do passado longínquo, mas elas provêm — não de um hipotético poço de memórias raciais, nem de algum antepassado há muito morto, mas da sua própria experiência anterior. Todos

os seus medos, ódios, amores e impulsos inconscientes são a sua própria herança, legada por si a si mesmo, como um homem lega o seu hoje ao seu próprio amanhã. Ele próprio foi, muitas vezes, um selvagem; por isso, é natural que ainda tenha certos impulsos selvagens por redimir. Ele próprio foi, outrora, ameaçado pelos terrores da selva e pelas abominações das crueldades humanas; por isso, é natural que ainda sinta medos sem razão e apreensões infundadas. Ele próprio teve, outrora, boas razões para odiar e amar muitas das pessoas com quem hoje se relaciona; é natural que agora sinta amores e ódios aparentemente irracionais em relação a essas mesmas pessoas no presente.

A emergência anómala de elementos subterrâneos pode, aparentemente, ocorrer de outras formas para além das fobias. Em vários casos, sonhos recorrentes foram explicados por Cayce com base em experiências de vidas passadas. Um dos exemplos mais interessantes é o da mulher que perguntou: “Porque é que, na primeira infância, sonhei tantas vezes que o mundo estava a ser destruído, vendo sempre uma nuvem negra destrutiva?” A resposta indicou que este sonho surgia da sua experiência atlante, quando fora sacerdotisa e médica. Tinha vivido uma das terríveis destruições cataclísmicas de Atlântida, e a impressão permaneceu tão profundamente gravada na memória da sua alma que voltava repetidamente durante o sono.

Outro caso interessante é o de uma criança de quatro anos que alarmava a mãe porque quase todos os dias acordava a chorar e em evidente angústia. A criança tinha boa saúde física, e a mãe escreveu a Cayce pedindo uma explicação para o estado nervoso. Segundo a leitura, a criança encontrara uma morte violenta em França durante a Segunda Guerra Mundial. Ansiosa, porém, por voltar a encarnar, regressara a pais americanos apenas nove meses depois. Num intervalo tão curto entre vidas, as memórias aterradoras de bombardeamentos e incêndios não tinham sido apagadas; e irrompiam na criança ao nível de consciência do sono.

Casos como os que acabámos de observar apontam inevitavelmente para um exame de todo o problema da memória. A primeira objeção que a maioria das pessoas levanta contra a reencarnação é o facto de não nos lembrarmos das nossas vidas passadas. É, de facto, uma circunstância curiosa, e, no entanto, não tão curiosa assim quando se considera que não nos lembramos de nada da nossa primeira infância e pouco da nossa infância.

A memória consciente é algo tão ténue, os acontecimentos passam por nós com uma fluidez tão semelhante à de um rio, que dizer “não me lembro” não equivale a prova de que algo não ocorreu. Se perguntássemos a qualquer amigo: “O que, exatamente, estavas a fazer às 10:26 da manhã de 5 de Abril de 1939?”, poderíamos apostar o saldo bancário em como ele não conseguiria responder com honestidade e precisão; e, no entanto, essa falta de recordação

desse instante da sua vida não prova, de modo algum, que ele não o tenha vivido.

Esta objeção à reencarnação, é, pois, facilmente respondida — primeiro, pelo facto de o esquecimento e a repressão de memórias serem fenómenos humanos naturais e comuns e, segundo, pelo facto de a natureza da memória ser tal que os detalhes nos escapam, mas os princípios permanecem. Por exemplo, qualquer adulto instruído será capaz de dizer que 7 vezes 7 é 49 e 12 vezes 12 é 144. Não recordará todas as horas penosas passadas no terceiro e quarto anos a aprender a fazer essas operações, mas a capacidade de as efetuar e o conhecimento dos resultados permanecem como o resíduo útil na mente, resultado de muitos esforços repetidos de atenção.

O mesmo se passa com a cautela do homem em relação ao fogo, a sua desconfiança em relação a cães, a sua capacidade de dançar ou a sua habilidade em fazer qualquer coisa. A capacidade de andar pressupõe claramente um período de tempo em que foi despendido esforço a aprender a andar — embora nem uma pessoa em cem mil se lembre efetivamente dos esforços específicos e exaustivos feitos para adquirir essa competência.

O esquecimento dos pormenores não invalida, pois, a memória do princípio; e a resposta dos reencarnacionistas aos que levantam a objeção da falta de memória é a de que a consciência moral do homem (ou o seu nível de discernimento ético) e o seu grau de inteligência e capacidade representam a continuidade de somas totais de experiência de vidas passadas, cujos pormenores lhe escaparam.

A segunda objeção, mais subtil, levantada pelos opositores da teoria da reencarnação, é a de que não é ético responsabilizar uma personalidade por atos cometidos por outra personalidade. A consciência do erro — dizem — deveria certamente estar presente para que a punição do infrator tivesse algum significado real. A resposta reencarnacionista a esta objeção baseia-se naquilo que consideram ser a relação entre a personalidade e a identidade eterna.

A identidade eterna — como um ator fora de cena — consegue recordar todo o seu passado; mas, assim que assume uma personalidade, como um ator assume um papel, fica impedida, por uma disposição protetora da natureza, de recordar qualquer coisa para além das somas totais ou dos princípios que anteriormente aprendeu. Em certo sentido, é comparável a um ator shakespeariano que, em casa, consegue recordar cenas de quaisquer das peças em que participou; mas, enquanto interpreta Hamlet, o papel de Shylock fica completamente excluído da sua mente.

Do mesmo modo, o eu superior, ou identidade eterna, contém a lembrança de tudo o que lhe aconteceu em todos os seus papéis de personalidade; mas essas memórias não estão, normalmente, disponíveis para a pequena personalidade (nem sequer nas fases imediatas após a morte), a

menos que, de algum modo, por algum desvio do normal, ela aceda ao fluxo de memória da identidade. Se isso é feito através do “inconsciente” ou do “supraconsciente” não é de importância primária, embora investigações futuras devam conseguir definir com maior clareza os domínios mentais que estes dois termos representam. O ponto é que existe um tal reservatório de memória — seja qual for o nome que se lhe dê, ou onde quer que se localize — e que ele pode ser acedido de diversas formas deliberadas ou acidentais. Esta, pelo menos, é a visão dos reencarnacionistas.

A objeção de que não é eticamente aceitável que um indivíduo sofra por algo que fez no passado e de que já não se lembra parece, em última análise, tão pouco sustentável como a queixa de que é antiético um adulto sofrer por conflitos inconscientes estabelecidos na infância. Os processos dinâmicos seguem leis próprias. Temos de aprender a conformar a nossa noção de ética à natureza tal como ela é (e a natureza é supremamente ética), em vez de esperarmos ajustar a natureza ao leito de Procusto das nossas próprias ideias preconcebidas.

As vendas do esquecimento, que nos ocultam o passado e nos fazem ver apenas o pequeno segmento que constitui o presente, são vendas protetoras e necessárias. À primeira vista, isto pode parecer uma disposição estranha e imprópria; mas talvez se compare ao sistema de eclusas que permite aos navios viajar do Oceano Atlântico ao Oceano Pacífico através do Canal do Panamá. As eclusas podem parecer, a uma mente pouco instruída, um artifício desajeitado, pesado e inteiramente antinatural. Mas os engenheiros que conceberam o sistema tinham de resolver um difícil problema de engenharia, a saber: transportar navios de um nível para outro, através de vasto terreno com diferentes altitudes. Os meios que utilizaram servem esse fim de forma exata e excelente.

Do mesmo modo no domínio da consciência. A consciência, tal como a água do Canal do Panamá, flui num fluxo contínuo; contudo, para facilitar a passagem do navio da individualidade, é conveniente que as eclusas desçam e que o nível da água seja alterado, separando assim um segmento da passagem de outro segmento. Esta é a resposta do reencarnacionista aos que se opõem à reencarnação com base na questão da memória.

Para além dos casos de fobias e de sonhos recorrentes, existem nos arquivos de Cayce várias outras aberrações mentais interessantes. As alucinações, por exemplo, são em vários casos atribuídas à recordação anómala de encarnações passadas. Num caso, a leitura afirmou que ocorrera a abertura inadvertida de um dos centros interiores, ou chakras, do corpo, causando assim o fluxo da força Kundalini e dando origem a impressões alucinatórias. (Cayce estava aqui a usar termos da psicologia hindu: os chakras seriam as sete “rodas” ou vórtices de energia através dos quais a parte mais não física do homem se exprime, presumivelmente, através do corpo físico;

Kundalini referindo-se a uma força presumivelmente situada na base da coluna vertebral, intimamente associada à força sexual e ao poder criativo em geral.)

Em muitos casos, a doença mental grave foi atribuída pelas leituras a uma causa puramente física, e foram alcançadas algumas curas notáveis por meios puramente físicos. Um caso deste tipo já foi referido no Capítulo 2: o da rapariga que recuperou a sanidade com a remoção de um dente impactado. Outro caso marcante é o de um empregado dos correios que se tornou desagradável, sombrio e cada vez mais violento. A família convenceu-o a ir a um hospital para um exame.

Os médicos diagnosticaram psicose maníaco-depressiva e ele foi internado numa instituição psiquiátrica. A esposa pediu uma leitura a Cayce. A leitura indicou que uma queda no gelo, muitos anos antes, resultara num desarranjo da coluna na zona do cóccix, o que, por sua vez, afetara todo o sistema nervoso. Foram recomendados ajustamentos osteopáticos específicos em conjunto com alguns tratamentos elétricos. A família conseguiu que estes tratamentos lhe fossem administrados e, em seis semanas, o homem foi dado como normal e recebeu alta. Não foi indicada qualquer causa cármica; se a queda no gelo teve uma origem cármica, não foi mencionada. Em todo o caso, um tratamento puramente físico resultou numa cura.

Em vários casos, porém, a doença mental foi atribuída pela leitura à possessão por entidades desencarnadas. Desde a Antiguidade se acredita que algumas formas de perturbação mental se devem à possessão por espíritos malignos. Estudantes da Bíblia cristã recordar-se-ão de que Cristo é descrito como tendo expulsado espíritos malignos de um homem demente; e católicos apontarão o facto de os ritos de exorcismo ainda serem praticados por padres católicos.

Esta ideia é, naturalmente, completamente estranha às concepções da psiquiatria moderna, que tende a considerá-la uma superstição ultrapassada. No entanto, uma vez admitido que a identidade pode persistir para além da morte, não há razão lógica para que tais identidades, de natureza maligna, não possam tentar, maliciosamente, apoderar-se do corpo e da personalidade de uma pessoa viva, ou influenciá-los de outro modo.

Nos poucos casos de obsessão que apareceram nos arquivos de Cayce, a cura recomendada incluía geralmente tratamentos elétricos de algum tipo (“as influências externas não suportam a vibração elevada”) e oração e meditação. Num caso, a pessoa seguiu a recomendação de perto e libertou-se, em poucos meses, das vozes sussurrantes que a perturbavam. Noutro caso, a pessoa não seguiu a prescrição da leitura, exceto num pormenor, o da dieta; não se verificou melhoria. Aparentemente, havia uma causa cármica em operação pelo menos no primeiro caso: a entidade, numa vida passada, usara meios ocultos para controlar os outros.

Todos estes casos apontam, talvez, para novos horizontes de compreensão no trágico campo da anomalia mental. Em geral, a maior importância dos dados de Cayce para a psiquiatria e a psicanálise reside na ampliação dos limites do inconsciente. Nos poucos exemplos de anomalias mentais aqui citados, aparecem sobretudo os aspetos negativos do seu conteúdo. Contudo, deve sempre recordar-se que o inconsciente é mais do que uma simples cave escura de medos e horrores.

É, sem dúvida, um reservatório de memória — mas um reservatório tanto do bom como do mau. As leituras de Cayce, de facto, chamam-lhe a “memória da mente-alma”, em contraste com a do corpo-mente. Embora dentro desta memória existam, sem dúvida, factores dissuasores, existem também factores de utilidade benéfica. Através do inconsciente, por exemplo, pode comunicar-se com todas as outras mentes inconscientes e, assim, adquirir conhecimento indisponível através das impressões sensoriais.

Se o princípio da reencarnação algum dia obtiver aceitação científica, uma das preocupações principais dos psicólogos deverá ser a clarificação e expansão de toda a ideia de inconsciente, bem como a formulação das técnicas adequadas através das quais a mente consciente possa não só redimir os seus aspetos negativos, mas também tirar proveito dos seus aspetos positivos.

Capítulo 13

O Casamento e o Destino da Mulher

Uma das relações humanas mais íntimas e difíceis é a do casamento. Infinitamente recompensador no seu melhor, indizivelmente opressivo no seu pior, o casamento oferece os extremos máximos da felicidade humana e da servidão humana — com todos os graus intermédios de felicidade e restrição.

Do ponto de vista do direito, o casamento é um contrato, uma instituição civil. Do ponto de vista da psiquiatria, é um teatro de impulsos sexuais e emocionais. A Igreja vê-o como um sacramento. A psicologia vê-o como um problema de comportamento e ajustamento. O cínico vê-o como uma armadilha para tolos.

Segundo o ponto de vista alargado e mais abrangente proporcionado pelo princípio da reencarnação, cada uma destas definições é correta, mas parcial. O psicólogo Link define o casamento como um “passo pelo qual dois indivíduos imperfeitos unem as suas forças na luta pela felicidade”. Se, por luta pela felicidade, se entender também a luta pelo aperfeiçoamento pessoal (sem a qual não pode existir verdadeira felicidade), a definição aproximar-se-á bastante do ponto de vista da sabedoria antiga. Uma formulação do casamento a partir deste ponto de vista ampliado poderia ser a de que o casamento é a

oportunidade para dois indivíduos imperfeitos se ajudarem mutuamente a saldar as suas respetivas dívidas cármicas, forjar novas qualidades da alma e avançar em compreensão e força espirituais.

As leituras de Cayce afirmam frequentemente que nenhuma relação humana importante é fruto do acaso. O casamento parece ser uma exemplificação deste facto no seu mais alto grau. Nenhum casamento começa numa folha limpa. É um episódio numa história em série iniciada muito antes. De uma forma ou de outra, indicam as leituras, as partes estiveram relacionadas entre si noutras vidas. As leituras relativas a relações matrimoniais presentes enquanto sequelas do passado têm um interesse dramático singular.

O casamento é visto pelas leituras de Cayce como o estado humano natural:

“Sim, é bom que a entidade seja casada; esta é a vida natural para uma entidade na Terra.”

P. Seria aconselhável casar nesta altura?

R. “É aconselhável em qualquer altura, se encontrares a pessoa certa! Isso depende do vínculo de propósito.”

O lar é visto como um reflexo do estado último de harmonia para o qual todos nos esforçamos:

“Faze do lar a tua carreira, pois esta é a maior carreira que qualquer alma pode ter na Terra. A poucos é dado ter carreira e lar; mas a maior de todas as carreiras é o lar, e aqueles que o evitam ainda terão muito por que responder. Pois este é o emblema mais próximo daquilo que cada alma espera vir a obter, um lar celestial. Faz, então, do teu lar a sombra de um lar celestial.”

“Porque o lar onde existe unidade de propósito na companhia é o padrão mais próximo na Terra da relação do homem com o seu Criador. Pois é sempre criativo no propósito, com personalidades coordenadas para uma causa, um ideal.”

Estas ideias, naturalmente, não são novas. O ponto de vista das leituras é, porém, simultaneamente liberal e moderno quanto aos pormenores práticos e quanto à posição e ao destino da mulher.

É interessante notar que a igualdade da mulher com o homem e o seu pleno direito à autodeterminação são dados como adquiridos. Não é afirmado nesses termos exatos nas leituras; mas está implícito por toda a parte. Este ponto de vista subjacente aparece talvez com maior clareza em leituras onde se colocam questões de escolha entre casamento e carreira. Torna-se muito claro que o conceito fascista e totalitário de que o destino da mulher é o lar e os filhos, e mais nada, não encontra aceitação na clarividência de Cayce.

Tal como nas leituras físicas, em que nenhuma escola única de tratamento é aplicada, também não existe um único curso de ação universalmente aplicável no que respeita ao casamento. Os princípios psicológicos e espirituais subjacentes são sempre os mesmos; mas a sua tradução em ação pode ser diferente em cada caso. A algumas mulheres é dito para casarem; a outras é dito — enfaticamente — para terem uma carreira. A algumas é dito para terem uma carreira primeiro e casarem depois. A outras é dito para combinarem as duas coisas ao mesmo tempo; e a outras ainda, para escolherem entre as duas — não podem servir dois senhores.

Uma rapariga de dezoito anos — tímida, envergonhada, infeliz — perguntava o que fazer com o seu futuro. A sua leitura de vida insistiu que, antes de pensar em casamento, se tornasse ativa em algum trabalho de apoio a crianças. “Se a entidade procurar melhorar-se no matrimónio, ficará amargamente desiludida, a menos que primeiro contribua com algo para o bem-estar social e material das crianças.” A leitura especificou ainda que trabalhar com raparigas adolescentes, como em orientação em campos de férias ou algo semelhante, poderia ser uma via possível.

Um psicólogo experiente reconhecerá a solidez deste conselho do ponto de vista puramente psicológico. Ensinar, trabalhar com pessoas mais novas e menos experientes do que nós, é uma excelente forma de extravasão da personalidade. A necessidade de orientar outros induz uma autoconfiança que, de outro modo, poderia nunca surgir. O casamento pode ser um desastre se se escolher um companheiro inadequado por desespero da solidão de um introvertido. Mesmo quando o companheiro é adequado, o fracasso é sempre possível se um dos parceiros não estiver suficientemente integrado para enfrentar os problemas de ajustamento e as tensões do casamento. Neste caso, pois, a formação em trabalho social e uma carreira antes do casamento foram consideradas o caminho apropriado.

Noutro caso, uma rapariga talentosa foi aconselhada a combinar carreira com casamento — mas advertida de que não deveria casar de todo a menos que encontrasse exatamente o companheiro certo. Uma variedade de especializações em vidas passadas tornara-a muito versátil; era escultora, tecedeira e trabalhadora de cerâmica consumada. Além disso, tinha dons como professora, cantora e euritmista. Com tal herança, estava apta nesta vida a tornar-se líder e professora em sentido espiritual; e a leitura, depois de salientar isto, prosseguiu dizendo: “Verificamos que deve haver uma combinação do lar com uma carreira — mas dependente do tipo de marido escolhido pela entidade. Pois, a menos que exista alguém em completo acordo e que contribua para a utilidade da própria entidade, verificamos que haverá dissensões e desilusões para alguém tão evoluído, de molde a deixar cicatrizes prejudiciais no eu interior.”

Em contraste interessante com este caso está o de uma jovem atriz talentosa e bonita que, ao apaixonar-se, se interrogou se seria possível conciliar o casamento com a sua carreira. A leitura deu-lhe uma resposta negativa muito incisiva. “A entidade tem qualificações para fazer sucesso em qualquer destas carreiras — o casamento ou o palco. Não é possível ter sucesso em ambas. Deve decidir por si mesma.”

Torna-se claro, após um estudo atento destas leituras, que as recomendações eram sempre feitas com base naquilo que conduziria ao crescimento espiritual. Se uma mulher procurasse uma carreira por motivos egoístas — fama, dinheiro, roupas, domínio, posição, presunção — a fonte de informação tinha consciência desse motivo e encaminhava-a antes para a vida doméstica.

Este conselho não era dado por noções sentimentais ou tradicionais acerca da sacralidade do lar ou do lugar da mulher nele. Baseava-se, antes, na ideia de que o motivo e o propósito são os critérios para julgar qualquer curso de ação, de que um caminho egoísta é sempre inferior a um caminho altruísta e de que as responsabilidades de um lar e de um casamento são, pela sua própria natureza, mais propícias ao altruísmo do que as recompensas motivadas pelo interesse próprio de certas carreiras.

Assim, a gestão do lar e a educação dos filhos são recomendadas a muitas mulheres — mesmo que dotadas de outras capacidades — porque tal pode ser a melhor disciplina possível para a aquisição das qualidades espirituais particulares de que necessitam, o melhor travão possível ao egoísmo, consciente ou inconsciente, com que perseguiriam uma carreira. Por outro lado, outras mulheres dotadas podem desejar genuinamente usar os seus dons ao serviço da humanidade. A uma mulher assim, um lar, marido e família podem impedir a expressão mais plena dos seus dons. Por isso, é incentivada a casar tarde na vida ou — se o seu temperamento o permitir — a conciliar o lar com uma carreira. O propósito último, tanto do estado matrimonial como do estado não matrimonial, é o desenvolvimento espiritual; e tanto homens como mulheres — sendo igualmente espíritos — têm direito a oportunidades iguais para o estado que melhor sirva esse propósito de desenvolvimento.

O direito à autodeterminação é visto por Cayce não apenas como um direito social, mas também como um direito cósmico. Em termos metafísicos, isto é conhecido como liberdade de vontade; e ao longo dos séculos travaram-se muitas discussões amargas em torno dela.

Uma das características mais importantes do princípio da reencarnação é a sua afirmação do livre-arbítrio. Um erro comum entre pessoas que aceitam o karma e o renascimento é supor que toda a vida está predeterminada. As consequências de tal crença são psicologicamente paralisantes e

espiritualmente desmoralizadoras. A inércia e passividade do hindu, que em grande parte aceitou uma interpretação fatalista do karma, exemplificam o perigo dessa posição.

É necessário perceber que nem cada espirro, nem cada picada de mosquito, nem cada refeição ao fim do dia foi determinada cósmica e carmicamente há eras. A maior parte dos detalhes da nossa vida está completamente sujeita ao nosso pensamento e à nossa vontade agora. Na verdade, cada acontecimento da nossa vida, quer seja um evento maior como o casamento, quer seja um evento menor como comprar um gelado com refrigerante, é, em última análise, autodeterminado. As restrições que hoje nos são impostas são o resultado de erros na nossa autodeterminação no passado. Parecem-nos agentes externos apenas porque esquecemos as nossas próprias ações anteriores e porque o alcance da nossa visão é demasiado curto para ver a ligação íntima com as circunstâncias presentes. Através de uma compreensão correta do princípio da reencarnação, resolve-se, assim, o antigo dilema do livre-arbítrio versus determinismo. O homem tem livre-arbítrio como um cão preso por uma trela o tem; isto é, o cão é completamente livre para fazer o que quer dentro do raio da trela. O karma determina o comprimento da trela de cada homem; dentro desse raio, ele é livre.

Esta questão do livre-arbítrio impõe-se com força ao estudante quando percorre as leituras sobre o casamento, especialmente as leituras em que as pessoas perguntam com quem devem casar. Repetidas vezes, as leituras indicam que os laços matrimoniais são de natureza cármica; isto é, os parceiros de um casamento são velhos conhecidos, esquecidos, que se reencontraram para resolver alguma dívida cármica mútua. Somos levados a refletir, então, que quando as pessoas dizem “Não nos teremos encontrado antes algures?”, não estão apenas a usar uma abertura hábil (ainda que gasta) para uma paquera; estão a enunciar um possível facto cósmico.

No entanto, é claro que, nas relações matrimoniais como em tudo o resto, o homem tem livre-arbítrio e poder de escolha. É também claro que, mesmo quando existe um laço cármico entre pessoas e ele se manifesta como uma forte atração, o casamento no presente nem sempre é aconselhável ou necessário. Dois exemplos breves de perguntas e respostas podem ilustrar este ponto.

P. Devo casar com o rapaz que atualmente me corteja?

R. “Há uma influência cármica nesta associação. Mas não é o melhor que cases com ele.”

P. O casamento com F. S. seria o melhor para o nosso desenvolvimento mútuo?

R. “Poderia ser feito assim; mas, como vemos, há outros com quem poderá ser alcançado um melhor desenvolvimento mútuo. Esses outros provêm

especialmente de relações do período egípcio. Mas a escolha deve ser feita pela entidade. Tens algum karma a resolver com F. S. Mas, como marido e mulher, seria uma forma difícil de o cumprir.”

A inconveniência do casamento, mesmo em casos em que existe um laço cármico, pode explicar-se de várias maneiras. Primeiro, os indivíduos podem ter outras lições a aprender desta vez, mais importantes do que o problema relacional em causa. Outra possibilidade é que um ou ambos possam estar espiritualmente insolventes — isto é, não preparados para enfrentar o problema ainda. Outra possibilidade ainda é que o casamento em perspectiva seja uma penalização demasiado extrema para a falta cometida, ou que a punição não corresponda ao crime. E, por fim, talvez a lição espiritual possa ser melhor aprendida a sós do que em conjunto.

As leituras não especificam muitas vezes a razão exata por que o casamento é ou não aconselhável em cada caso. Mesmo nos casos em que o casamento é considerado apropriado, a decisão de o assumir ou não é deixada inteiramente ao indivíduo. As leituras, seguindo a melhor prática de orientação, raramente tomam uma decisão definitiva pelo aconselhado.

Esta atitude básica vê-se claramente no caso seguinte, em que dois jovens perguntam se devem ou não casar. A leitura disse-lhes que tinham tido duas experiências juntos, uma na Pérsia e outra no Egito. Isso explicava a forte atração mútua. Quanto ao casamento, a leitura não se comprometeu. Disse: “Se houver coordenação de ideais e propósitos, isto pode tornar-se uma experiência bonita.”

No período de perguntas, a rapariga perguntou: “Há alguém mais com quem cada um de nós pudesse ser tão feliz, ou mais feliz, no casamento, do que um com o outro?” A resposta veio: “Oh, poderíamos nomear vinte e cinco ou trinta desses, se escolherdes fazê-lo assim! O casamento é aquilo que fazeis dele! Há aqui uma experiência a cumprir, se quiserdes fazê-la agora. Como tendes de a fazer mais cedo ou mais tarde, mais vale fazê-la já — se quiserdes...”

Em alguns casos, a informação é categoricamente enfática, num sentido ou noutro, como aqui:

P. É aconselhável eu casar com o homem com quem estou atualmente noiva?

R. “Não!”

Na maioria dos casos, porém, insiste no privilégio e responsabilidade completos da escolha individual. Mas, ao mesmo tempo, costuma especificar o critério pelo qual essa escolha deve ser feita. Um homem pergunta: “R. W. seria a minha companheira adequada?” e é-lhe dito: “Isto tem de ser a tua escolha, não a nossa. Há entre vós não só atração mental e física, mas

também espiritual? O espírito responde ao espírito, o propósito responde ao propósito? Tendem o mesmo ideal? Se não tendes, tem cuidado!”

A informação foi ainda mais explícita neste ponto no caso seguinte, em que uma mulher perguntou qual de quatro homens deveria casar. A leitura respondeu:

“Isto depende do ideal que estabelececes. Todos estes quatro foram associados contigo no passado — alguns como ajudantes, outros como obstáculos. Dizer-te que deves afastar-te deste ou unir-te àquele colocar-te-ia numa posição falsa e colocá-los-ia também numa posição falsa.

A escolha tem de ser feita por ti, tal como as orientações são tomadas para uma vida de serviço. Sabe que todos os homens são livres na vontade.”

A partir de passagens como estas pode deduzir-se o princípio de escolha segundo o qual um parceiro de casamento deve ser selecionado. Provavelmente é seguro dizer que a maioria dos casamentos é assumida por causa de uma atração física irresistível. Segundo a perspetiva das leituras de Cayce, deve haver boa compatibilidade não apenas física, mas também mental e espiritual. Um casamento bem-sucedido deve assentar nesta base equilátera, como num tripé; se algum dos três aspetos for descurado, o casamento fica, por isso, fragilizado. Os ideais de cada pessoa devem ser, pelo menos, aproximadamente equivalentes aos ideais da outra nestes três domínios; caso contrário, o perigo e o desastre estão no horizonte. Uma entrada irrefletida no casamento, ignorando estas considerações importantes de escolha, é um convite ao desastre.

É preciso estar de sobreaviso, então, quando se começa a sentir uma fascinação irresistível por uma pessoa do sexo oposto... estar de sobreaviso, isto é, desde que se tenha suficiente previdência para desejar que uma ligação sexual evolua para um casamento bem-sucedido e desde que não se esteja com disposição para acender o rastilho de uma situação cármica explosiva.

Capítulo 14

Os Solitários

Em qualquer consideração do casamento sob o ponto de vista de longo alcance da reencarnação, surge inevitavelmente a questão de saber por que razão uma determinada vida não inclui casamento para alguns homens e mulheres. Mesmo sendo razoavelmente atraentes fisicamente e temperamentalmente normais, algumas pessoas parecem nunca ter oportunidade de casar. Pergunta-se, então, se haverá uma explicação cármica para isto nas leituras de Cayce.

Os franceses têm um epigrama brilhante sobre o estado matrimonial e o estado não matrimonial: “O casamento é como uma fortaleza sitiada: os que estão fora querem entrar; os que estão dentro querem sair.” Por mais cínico que pareça, há muita verdade nesta observação. O casamento trouxe tanta miséria psicológica a tanta gente que quase surpreende que outras pessoas ainda considerem o estado matrimonial desejável, que ainda consigam ignorar as suas muitas ameaças à paz de espírito e ver apenas as suas promessas de felicidade. E, no entanto — apesar do conhecimento comum de que o casamento tem dificuldades bem reais — os não casados têm, em geral, o sentimento de terem sido privados de algo precioso, um sentimento de frustração e fracasso.

O elemento sexual desta situação é, naturalmente, importante; e a frustração do não casamento, pelo menos nos países “civilizados”, tem sido equivalente a uma fome sexual total ou relativa para a mulher, se não para o homem. Nas sociedades primitivas não é assim. Mas, na forma atual da sociedade ocidental, o estado de solteiro representa uma espécie de frustração e até traz consigo uma certa desconsideração. Isto é especialmente verdadeiro no caso da mulher não casada; e os casos que se seguem são todos de mulheres porque, nos arquivos de Cayce, eram elas que mais frequentemente se preocupavam com o assunto e os seus casos eram mais evidentes.

Sozinha. Há algo de desolado na palavra, algo de indizivelmente triste. Tal como “pela última vez” é talvez a expressão mais triste da língua para os amantes, assim “estou só” é talvez a mais triste de todas as frases a ter de dizer sobre si próprio. Sem iluminação espiritual, a solidão após o amor, ou a solidão de nunca ter conhecido o amor, é uma das condições humanas mais estéreis e mais frustrantes.

O principal problema de vida da mulher cujo caso é descrito abaixo tem sido um sentimento constante de solidão. É secretária social em Nova Iorque — uma norueguesa de porte e considerável atratividade física. Tinha quarenta e sete anos na altura da sua primeira leitura com Cayce. Nessa altura tinha sido casada duas vezes; o primeiro marido morreu pouco depois do casamento. Casou novamente — desta vez com um homem muito mais velho

— e o casamento foi tão infeliz que cedo obtive o divórcio. Não teve filhos. Todos os membros da sua família morreram; literalmente, não tinha ninguém. O cargo de secretária social punha-a em contato com pessoas, mas era um contato superficial. Gostaria de voltar a casar, mas a oportunidade, de algum modo, não se apresentava. Estava sozinha.

As perguntas que ela colocou no seu pedido para uma leitura revelam o seu sentimento de isolamento e perplexidade. «Porque estive sempre tão sozinha?», perguntou ela. «Há alguma razão particular pela qual eu não deva encontrar companheirismo no casamento? Porque sou eu uma pessoa tão deslocada?» A leitura revelou que existia, de facto, uma razão para a sua solidão. Duas vidas antes, na Noruega, ela tinha dado início à sua situação psicológica atual através de um passo trágico: o suicídio.

Era então mãe de duas crianças pequenas e esposa de um homem que, por alguma razão não esclarecida, caíra em desgraça junto da comunidade. Após o nascimento do segundo filho, tornou-se profundamente abatida e pôs termo à própria vida no fiorde próximo. «Assim, encontramos a influência a manifestar-se no presente sob a forma de períodos de melancolia e de uma solidão que, por vezes, é quase insuportável.»

O padrão cármico neste caso parece bastante claro. Num momento de desgraça, tirou a própria vida, privando assim o marido e os filhos do amor e dos cuidados de que necessitavam. A sua falta de apreço pelos laços familiares, a sua falta de sentido de honra e de responsabilidade relativamente a esses laços, conduziram à situação em que agora se encontra. É apenas através da falta das coisas que se aprende a apreciar o seu valor.

É uma situação que dá que pensar. Ilustra não só a justeza da proibição da Igreja Católica relativamente ao suicídio como pecado grave, mas também a verdade do facto de que, por cada ato, por cada indiferença, por cada negligência, por cada desvalorização ou uso indevido do dom da vida, somos finalmente responsabilizados.

O caso seguinte de solidão apresenta o mesmo padrão básico, embora os pormenores difiram de forma acentuada. Diz respeito a uma mulher de ascendência inglesa que leciona no ensino pré-escolar, mas que sempre desejou casar. Era filha única de pais já de meia-idade, ambos falecidos quando ela ainda era muito jovem. Foi criada de forma rígida e conservadora por duas tias idosas. Como resultado, teve grande dificuldade em adaptar-se a outras pessoas da sua idade. Ao longo da vida sentiu-se solitária e afastada dos outros, desenvolvendo tendências introvertidas marcadas.

Houve um único relacionamento amoroso na sua vida, mas a atração foi puramente física. À medida que a incompatibilidade psicológica se tornava cada vez mais evidente, o relacionamento terminou. Desde então, a sua vida parece-lhe frustrada e vazia. Gosta do seu trabalho e é profissionalmente bem-

sucedida; é eficiente, competente e inteligente. Contudo, em intervalos recorrentes, é tomada por uma depressão que dura várias semanas e depois diminui gradualmente. Durante estes períodos depressivos, pensou muitas vezes em suicídio. Nunca se imaginaria que estivesse sujeita a uma aflição tão profunda, pois é uma mulher atraente e de atitude positiva.

Segundo a sua leitura, o acontecimento mais marcante da sua história foi o suicídio no período persa, há quatro vidas, quando tribos beduínas fizeram um ataque ao seu país. Nessa altura, era filha do governante e foi uma das pessoas feitas reféns por um xeque beduíno durante a incursão. Posteriormente, foi entregue ao homem que ocupava o cargo imediatamente inferior, de quem teve um filho. Pouco depois do nascimento dessa criança — uma rapariga — cometeu suicídio. A filha ficou assim entregue à mercê de um povo guerreiro entre o qual viveu, sofrendo muito até ser encontrada, num estado de extrema debilidade, por um mestre religioso itinerante, que a devolveu à saúde.

A leitura indica que a mãe cometeu suicídio apenas porque ressentia profundamente estar sujeita à vontade de outro; e que «a entidade perdeu-se, através dessa experiência, até ao nível mais baixo de tirar a própria vida apenas para se satisfazer — não em autodefesa nem em defesa de um princípio ou do país». A leitura não fornece mais pormenores; mas lendo nas entrelinhas, sente-se que ela era orgulhosa, altiva, arrogante, obstinada, e que se destruiu a si própria em vez de suportar uma humilhação do seu ego.

Tendo em conta o seu temperamento atual — uma independência de atitude marcada, quase brusca, e uma autossuficiência comparável à de qualquer homem — parece provável que o pecado psicológico da sua vida persa seja precisamente aquilo que hoje ergue uma barreira entre ela e os homens. Trata-se de uma certa falta de flexibilidade, uma recusa em abdicar da sua autodeterminação, que talvez afaste agora os homens.

Curiosamente, nesta vida, sempre desejou ter um filho. Não fossem as dificuldades levantadas por uma das tias idosas que a tutelaram, já há muito teria adotado uma bebé. Outro curioso resíduo do passado é o facto de ter pensado frequentemente em suicídio. Desde que obteve a sua leitura, que lhe deu uma explicação razoável para a sua situação, deixou de considerar o suicídio como uma saída, sabendo que aquilo que não enfrentar agora terá de enfrentar noutra altura.

Numa outra leitura, foi-lhe dito, no entanto, que ainda poderia esperar o casamento nesta encarnação, mas mais tarde na vida; e que, entretanto, deveria procurar tornar-se útil de todas as formas possíveis a todos aqueles com quem entrasse em contato. Quando perguntou quão cedo poderia esperar essa feliz consumação, foi-lhe dito: «Quando tiver provado o seu valor, isso acontecerá.» Foi-lhe claramente dado a entender, em vários momentos, que

este é um período de prova para ela. Quando perguntou: «Porque foram os últimos cinco anos da minha vida tão completamente desprovidos de qualquer contato com homens?», foi-lhe respondido: «Tem sido um período de teste daquilo que constitui o seu propósito fundamental nesta encarnação.»

Temos aqui, então, dois casos em que o suicídio, envolvendo o abandono de uma criança, resultou carmicamente em solidão e na ausência de um marido. Existe um terceiro caso nos registos, o de uma professora de música do Texas, que se encontra na mesma situação pela mesma razão — suicídio cometido enquanto membro da corte francesa.

Não estamos, naturalmente, autorizados a generalizar, com base em apenas três casos, quanto às consequências cármicas gerais da autodestruição. É opinião de Manly Hall (*Reencarnação: o Ciclo da Necessidade*) que o seu resultado cármico habitual é que uma personalidade futura morrerá em condições em que o desejo de viver será maior. Não temos nenhum caso nos ficheiros de Cayce que corrobore esta perspetiva; mas é uma hipótese razoável. (Existem vários outros casos nos ficheiros de Cayce em que o suicídio foi cometido no passado, mas nenhum em que algum resultado cármico seja aparente no presente. É possível que, nesses casos, o efeito cármico apenas se torne evidente em vidas posteriores.)

A solidão no presente e a incapacidade de casar podem, contudo, surgir de uma variedade de outras causas. O caso seguinte, por exemplo, ilustra uma origem cármica totalmente diferente.

Ao estudar este caso, somos lembrados do epigrama de Oscar Wilde: «Há apenas duas tragédias na vida: uma é não conseguir aquilo que se deseja; a outra é conseguir aquilo que se deseja.» A razão fundamental deste estranho paradoxo reside no fraco discernimento humano — naquilo a que os hindus chamam *avidya*, ou ignorância. Os contos de fadas em que uma personagem recebe três desejos de uma fada madrinha mostram frequentemente essa personagem a formular desejos tolos, cujas consequências depois tem de suportar. Histórias deste tipo são profundamente simbólicas de dois factos: primeiro, que a maioria das pessoas não sabe realmente o que quer da vida; e segundo, que grande parte do sofrimento humano resulta das escolhas insensatas que o próprio homem faz — escolhas que nascem de um juízo deficiente, de um ponto de vista limitado ou materialista, de um egoísmo mal orientado ou de um interesse pessoal míope.

O caso seguinte é um exemplo de uma decisão tomada tão remotamente quanto na Atlântida, cujas consequências ainda hoje se fazem sentir. O caso diz respeito a uma mulher de cerca de quarenta anos. A sua figura parece atarracada e pesada, mas isso deve-se em grande parte à falta de exercício e a uma postura incorreta. O rosto está completamente isento de maquilhagem, o cabelo nunca conheceu uma permanente. O seu vestuário é deliberadamente

pouco feminino; todas as roupas são escolhidas com base na utilidade e na economia, em vez de qualquer preocupação em realçar a sua aparência. Nas mãos de uma esteticista, de um técnico de condicionamento físico e de um consultor de imagem, poderia transformar-se numa bela mulher madura; os traços do seu rosto são regulares e agradáveis e, sobretudo por convicção religiosa, desenvolveu uma atitude aberta e encantadora.

Teve apenas o equivalente ao ensino básico e ganhou a vida principalmente em fábricas e em trabalhos de natureza manual ou mecânica. Num teste psicológico de avaliação de valores (a Escala de Allport-Vernon, baseada nos Tipos de Valores de Spranger), obteve a pontuação mais elevada nos valores religiosos e sociais, como seria de esperar, uma vez que os seus principais interesses na vida são a leitura de livros religiosos e a participação ativa em alguma forma de serviço social. No entanto, leva uma vida solitária e isolada. Nenhum membro da sua família partilha a sua visão religiosa. Houve pouco romance na sua vida.

Do ponto de vista psicológico, esta mulher apresenta um caso bastante claro do que se designa por «protesto masculino», ou a recusa em aceitar o papel feminino. Este protesto é evidente na sua atitude quase beligerantemente feminista e pouco feminina. É igualmente evidente na sua recusa quase puritana em fazer qualquer esforço de embelezamento pessoal ou de atração do sexo masculino. O mecanismo psicológico desta atitude é interessante e é bem explicado pela psicologia ortodoxa. Contudo, a explicação da psicologia ortodoxa parece incompleta. Porque teria ela nascido, perguntamos, com a herança corporal e psicológica e o ambiente que a «predispuseram» a desenvolver, desde logo, um protesto masculino? A sua história de vidas passadas fornece a resposta.

Na vida imediatamente anterior, era uma parente próxima de João Baptista e cresceu, conseqüentemente, num ambiente de fervor religioso. Esta foi a base da sua inclinação religiosa atual. Antes disso, foi — no sexo masculino — um trabalhador da madeira e dos metais num período ainda mais antigo da Palestina, o que parece ter contribuído para a sua atual visão prática e mecânica. Antes ainda, foi uma mulher de alta posição na Atlântida; um relacionamento amoroso infeliz causou-lhe grande sofrimento mental e confusão. Como resultado, «a entidade determinou que nunca mais, em experiências materiais, amaria aqueles que pudessem desiludir e causar dor ao coração». E aqui temos o ponto de partida da decisão de se libertar dos enredos e perigos do amor.

O seu estado atual de solidão e de não casamento não é, pois, carma num sentido retributivo. Não vemos aqui ação e reação, como nos casos de suicídio anteriormente relatados. Vemos antes o Princípio da Continuidade em funcionamento, no que respeita à força do desejo. Ela tomou uma decisão, adotou uma atitude em relação aos seus semelhantes e às suas relações com

eles. Com a intensidade típica da Atlântida, decidiu que nunca mais permitiria que os seus afetos se envolvessem com outras pessoas, especialmente com o sexo oposto. A decisão não foi tomada por renúncia espiritual e amorosa; foi tomada a partir do desejo, inspirado pelo ego, de não ser humilhada após ter dado afeto. Entretanto, nunca viu razão para alterar a sua atitude. Assim, agora tem de aceitar todas as conclusões lógicas e psicológicas da sua decisão, até à sua redução final ao absurdo, até que mude a sua mente e a sua vontade a esse respeito.

A leitura não indica se poderá ou não casar nesta vida. Mas, pelo menos, está a trabalhar no sentido de expressar afeto e interesse pelos outros. Através da falta de amor, aprendeu o seu valor. Através da sua solidão, viu o seu pecado — a rejeição do amor — objetivado.

O caso seguinte diz respeito a uma mulher que tem sido fortemente suspeita de ser homossexual. Embora isso nunca seja explicitamente afirmado nas leituras de Cayce, parece altamente plausível que, em alguns casos, a homossexualidade se deva a uma mudança recente de sexo e à transferência quase insuperável de características do sexo oposto.

A mulher deste caso nasceu em Inglaterra, mas mudou-se ainda jovem para a América. À data da sua leitura, exercia a sua profissão numa grande cidade dos Estados Unidos. Na aparência e nos modos é extremamente masculina. A sua voz é grave, como a de um homem. Usa roupas de corte masculino, gestos e posturas masculinas, e mantém o cabelo extremamente curto. A suspeita, amplamente partilhada entre os seus amigos, de que é homossexual baseia-se na observação destas características, juntamente com o facto de que, durante muitos anos, viveu com uma mulher extremamente feminina tanto na aparência como no comportamento. Eram companheiras inseparáveis, e a relação tinha todas as características de uma ligação homossexual.

As duas vidas imediatamente anteriores são as mais significativas em relação à sua personalidade atual. Na vida anterior a essa, encontrava-se em Inglaterra durante as Cruzadas. Era uma das muitas milhares de mulheres deixadas para trás pelos maridos e confrontadas com a necessidade de lutar pela própria sobrevivência. Esta experiência típica das Cruzadas deixou a sua marca psicológica em muitas pessoas. Algumas mulheres reagiram ao abandono e à solidão de uma forma, outras de outra.

A mulher deste caso reagiu com um vigor e uma capacidade de liderança invulgares no seu sexo. Aparentemente, sofreu bastantes privações, reconheceu a situação difícil de outras mulheres em circunstâncias semelhantes, mobilizou-se para a ação e organizou as mulheres num género de plano comunitário para proteção mútua. «E desde então a entidade tem tido pouca confiança no homem, sobretudo naqueles que são excessivamente

ativos em campos instáveis. As tendências para guardar ressentimentos, para desconfiar e para questionar a atividade dos outros têm origem nesse período.»

Foi nesta encarnação que certas qualidades masculinas, agressivas e afirmativas emergiram na sua psique. Presumimos que esta tenha sido a sua primeira manifestação (pelo menos neste ciclo), porque na encarnação anterior se encontrava na Palestina como mulher, e a leitura não faz qualquer menção a tendências masculinas. No final do período das Cruzadas, esses traços masculinos tinham-se tornado tão pronunciados que, na vida seguinte, encarnou como homem. Nascida novamente em Inglaterra, foi um daqueles homens aventureiros que vieram para a América com Hardcastle pouco depois da chegada de John Smith. Chamava-se então James Buhana; era um aventureiro e livre-pensador, e viajou extensamente pelos estados costeiros do Leste. Mais tarde, avançou para o interior com outros aventureiros.

Encontramo-la agora como um espírito masculino num corpo de mulher — um corpo que, em si mesmo, é quase masculino. Se, de facto, for realmente homossexual (não há informação exata disponível sobre este ponto), o caso torna-se duplamente interessante. Mas mesmo que não o seja, a situação está carregada de um significado psicológico extremamente importante. Pois confronta-nos diretamente com o princípio imensamente relevante da polaridade.*

O psicólogo Jung tratou extensamente do facto de cada indivíduo ser simultaneamente masculino e feminino, predominando um dos dois na sua psique. Tal como o corpo físico contém órgãos sexuais rudimentares do sexo oposto, para além dos seus próprios, também a psique do ser humano possui faculdades não desenvolvidas, mantidas como que em suspenso, que pertencem mais propriamente ao sexo oposto. Este facto psicológico, a que Jung chegou através de longos anos de observação clínica, harmoniza-se muito bem com a posição assumida pelas leituras de Cayce quanto à origem e ao desenvolvimento do homem.

Em síntese, essa posição é a seguinte: todos os espíritos humanos foram criados sem sexo e de natureza divina. Contudo, o princípio da polaridade, ou do sexo, foi um dos princípios arquetónicos do universo. E quando os espíritos se enredaram na matéria, fizeram-no de múltiplas formas em relação às leis da polaridade. Inicialmente eram andróginos, contendo ambos os sexos em si mesmos. Depois tornaram-se bissexuados. Os primeiros séculos da história atlante contêm muitos exemplos estranhos de formas grotescas criadas pelo uso desastrado do poder sexual. A atual divisão bissexuada é apenas uma fase do nosso desenvolvimento, que provavelmente tende para o andrógino a um nível espiritual.

Cada uma das duas polaridades, masculina e feminina, possui as suas qualidades típicas. Pelo menos na nossa época cultural, os atributos tipicamente masculinos e tipicamente femininos podem distinguir-se do seguinte modo: força, agressividade, afirmação, domínio, dureza — estes são masculinos; submissão, passividade, suavidade, bondade — estes são femininos.

Suponhamos agora que um espírito, através de sucessivas identificações com um corpo masculino ou feminino na mesma época cultural, desenvolveu um conjunto destas qualidades de forma tão acentuada que corre o risco de se tornar unilateral. Este é um perigo muito real, tanto para o próprio como para o resto do mundo. Temos um excelente exemplo disso na filosofia e na conduta dos nazis. O ideal do super-homem nazi não era tanto o super-homem, mas sim o super-masculino. Exaltava as características da polaridade masculina: força, poder, agressividade, domínio, dureza e egoísmo. Estas qualidades têm o seu lugar e a sua necessidade; mas, quando não são temperadas pelas qualidades femininas do amor e do sacrifício, transformam-se em crueldade, luxúria e loucura do ego. As provas flagrantes e terríveis disso o mundo já as viu.

A masculinidade é incompleta em si mesma. A sua sobrevalorização conduz ao mal. Daí a necessidade de a complementar com as virtudes da polaridade feminina. Essa complementação ocorre em certa medida através do casamento, pela união dos opostos. Cada parceiro da união é, até certo ponto, modificado e suavizado pelo outro. Mas essa modificação continua a ser incompleta. Ao longo de uma só vida, uma psique predominantemente masculina é muito insuficientemente temperada pelas virtudes femininas da sua companheira, e vice-versa. Mas encarnações sucessivas que proporcionam a alternância entre corpos masculinos e femininos oferecem as experiências corretivas necessárias. Assim, mais uma vez, o princípio da reencarnação revela-se como a nova dimensão indispensável da psicologia; apenas através de renascimentos repetidos se torna possível a completude da psique. Só assim podem o domínio e a submissão fundir-se no equilíbrio perfeito do espírito potente e iniciador que, ao mesmo tempo, se submete à vontade de Deus.

Temos um exemplo interessante desta tentativa de correção da psique através da alteração do sexo do corpo no caso que acabámos de considerar. A entidade tinha desenvolvido, ao longo de duas encarnações — primeiro como mulher, depois como homem — as qualidades positivas e masculinas. Fê-lo à custa da suavidade, da beleza, do perdão, da tolerância e da paciência. Ter nascido novamente num corpo masculino poderia apenas ter agravado ainda mais uma tendência já exagerada. O nascimento num corpo feminino, transportando todas as qualidades masculinas que desenvolvera de forma tão desproporcionada, constituiu uma tentativa de correção psicológica. O

desequilíbrio do seu desenvolvimento tornou-se ainda mais evidente pelo contraste entre o interior e o exterior, entre a qualidade interior e o corpo, e o papel corporal que a sociedade esperava dela. A sua falta de qualidades femininas deveria, assim, tornar-se evidente e, portanto, desconfortável; a atenção do ego residente deveria ter sido chamada para a necessidade de um equilíbrio corretivo. Mulheres masculinas e homens femininos que se permitem tornar-se homossexuais estarão talvez a seguir o caminho de menor resistência, regressando a um estado anterior de existência; talvez estejam a recusar aprender a lição de equilíbrio que o seu corpo tenta ensinar-lhes.

Existem numerosos outros casos nos registos de Cayce de mulheres com tendências masculinas atribuíveis a encarnações recentes como homens. Embora a presença de traços masculinos, resultantes de uma encarnação masculina recente, não exclua necessariamente o casamento, parece torná-lo mais difícil ou menos provável, e frequentemente parece impedir a capacidade de ter filhos. Muitas mulheres que tiveram dificuldade em engravidar, ou que não puderam ter filhos de todo, foram informadas de que isso se devia à sua mudança recente de sexo.

Seja qual for a causa cármica da solidão — quer se trate de suicídio, da determinação de não amar, ou da sobrevalorização de qualidades do sexo oposto provenientes de uma encarnação noutro sexo — deve reconhecer-se que o estado de não casamento é, como qualquer outro, uma oportunidade de cultivo interior e de transformação pessoal. «Cultivemos o nosso jardim», disse Cândido, no final de muitas aventuras variadas. E homens e mulheres podem aplicar esta sabedoria a si próprios quando se encontram aparentemente presos numa cela estéril de solidão.

Para ter companheirismo, é preciso ser digno dele. Para ter amigos, é preciso ser amigável; para ter amor, é preciso dar amor. Ao cultivarem dentro de si aquilo que os tornará dignos do que desejam, os solitários alcançarão mais rapidamente a feliz consumação do amor.

Capítulo 15

Alguns Problemas do Casamento

Uma vez feita a escolha do cônjuge, os parceiros ficam comprometidos com uma combinação cármica definida, uma interação psíquica específica. Um estudo aprofundado das leituras de Cayce relativas ao casamento conduz a noções gerais sobre o significado da escolha matrimonial em relação tanto ao passado como ao futuro. Em termos de uma analogia dramática, esta situação poderia ser expressa do seguinte modo.

Ao decidirem casar, um homem e uma mulher concordaram, sem o saber, em voltar a contracenar com um determinado companheiro de cena, com quem já tinham partilhado uma ou mais experiências anteriores. Evocaram assim um cenário especial para o drama das suas vidas presentes. Esse cenário pode, de facto, consistir em dois ou três conjuntos sucessivos: remotamente, no fundo mais distante, pode haver um laboratório na Atlântida, reluzente de instrumentos de poder e precisão; depois, mais próximo, uma cabana de pastor de cabras aninhada sob um rochedo montanhoso na Grécia; e finalmente, em primeiro plano, um elegante salão da época de Luís XVI.

Agora retomam os fios do drama encenado entre eles na brilhante e sofisticada corte francesa. Rivalidade, intriga, traição e perfídia podem ter sido o crescendo dos acontecimentos nos atos imediatamente anteriores — culminando em França num ódio irresistível e num homicídio. Ou talvez os episódios se tenham tornado sucessivamente menos violentos ao longo dos séculos; talvez as formas mais subtis de crueldade psicológica — arrogância, egoísmo, sarcasmo, indiferença — tenham sido os elementos mais recentes do conflito.

Mas sejam quais forem os precedentes dramáticos, os dois protagonistas desta nova representação têm, a cada momento, o poder de alterar o curso da intriga. O palco está montado, mas o texto não está escrito. Tal como na célebre *commedia dell'arte* italiana, em que o cenário e um esboço geral eram previamente acordados pela companhia, mas os atores improvisavam as falas e criavam as situações e as resoluções à medida que avançavam, também os atores desta nova peça são, a cada instante, livres de modificar o curso fluido da ação e, desse modo, redimir as fraquezas dos atos anteriores.

Ou, abandonando a analogia teatral, poder-se-ia dizer que cada pessoa tem liberdade de vontade e de escolha em relação ao cônjuge, tal como em relação a tudo o resto, mas que o ato de fazer uma escolha é como o ato de entrar num autocarro; uma vez dentro, fica-se comprometido com um determinado trajeto específico e uma direção geral, diferente da direção e do percurso que se teriam seguido se se tivesse entrado noutra autocarro. Além disso, as circunstâncias interiores do autocarro podem não ser inteiramente do agrado. O motorista pode ser rude e desagradável, o ambiente abafado, as

janelas hermeticamente fechadas, e o companheiro de banco excessivamente falador. Pode haver uma variedade de circunstâncias imprevistas para as quais não se estava preparado quando se escolheu o autocarro de Highland Park em vez do da Dexter Road. Mas a atitude que se mantém e a conduta geral ao longo de toda a viagem são determinadas pelo próprio, e por essa atitude e essa conduta, quaisquer que sejam as circunstâncias, cada um é, em última análise, responsável.

Existem vários casos específicos de casamento explicados carnicamente nas leituras de Cayce.

Nenhuma Némesis grega foi mais implacável, nenhuma tragédia grega mais terrível na sua justiça inexorável, do que o desenrolar do destino no estranho caso que vamos agora considerar. A mulher deste caso era uma jovem muito bela de vinte e três anos quando se casou. Uns belos olhos castanhos, um magnífico cabelo castanho-escuro ondulando solto em torno do rosto, e uma figura encantadora combinavam-se para lhe dar a aparência de uma atriz. Mesmo aos quarenta e um anos, quando obteve a sua leitura de vida com Cayce, conservava aquele tipo de beleza impressionante que faz virar cabeças nos restaurantes. Os seus amigos elegantes e abastados ter-se-iam certamente intrigado ao conhecer a história íntima da sua vida.

Nos dezoito anos decorridos desde o casamento com um empresário conhecido e altamente bem-sucedido, viveu uma experiência extremamente difícil e emocionalmente frustrante. O marido era completamente incapaz da relação sexual. Para algumas mulheres, talvez para aquelas que não sentem necessidade nem prazer no sexo, tal situação poderia não parecer trágica. Mas para uma mulher como esta — sensual, afetuosa — foi, de facto, uma tragédia. A anulação do casamento ou o divórcio poderiam ter resolvido o problema com relativa simplicidade; mas ela não conseguiu dar nenhum desses passos. Amava o marido; não suportava a ideia de o magoar.

Houve um período, nos primeiros anos, em que se envolveu desesperadamente em várias ligações com outros homens — não por desejo de ser infiel ao marido, mas por pura necessidade física e emocional. Gradualmente, porém, conseguiu superar até esse impulso, em grande parte através do estudo da teosofia e da prática da meditação. A vida prosseguiu neste molde estranho durante dezoito anos, até que surgiu a crise. Um antigo pretendente voltou a entrar na sua vida. «Desde o momento em que nos reencontrámos», escreve ela a Edgar Cayce, «a chama reacendeu-se nele com toda a intensidade, e eu também respondi. Estou a tentar libertar-nos, mas sinto a minha saúde a deteriorar-se como antes de iniciar os meus estudos... Não hesitaria em ter uma ligação com ele se ele não fosse casado. Não deixaria o meu marido por várias razões que talvez consiga ver, e também porque ele evoluiu para um carácter muito belo...»

«Talvez o meu desejo por este homem não seja amor, mas se deva às circunstâncias peculiares da minha vida conjugal. No entanto, ele também é uma pessoa excelente. Amou-me desde a infância e eu não o sabia (a mãe dele disse-mo). Não me deixou perceber até ser capaz de sustentar uma esposa. Nessa altura já era tarde, porque eu acabara de regressar a casa para anunciar o meu noivado com o meu marido. Circunstâncias peculiares ao longo de todo o caminho, que para mim significam carma, parecem ter perseguido as nossas três vidas.

«Cheguei a vê-lo intimamente, em intervalos, porque, por um lado, ele estava a desfazer-se. Por outro, eu pensei que isso o curaria do desejo — uma espécie de limpeza psicológica subconsciente... Terminei, porque não queria “andar com dois” em relação à mulher dele. Conheço a mulher dele e gosto dela. Não quero perturbá-la. A sociedade é contra isso e, do ponto de vista dela, seria errado se ela soubesse. Não quero magoar ninguém. Creio que ele não a detesta, embora ela consiga tudo o que quer fazendo troça dele ou implicando durante semanas a fio. Não hesita em rebaixá-lo em público, mas tem algumas boas qualidades. Ela não pode ter filhos... O meu marido sabe que lhe estou a pedir ajuda física, mas não sabe da situação.»

Eis, então, a própria exposição da mulher sobre o problema da sua vida.* É suficientemente dramática, mesmo assim; mas a leitura de vida e as revelações dos antecedentes do seu problema inspiram quase um sentimento de assombro perante a punição singularmente apropriada que duas almas em erro estão a enfrentar.

Temos de recuar duas vidas, até à França, no tempo das Cruzadas. Aqui encontramos a esposa com o nome de Suzanne Merceilleu, novamente casada com o seu marido atual. Monsieur Merceilleu era um daqueles homens aventureiros cuja imaginação foi capturada pela causa dos cruzados. E, como muitos outros homens de zelo religioso, mantinha a vida pessoal num compartimento bem separado das profissões e dos princípios da sua fé. Para ele, era de suprema importância que o túmulo do Salvador fosse resgatado das mãos do infiel; aplicar à sua própria relação com a esposa o princípio maior do amor que o Salvador ensinara parece nunca lhe ter ocorrido.

Assim, quando deixou a esposa para ir preservar a cristandade do infiel, havia mais uma coisa que queria ver preservada na sua ausência — a castidade da mulher. E, temendo que o zelo religioso não lhe inspirasse a mesma abnegação heroica que nele despertava e que, em vez de abraçar o cristianismo como consolação, ela acabasse por abraçar os cristãos do sexo masculino que ficaram, tratou cuidadosamente de garantir que tais consolações não fossem possíveis.

Existe um engenhoso dispositivo chamado cinto de castidade, ou cinturão de castidade, conhecido na Europa pelo menos desde a segunda metade do

século XII, e que se sabe ter sido usado ainda em 1934, em França, e em 1931, na cidade de Nova Iorque, quando a sua imposição forçada foi um elemento central em dois processos judiciais. Consistia num conjunto de metal e couro, ou metal e veludo, provido de fechadura e chave, ajustado cuidadosamente ao corpo de uma mulher de modo a impedir quaisquer relações sexuais na ausência do detentor da chave. Foi assim que Monsieur Merceilleu se assegurou de que Madame Merceilleu lhe permaneceria fiel.

As palavras exatas da leitura são: «A entidade estava entre aquelas de quem o companheiro duvidava e foi forçada a usar um dispositivo que impedia ligações com outros.» O uso da palavra *forçada* leva-nos a crer que Madame Merceilleu não apreciou muito a ideia, logo à partida; as frases seguintes mostram-nos que ela a ressentiu ainda mais intensamente depois e que «determinou ser livre, um dia, em algum lugar, e vingar-se... Ser forçada a permanecer num estado de castidade levou a entidade a formar determinações prejudiciais. O facto de isto ter-se tornado parte da experiência presente da entidade é, então, apenas o encontro consigo mesma».

Analisemos agora a justiça retributiva aqui implicada. O homem que recorreu a meios mecânicos para restringir a esposa é “recompensado” sendo tornado fisicamente incapaz da relação sexual. Não poderia haver punição mais apropriada. À primeira vista, parece injusto que a mulher, alvo dessa crueldade, seja duas vezes sujeita a uma vida de frustração sexual. Mas só superficialmente parece injusto. Porque o pecado não consiste apenas em atos externos. Consiste em intenções, motivos, estados de espírito, atitudes da alma. Esta mulher foi injustamente restringida. A sua reação a essa desconfiança e à forma brutal que assumiu foi de vingança e ódio. Nenhuma ação externa (que saibamos) deu expressão a esse ódio e a essa sede de vingança; mas a determinação de vingar-se existia, ainda assim.

Já vimos como qualquer decisão tomada pela alma pode persistir ao longo dos séculos. A determinação desta alma de «vingar-se» foi “recompensada” com plena oportunidade para o fazer. Desta vez, ela era soberbamente bela, infinitamente desejável. Encontrou-se casada com o homem que lhe fizera mal numa vida anterior — com toda a oportunidade de o enlouquecer de ciúmes, humilhá-lo diante dos amigos ou esmagá-lo com um divórcio. Que mais poderia pedir? Que cenário mais perfeito para uma vingança plena, triunfante e exultante? A situação quase parece a realização de uma fantasia de vingança elaboradamente malévola do seu eu outrora enfurecido e rancoroso.

Entretanto, porém, ela crescera espiritualmente. Já não conseguia ser cruel com ninguém. As suas cartas revelam sensibilidade do princípio ao fim. Poderia ter tido uma ligação com o antigo amante regressado — uma ligação que poderia facilmente ter sido mantida em segredo do marido —, mas não suportou a ideia de magoar a esposa dele, que poderia descobri-la com maior

facilidade. Absteve-se. A sua saúde física e emocional exigia alguma forma de expressão sexual; mas amava o marido. Não se divorciou dele. Sacrificou os seus desejos físicos, a sua beleza e a sua juventude ao seu sentido de lealdade e devoção.

Na expressão enigmática e profundamente significativa da leitura, ela estava a «encontrar-se consigo mesma», a encontrar a sua antiga determinação na situação da sua vida. E redimiou esse eu que encontrou. Passou a prova que ela própria colocara a si mesma seis séculos antes. «A vingança é minha; eu retribuirei, diz o Senhor.» «Porque é necessário que venham escândalos; mas aí daquele por quem o escândalo vem!» Ambas as afirmações bíblicas exprimem o facto de que a lei cármica pode ser considerada fiável para punir qualquer infrator; que o homem não deve, por impulso vindicativo, tomar a punição nas próprias mãos, nem jurar vingança. (Isto não significa necessariamente que a sociedade não tenha o direito de se proteger do criminoso. A condenação de um infrator da lei civil é um ato ponderado e social, empreendido para o maior bem do maior número. Obedece às leis acordadas; não é feita por impulso emocional de vindicta. Idealmente, pelo menos, a aplicação social das leis é uma aplicação impessoal da justiça e, enquanto tal, é um reflexo, no plano humano, das leis do carma no plano cósmico.)

Existe ainda um outro exemplo, nos registos de Cayce, de uma tragédia conjugal devida ao uso imposto do cinto de castidade durante uma encarnação das Cruzadas do marido e da esposa em causa. Neste caso, a reação cármica é um pouco diferente. O marido era, segundo o relato da mulher, muito paciente, compreensivo e gentil. No entanto, após quase oito anos de casamento, a esposa, de trinta e dois anos, continuava a ter um medo terrível da relação sexual. Isso, por si só, criava compreensivelmente uma situação muito difícil; e era ainda mais complicado pela atração quase idólatra da esposa por um amigo — um cantor italiano de ópera.

A dificuldade sexual foi explicada na leitura pelo facto de o marido, na sua encarnação das Cruzadas, a ter restringido com um cinto de castidade. É bastante claro como ele, ao ter uma esposa que o teme sexualmente, colhe as consequências do seu ato. O facto de a esposa sofrer todos os desajustamentos associados ao seu medo anormal é também uma consequência cármica. A sua reação ao marido cruzado, pela restrição, foi de ódio. E o ódio forja laços. Nas palavras da leitura: «Há dúvidas e medos no presente que nascem de um ódio latente. A condição criada então deve ser enfrentada no presente com compreensão. Pois, se quer ser perdoada, tem de perdoar.»

A atração pelo cantor de ópera foi atribuída a outra experiência de vida. Ele tinha sido seu amante uma vez na Indochina. Em resposta à pergunta:

«Como devo lidar com a situação?», a leitura diz: «Enfrente-a de acordo com aquilo que escolher como seu ideal.»

O elemento do medo surge novamente noutro caso em que a causa cármica é inteiramente diferente. Do ponto de vista do sofrimento pessoal envolvido, a história é quase esmagadoramente trágica; do ponto de vista da análise psiquiátrica, porém, oferece excelente material para o estudo da inter-relação entre carma, hereditariedade e ambiente. A mulher escreve em 1926:

Estou quase à beira da loucura e do suicídio — a mulher mais miserável do mundo e uma toxicodependente. Toda a minha vida a minha mãe, que tinha sofrido mortes em vida com o nascimento de seis filhos, falou-me tanto sobre a gravidez que, quando me casei há dezoito anos, fiquei tão assustada com a gravidez que agora vivo separada de um marido querido e doce, porque não suporto tê-lo à vista ou perto de mim. Rezei e experimentei psicologia, psiquiatria, Ciência Cristã e Unity, e nada resultou. Acha que existe alguma esperança para mim? Eu queria filhos e amava o meu marido, mas tinha medo das relações sexuais e agora estou pior do que nunca e, como digo, pronta para o suicídio, que tinha planeado para esta semana, quando soube do seu trabalho.

A leitura recuou duas vidas ao explicar a situação trágica desta mulher. Antes de mais, mostrou que ela tinha sido uma mulher vaidosa, egoísta, materialista e hedonista na corte francesa. A sua vida foi alegre, mas semeou as sementes para a tragédia da vida seguinte, como colona pioneira na América, quando se tornou mãe de seis crianças e viu todas elas morrer queimadas. «A entidade viveu com medo os restantes dias dessa vida. Sentiu ira e falta de confiança no divino por não ter protegido a ela e às crianças. Isso traz para a vida presente da entidade o pavor de ter filhos e todas as consequências desse pavor.» (É provável que ela tenha sido atraída, em termos vibratórios, para a sua mãe atual, devido ao problema emocional comum: o medo. A repetição, por parte da mãe, dos horrores da gravidez serviu apenas para reforçar o pavor já existente no inconsciente da criança.)

A tragédia nos tempos coloniais é compreensível, porque sabemos que só através da perda das certezas materiais o homem se volta para as coisas espirituais. Mas, no processo de enfrentar um conjunto de condições cármicas, ela criara inadvertidamente outro. Perder seis filhos deve ter sido uma agonia imensa, mesmo para uma mulher egoísta. Mas a prova não foi superada com êxito. Entre duas reações possíveis — a aceitação amorosa e o medo ressentido — escolheu a segunda. Entre interpretações mentais possíveis — «Esta tragédia é a vontade de um Deus insondável mas justo», ou «Esta tragédia é a injustiça de um Deus cruel», ou «o jogo sem sentido de um universo sem Deus» — escolheu a última.

E assim havia uma lição central que esta mulher ainda precisava de aprender. A lição era simplesmente esta: o amor perfeito lança fora o medo. Precisava de abandonar o seu conceito egoísta e materialista da vida; precisava de aprender um amor tão grande pelo homem que era o seu companheiro, um amor tão grande pelas almas ainda não nascidas que a pudessem escolher como mãe, um amor e reverência tão grandes pelo princípio divino da criatividade dentro de si, que os medos materiais não se fizessem sentir.

Infelizmente, a psicologia moderna, na sua maioria, não reconheceu o poder do amor. O amor, para a maioria dos analistas, é no máximo uma expressão da libido; desde as experiências brilhantes de Watson ao deixar cair e acariciar bebês, os psicólogos admitem-no como uma das três emoções humanas legítimas. Mas, como força positiva no universo, como aspeto essencial da Fonte Divina e, consequentemente, como qualidade essencial de todos os seus fragmentos — que somos nós —, como solvente soberano de todos os males humanos, o amor ainda não foi oficialmente reconhecido. Talvez seja porque os psicólogos têm pudor em usar a palavra. Compreende-se essa reticência (se é reticência), porque, se a palavra «amor» viesse a ser tão usada e abusada como «serviço» já o foi, depressa adquiriria os mesmos tons de insinceridade comercial e de pseudo-nobreza com que «serviço» já se encontra contaminado.

Outro caso interessante, do ponto de vista do ajustamento sexual e do tratamento psicanalítico, é o de um marido e uma esposa que eram profissionais e exerciam a profissão em conjunto. Ambos tinham estado em tratamento psicanalítico durante quase dois anos à data da leitura de Cayce. O marido era um introvertido acentuado; a esposa tivera três esgotamentos nervosos, e do último não se esperava que recuperasse. A esposa tinha cinquenta e um anos no momento da leitura; o marido, cinquenta e quatro. O único filho do casal morrera ainda bebé.

A desarmonia conjugal entre ambos era intensa. O analista que acompanhava o caso tomou conhecimento do trabalho de Cayce e escreveu a pedir uma leitura para os dois. Não solicitou uma leitura de vida, mas sim uma análise mental-espiritual. Como resultado, não dispomos de dados sobre as vidas anteriores de nenhum deles, exceto um único pormenor, mas altamente significativo, que surgiu na leitura da esposa.

Na leitura da esposa colocou-se a pergunta: «Porque é que a entidade leva a vida mais a sério do que a pessoa média?» A resposta foi: «Porque a levou mais a sério noutras experiências.» Seguiu-se então a pergunta: «Como teve origem o complexo de inferioridade da entidade?» A resposta foi: «Do medo e da antipatia pelos homens. Não se pode fazer votos de celibato e cumpri-los e, depois, com leviandade, voltar atrás e tentar satisfazer os apetites de quem não se satisfaz facilmente.»

Aqui temos uma pista muito importante para a incapacidade da esposa em alcançar um ajustamento sexual satisfatório. Numa vida anterior, muito provavelmente, fora freira; é compreensível que uma pessoa que, durante muito tempo, restringiu deliberadamente a natureza sexual por uma questão de princípio encontre dificuldade, mesmo com um estatuto conjugal diferente, em ser espontânea e natural na sua expressão. Isto é psicologicamente credível no espaço de uma vida; é-o igualmente no espaço de duas.

Seria, seguramente, forçar as coisas concluir que todas as mulheres frígidas foram celibatárias numa existência anterior. Há, sem dúvida, muitas razões — orgânicas e não orgânicas, cármicas e não cármicas — para a frigidez feminina. Mas é possível que, em alguns casos, a ausência de resposta seja atribuível a uma situação como esta.

Vale a pena notar que o psicanalista deste caso suspeitara de um complexo de Édipo como explicação para a neurose do marido. A leitura disse-lhe, sem margem para dúvidas, que não era esse o caso.

P. Do ponto de vista psicanalítico, qual é a idade emocional da entidade?

R. Cerca de dois meses.

P. Existe um complexo de Édipo na psicologia da entidade?

R. Leia o que já foi dado. Está apenas à procura de explicações materiais.

P. Quais são as razões pelas quais a entidade não encontrou felicidade no casamento?

R. Procura apenas a satisfação de si próprio.

O egoísmo era, então, a dificuldade básica. De facto, em todos os casos trágicos de desarmonia conjugal nas leituras de Cayce, é evidente que, de forma imediata ou remota, o egoísmo está na raiz do problema. É um facto de grande importância sugestiva. É certo que o termo «egoísmo» pode parecer demasiado ingénua para a mentalidade moderna; talvez seja preciso inventar uma nova expressão, como «complexo de Zeus» ou, possivelmente, o «QSA» (Quantum de Satisfação Própria), para que o egoísmo atinja o estatuto de vício científico, testado em laboratório.

Ainda assim, é algo refrescante encontrar as leituras a usar uma palavra tão simples e tão universalmente compreensível (talvez por ser tão universalmente aplicável). «O egoísmo é o pecado básico» é um refrão constante nas leituras de Cayce. E, a partir dessa afirmação simples, é possível atravessar montanhas de jargão e elaboração psicológica e sair com uma hierarquia cristalina de valores humanos e uma filosofia igualmente cristalina de terapia.

«O amor não possui!», exclama uma leitura de Cayce, em tom epigramático. «O amor é.»

O casamento começa, geralmente, na ilusão do amor como posse. As suas vicissitudes e tristezas têm apenas a finalidade de nos fazer aprender a verdade do amor como *ser*.

Capítulo 16

Infidelidade e Divórcio

Em todos os países onde a monogamia é a regra, a infidelidade é um problema conjugal bastante difundido. Talvez a explicação básica para a sua frequência seja biológica, resumida com acerto nestes versos anónimos:

Higamus, pigamus,
Os homens são polígamos;
Hogamus, pogamous,
As mulheres, monógamas

Para além dos factores biológicos, existem, claro, factores psicológicos e sociais que contribuem para a infidelidade conjugal. Mas, se se aceitar a visão reencarnacionista, torna-se naturalmente interessante investigar o problema da infidelidade quanto a possíveis origens cármicas. Os registos de Cayce contêm três casos notáveis em que o carma parece ser o determinante fundamental.

O primeiro caso é o de uma mulher, mãe de duas crianças, cujo marido mantinha um caso, há cerca de oito anos, com outra mulher; a esposa só tivera conhecimento da situação nos últimos dois anos desse período. Perguntou, na sua leitura, por que razão precisava de sofrer essa experiência angustiante, e foi-lhe dito: «Por causa da sua própria infidelidade na experiência anterior a esta.»

O segundo caso é o de uma mulher que, durante a sua experiência na corte francesa, fora descaradamente infiel. Agora encontrava a mesma situação com o marido atual, que tinha sido o seu principal amante na encarnação anterior.

O terceiro caso é o de uma mulher cujo marido começou, no primeiro ano de casamento, a beber em excesso e a ter um caso atrás de outro; em várias ocasiões chegou mesmo a trazer outra mulher para casa. Apesar de tudo isto, a esposa manteve-se fiel e continuou a viver com ele nos intervalos entre outras mulheres, apenas para ser “recompensada” ficando ela própria com uma doença venérea. A leitura atribuiu a origem cármica desta situação trágica à encarnação imediatamente anterior. Nessa vida, fora filha ilegítima de um marinheiro de Commodore Perry e de uma jovem japonesa. Talvez por causa da sua origem pouco ortodoxa se sentisse uma pária e, ao atingir a maturidade, se entregasse sem freio a uma vida de prazer sensual. Tornou-se rapidamente uma fonte de infeção para os muitos homens com quem se envolvia. «E de

longo alcance foram essas influências», disse a leitura, «até ao encontro disso na experiência presente.»

Em suma, casos deste tipo indicariam que, por vezes, a infidelidade do cônjuge ocorre por necessidade cármica. Com base nestes exemplos, não se pode, naturalmente, assumir que todos os casos de infidelidade sejam cármicos. A infidelidade de João para com Maria pode dever-se ao facto de Maria “merecer” esse tratamento por ter sido infiel a Cláudio na Roma antiga; mas, por outro lado, as aventuras dele podem resultar das falhas atuais de Maria; a infidelidade pode não passar de uma reação contemporânea a uma provocação contemporânea — um caso de carma rápido. O critério para avaliar se uma situação é cármica será, provavelmente, na ausência de visão clarividente do passado, determinar se existe provocação contemporânea suficiente.

Segundo a lei cármica, se alguém foi escandalosamente infiel no passado, “merece” ser tratado com infidelidade escandalosa no presente. Só assim a lealdade e a consideração passam a fazer parte do carácter. É devido a esta necessidade educativa que as leituras aconselhavam tão frequentemente contra o divórcio: se há uma lição espiritual a aprender num casamento difícil, faz pouco sentido fugir dele, porque, mais cedo ou mais tarde, será necessário adquirir a força espiritual para o enfrentar.

De forma alguma, porém, as leituras assumem uma atitude proibitiva em relação ao divórcio — em muitos casos, aprovam-no claramente. Os critérios pelos quais se avaliava o acerto ou erro de tal decisão parecem ser dois: a obrigação para com os filhos e a obrigação de um para com o outro. Os casos em que o divórcio foi distintamente aconselhado foram invariavelmente aqueles em que não havia filhos ou, havendo-os, em que os filhos beneficiariam com o divórcio; aqueles em que a lição cármica do casamento tinha sido aprendida; ou aqueles em que um dos parceiros lidara tão mal com a situação que estava a arrastar o outro para baixo.

Um caso típico é o de uma mulher de New Jersey, de quarenta e nove anos, sem filhos, cujo casamento era desarmonioso. Foi-lhe dito que deveria cultivar as suas capacidades excepcionais como professora e que deveria deixar o marido. A leitura foi a seguinte:

Sim, é bom que a entidade seja casada; esta é a vida natural para uma entidade na Terra.
Mas quando existe uma relação que impede os propósitos pelos quais a entidade entrou, e isso se torna evidente, e não há forma de a alterar, é melhor que haja uma dissociação.
Saiba, no mais fundo de si, que tem de se ocupar da tarefa que veio à Terra concluir. Está a começar tarde, mas ainda poderá realizar muito na instrução de jovens raparigas...

Um exemplo contrastante é o de uma mulher que era vinte anos mais velha do que o marido. Havia entre eles uma incompatibilidade séria; ele bebia em excesso e era abusivo e irracional no comportamento para com ela e para com o filho dela. Não foi dada explicação cármica para a situação, mas o divórcio não foi aconselhado. A leitura disse:

Surgiram desilusões e diferenças entre vós. Não se retraia, mas deixe antes que a sua atitude seja de indiferença amorosa. Não se fixe em desconsiderações e insinuações; saiba que, de facto, como semear, assim colherá; e isto é verdadeiro na sua relação com ele, tal como na dele consigo. Faça-lhe, em quaisquer circunstâncias, aquilo que gostaria que ele lhe fizesse.

É plausível que, neste caso, ainda houvesse alguma lição cármica a aprender, ou alguma obrigação cármica a cumprir.

Na ausência de conhecimento clarividente dos factos e méritos de vidas passadas em cada caso, o ponto em que a rutura dos laços matrimoniais pode legitimamente ocorrer é, reconhecidamente, difícil de determinar. Um argumento forte a favor da indissolubilidade católica do casamento é que mantém seres humanos errantes presos a uma tarefa de que, de outro modo, poderiam ser tentados a escapar por via de uma autojustificação demasiado fácil.

Embora a recomendação de divórcio, nas leituras de Cayce, seja frequente demais para indicar simpatia por uma proibição absoluta, os padrões de autoavaliação que estabelecem são tão elevados e tão bem fundamentados filosoficamente que o seu efeito final seria, sem dúvida, diminuir e não aumentar o divórcio.

O casamento, enquanto instituição, é, na perspectiva reencarnacionista, menos sacrossanto do que muitas pessoas pensam. Se a sociedade quiser tornar o casamento indissolúvel, muito bem; se não quiser, também muito bem. A lei cósmica não será frustrada por nenhum dos sistemas — se o homem falhar o cumprimento de uma obrigação numa existência, será inevitavelmente chamado a prestar contas noutra. As formas externas que o homem estabelece são quase tão arbitrárias e quase tão pouco importantes como as regras que inventa para o *gin rummy*. Em última análise, importa pouco que regras se criem para qualquer jogo, porque, através das formas e convenções de todos eles, o valor intrínseco está na perícia e na honestidade com que se joga.

Por outro lado, o casamento é mais sério do que muitas pessoas pensam. As obrigações tão levemente ignoradas por milhares de pessoas todos os anos não são meras convenções sociológicas sem sentido; a sua força vinculativa real reside na natureza corporativa da humanidade, da qual cada um de nós é como uma célula viva. Uma lei cósmica de equilíbrio está continuamente a operar e, seja qual for o egoísmo que manifestemos, não há cadinho melhor para a sua dissolução do que o casamento. Devemos, pois,

aprender a aceitar as suas dificuldades e frustrações num espírito de sacrifício, reconhecendo que o nosso eu menor está em julgamento para que o nosso grande Eu possa nascer.

Sabendo que o nosso cônjuge nos chegou através de antigos laços de atração; sabendo que não foi o acaso, mas a intenção propositada do Eu superior, que nos guiou mesmo às situações mais sombrias; sabendo que, dentro da desarmonia, há oportunidade de progresso através da ausência de egoísmo, vemos o divórcio quase como uma privação. Em contrapartida, reconhecendo que nenhuma instituição deve escravizar as pessoas em relações insalubres, miasmáticas e deformadas, e que o amor altruísta não deve ser lançado aos porcos do egoísmo não regenerado, vemos o divórcio como um procedimento tão sensato, são e decente como a dissolução de qualquer outro contrato legal.

Regressamos, pois, à moderação, ao equilíbrio, ao justo meio. São virtudes a procurar não apenas pelos indivíduos na sua busca de perfeição espiritual; devem ser procuradas também pela sociedade, nos seus esforços para criar as formas através das quais os indivíduos se possam exprimir.

Capítulo 17

Pais e Filhos

Durante muitos séculos, a família foi, mais ou menos, uma soberania, presidida pelo pai — ou, em algumas civilizações, pela mãe. Tais soberanias ainda existem; na verdade, predominam. Do ponto de vista materialista, as crianças podem ser vistas como propriedade dos pais. Foram criadas através do sacrifício e do trabalho da mãe; foram mantidas através do esforço e do sacrifício do pai. O progenitor é materialmente mais forte, mais maduro e mais poderoso do que as crianças — logo, é seu direito governar.

Na realidade espiritual, porém, não existe superioridade absoluta dos pais sobre os filhos. Todas as criaturas vivas são membros iguais de uma vasta comunidade espiritual. Espiritualmente, os pais não “possuem” os seus filhos; nem sequer os criam. Limitam-se a evocá-los. Um processo misterioso decorre dentro dos seus corpos, que lhes permite unir-se a um companheiro por um instante e pôr em marcha processos igualmente misteriosos que resultam na preparação e no nascimento de um corpo.

Esse corpo torna-se a morada de outro ser espiritual semelhante a nós. Temporariamente, ele é incapaz de falar e indefeso; a responsabilidade que sentimos e os cuidados que lhe dedicamos são experiências valiosas. Conduzem ao sacrifício e ao amor; levam à ternura e ao apego do mais profundo género. E assim deve ser, desde que isso não evolua para possessividade e dominação, sob uma das suas muitas formas.

Kahlil Gibran expôs bem a questão em *O Profeta*. Diz ele:

Os vossos filhos não são vossos filhos. São os filhos e as filhas do anseio da vida por si mesma.

Vêm através de vós, mas não de vós.

E, embora estejam convosco, não vos pertencem.

Sois os arcos de onde os vossos filhos, como flechas vivas, são lançados.

Que a vossa curvatura na mão do Arqueiro seja para alegria.

Pois, tal como Ele ama a flecha que voa, ama também o arco que permanece firme.

Os pais não deveriam sentir nem uma superioridade dominadora nem uma inferioridade invejosa em relação aos filhos; e este equilíbrio de desapego amoroso, que é a única atitude adequada dos pais perante criaturas à sua guarda, só é possível através do reconhecimento daquela verdade espiritual central de que todos os homens, todos os espíritos, foram criados iguais. Os pais são, para usar uma expressão favorita das leituras de Cayce, os «canais» através dos quais a vida flui e através dos quais as almas recebem a oportunidade de encarnar. Recomenda-se, por isso, que as pessoas entrem na relação matrimonial com sentido de sacralidade do que estão a fazer. O ponto de vista aqui é explicitamente sexual; isto é, a visão de Cayce coincide com a visão hindu de que a sexualidade é, em si mesma, algo divino e sagrado.

A velha teologia cristã, infelizmente, lançou uma mancha psicológica sobre o sexo, ao considerá-lo intrinsecamente pecaminoso. Através de uma trágica interpretação errónea do simbolismo do *Livro do Génesis*, considera-se que toda a humanidade descende do «pecado original» de Adão e Eva. Embora a cerimónia do casamento legitime as relações sexuais, sustentou-se que as crianças são concebidas em pecado.

Noções tão deturpadas, relativas às funções naturais, dadas por Deus, do corpo humano, têm efeitos psicológicos de longo alcance, gerando repressões, sentimentos de culpa e conflitos profundos, dos mais graves e incapacitantes. A alternativa, contudo, não é o amor livre nem a expressão desinibida do desejo sexual. A alternativa é a plena compreensão de que o poder criador do sexo é uma prerrogativa divina. «O amor por um corpo puro, e para com um corpo puro», diz uma leitura, «é a experiência mais sagrada na jornada terrena de uma entidade.»

Este ponto de vista é salientado em muitas leituras e surge de forma notável quando uma mulher pergunta sobre a possibilidade de ter filhos. Nesses casos, o pedido era geralmente de uma leitura física; a mulher queria saber que preparação fazer para a concepção e o parto. Era dado aconselhamento físico em abundante detalhe. Nada de invulgar surgia nessas leituras, exceto a recomendação de tratamentos osteopáticos ao longo de toda a gravidez para garantir maior flexibilidade do corpo. As sugestões sobre

alimentação, exercício e cuidados pessoais eram, em termos gerais, semelhantes às que poderia prescrever qualquer médico competente, com a vantagem particular de uma percepção clarividente das necessidades específicas de cada corpo.

No entanto, as leituras davam igual, senão maior, ênfase à importância da preparação mental e espiritual, uma vez que a atitude dos pais atrairia entidades afins que viessem a encarnar:

A entidade deve compreender que a preparação da mente e do espírito é, por natureza, criativa e é tão necessária como a preparação puramente física, senão mais ainda.

Numa leitura para uma mulher de trinta e seis anos que perguntou se ainda poderia ter esperança de ter um filho, Cayce disse:

Faça de si um melhor canal, física, mental e espiritualmente. As pessoas estão demasiado inclinadas a encarar a concepção como uma condição puramente física.

Lembre-se de como Ana se preparou, e Maria. Há muitos casos registados, e há muitos outros de que nada se sabe, e, no entanto, houve uma longa preparação.

Outra leitura disse:

Foi dado ao homem, como oportunidade, através do coito, criar um canal por meio do qual o Criador possa dar ao homem a oportunidade de ver a Sua obra. Esteja atento, pois, à sua atitude e à do seu companheiro ao criar esta oportunidade; pois o carácter da entidade que entra depende, em parte, da atitude dos pais.

Torna-se também evidente, nestas leituras, que nenhuma relação entre pais e filhos pode ser encarada como uma relação de acaso. Quase sempre houve ligações de vidas anteriores com um dos pais ou com o outro; e, nos relativamente poucos casos em que não existia qualquer relação de vida passada com nenhum dos pais, a situação familiar proporcionava uma oportunidade ambiental que coincidia com as necessidades psicológicas da criança. Os registos de Cayce mostravam que algumas crianças tinham um vínculo cármico com um dos pais, mas nenhuma relação anterior com o outro. Nesses casos, havia uma tendência acentuada para a indiferença entre a criança e o progenitor com quem se relacionava pela primeira vez. Os casos típicos seguintes ilustram a variedade de possíveis relações passadas entre pais e filhos.

Uma mãe e um filho entre os quais existia um forte vínculo afetivo tinham sido mãe e filho antes; um pai e um filho igualmente muito próximos tinham estado, numa vida anterior, na relação de irmão mais velho para irmão mais novo; uma mãe e uma filha que não se entendiam não tinham tido relação

anterior; uma combinação mãe-filha em que a filha era muito indiferente à mãe foi explicada pela leitura como uma relação anterior de irmã-irmã em que houvera um desentendimento grave («Zangaram-se então e ainda não fizeram as pazes»); um pai e uma filha tinham estado juntos anteriormente como marido e mulher; uma mãe e uma filha entre as quais existia antagonismo acentuado tinham sido rivais pela mesma posição e pelo mesmo homem numa vida anterior; uma relação mãe-filho em que o filho tentava dominar a mãe foi atribuída a uma experiência anterior em que as posições tinham sido exatamente inversas, como filha e pai.

Estes casos sugerem que inúmeros princípios atuam na atração da criança pelos pais. Tal como os fios num espetáculo de marionetas habilmente dirigido, porém, esses princípios permanecem, em grande medida, ocultos para nós; o material de Cayce é altamente sugestivo, mas não oferece detalhe suficiente para permitir uma formulação de lei verdadeiramente sistemática.

Embora seja verdade que o semelhante atrai o semelhante, parece ser igualmente verdade que, por várias razões cármicas, antigos antagonistas e opostos temperamentais são frequentemente atraídos uns aos outros. Um exemplo marcante de disparidade temperamental vê-se no caso de uma criança que tinha cinco anos quando foi feita uma leitura de vida sobre ela. Foi caracterizada como egoísta, pouco disposta a reconhecer o erro quando estava errada e indiferente. A sua visão do mundo era, pela impessoalidade e pela dedicação a valores puramente intelectuais, essencialmente a de um investigador científico. Na encarnação anterior, dedicara-se ao vapor como instrumento de poder. Antes disso, trabalhara com explosivos químicos; antes ainda, estivera absorvida pela mecânica; e antes disso fora engenheiro eletrotécnico na Atlântida.

Quatro vidas de dedicação tão intensa à ciência pura fornecem uma ilustração interessante da persistência de um «valor», no sentido de Spranger. Aqui temos, claramente, um Tipo Teórico, mas tornara-se desequilibrado na direção do valor da verdade, à custa dos valores da vida — amor, beleza e unidade — que são igualmente válidos; a sua atitude em relação aos outros era de distanciamento e fria indiferença. A leitura acrescentou que, nesta vida, teria maior sucesso em tudo o que se relacionasse com engenharia elétrica ou de vapor e envolvesse matemática.

A caracterização revelou-se exata em todos os aspetos. Hoje é um engenheiro eletrotécnico bem-sucedido; os seus traços de carácter são essencialmente os que se esperariam do pano de fundo que lhe foi atribuído, embora pareçam ter ocorrido algumas modificações em virtude do ambiente familiar.

Se o semelhante atraísse o semelhante, poder-se-ia esperar que tivesse nascido num ambiente científico — que o pai fosse engenheiro e a mãe,

possivelmente, ex-professora de matemática. Em vez disso, nasceu numa família de idealistas pouco práticos. O tipo de valores do pai era claramente social ou religioso; a mãe, embora introvertida, era arrastada para as atividades de serviço social do marido, cheio de zelo. O irmão mais velho do rapaz também era um idealista, cuja principal preocupação na vida era ajudar outras pessoas.

A entrada do rapaz nesta família não seria, pelo que se consegue apurar, de chamar cármica no sentido estrito do termo. Ao mesmo tempo, parece haver aqui a operar algum princípio corretivo — a correção de uma sobrevalorização pouco saudável. Quase parece que a entidade estivesse consciente das limitações da sua perspectiva e tivesse escolhido entrar num ambiente que alargasse essa perspectiva para incluir valores mais humanistas.

O rapaz foi colocado em contato contínuo com pessoas cujo propósito principal na vida era ajudar os outros. O seu sentido prático da realidade trazia muitas vezes o resto da família a uma contenção saudável; por outro lado, a visão deles era, para ele, um lembrete diário da existência de outros valores além dos seus. Embora esta experiência não tenha provocado uma mudança completa no seu valor de vida fundamental — a busca da ciência pura —, teve algum efeito na sua personalidade, tornando-o menos egoísta e mais social. Assim, o propósito corretivo da sua escolha parental parece ter sido cumprido, pelo menos em parte.

Que as entidades que chegam a encarnar têm certa liberdade de escolha quanto aos pais está razoavelmente bem estabelecido nos dados de Cayce. Há alguma evidência de que, nos menos evoluídos, há menor margem de escolha; mas, em geral, a escolha da parentela parece ser prerrogativa da alma. Não é fácil entender por que razão uma entidade ainda não nascida escolheria deliberadamente um ambiente de miséria, pais degenerados, um corpo mal equipado, ou quaisquer outras circunstâncias desfavoráveis. Superficialmente, tal escolha pareceria psicologicamente implausível; mas, analisada mais profundamente, não há verdadeira contradição psicológica.

A situação é comparável à de um homem que subitamente se apercebe de que está a ficar demasiado gordo. Alguma restrição por parte da seguradora, ou uma recusa por parte de uma mulher, ou a dificuldade em caber na roupa pode fazê-lo tomar consciência do seu volume. Decide então emagrecer, escolhe um centro adequado, marca uma consulta, inscreve-se e inicia um curso de tratamentos de emagrecimento. Seis meses depois, surge com a cintura reduzida e uma função cardíaca mais saudável, tendo cumprido o seu propósito. Aparentemente, as almas estão em posição de fazer algo semelhante. A decisão deliberada de aceitar uma situação desagradável não é um ato humano inconcebível; as pessoas escolhem frequentemente algum desconforto quando conseguem ver nele um meio para um fim.

Curiosamente, esta liberdade de escolha parece ter alguma relação com a mortalidade infantil. De um modo geral, segundo as leituras, a alma pode prever, no nascimento, o tipo de situação terrena em que se irá envolver em virtude da escolha dos pais; devido, porém, à liberdade da vontade humana, nem todos os acontecimentos futuros podem ser previstos. Como consequência, a alma pode descobrir, depois de ter feito a sua escolha e de ter nascido, que os pais não correspondem às expectativas que pareciam prometer antes do seu nascimento. Percebendo então que o seu propósito interior para a encarnação pode ser frustrado pelas circunstâncias alteradas, a alma retira-se.

Um exemplo disso é o de uma jovem mulher que foi informada de que, na vida anterior, morrera muito nova. Tomara encarnação com aqueles pais em particular principalmente por atração à mãe; pouco depois do seu nascimento, porém, o pai começou a beber e a tornar-se negligente e abusivo. Desiludida, a jovem alma tomou a decisão de não viver e, após uma breve doença comum à primeira infância, regressou aos reinos de onde viera.

A leitura indica de forma muito direta que retiradas deste tipo são um fenómeno comum. Se isto for de acreditar, então as mortes de bebés podem ser comparadas — pelo menos em alguns casos — à saída discreta de um espectador no final de um primeiro ato pouco promissor. Em alguns casos, isto pode, como no exemplo acima, refletir-se na conduta dos pais; mas, noutros, pode apenas refletir um erro de julgamento da entidade que entra.

Por vezes, a morte de um bebé muito pequeno pode ser interpretada como uma experiência necessária de luto para os pais: a criança apareceu apenas por breves momentos, num espírito de sacrifício, para os ajudar a viver a agonia curativa de que necessitam para o crescimento da alma. Um obscuro romance do século passado usa este tipo de ato sacrificial como tema. Nessa história, uma jovem tem um pai materialista, arrogante e orgulhoso das suas posses e da beleza dos seus filhos. A filha ama-o, mas nada consegue fazer para espiritualizar os seus valores.

Morre num acidente e, não muito tempo depois, regressa aos mesmos pais como uma criança deficiente — assumindo propositadamente esse tipo de corpo e de experiência, por amor ao pai e pelo desejo de lhe provocar uma angústia que o purificasse. Era, certamente, pura ficção; mas sugere o que pode, por vezes, acontecer quando uma entidade deseja prestar um serviço educativo de amor a duas pessoas que precisam de experimentar a dor para crescer. As leituras de Cayce deixam entender que, por vezes, assim poderá ser.

Outro ponto interessante — e não apenas insinuado, mas afirmado de forma categórica muitas vezes nos dados de Cayce — é que o momento da concepção não coincide com a entrada da alma. As leituras aconselham

frequentemente as grávidas a vigiarem os seus pensamentos durante o período de gestação, uma vez que a natureza desses pensamentos determina, em certa medida, o tipo de entidade que é atraída. O excerto seguinte ilustra este ponto de vista:

P. Que atitude mental devo manter nos próximos meses?

R. Depende do tipo de entidade que deseja. Se deseja uma entidade musical e artística, então pense em música, beleza, arte. Quer que seja puramente mecânica? Nesse caso, pense em mecânica — trabalhe com esse tipo de coisas. E não pense que isto não terá efeito! Há algo que todas as mães deveriam saber. A atitude mantida durante o período de gravidez tem muito a ver com o carácter da alma que escolheria entrar por este canal.

Além disso, parece, a partir dos dados de Cayce, que a alma pode entrar no corpo pouco antes do nascimento, pouco depois do nascimento, ou no momento do nascimento. Podem passar até vinte e quatro horas depois de um bebé nascer antes de a alma entrar e, em alguns casos, há mesmo alterações de última hora quanto à entidade que entrará. À primeira vista, pode parecer inconsistente com o ponto de vista reencarnacionista básico acreditar que um corpo possa existir sem a sua alma animadora; contudo, não existe aqui qualquer inconsistência necessária. Os teosofistas chamam ao corpo o «veículo» da alma. Tal como é perfeitamente concebível — usando uma analogia sugerida pelo termo — que o chassis de um automóvel seja concluído, a ignição ligada e o motor a funcionar, mesmo que o condutor ainda não tenha entrado no carro, também é concebível que um corpo esteja estruturalmente completo e com os seus processos orgânicos de vida já em funcionamento, sem a presença do habitante que o irá animar.

Raciocinar por analogia, é claro, nem sempre é um procedimento válido ou conclusivo; mas somos levados a especular deste modo apenas porque somos confrontados, repetidas vezes, nas leituras de Cayce, com afirmações tão curiosas como esta e temos tão pouco conhecimento dos processos ocultos da vida que não conseguimos explicá-los com precisão científica. Alguém perguntou certa vez a Cayce a inevitável pergunta: «O que mantém vivo o corpo físico até a alma entrar?» A resposta foi críptica, para não dizer obscura: «O espírito! Pois o espírito da matéria, a sua fonte, é Deus.»

É necessária mais investigação clarividente sobre este ponto, e sobre muitos outros. Quando tal investigação for realizada, seguindo as diversas implicações dos dados de Cayce sobre a infância, as relações entre pais e filhos e o nascimento, encontrar-nos-emos, sem dúvida, na posse de toda uma nova ciência da eugenia, da psicologia infantil e do melhoramento da raça. O nascimento é muito menos um acidente do que poderia parecer; a infância, muito menos um parêntesis. Nisto, como em tantas outras áreas, as leituras de Cayce são estimulantes pelos novos horizontes de investigação que apontam.

Capítulo 18

Enredos Familiares Cármicos

Entre a multidão de tristezas que atingem homens e mulheres está a angústia de trazer ao mundo uma criança com deficiência. Materialmente, é um problema de cuidados e despesas acrescidas; socialmente, constitui uma espécie de estigma não dito; espiritualmente, é uma fonte de interrogação sobre os desígnios de Deus para com os homens e de profunda ansiedade pelo bem-estar da criança.

Para tais pais, o princípio da reencarnação pode ser uma fonte de tranquilidade e coragem. Em primeiro lugar, é evidente, segundo este princípio, que qualquer anomalia é provavelmente de origem cármica. Existem alguns casos nos registos de Cayce em que uma lesão no parto foi considerada não cármica (uma discussão mais detalhada deste ponto será encontrada no capítulo sobre o carma), mas, em geral, as deformidades de nascença são fortemente indicativas de alguma transgressão numa vida passada. Em segundo lugar, a ligação entre os pais e a criança afetada é quase sempre também de origem cármica. Repetidamente, em leituras feitas a crianças que sofriam de “idiotia mongoloide”, surdez, hidrocefalia e muitas outras aflições trágicas, encontra-se a frase: «Isto é carma, tanto para os pais como para a criança.»

Um dos exemplos mais marcantes deste tipo de vínculo cármico encontra-se no caso de uma rapariga judia de doze anos que sofria, desde a primeira infância, de epilepsia — uma aflição que não só é embaraçosa no momento da crise, como também produz um estigma profundo na personalidade. Segundo a leitura, esta tríade familiar — pai, mãe e filha — tinha estado associada anteriormente na América, no tempo da Revolução, exatamente na mesma relação. Os pais acharam financeiramente vantajoso alinhar com a Inglaterra em vez de com os colonos, e preocuparam-se em recolher informação útil para a Coroa. A filha era bonita; era imprudente; era inteligente. Tal combinação de talentos era muito conveniente para os propósitos dos pais; em vez de a restringirem, incentivaram-na a pôr os seus instintos naturais de sedução ao serviço de um uso político lucrativo.

Embora a leitura não diga como terminou este drama singularmente interessante, aponta as consequências na vida presente; e somos levados a refletir, ao considerá-las, que, se os moinhos dos deuses moem lentamente, moem muito fino. A leitura de vida sobre a rapariga começa:

Os pais desta entidade deveriam comparar as suas experiências passadas através das suas próprias leituras de vida, a fim de descobrirem as suas oportunidades e as suas obrigações para com ela. Cada alma que veja as dificuldades presentes desta entidade deve reconhecer que, de facto, cada alma se encontra consigo mesma; e Deus não é

escarnecido; e aquilo que uma alma semeia, isso colherá. Pois as presunções e autoindulgências do passado encontram agora expressão numa condição física de alguém que colhe o seu próprio vendaval... Aqueles que são agora responsáveis pela entrada da entidade neste plano material foram aqueles que então foram largamente responsáveis por ela não exercer o devido autocontrolo e, de facto, o permitiram em nome de maiores ganhos materiais. Consequentemente, eles também estão, no presente, a enfrentar muito que pode ser superado nesta experiência.

Em suma, a filha está a enfrentar as suas antigas indiscrições de excesso sexual sob a forma da aflição física presente. É apenas justo que os pais sejam encarregados de cuidar de alguém pela cuja conduta desregrada foram largamente responsáveis.

Um segundo caso interessante é o de uma rapariga de Nova Iorque que nasceu cega. Esta menina — aparentemente atraente, a julgar pelas fotografias — tinha alguma sensibilidade à luz, mas era incapaz de distinguir as formas dos objetos. Foi solicitada uma leitura física pela mãe; mas, como não foi feita uma leitura de vida sobre a criança, não sabemos a causa cármica da sua aflição. No entanto, a mãe obteve uma leitura de vida sobre si própria, e o motivo da sua obrigação para com a criança tornou-se claro.

Parece que a mãe fora professora numa vida passada. E, para citar a leitura: «A entidade tirou proveito de uma situação que trouxe turbulência a uma mãe. E embora a entidade se tenha elevado a um lugar nos corações e nas mentes de muitos — o homem olha para a aparência exterior; Deus olha para o coração. Nesta aflição presente, você e o seu marido estão a enfrentar os vossos próprios eus. Pois uma vez colocaram propósitos egoístas acima das leis de Deus.»

Só podemos conjecturar qual terá sido a natureza exata desta intriga dramática, na qual parece que o pai também esteve envolvido. Tudo o que sabemos com segurança é que uma professora explorou uma mãe por interesse próprio e à custa da paz de espírito dessa mãe. É provável que existam aqui duas correntes distintas de destino. A mulher explorada tinha ela própria algum carma físico a enfrentar sob a forma de cegueira, provavelmente de alguma vida anterior. A vida atual foi escolhida para a sua expiação; e a mãe atual foi escolhida como canal de entrada para lhe ser dada oportunidade de enfrentar a sua própria obrigação cármica.

Um terceiro caso interessante é o de “idiotia mongolóide”. Também aqui são fornecidos poucos pormenores, mas parece claro que a troca da mãe para com pessoas aflitas durante uma encarnação na Palestina foi a causa cármica de atrair para si, no presente, uma criança com deficiência.

Outro caso diz respeito a um bebé prematuro que nasceu com a rara aflição conhecida por «hidrocefalia». A mãe morreu poucos dias após o parto e

o jovem pai, viúvo, colocou a criança numa instituição católica. Quando ela tinha quatro anos, pediu uma leitura física. Escreve ele: «Ela é muito inteligente, compreende tudo, conhece as pessoas pelo nome e consegue manter uma conversa bastante agradável. Não consegue andar, por causa do peso da cabeça, e tem de ter cuidado com a forma como a segura.»

Não foi feita uma leitura de vida sobre a menina e, por isso, não há indicação da natureza cármica da sua aflição. Contudo, o pai teve uma leitura de vida sobre si próprio em que perguntou qual tinha sido a sua relação anterior com a criança. A resposta foi breve e incisiva: «Na experiência anterior a esta, podia ter ajudado e não ajudou. É melhor ajudar no presente.»

Infelizmente, não há dados suficientes no conjunto da leitura para estabelecer a natureza exata do seu pecado de omissão. Tudo o que sabemos da vida anterior é que fora comerciante em Fort Dearborn e que «ganhou mental e materialmente, e perdeu espiritualmente».

Uma inferência impõe-se com força neste caso — a de que a indiferença ao sofrimento humano faz com que o destino o coloque à nossa porta. Um ser humano pode não ser tão insensível ao ponto de cometer um ato positivo de crueldade contra outro; ainda assim, pode ser, como as almas que Dante coloca no Limbo, não mais ativamente bom do que é ativamente mau. Tal atitude perante a dor talvez não seja um pecado suficientemente ativo para resultar, no futuro, numa deformidade física do próprio. Mas ele tem de ser sensibilizado; tem de aprender preocupação pelos aflitos da Terra; tem, em suma, de desenvolver compaixão. E que melhor meio poderia haver, já que ele próprio não merece aflição, do que tornar-se pai de uma criança com deficiência? Através da agonia de observar a impotência do seu próprio filho, é-lhe dada a oportunidade de compreender a agonia dos pais de crianças afetadas e o significado da dor humana.

Se, após duas oportunidades sucessivamente mais íntimas de aprender a caridade ativa, continuar indiferente, é possível que o pecado de omissão tenha assumido proporções suficientemente grandes para gerar aflição no seu próprio corpo — e, na vida seguinte, poderá nascer de algum modo ele próprio afetado. Uma tal sequência de acontecimentos não é explicitamente afirmada nas leituras, mas é fortemente sugerida neste e em muitos outros casos.

Casos como os acima citados mostram como existem dívidas cármicas entre pais e filhos; também pode haver laços de natureza cármica entre irmãos da mesma família. Nos registos de Cayce, um caso curioso de antagonismo entre duas irmãs ilustra este ponto.

A relação entre as duas raparigas em questão tinha sido marcada desde a primeira infância por ciúme, suspeita e ódio; as discussões deflagravam continuamente entre elas, ao menor pretexto. Nenhum antagonismo semelhante existia entre os outros irmãos e irmãs desta família de cinco filhos.

Do ponto de vista freudiano, a hostilidade entre as duas irmãs seria talvez explicada com base numa espécie de ciúme infantil pela posse do pai. Segundo a clarividência de Cayce, existia, de facto, um ciúme profundo de natureza sexual por parte de uma das duas mulheres; mas esse ciúme não era provocado pelo pai da vida presente, e sim pelo marido da vida passada da irmã mais velha.

Para mantermos claras as personagens desta relação bastante complicada, convém dar nomes às três pessoas envolvidas, na sua relação da vida presente: Lou é a irmã mais nova; Alice, a irmã mais velha; e Tom, o marido de Lou. Quando Lou pediu, na sua leitura de vida, uma explicação da sua relação anterior com o marido e com a irmã (com ambos tinha dificuldades na altura), foi-lhe contado o seguinte pequeno drama.

Os três tinham-se conhecido bem no final do período colonial, na Virgínia. Tom era então o marido de Alice. Lou, uma espécie de anjo maternal na comunidade, cuidara de Tom até ele recuperar, numa altura em que a esposa, por alguma razão não especificada, estava separada dele. As motivações de Lou tinham sido puramente as de uma irmã de caridade, mas a sua bondade estabeleceu um vínculo de compreensão entre ela e Tom, que Alice ressentiu amargamente quando o descobriu. O ressentimento e o ciúme infundados depressa evoluíram para ódio; e essas emoções corrosivas cavaram tão fundo na psique da mulher amargurada que ali permaneceram mesmo após a passagem dos séculos.

Racionalmente, não havia necessidade de Alice, na vida presente, odiar a irmã mais nova ou intimidá-la. Mas, no fundo dos recantos inconscientes da sua mente, estava o padrão do ódio. E em Lou, também no inconsciente, todos os mecanismos de defesa e retaliação foram ativados. Sem o querer, começaram a reencenar o drama emocional do passado; inconscientemente, tornaram-se mulheres em guerra porque, uma vez, tinham tido aparente motivo para guerra.

Um segundo caso de laços fraternos de natureza cármica diz respeito a duas crianças nascidas em Inglaterra que, durante a Segunda Guerra Mundial, foram cuidadas por uma mulher americana que, na altura, dirigia a sua própria escola progressista num estado da Nova Inglaterra. O rapaz tinha dez anos e a rapariga cinco, no momento da adoção. A tutora, que conhecia psicologia infantil tanto academicamente como pela experiência prática de uma vida dedicada à educação, ficou preocupada com a hostilidade acentuada entre irmão e irmã.

Aparentemente, o irmão era o principal agressor. «Ele é extremamente brilhante», escreveu a mulher numa das cartas, «mas é uma criança tão patética — como um cão encurralado, e a usar métodos nazis.» Pediu uma leitura de vida para ambas as crianças.

A leitura revelou o facto, altamente interessante, de que as duas crianças tinham sido, em tempos, membros de clãs opostos numa antiga e ferozmente disputada vendeta escocesa. Também aqui, a animosidade persistiu como uma corrente subterrânea sob o fluxo da consciência, de tal modo que, vários séculos mais tarde, a corrente de ódio continuava suficientemente forte para gerar antagonismo entre um rapaz de dez anos e uma menina de cinco.

Estes dois exemplos são suficientes para ilustrar o princípio em causa e para sugerir, tanto a pessoas atormentadas por animosidades inexplicáveis entre si e os seus irmãos, como a analistas confrontados com tais problemas nos seus clientes, uma possível origem da dificuldade. É certo que, em qualquer família, há boas razões para antagonismos entre os membros apenas com base em irritações contemporâneas. A “química” do temperamento é tal que elementos incompatíveis, que em encontros casuais seriam apenas fonte de indiferença ou leve antipatia, se tornam insuportáveis e até explosivos quando no cadinho da vida familiar íntima.

O crítico da visão reencarnacionista poderia apontar este facto de um lado e, do outro, a Lei da Parcimónia («A explicação mais simples é a melhor»), dizendo que não há necessidade de postular a reencarnação para explicar ódios familiares quando os factos se explicam bem tal como estão. A esta objecção, a maioria dos reencarnacionistas concordaria plenamente, não fosse terem perdido a fé na Lei da Parcimónia tal como é habitualmente interpretada. Sem dúvida, ela serve e tem servido um propósito útil, ao manter em prudente contenção as especulações do homem sobre o universo; mas a visão ampliada do universo, proporcionada por novas descobertas científicas — para não falar dos horizontes teóricos do princípio reencarnacionista — lança um holofote impiedoso sobre a suposição de que a explicação «mais simples» tem de ser a correta, mostrando que isso pode revelar a simplicidade da mente humana mais do que referir com exatidão a simplicidade das operações do universo. Aquilo que hoje se concebe como «simples» pode, à luz de novos factos, revelar-se meramente fragmentário.

Se se aceitar a razoabilidade geral de todo o princípio da reencarnação, os pormenores discutíveis encaixam naturalmente no conjunto. Embora se possam encontrar razões contemporâneas para qualquer antagonismo entre seres humanos, é, ao mesmo tempo, concebível que a base desse antagonismo tenha sido lançada muitos séculos antes.

Deve lembrar-se, contudo, que descobrir uma causa de vida passada para um antagonismo não o dissolve, por si só. Se os parceiros no jugo do ódio não quiserem continuar presos, vida após vida, têm de fazer um esforço consciente, deliberado e paciente para substituir o ódio por amor e a hostilidade por bondade.

Esta advertência é válida não apenas para antagonismos que ocorrem entre membros da mesma família; é válida para todos os antagonismos e todos os laços situacionais que nos prendem a indivíduos em qualquer lugar. Em última análise, a constante transposição de papéis que vivemos no seio da família deveria mostrar-nos que não somos membros, em realidade última, de uma única família. Somos, antes, membros da grande família única da raça humana; deveríamos aprender a viver constantemente na consciência dessa verdade.

Capítulo 19

Origens em Vidas Passadas da Competência Profissional

Imortalidade — existência interminável da alma num estado futuro.
— *The Funk and Wagnalls New Standard Encyclopedia*

A imortalidade é geralmente concebida, na teologia cristã, como estendendo-se apenas numa direção — para o futuro. À luz de novas concepções de intemporalidade proporcionadas pela física quadridimensional, tal visão parece de algum modo incompleta. Mesmo deixando de lado especulações científicas e considerando a questão apenas do ponto de vista da fé religiosa, parece que o espírito deve ser essencialmente intemporal e que, consequentemente, se a alma é imortal também deve ser “sem nascimento”. Se há de existir eternamente no futuro, então também terá existido eternamente no passado. O episódio biológico que delimitamos pelos termos «nascimento», «vida» e «morte» deve, então, ser apenas uma aparência, por assim dizer, uma projeção da alma eterna e não material.

Esta visão, embora tenha sido largamente rejeitada pela teologia cristã moderna, foi reconhecida pelo cristianismo gnóstico primitivo. Vários poetas modernos deram expressão a esta ideia, sendo provavelmente Wordsworth, no seu poema «Intimations of Immortality», o mais citado. O sentimento de Wordsworth de que o nosso nascimento é apenas um sono e um esquecimento estava, à luz da antiga sabedoria, plenamente bem fundamentado. A sua convicção de que a alma que se ergue connosco teve noutro lugar a sua morada e vem de longe tem sido citada com pertinência por centenas de crentes na pré-existência.

Quando ele diz, porém, que «vimos arrastando nuvens de glória», um reencarnacionista desejaria que tivesse falado com um pouco menos de romantismo e um pouco mais de realismo psicológico. Num sentido último, é claro, é verdade que a alma vem originalmente da Divindade e, por isso, partilha — embora de forma esquecida — a sua pureza e esplendor primordiais; e, no reino suprassensível do Eu superior, pode, de facto, haver uma radiação e beleza divinas. Os factos psicológicos do assunto, no entanto,

parecem ser, de forma mais prosaica e também mais modesta e inspiradora, que não vimos tanto arrastando nuvens de glória quanto vimos arrastando uma carga muito substancial de capacidades e incapacidades acumuladas, defeitos e aptidões, fraquezas e forças.

Em parte alguma a exatidão do “saldo” transportado se torna mais evidente do que nas leituras de vida que tratam predominantemente de orientação vocacional. Já se viu, nas leituras, como o Princípio da Continuidade opera ao trazer para o presente atitudes, interesses e qualidades de carácter. Torna-se claro que o mesmo princípio atua também no que respeita às capacidades humanas e, assim, se torna um factor importante na vida profissional do homem.

Um exemplo típico das leituras encontra-se nas experiências de vidas passadas de uma elegante especialista em beleza de Nova Iorque. O seu estabelecimento é um salão luxuoso dedicado à reeducação da silhueta, ao penteado e ao aperfeiçoamento da personalidade; ela própria é uma mulher muito atraente e elegante. Foram descritas três vidas passadas na sua leitura de vida, das quais apenas duas parecem ter relação direta com a inclinação vocacional presente. A primeira foi na corte francesa, no tempo de Luís XV, onde exerceu grande poder sobre a corte e sobre o governante. Aí aprendeu diplomacia e coquetismo e muito sobre as subtilezas da conduta, do porte e do adorno pessoal. Antes disso, estivera em Roma, entre os primeiros da nobreza a abraçar o cristianismo; antes ainda, estivera no Egito, cerca de 13 000 a.C., ativa no serviço do templo. Aqui aprendeu a cultivar um corpo belo através da dança, da música e da arte e aprendeu também a preparar loções, pomadas e pós para embelezamento do corpo.

As experiências na corte francesa aparecem frequentemente, nas leituras, com um efeito semelhante ao aqui evidente; isto é, tendem, em geral, a favorecer uma visão mundana e sofisticada e um talento para as subtilezas da vida social. A experiência no templo egípcio exige alguma explicação. Parece que existiam dois templos principais neste período egípcio particular. Um chamava-se Templo da Beleza e o outro Templo do Sacrifício. Encontram-se descrições deles dispersas por dezenas de leituras e, a partir dessas descrições avulsas, podemos formar uma noção bastante completa do que eram.

O Templo da Beleza era, por natureza, uma escola ou universidade; ao contrário da maioria das universidades, porém, esta tinha como preocupação central não apenas o cultivo do intelecto, mas a expansão da totalidade da personalidade humana. Todas as artes e ciências eram aplicadas para alcançar, nos estudantes, a beleza da alma e a beleza do corpo, preparando-os assim para se tornarem fontes ativas de influência no seu próprio país e noutros. O facto de ser chamado templo sugere a sua orientação religiosa ou espiritual; o facto de conter sete centros ou pontos focais de treino disciplinar,

correspondentes aos sete chakras ou órgãos internos do homem, sugere que o currículo e a arquitetura foram planejados com base num profundo conhecimento oculto.

A orientação vocacional numa base espiritual era uma das muitas funções do Templo da Beleza, e muitas pessoas hoje interessadas em aconselhamento vocacional, desenvolvimento da personalidade ou integração da personalidade através da arte ou da religião aparecem como tendo estado ativas ali, quer como professores, quer como estudantes. Em muitos aspetos, existe uma semelhança muito marcante entre esta antiga escola de sabedoria egípcia e a magnífica conceção de Boris Bogoslovsky no seu notável livro sobre educação, *The Ideal School*.

O Templo do Sacrifício era mais parecido com um hospital, onde técnicas elétricas (aparentemente aprendidas com os atlantes) eram usadas para realizar operações cirúrgicas, e frequências elétricas eram usadas para curar muitas condições e minimizar deformidades corporais. O ideal de perfeição corporal e de melhoramento da raça era aqui o princípio orientador e, mais uma vez, a palavra «templo» sugere uma orientação espiritual.

Passando agora às ocupações em vidas passadas de um médico osteopata bem-sucedido, encontramos a seguinte história. Foram descritas quatro vidas passadas, das quais três alimentavam o “rio” vocacional. Primeiro, foi médico na América primitiva, bem familiarizado com os índios; desse contato adquiriu interesse por remédios naturais e medicação à base de ervas. (Nota-se frequentemente, nas leituras, que pessoas que tiveram contato próximo com os índios americanos, ou que elas próprias foram índios americanos, tendem a amar a natureza e a vida selvagem, a interessar-se por artesanato e a inclinar-se para métodos naturais de viver e curar.) Na segunda vida anterior, foi supervisor de banhos e massagens na era cristã primitiva; na terceira, esteve na Pérsia, seguindo uma vocação não especificada; e, na quarta vida anterior, esteve no Egito, em 13 000 a.C., como embalsamador. Esta experiência pode ter-lhe dado algum conhecimento da estrutura interna do corpo humano e dos efeitos de várias ervas, especiarias e outras preparações sobre a carne humana.

Noutro caso, o de um artista de Hollywood e diretor de cor no cinema, a leitura descreve o sujeito como um homem que, em três vidas passadas, seguiu uma vocação artística. Foram indicadas quatro vidas no total: primeiro, como decorador de interiores na América do final do período colonial, quando começaram a ser construídas as primeiras mansões; segundo, como oficial do exército, um cossaco, na Rússia; terceiro, como decorador da rainha na Indochina; quarto, como decorador de interiores no Templo da Beleza, no Egito. A impressão que se recolhe ao ler sobre a sua encarnação cossaca é que grande parte do seu vigor, prontidão e perceção do detalhe provém dessa experiência, quando gostava de se vestir magnificamente e de fazer sentir a

sua personalidade. Assim, muitas das qualidades temperamentais que dão brilho e vida ao seu trabalho parecem ter tido origem numa experiência em que, do ponto de vista profissional, não tinha qualquer ligação com a arte. Os aspetos mais técnicos da sua proficiência vieram das três vidas especificamente artísticas.

Um compositor e arranjador bem-sucedido de Nova Iorque teve, do mesmo modo, um passado de experiências variadas, mas relacionadas. Foi, primeiro, professor na Nova Iorque primitiva, responsável por estabelecer as primeiras aulas de canto e música como parte do currículo diário das escolas; segundo, um entalhador alemão de madeira que fazia instrumentos musicais; terceiro, um bufão do rei Nabucodonosor na Caldeia; quarto, um atlante que foi para o Egito e se tornou ativo na música do culto do templo. A preocupação atual deste homem com a forma, o acabamento e a perfeição do timbre dos instrumentos musicais parece provir da experiência como entalhador; o seu sentido de humor e rapidez de espírito, da experiência como bobo da corte; e a sua capacidade musical propriamente dita, de duas experiências como músico.

Por vezes, o passatempo de um homem revela-se um retorno a uma encarnação anterior. Há, por exemplo, o caso de um presidente de banco que, desde a juventude, tem uma paixão por desportos de todo o tipo, mas especialmente pelo basebol. Quando o pastor da Igreja Baptista a que pertencia expressou vigorosa desaprovação por se jogar à bola ao domingo, o banqueiro demitiu-se prontamente da igreja — um exemplo frontal de integridade religiosa que teve precedentes ilustres tanto antes como depois do tempo de Henrique VIII.

A banca tornou-se a profissão deste homem e a fonte da sua prosperidade; o seu tempo livre, porém, dedicou-o à gestão de um clube de basebol que, desde então, se tornou um terreno de formação para as grandes ligas. É interessante notar as suas experiências ocupacionais em vidas passadas: primeiro, como colono inicial envolvido na importação e exportação de bens; segundo, como romano que administrava os jogos públicos da arena; terceiro, como chefe nómada na Pérsia que fundou certos locais de troca; quarto, como tesoureiro no Egito. Note-se que três destas vidas tiveram influência contributiva direta na sua profissão atual de banqueiro; a segunda, como gestor das arenas romanas, deu-lhe, sem dúvida, muita da capacidade de gestão que lhe tem sido tão útil como presidente de banco, mas foi também a fonte do seu impulso para o desporto competitivo ao ar livre. As circunstâncias da sua vida fizeram com que só como passatempo pudesse satisfazer esse impulso.

Noutro caso, o de um inspetor de alimentos na Marinha, a leitura de vida explica o passatempo do homem, mais do que a sua profissão de compra e inspeção de alimentos. Toda a vida, este homem teve um interesse absorvente por pedras e gemas; fundou uma bolsa de gemas e esteve sempre

estritamente ligado a lapidadores e colecionadores. Desde que se reformou da Marinha, dedicou todo o seu tempo a este interesse — estimulado ainda mais pelo estranho encorajamento que recebeu na sua leitura de Cayce. As suas vidas passadas foram apresentadas assim: primeiro, como comerciante de bugigangas e “água de fogo” com os índios em Ohio; segundo, como mercador na Pérsia, que viajava em caravana e negociava os linhos do Egito, as pérolas da Pérsia, o ópalo, a pedra-de-fogo e o lápis-lazúli da Indochina, e os diamantes e rubis das Cidades do Ouro; terceiro, como hitita na Terra Santa que fornecia as pedras preciosas usadas nas vestes dos sacerdotes.

Há dois pontos de interesse especial neste caso. Primeiro, é muito evidente um princípio básico de seleção usado pelas leituras — a saber, as vidas indicadas foram escolhidas pelo critério da utilidade para o sujeito. A este homem — que estava perto da idade de reforma na altura da leitura — não foi dado um relato das vidas que o tinham preparado sobretudo para o trabalho na Marinha; foi-lhe antes dado um relato das vidas relacionadas com o seu passatempo, porque no campo das gemas ainda havia muito trabalho construtivo que ele podia realizar.

Foi-lhe dito que, apesar da sua longa e antiga familiaridade com as gemas, nunca compreendera plenamente o seu verdadeiro valor. Tinha-as visto como objetos de beleza, como itens dignos de coleção ou venda e até como símbolos religiosos quando as forneceu para as vestes dos sacerdotes; mas nunca tinha visto o seu verdadeiro significado. E isto leva-nos ao segundo ponto de interesse especial nesta leitura: a revelação de que as gemas possuem certas propriedades curativas ou estimulantes, devido às vibrações que as compõem.

Existem muitos casos nos registos de Cayce, datados de antes de 1944 — quando foi dada a leitura deste homem —, de pessoas a quem foi dito que deveriam usar certas pedras, gemas ou metais pelo efeito vibratório que teriam. Em nenhum caso a pedra sugerida correspondia à pedra tradicional do mês de nascimento. O princípio exato de adequação escapa à descoberta, mas foi explicado várias vezes que cada pedra e cada elemento tem a sua própria energia atômica; e que os próprios elementos do corpo são também de natureza atômica. A adequação de uma pedra a um indivíduo só poderá ser determinável por visão clarividente ou por instrumentos ainda não concebidos para esse fim.

Este caso, porém, é o único em que um indivíduo foi aconselhado a estudar o assunto; e, embora a sugestão pudesse, há dez anos, parecer surpreendente — mesmo fantasticamente absurda —, a nossa familiaridade atual com a energia atômica torna-a, pelo menos, credível. Deve notar-se, aliás, que estas alusões à energia atômica das pedras já surgiam nas leituras de Cayce quase vinte anos antes da descoberta científica do poder atômico. O homem deste caso ficou profundamente interessado no tema e, desde então,

concentrou todos os seus esforços nas linhas de investigação esboçadas de forma sumária pelas leituras.

Há ainda várias outras saídas invulgares propostas pelas leituras no campo do aconselhamento profissional, com base em experiências de vidas passadas. Uma diz respeito ao desenho do que as leituras chamavam «selos de vida»; outra diz respeito à eletroterapia. Ambas são descritas como renascimentos da antiga arte e ciência da Atlântida e do Egito.

Os sacerdotes e sacerdotisas que ensinavam no Templo da Beleza, no Egito, quer através de percepção clarividente, quer por análises comparáveis às da psicologia contemporânea, eram capazes de determinar que trabalho de vida era mais apropriado para cada estudante, tendo em vista os seus problemas cármicos e os seus dons cármicos. A escolha vocacional feita pelo estudante, com base nisso, determinava o curso de formação que receberia. (Esses cursos incluíam formação em dietética, nos seus aspetos de construção corporal, terapêuticos e regenerativos; cultura física; a arte e ciência do vestuário; ensino; cura; ministério espiritual; música; arte; oratória; artes e ofícios; e meditação, incluindo o uso de música e odores.)

Quando a decisão final era tomada quanto ao campo adequado de especialização, era feito para o estudante um «selo de vida» por alguém treinado nessa arte. Tratava-se de uma imagem simbólica que representava o padrão de desenvolvimento passado da entidade e servia como lembrete dos propósitos da sua existência. Este selo ou placa consistia geralmente num círculo dividido em três ou quatro partes iguais, contendo cada secção uma cena, imagem ou símbolo que assinalava uma encarnação passada na qual o estudante adquirira algum impulso, talento ou força de alma, ou representava algum talento ou força de alma que ainda precisava de adquirir. A contemplação desses selos servia para despertar, ou fazer emergir do eu mais íntimo de cada estudante, as faculdades ali latentes; servia também para despertar a compreensão da sua relação com a força criativa do universo. As leituras sustentavam que, quando o Salão dos Registos no Egito fosse descoberto e aberto, algures no final do século XX, algumas dessas placas viriam à luz.

Uma jovem foi informada de que tinha estado ativa no Templo da Beleza em três capacidades: fornecendo a música usada para elevar as vibrações corporais para meditação e cura; concebendo dietas de embelezamento do corpo; e desenhando os selos de vida acabados de descrever. Disseram-lhe que poderia ter sucesso profissional, desta vez, quer como nutricionista quer como musicista; e disseram-lhe ainda que, através da prática da meditação, conseguiria aceder ao mesmo nível de mente supraconsciente que, no Egito, lhe permitira ver a história de uma alma e traçar os seus objetivos de vida espiritual em desenho simbólico. Esta jovem pôs ambas as sugestões em prática. Fez da música a sua profissão com sucesso; e, através da meditação,

cultivou também a capacidade de intuir os elementos adequados para o selo de vida — capacidade que usa apenas de forma não comercial.

Uma terceira orientação invulgar em ocupações encontra-se na recomendação frequente de que as pessoas iniciem um estudo de eletroterapia em combinação com química, hidroterapia ou música. A eletroterapia é, claro, já bastante comum na nossa civilização. O seu significado é visto, contudo, sob uma luz pouco habitual quando as leituras a recomendam como carreira a várias pessoas com base nas suas experiências atlantes ou egípcias.

Parece que, por volta de 10 000 a.C., no tempo da última de três destruições cataclísmicas da Atlântida, muitos atlantes se refugiaram no Egito. Trouxeram consigo, naturalmente, o seu conhecimento altamente avançado de arte e ciência; e, embora não tenham conseguido, por várias razões, recriar a sua civilização de alta potência, um remanescente da sua ciência fundiu-se com a cultura do Egito. Todos os casos em que alguma forma de eletroterapia é recomendada como profissão têm, então, este traço interessante em comum: sugerem um campo de trabalho relativamente novo para a civilização do presente, mas bem conhecido pelos antigos. O conhecimento desta ciência perdeu-se na história, mas permanece adormecido na memória inconsciente de indivíduos que então encarnaram e estiveram ativos nesse campo.

Na maioria dos casos de paixão pela aviação, eletrónica, televisão, hipnotismo, telepatia, energia atómica, e assim por diante, vê-se a base disso no facto de essa ter sido a ocupação do indivíduo na Atlântida. Como generalização a partir das leituras, parece seguro dizer que, em qualquer caso de interesse extraordinário ou de grande sucesso numa área profissional, houve uma ou mais encarnações anteriores passadas na prática da mesma ocupação ou de ocupações estreitamente relacionadas.

A qualificação «estritamente relacionadas» é necessária por haver vários casos de sucesso notável numa ocupação em que, aparentemente, não houve experiência anterior no mesmo campo. Por exemplo, uma escritora muito bem-sucedida, cujos artigos aparecem nas revistas femininas mais populares e elegantes da América, teve quatro encarnações passadas, apenas uma das quais parecia ligada à escrita — e mesmo assim apenas de forma não profissional. Foram as seguintes: primeiro, como atriz itinerante na América primitiva; segundo, como cristã que relatava a outros cristãos as atividades em Antioquia; terceiro, como mãe e dona de casa na Palestina; quarto, como professora no Templo da Beleza e emissária para a «terra de Gobi».

O estilo de escrita desta mulher é simples, direto e vivo. A leitura atribui as suas capacidades de contadora de histórias e de repórter cativante às experiências como atriz itinerante; o seu entendimento das relações mãe-filho, à experiência na Palestina; e as suas faculdades intuitivas, à experiência egípcia. A natureza exata das suas atividades de «relato» em Antioquia não é

esclarecida, embora seja provável que se tratasse de escrever cartas. A sua simplicidade narrativa poderá provir dessa experiência, embora a leitura não o comente.

Naturalmente, como sabemos, nem todas as vidas anteriores foram dadas nas leituras; conseqüentemente, não sabemos se esta mulher alguma vez teve uma encarnação como escritora profissional. No entanto, a julgar pelas quatro vidas indicadas, concluiríamos que os seus diversos dons de escrita provinham antes de quatro campos de atividade diferentes e que esta foi a primeira vez que os combinou na profissão de escrever.

Muitos outros casos levam à conclusão de que uma nova orientação nas atividades profissionais não é, de modo algum, incompatível com o sucesso, desde que o interesse tenha sido solidamente fundado no passado e certas faculdades relacionadas tenham sido desenvolvidas. Por exemplo, há o caso de um homem de trinta e um anos que, embora já casado, decidiu iniciar o estudo da medicina. Por alguma razão não esclarecida na correspondência, não estudara medicina em jovem, apesar de o pai ser médico e de, presumivelmente, ter tido oportunidade e incentivo para o fazer.

Obtive uma leitura de Cayce e estava particularmente ansioso por saber se a sua decisão de estudar medicina a esta idade era sensata e se prometia sucesso. A leitura tranquilizou-o de forma enfática nesse ponto e indicou que a sua determinação em tornar-se médico tinha surgido durante a Revolução Americana. O seu posto então era o de ajudante e mensageiro, mas, ao que parece, a sua natureza compassiva e os seus dotes de conselheiro levaram o superior a confiar-lhe certas atividades de elevação da moral entre os homens. Foi nesse período que nasceu o seu anseio de ser médico. Aparentemente, ficou cheio de compaixão perante o sofrimento físico a que assistia e desejou ter o conhecimento necessário para o aliviar.

É interessante notar que a entidade escolheu um médico como progenitor na vida presente, para que a sua própria entrada na profissão médica pudesse ser facilitada. A razão desta decisão tardia de estudar medicina não é esclarecida, embora um casamento precoce possa ter sido a causa; pode ter havido uma atração cármica tremenda, surgida de alguma outra encarnação, entre ele e a rapariga, e, num esquecimento impetuoso de outros objetivos, poderá ter obedecido ao impulso e casado. Existem, naturalmente, outras possibilidades para explicar a situação; mas o ponto importante aqui é que a leitura lhe deu garantia de sucesso num campo em que entrava pela primeira vez.

Em síntese, a análise das origens em vidas passadas da competência profissional indica que essa competência parece ter alguma base em uma ou mais vidas anteriores passadas no mesmo campo ou em campos estreitamente relacionados. Um passatempo perseguido com ardor dá, muitas vezes,

indicação de que, numa vida anterior, foi a vocação do indivíduo. Muitas profissões aparentemente novas são, na realidade, o reaparecimento de antigas artes e ciências atlantes e egípcias. Algumas pessoas parecem estar a tentar um novo campo vocacional pela primeira vez na história da sua alma. Se um interesse foi profundamente desenvolvido no passado e certas capacidades relacionadas já foram cultivadas, o sucesso nessa área é inteiramente possível.

Capítulo 20

Uma Filosofia da Escolha Vocacional

As histórias vocacionais nos registos de Cayce suscitam muitas questões na mente do investigador atento. Em primeiro lugar, há o problema dos começos — um problema que inquieta a maioria dos reencarnacionistas quando tentam recuar até à primeira emergência da alma a partir de Deus. O que terá inicialmente lançado uma alma numa direção ocupacional e outra alma noutra? Se os espíritos dos homens emanaram originalmente da Divindade como iguais e indiferenciados, por que razão teria um começado na agricultura, outro no comércio, um terceiro nos têxteis, um quarto na música e um quinto na matemática? Existiria um elemento mínimo de individualidade em cada um que conduziu à diversidade de atividades humanas que escolheram — e, se sim, o que determinou essa individualidade?

Embora os registos de Cayce não forneçam uma resposta inequívoca a esta questão, apresentam informação bastante satisfatória quanto a outra pergunta que se impõe — a saber: o que leva, mais tarde, uma alma a mudar de uma ocupação para outra? Há exemplos de muitas mudanças desse tipo nos registos de Cayce e uma análise dos dados pertinentes indica que a transição pode ser explicada por um de dois fatores básicos: o desejo ou a lei cármica.

Em vários casos já citados, viu-se que o desejo é uma força de poder igual ao do carma. Parece claro que uma alma pode começar a desejar um novo talento ou uma nova qualidade de ser através do contato com uma pessoa que exprime esse talento ou qualidade. Segundo Cayce, muitas pessoas que testemunharam o ministério de Jesus, ao ensinar e ajudar os doentes e aflitos, ficaram inspiradas, por uma espécie de contágio, a desejar fazer o mesmo. A força desse desejo levou-as através de várias vidas sucessivas num esforço para adquirir um dom de ensino ou de cura.

Por vezes, o desejo toma forma não tanto sob a influência de uma personalidade inspiradora, mas antes através de um desconfortável sentimento de incapacidade numa situação que exige dons que a pessoa não possui. Seja como for que surja, o desejo parece ser um determinante importante do destino da alma. Vai ganhando impulso e assumindo uma forma e direção cada vez

mais específicas; por fim, através da escolha de pais adequados e de um ambiente adequado, a alma fica em condições de começar a aperfeiçoar uma nova faceta da sua natureza.

Talvez sejam necessárias várias vidas — como no caso da introversão e extroversão — para se consumir plenamente uma transição de uma proficiência ocupacional para outra sob o impulso do desejo. Se esta inferência estiver correta, deverá ser um pensamento encorajador para pessoas que se sentem medíocres na sua profissão. Talvez a sua mediocridade, em comparação com a excelência de outros, se deva ao facto de esta ser apenas a sua primeira ou segunda tentativa num campo ainda não experimentado.

Para além do desejo, o carma parece ser um factor importante a determinar mudanças vocacionais. É óbvio que a maturação de um carma físico incapacitante interromperia, por exemplo, a progressão de uma carreira bem-sucedida como bailarina, já com vários ciclos de vidas. Ao impedir a livre expressão dessa vocação, tal aflição induziria necessariamente uma mudança para outra e poderia reavivar algum talento, há muito enterrado.

O caso da rapariga coxa, com tuberculose na articulação da anca, descrito no Capítulo 5, é precisamente um exemplo disso. Durante muito tempo, depois de ter adoecido, esta rapariga perguntou-se que ocupação deveria seguir para ser socialmente útil. Foi-lhe dito que estudasse harpa; e foi-lhe dito também que teria um dom natural para isso, porque se especializara em instrumentos de corda numa encarnação egípcia antiga.

A rapariga seguiu o conselho e, de facto, descobriu que tinha talento distinto para o instrumento, embora nunca lhe tivesse ocorrido estudá-lo antes. Desde então, deu numerosos concertos juntamente com a irmã e, embora não tenha alcançado fama, realizou pelo menos uma profissão que a mantém feliz e ocupada. As vidas imediatamente anteriores tinham sido passadas noutras ocupações, pelo que é claro que um carma físico aqui atuou para interromper uma sequência vocacional e iniciar, ou reavivar, outra sequência.

Outra questão que surge é esta: quantas ocupações diferentes deve uma alma experimentar antes de se poder dizer que a sua evolução (no que respeita a este sistema planetário) está completa? Parece óbvio que, para um desenvolvimento harmonioso, cada alma deve ter trabalhado em muitas coisas diferentes; parece altamente improvável que alguém possa “graduar-se” do sistema solar tendo atingido a perfeição na arte e mantendo total ignorância de mecânica, medicina e sociologia. É concebível que o Conselho Cósmico de Reitores exija um certo número de créditos em todos esses campos; mas por que arranjos curriculares tantos cursos são processados para um corpo estudantil tão vasto é outra questão.

Seja qual for o plano básico, pelo menos isto parece claro: em muitos casos, existe uma estreita interligação entre problemas vocacionais e

espirituais. Isto é, uma dificuldade vocacional parece, em muitos casos, subordinada a algum defeito de carácter que precisa de ser corrigido. Um exemplo é o de um solteiro de quarenta e oito anos que, devido a certas dificuldades de personalidade, foi achando a profissão de agente imobiliário cada vez mais desagradável. Obteve uma leitura de Cayce para descobrir que mudança de ocupação deveria fazer e foi-lhe dito que, na vida anterior, fora professor, com uma natureza imperiosa e ditatorial. Essa rigidez dura de carácter fora transportada para o presente e constituía a base das suas dificuldades em fazer ajustamentos sociais com naturalidade. A leitura aconselhou-o a permanecer na ocupação, mesmo sendo-lhe pouco congenial: «porque, embora nem sempre seja fácil, está a aprender uma lição necessária».

Há muitos casos semelhantes nos registos, e a sua leitura faz lembrar uma reflexão de Tolstoi. Ele observou que as circunstâncias da vida são muito semelhantes aos andaimes de um edifício. O propósito dessas plataformas de madeira é apenas servir de esqueleto externo através do qual o trabalho de construção interior pode ser realizado. Mas a estrutura exterior não tem importância última em si mesma nem permanência. Assim que o edifício está concluído, os andaimes são removidos. Talvez as vocações possam ser entendidas sob esta luz — como a matriz através da qual algum aspeto do crescimento espiritual do homem tem lugar.

Talvez, por outro lado, as vocações não sejam sempre subservientes ao crescimento de alguma qualidade moral. Talvez sejam, em si mesmas, intrinsecamente necessárias como domínios da matéria que precisam de ser dominados pelo espírito. Talvez, em cada domínio de atividade, o homem esteja a aprender a compreender e a dominar a matéria numa área de manifestação, aprendendo a compreender e a trabalhar com os princípios da vida tal como se exprimem num círculo das circunferências concêntricas cósmicas. Talvez esse domínio — da medicina, da música, da agricultura, da arte — seja essencial para ele se tornar, em última instância, um cocriador com Deus, um espírito equilibrado, puro e potente, um centro de expressão inofensivo, radiante, amoroso e criativo, capaz ele próprio de gerar formas, vidas e mundos.

Uma perspetiva cósmica como esta é estimulante. Quando regressamos, porém, às exigências tangíveis da vida quotidiana, continuamos confrontados com uma questão muito prática: como podem as pessoas que não conhecem o seu passado vocacional e que não têm percepção clarividente da lição espiritual central das suas vidas fazer uma escolha vocacional sábia? Um indivíduo profissionalmente interessado neste problema pediu uma leitura de investigação a Cayce sobre o assunto. Perguntou-se se seria possível conceber um teste psicológico que servisse para explorar de forma sistemática os impulsos de vidas passadas e, assim, orientar vocacionalmente pessoas

cujas encarnações anteriores não fossem especificamente conhecidas. A resposta indicou que um mapa astrológico seria útil em muitos casos, mas que, como a astrologia tal como hoje é geralmente praticada não tem em conta encarnações terrestres anteriores, intercaladas entre permanências astrológicas, os dados seriam, em grande medida, pouco fiáveis. «Pois», diz a leitura, «em grande parte da população, a vocação adequada depende do que os indivíduos fizeram com os seus impulsos astrológicos durante as encarnações terrestres. Em alguns casos está de acordo com o horóscopo, noutros apenas parcialmente, noutros ainda é diametralmente oposta, por causa das atividades na Terra.»

Esta informação é de considerável interesse e, se for levada a sério, poderá conduzir a uma análise frutuosa de certas áreas ainda inexploradas da ciência astrológica. Mas, até que essas áreas tenham sido mapeadas, ficamos perante o mesmo problema básico: a nossa incapacidade, sem visão clarividente, de conhecer as encarnações passadas de cada indivíduo e, consequentemente, a nossa incapacidade de o encaminhar para uma escolha vocacional adequada às suas capacidades latentes.

A perplexidade quanto à escolha vocacional é extremamente generalizada. Tal como uma deficiência física real, porém, esta indecisão pode ter um propósito educativo; pode ser necessária para uma análise mais cuidada do significado da vida e do trabalho e para uma compreensão mais espiritual do significado do eu em relação a outros eus. Enquanto algumas entidades parecem entrar no plano terrestre com um propósito vocacional tão claro que se manifesta cedo, outras podem estar numa fase de transição que exige reformulação de conceitos. Por isso precisam de atravessar um período de dúvida e confusão, pois estes são sempre os prelúdios necessários à clareza e à força. Esta explicação para a perplexidade vocacional parece altamente plausível à luz de toda a evidência disponível; embora, aqui como noutros pontos, as leituras de Cayce não sejam explícitas.

Num aspeto, contudo, a informação recolhida a partir dos dados de Cayce tem um valor inconfundível: sugere tanto novas direções para a investigação psicológica como novas atitudes na abordagem de um problema vocacional. Alguém perguntou uma vez a um irlandês se ele sabia tocar violino. «Não sei», respondeu o irlandês, «nunca tentei.» Esta resposta atrevida não é tão absurda como pode parecer. Foi dada por puro espírito e graça não educada, mas um estudo das leituras de Cayce parece mostrar que contém, ao mesmo tempo, a essência destilada de uma sabedoria inconsciente. Pois nenhum homem sabe que dons jazem adormecidos nos armazéns secretos da sua mente.

É um facto curioso que, em bancos por todo o país, existam milhões de dólares em contas poupança cuja existência os seus titulares, na maioria dos casos, esqueceram. Depois de as contas estarem inativas durante um certo período, as autoridades bancárias fazem um esforço para localizar os

depositantes através da sua última morada conhecida. Se esse esforço falhar, o banco é obrigado a colocar o montante depositado no que se chama um «registo de contas dormentes». Este é, talvez, um facto surpreendente, sobretudo numa nação de pessoas cujo interesse pelo dinheiro é notório; e, no entanto, é verdadeiro. Estas contas dormentes representam uma situação que parece ser comparável à situação vital do homem.

Os ficheiros Cayce revelam muitos casos em que uma faculdade ou talento tinha, aparentemente, permanecido, durante muito tempo esquecido, nos cofres subconscientes da memória. A leitura servia para chamar a atenção da pessoa para essa faculdade; o esforço do indivíduo para a reativar resultava, num número surpreendente de casos, numa verdadeira competência vocacional. A facilidade de aquisição constitui aqui um argumento inferencial a favor de uma experiência de vidas passadas nessas áreas.

O conhecimento deste facto pode dar-nos a todos a sensação de dispormos de uma força de reserva no nosso subconsciente, como se nos tivessem falado de uma conta-poupança esquecida na cidade da nossa infância. Mesmo de uma forma geral, esta ideia pode ser útil; para ter qualquer valor prático, porém, na escolha de uma vocação, a informação precisa de ser mais particularizada. Se nos for disponível ajuda clarividente como a de Cayce, somos afortunados; se não, deverá ser possível aceder às camadas mais profundas da memória, através da sugestão, da hipnose ou da meditação, a fim de descobrir em que domínios se situavam as nossas capacidades anteriores.

Outro modo de descobrir e libertar faculdades desconhecidas parece ser através da prática de passatempos. Qualquer interesse impelente provém, muito provavelmente, de atividade numa vida anterior: um interesse extravagante por coisas espanholas sugere uma encarnação em Espanha; por coisas chinesas, uma encarnação na China. O cultivo desses interesses através de uma aula de língua espanhola ou de um ciclo de palestras sobre a China pode servir para agitar a memória inconsciente profunda e reativar faculdades adquiridas nessa vida. Pode também levar-nos a pessoas com quem tivemos ligações anteriores na mesma vida de onde brota o nosso interesse nostálgico comum. É sobretudo através das pessoas que o curso da nossa vida é alterado. O encontro com pessoas com quem tivemos antigos laços cármicos pode revolucionar completamente a nossa vida, abrindo esferas de atividade que, de outro modo, nos teriam permanecido fechadas.

A perplexidade relativamente à escolha vocacional pode ser causada não só pela escassez de dons, mas também pela versatilidade. Parece que algumas pessoas tiveram tantas encarnações em tantos campos diferentes e, através de aplicação intensa, adquiriram tamanha competência em cada um deles, que se sentem divididas entre uns e outros. Muitos jovens dotados, homens ou mulheres, são atormentados por um sentimento de indecisão e falta de rumo, apesar da riqueza dos seus talentos.

O primeiro passo lógico na escolha vocacional é, naturalmente, fazer um inventário das próprias capacidades, sejam elas muitas ou poucas, e escolher entre as mais fortes. Esta é a resposta muito sensata dos psicólogos, que conceberam escalas de medição exatas para avaliar os talentos humanos. As leituras de Cayce, embora não falem com precisão numérica nestas matérias, subscrevem a mesma perspetiva dos psicólogos vocacionais e indicam geralmente, de forma destacada, as capacidades mais notáveis do indivíduo.

Em casos de incerteza vocacional, porém, ou quando parecia necessária uma advertência especial, torna-se evidente a filosofia subjacente das leituras sobre a escolha vocacional. Três conceitos são repetidos com tanta frequência que se impõem como o núcleo dessa filosofia. O primeiro desses conceitos é o seguinte: determina o teu ideal, o teu objetivo interior de vida, e procura realizá-lo.

A formulação de ideais é uma parte integrante de toda a filosofia de ajustamento de Cayce; tem, contudo, especial pertinência no que respeita à auto-orientação vocacional. As leituras insistem que se deve ser explícito quanto aos próprios ideais; como auxílio ao pensamento concreto, sugerem repetidamente que se pegue numa folha de papel, se façam três colunas com os títulos Físico, Mental e Espiritual, e se escreva sob cada uma delas o objetivo mais elevado a que se aspira nesse domínio do ser. Eis algumas citações típicas:

Ao analisares-te a ti próprio e ao teu ideal, não os transportes apenas na mente, mas põe-nos no papel. Escreve “Físico”, traça uma linha, escreve “Mental”, traça uma linha, escreve “Espiritual”. Coloca sob cada um, começando pelo espiritual (pois tudo o que está na mente deve primeiro provir de um conceito espiritual), qual é o teu conceito espiritual do ideal, seja ele Jesus, Buda, mente, matéria, Deus ou qualquer palavra que, para ti, indique os teus ideais espirituais. Depois, sob o título mental, escreve a atitude mental ideal que decorre do teu conceito espiritual, em relação a ti próprio, à tua casa, aos teus amigos, aos teus vizinhos, aos teus inimigos, às coisas e às condições.

Qual é então o teu ideal material? ... É desta forma que um indivíduo se analisa a si próprio. Depois, começa a aplicar o conhecimento que adquiriste.

O começo é determinar os teus ideais. Coloca-os a preto e branco. Toma-te nas mãos e desenha um retrato. És um bom engenheiro e sabes desenhar imagens de outras coisas. Já alguma vez tentaste um retrato de ti próprio? Até que ponto estás realmente distante daquilo que gostarias de ser, ou daquilo que gostarias que os outros pensassem que és? Qual é o teu ideal mental? Lembra-te de que, no plano material, a mente é o construtor.

Em suma, as leituras reconhecem que os nossos ideais têm necessariamente de ser variados, que a verdadeira integridade do ser e a

verdadeira auto-orientação só são possíveis através da formulação clara de objetivos. É deste domínio conceptual que deve brotar a nossa escolha vocacional.

O segundo conceito da filosofia de Cayce sobre a escolha vocacional é este: esforça-te por estar ao serviço dos outros. «Como posso melhor servir a humanidade?» deve ser, em última análise, o princípio orientador de todas as pessoas ao fazerem a sua escolha vocacional. No fim de contas, todos nós temos de aprender a ver-nos como células do corpo, não de um Estado militante, mas da própria humanidade. «O serviço aos outros é o mais alto serviço a Deus» é um refrão frequente das leituras. «Aquele que quiser ser o maior entre vós será o servo de todos» é outro.

Que as leituras consideram este o ideal final para o qual todos os nossos ideais temporários devem tender, apagamento após apagamento, vê-se de forma muito explícita na seguinte afirmação:

Pois há apenas um ideal, e esse é fazer da Energia Criativa do Universo (chamada por muitos nomes) o teu ideal; e fazer do teu corpo, da tua mente e da tua alma uma força ativa ao serviço dessa Energia e dos teus semelhantes.

Como corolário necessário deste teorema surge a proposição de que a segurança financeira, a fama e o sucesso no sentido mundano devem ser secundários em relação ao objetivo do serviço, e que os seguirão como a roda segue o boi. Um rapaz de treze anos, que tinha uma variedade de dons entre os quais escolher, perguntou: «Qual das minhas aptidões devo seguir para obter maior sucesso financeiro na vida adulta?» Foi-lhe dito: «Esquece o aspeto financeiro e considera antes qual é a melhor saída para a maior contribuição que podes dar para tornar o mundo um lugar melhor para viver. Os esforços nunca devem ser despendidos por razões puramente mercenárias. Os ganhos pecuniários devem surgir como resultado de o indivíduo usar as suas capacidades no sentido de ser útil.»

Outro indivíduo perguntou: «Em que campo de atividade tenho mais probabilidades de ter sucesso financeiro?» Foi-lhe dada esta resposta: «Retira o “financeiro”. Deixa que o financeiro seja o resultado de um desejo honesto e sincero de ser e de viver de modo que outros também possam conhecer o caminho. O bem traz o aumento.»

A um exportador e importador foi dito: «Que a tua palavra de ordem seja então: serviço ao meu semelhante, para que aqueles com quem contato possam usar os meus passos como uma escada para os ajudar, e não que eu os use como degraus. Que a fama e a fortuna (pois ambas certamente virão como resultado) sejam consequência de uma vida bem vivida e de um serviço bem prestado, em vez de usar os outros como degraus para a fama e a fortuna.»

Recorda-se aqui a história contada sobre o grande arquiteto Sir Christopher Wren. Diz-se que um dia ele passava pelo local da grande nova catedral de Londres, cujo projeto tinha concebido. A construção já estava em curso e, curioso por saber como os trabalhadores encaravam a tarefa em que estavam envolvidos, parou vários deles, um a um, e fez-lhes a mesma pergunta: «O que estás a fazer?» O primeiro homem levantou os olhos e comentou, secamente: «Estou a assentar tijolos.» O segundo disse: «Estou a ganhar alguns xelins.» O terceiro respondeu: «Estou a ajudar a construir uma grande catedral.» É em direção à atitude deste terceiro homem, que não tinha em vista nem a tarefa física nem a recompensa monetária, mas o objetivo conceptual da beleza e do bem-estar para todos os homens, que as leituras de Cayce procuram conduzir aqueles que tentam fazer uma escolha vocacional.

O terceiro conceito básico da filosofia vocacional de Cayce é este: usa o que tens à mão; começa onde estás. Isto pode parecer um conselho tão óbvio que dispensa repetição; e, no entanto, como muitas outras verdades óbvias, precisa de ser reafirmado devido à tendência humana para ignorar factos simples e próximos quando os complexos e distantes são muito mais intrigantes.

Muitas pessoas, depois de captarem a visão do serviço à humanidade, ficam envolvidas quer numa névoa de idealismo vago, quer numa agitação de zelo ansioso. A sua nova perspetiva sobre o propósito da vida pode apanhá-las a meio de uma carreira mundana da qual não há forma prática de se libertarem; as suas responsabilidades familiares ou barreiras financeiras que impedem a aquisição de formação especializada parecem excluí-las de cumprir o recém-concebido sentido de missão. É a pessoas como estas que as leituras frequentemente consideram necessário lembrar que só se pode usar aquilo que se tem à mão. Uma viagem de mil quilómetros começa com um passo; esse passo tem de ser dado a partir do ponto onde se está agora.

Os seguintes excertos ilustrativos são típicos. Uma mulher de quarenta e nove anos pergunta: «Qual é o verdadeiro trabalho da minha vida?» e é-lhe dito: «Encorajar os fracos e os desanimados; dar força e coragem aos que vacilaram.» «Como posso entrar nesse trabalho?», pergunta em seguida. «Faz hoje as coisas que as tuas mãos encontram para fazer!», é-lhe dito. «O que vê reservado para mim e onde seria melhor cumprir o meu destino?», insiste. «O que tens hoje à mão?», reitera a leitura. «Usa aquilo que tens onde estás. Deixa que Ele guie os teus caminhos. Coloca-te nas Suas mãos. Tu sê o canal; não Lhe digas onde gostarias de trabalhar ou laborar ou servir ou ser servido! Diz antes: “Senhor, sou teu. Usa-me como achares melhor.”»

Outra mulher está preocupada com a mesma questão. Tem sessenta e um anos, é esposa de um antigo cônsul num dos países do Norte da Europa, com uma vida longa e variada de viagens no Oriente e muitos estudos artísticos e religiosos no seu passado. «Por favor, dê-me um relato detalhado

de como posso melhor servir a humanidade», pede. A resposta que lhe é dada é substancialmente a mesma. «Daquelas formas que se abrem a ti dia após dia. Nem sempre é o indivíduo que planeia realizar um grande feito que faz mais. É aquele que corresponde às oportunidades e privilégios que lhe são concedidos diariamente. À medida que essas oportunidades são usadas, abrem-se caminhos melhores. Pois aquilo que usamos no sentido de ajudar os outros cresce em si mesmo.» «Começa onde estás!», é dito a outra pessoa. «Sê o que deves ser onde estás! E quando tiveres provado a ti próprio, Ele dar-te-á caminhos melhores!»

Esta filosofia de economia prática — conhecida de toda a dona de casa capaz, que tem de tirar o máximo partido do que tem para trabalhar — é aplicável não só às pessoas que de repente descobriram que desejam estar ao serviço da humanidade; é também aplicável a todas as pessoas que anseiam por grandes realizações de qualquer tipo. Parece, de facto, que a insistência incessante das leituras em usar o que se tem à mão e começar onde se está é um esforço para contrariar duas tendências da natureza humana: a paralisia da ignorância de visão curta e a paralisia do conhecimento de visão longa.

Muitos homens sabem exatamente que realização em arte, ciência ou política gostariam de alcançar, mas — devido a uma miopia materialista equivocada — tornam-se desencorajados e inativos; o seu objetivo parece-lhes impossível de atingir. Pela ignorância da continuidade da vida e do esforço, não percebem que o tempo é irrelevante e que aquilo que se começa numa vida muitas vezes encontra fruição na seguinte.

Pelas restrições ilusórias do tempo, pode ser, reconhecidamente, impossível para ele tornar-se um grande músico na presente vida; mas se permitir que esse pensamento paralise a sua vontade a tal ponto que abandone completamente a música, coloca-se assim num estado de estagnação e deixa tanto por fazer para outras encarnações. Se, porém, aplicar a sabedoria de visão longa condensada na advertência usa o que tens à mão; começa onde estás, a sua paralisia dissolve-se e as suas energias são libertadas na direcção adequada.

Por outro lado, há muitas pessoas que se tornam intelectualmente entusiasmadas com a imensa perspectiva de progresso que o princípio da reencarnação lhes abre, mas não traduzem esse entusiasmo mental numa conduta prática diária. Muitos teosofistas e antroposofistas ficam tão absorvidos no estudo das leis cósmicas sob as quais opera a evolução espiritual que se esquecem de que o seu próprio progresso espiritual não é automaticamente assegurado pelo conhecimento dessas leis.

São muito semelhantes a um homem que se absorve tanto no estudo de um mapa rodoviário que nunca chega a iniciar a viagem. As abstrações tornaram-se de tal modo o seu sustento vital que, quando chega o momento de

realizar alguma transmutação efetiva do carácter ou algum serviço útil à humanidade, a sua ausência intelectual é notoriamente evidente. Não são, evidentemente, apenas os teosofistas e os antroposofistas que incorrem nesta fragilidade; mesmo antes do tempo de Hamlet, a inação tem sido, de forma notória, o pecado dos filósofos.

Nos três princípios que parecem constituir o núcleo da filosofia vocacional de Cayce, constatamos que a perspectiva cósmica desobstruída sobre o destino humano, apresentada pelas leituras, é completamente equilibrada por um sólido bom senso prático. Não há, evidentemente, qualquer razão para que o conhecimento da reencarnação perturbe o equilíbrio mental de alguém; pelo contrário, há todas as razões para que torne cada decisão mais sensata e sólida, por ser tomada de acordo com um quadro de referência ético e cósmico.

É verdade que o primeiro contato com a ideia da reencarnação e a sua vasta expansão de horizontes é, por vezes, tão entusiasmante que leva algumas pessoas a começar a voar sem o necessário lastro do senso comum. Um estudo da filosofia vocacional de Cayce deverá corrigir qualquer equívoco a este respeito e demonstrar que, por mais abrangente que se torne o conceito de destino humano, o facto permanece: o aperfeiçoamento de si próprio é um processo lento, diário, centímetro a centímetro.

Além disso, as leituras de Cayce lembram-nos constantemente que, quaisquer que sejam as circunstâncias de uma pessoa, estas são completamente apropriadas ao seu estágio interior de desenvolvimento. Ainda que possam parecer um obstáculo à prática da sua verdadeira vocação na vida, devem ser reconhecidas como degraus e não como pedras de tropeço. A única forma de mudar as circunstâncias exteriores é através da alteração paciente de si próprio, atuando sobre o material resistente dessas circunstâncias, de modo a tornar-se digno de melhores condições. Diz uma das leituras:

Sabe isto: qualquer que seja a situação em que te encontres, ela é o que é necessário para o teu desenvolvimento. Um ser deve aplicar, nas suas associações do dia a dia, uma palavra aqui e outra ali, uma hoje, outra amanhã e no dia seguinte, com a compreensão de que, a partir dessas atividades em palavra e em ato, surgirá o desenvolvimento pessoal.

Pouco a pouco, tijolo sobre tijolo, a estrutura é edificada. Por palavras faladas, por pequenos atos quotidianos, o indivíduo dá expressão ao seu discernimento e constrói com segurança em direção à expressão plena do seu conhecimento, das suas capacidades latentes e do seu verdadeiro propósito. Quando um ser se preparou através de um movimento constante em direção ao serviço, surgirão as circunstâncias necessárias para a mudança, de modo que possa ver o próximo passo, a próxima oportunidade.

Constrói, pois, com aquilo que tens à mão, pouco a pouco, linha sobre linha. Não te apresses nem sejas excessivamente ansioso; pois não é toda a construção obra d'Ele? ...

Capítulo 21

Implicações dos Dados sobre as Capacidades Humanas

As implicações dos dados de Cayce sobre as capacidades humanas e o seu desenvolvimento contínuo de vida em vida têm uma importância prática considerável. Desde logo, oferecem-nos uma noção das possibilidades ilimitadas de expansão que se estendem diante de cada um, dependentes do esforço individual.

Já falámos das contas de capacidades adormecidas que podem ser mobilizadas em maior ou menor grau. Naturalmente, os recursos de que cada indivíduo dispõe dependem inteiramente da quantidade de esforço previamente depositada, por assim dizer, no banco da vida. É evidente que este sistema funciona tanto para a frente como para trás. Tal como temos a garantia de um acerto exato no presente relativamente ao passado, temos igualmente a garantia de um acerto exato no futuro relativamente ao presente. Todo o tempo, energia, pensamento e atenção que investimos agora na aquisição de um talento ficarão registados a nosso crédito no futuro.

Por todo o mundo há milhares de pessoas obscuras e sonhadoras que perseguem algum ideal juvenil, apesar de saberem com certeza que nunca o alcançarão plenamente. Vistas do ponto de vista comum, há algo de infinitamente triste na sua futilidade; mas o seu pathos torna-se menos pungente quando as consideramos à luz do Princípio da Continuidade Cármica.

Os esforços amorosos de um homem idoso para fazer crescer flores podem não lhe trazer prémios de dalias nem reconhecimento nacional em revistas de horticultura; contudo, está a lançar agora os alicerces de um conhecimento botânico e hortícola que, um dia, numa vida futura, poderá torná-lo o mago das plantas da sua época. As tentativas difusas de uma mulher de meia-idade na arte não servem apenas como tema infalível para o humor da família e dos amigos; servem também como base para uma competência que poderá, um dia, permitir-lhe pintar a Capela Sistina de uma época futura.

A professora que dá pacientemente aulas de piano, ano após ano, avançando penosamente, com todas as esperanças de uma carreira de concertista há muito murchas e mortas, pode ainda estar — se o soubesse — a percorrer o caminho que conduz ao aplauso e à fama mundiais. O compasso do metrónomo está a construir no seu subconsciente um sentido exato de ritmo; a repetição anual de estudos de velocidade, exercícios de dedos, prelúdios, sonatinas, invenções e fugas está a cavar sulcos harmónicos

profundos na sua memória musical. Mais uma ou duas ou três vidas e talvez venha a ser a virtuosa do seu tempo, surpreendendo os contemporâneos com os seus poderes instintivos de invenção e improvisação, com o seu extraordinário sentido do tempo.

Em suma, segundo o conceito da reencarnação, nenhum esforço é jamais desperdiçado. Se o karma atua com exatidão imparcial para nos penalizar pela má conduta, atua com igual exatidão imparcial para nos recompensar pelo esforço construtivo. A consciência deste facto de enorme importância pode polarizar a nossa consciência de tal modo que o desespero se torna praticamente impossível. A cada instante estamos a criar o nosso próprio futuro e a ditar os termos desse futuro. Ele será positivo ou negativo, dependendo inteiramente de estarmos, neste momento, a fazer esforços positivos e construtivos, ou a ser negativos ao capitular perante o erro do aparente.

Este conceito tem vários corolários importantes. Em primeiro lugar, conduz claramente à proposição de que a parte final da vida, conhecida como «velhice», não tem de ser um período caracterizado pela resignação, inatividade e um sentimento geral de inutilidade. A «velhice», tal como geralmente a concebemos, é uma superstição. No Egipto de 10 000 a.C., a esperança média de vida era, segundo as leituras de Cayce, bem superior a cem anos, e o conhecimento dos princípios de uma alimentação correta e de hábitos mentais adequados fazia com que a senilidade surgisse muito mais tarde e de forma muito menos acentuada. A evidência científica moderna está a acumular-se no sentido de confirmar este relato aparentemente exagerado.

Os nossos laboratórios experimentais já estão a fazer descobertas revolucionárias sobre os efeitos dos alimentos na saúde, na força e na longevidade, e é provável que em breve se demonstre que os sinais de decrepitude se devem em grande parte a hábitos alimentares, de vida e de pensamento incorretos, e também, em larga medida (à luz das descobertas da medicina psicossomática sobre as relações mente-corpo), à expectativa psicológica de inutilidade, ao sentimento de se ter atingido um limite, de se ter sido substituído na vida pela juventude.

Esta atitude mental resulta do que se pode chamar a visão horizontal da vida — ou do hábito de nos compararmos com os outros no plano horizontal do espaço e do tempo. Mas, pelo princípio da reencarnação, a única visão verdadeira da vida é a vertical. As comparações com os que são mais jovens do que nós não são apenas odiosas; são desnecessárias. Pois, na realidade, todos nós estamos a esforçar-nos apenas por nos superar a nós próprios. Num certo sentido, o nosso progresso não é relativo a outras pessoas; é relativo apenas a nós mesmos e a Deus.

A plena consciência deste facto não pode deixar de nos libertar de toda a ansiedade relativamente àqueles que se encontram num ponto diferente e

presumivelmente mais vantajoso do ciclo imediato da vida do que o nosso. A competição não passa de uma ilusão materialista. Na realidade espiritual, não competimos com ninguém senão com o nosso eu inferior.

Embora a estrutura exata que a sociedade assumirá nos anos futuros não possa ser prevista, parece provável que o costume da reforma da atividade remunerada a uma certa idade persista, pelo menos até que o conhecimento sobre a preservação da juventude esteja muito mais avançado. Em qualquer caso, sejam quais forem os arranjos sociais, uma pessoa de idade avançada não deve, de modo algum, considerar-se posta de lado como as bolas de naftalina e os cobertores do inverno passado.

Antes pelo contrário, deve dedicar tranquilamente o seu tempo ao cultivo de novas faculdades e novos talentos, ou ao estudo de matérias que as pressões das responsabilidades familiares ou profissionais nunca antes lhe permitiram. Deve fazê-lo com a confiança de que está assim a lançar as bases para a riqueza interior de futuras encarnações. Esta é uma das várias interpretações possíveis da admoestação de Jesus para acumular tesouros não na terra, mas no céu — referindo-se o céu ao estado de consciência libertada e o seu tesouro às faculdades da mente e do espírito.

Que este é o ponto de vista das leituras torna-se evidente tanto implícita como explicitamente. Já vimos o caso do homem a aproximar-se dos sessenta anos que foi aconselhado a dedicar-se ao estudo intensivo das propriedades curativas das gemas. Casos como este são numerosos nos ficheiros. Um polícia prestes a reformar-se foi aconselhado a estudar Química com vista a ser útil como detetive. Uma avó de sessenta e três anos foi incentivada a ajudar ativamente os jovens a encontrar o seu lugar na vida. Outra avó, também de sessenta e três anos, foi aconselhada não só a expandir o seu negócio de flores, já estabelecido há muitos anos, mas também a desenvolver as suas capacidades de escrita — uma ideia que nunca lhe tinha ocorrido.

De forma explícita, as leituras discutem frequentemente a nossa obrigação de sermos construtivos até ao fim da vida. Eis alguns excertos típicos:

Sê moderado em todas as coisas, não vás ao excesso em nenhuma, e terás noventa e oito anos de expectativa nesta vida — isto é, se viveres de modo a o merecer. Mas o que podes dar aos outros? Se não tens nada para dar, que direito tens de estar no caminho dos outros? Tem algo para dar e viverás enquanto fores digno disso.

P. Como posso melhor preparar-me para a velhice?

R. Preparando-te para o presente. Que a velhice apenas te amadureça. Pois cada um é sempre tão jovem quanto o coração e o propósito. Mantém-te amável; mantém-te afável; mantém-te amoroso, se quiseses manter-te jovem.

P. Como posso vencer o medo do avanço da idade e de ficar só?

R. Saindo e fazendo algo por outra pessoa; isto é, por aqueles que não são capazes de o fazer por si próprios; tornando os outros felizes, esquecendo-te completamente de ti mesmo. Ao ajudares alguém, livrar-te-ás dos teus medos.

P. Que passatempo sugere?

R. O passatempo de ajudar alguém. Trabalhar ao ar livre com flores também seria um bom passatempo para si; mas planeie todos os dias fazer uma boa ação por alguém que não é capaz de fazer as coisas por si próprio. Mesmo que não seja mais do que conversar ou fazer companhia a alguém que esteja «recluso», encontrará nisso grande ajuda para si mesmo.

A continuidade da vida, então, assumida de forma tão vaga e irrealista pelas noções comuns de imortalidade, torna-se, pelo princípio da reencarnação, psicologicamente significativa no que respeita aos talentos e esforços humanos.

Um segundo corolário importante da verdade de que todos os talentos são conquistados por esforço próprio e persistem de vida em vida é a proposição de que a inveja é uma emoção desnecessária. Quando Emerson observou que chega um momento na educação de todo o homem em que ele percebe que a inveja é ignorância, estava a dar voz a uma verdade cuja força brâmica só é plenamente compreensível à luz do conhecimento da reencarnação. Só podem invejar aqueles que ignoram o facto de que aquilo que um homem fez, outro homem pode fazer; aquilo que os outros possuem em beleza, capacidade, amor, fama ou riqueza é igualmente possível para mim, assim que eu fizer os esforços necessários para o merecer.

No nosso atual nível de civilização e de compreensão espiritual, a inveja estimula frequentemente a ação onde outros motivos falham. Contudo, quando a inveja conduz à malícia, ao ódio, à depreciação, à calúnia, ao ressentimento e a todas as mesquinhezes afins, torna-se um mal. A versatilidade nos outros é talvez o mais amargamente invejado de todos os atributos; o homem ou a mulher que procura provar o seu valor ao mundo em mais do que um campo e alcança algum grau de eminência em todos eles é, por progressão geométrica, mais invejado — e por mais pessoas — do que aquele que alcança eminência apenas num. Procura admiração através da sua versatilidade e, até certo ponto, recebe-a. Recebe, pelo menos, a homenagem verbal; mas, no íntimo dos corações alheios, colhe inimizade e rancor, porque priva progressivamente os outros (assim o julgam) da sua própria reivindicação de valor.

Quando, porém, se tornar geralmente conhecido que todos os talentos estão ao alcance de todos nós, então a inveja deverá diminuir e a verdadeira versatilidade aumentar entre os homens. A ordem espiritual do universo, ao contrário de certos sistemas económicos, não exige que poucos tenham, à custa de multidões que não têm. Todos os recursos estão igualmente

disponíveis para todos os seres humanos, desde que os usem de forma altruísta e pura.

Além disso, o conhecimento dos factos do desenvolvimento vocacional deverá servir não só para diminuir o sentido separativo da inveja, mas também para aumentar o sentido unitivo da apreciação. O facto de outros seres humanos estarem a expressar aspetos do nosso Eu que, na presente encarnação, estamos demasiado ocupados com outras coisas para conseguir expressar, é verdadeiramente digno de apreciação. A mulher, por exemplo, que está confinada pelo dharma — ou dever — da sua vida atual às tarefas domésticas, pode ansiar, no fundo da alma, por ter sido bailarina; há momentos, depois de ver uma sequência de ballet num filme, ou de ver na imprensa fotografias de bailarinos captados em movimento requintado, em que ela ressentida amargamente o destino que a obriga a cozinhar e a tirar o pó em vez de dançar.

Mas, se se recordar de que, daqui a apenas alguns séculos — talvez menos — ela também dançará, o aguilhão da inveja deverá dissolver-se e ela deverá sentir, em vez disso, um impulso de gratidão para com os bailarinos por serem o seu Eu entretanto. *Tat twam asi* (Tu és Isso) é um aforismo hindu de aplicações profundas e variadas; um dos seus significados mais imediatos é que, ao contemplarmos todas as variedades de realizações humanas, estamos a contemplar apenas exteriorizações das potências da nossa própria alma. ...

Um terceiro corolário importante do princípio do crescimento vocacional de vida em vida é a proposição de que, tal como a inveja, o sentimento de frustração é, até certo ponto, desnecessário. Enquanto o espírito estiver confinado ao mundo da forma, haverá, evidentemente, algum sentido de frustração; enquanto um fragmento de divindade habitar a forma de uma margarida, terá de ser uma margarida e não uma dália. Um lírio pode olhar com desejo para a coloração viva de uma rosa; uma rosa pode suspirar com paixão pelas linhas clássicas de um lírio. Cada um, embora perfeito à sua maneira, não pode deixar de aceitar as limitações da sua própria forma.

Mas, fora da fantasia poética, as flores não murcham nem morrem por desejarem ser diferentes do que são. Os homens e as mulheres, em geral, também não morrem por isso, mas sofrem; e quando a frustração é suficientemente aguda, e a sua organização mental suficientemente sensível, podem cair em doença mental e até física por causa dela.

Por outro lado, a frustração, tal como a inveja, tem uma importante função psicológica. Se a necessidade é a mãe da invenção, podemos com igual propriedade dizer que a frustração é a mãe da criação. A partir dela foram escritas canções, descobertos fármacos, explorados continentes. Quando Bulwer-Lytton descreveu o seu país utópico como sendo sem literatura — porque, como ninguém ali conhecia qualquer frustração, não havia desejo de

escrever nem de ler sobre os sofrimentos ou satisfações alheias — estava a tocar numa possibilidade significativa. A frustração, como a compressão aplicada ao vapor, serve para canalizar as energias do homem para formas que, de outro modo, talvez nunca tivessem surgido, por mera liberdade de dispersão. Em suma, como todas as outras realidades do universo manifesto, a frustração tem a sua polaridade de aspetos benéficos e maléficos. Onde obriga o homem a desenvolver novas qualidades e a criar novas formas artísticas, a frustração é boa; onde faz com que o homem perca o equilíbrio interior, de tal modo que a força vital estagna dentro dele, é má. É este último aspeto, maléfico, da frustração que a crença na continuidade vocacional de vida em vida serve para contrariar.

Conta-se uma história sobre um caracol que, numa manhã amargamente fria de Janeiro, começou a subir o tronco gelado de uma cerejeira. À medida que subia lentamente, um escaravelho espreitou de uma fenda na árvore e disse: «Ó amigo, estás a perder tempo. Não há cerejas aí em cima.» Mas o caracol continuou, sem parar. «Haverá quando eu lá chegar», respondeu.

Algo da calma, paciente e confiante perspetiva de longo alcance do caracol torna-se atributo interior da pessoa que está profundamente convencida do princípio da continuidade vocacional. Outra ilustração incisiva da atitude mental adequada encontra-se num episódio da vida de Paganini, o grande violinista. Durante dois anos, diz a história, esteve preso numa cadeia de devedores. De algum modo, ali, entrou na posse de um velho violino de três cordas; a prática incessante naquele instrumento mutilado era a única forma de passar o tempo. Quando finalmente saiu da cela para a liberdade e voltou a apresentar-se em público, tocou com uma fúria e perfeição nunca antes atingidas. Eletrificou a audiência com uma virtuosidade sem igual antes ou depois. A sua proeza inaudita — partir uma corda do violino a meio de um trecho difícil e concluí-lo apenas com três cordas — teve origem nesses dois anos de solidão forçada.

O encarceramento de Paganini impôs-lhe uma frustração real e inequívoca, mas a sua reação foi positiva em vez de negativa. Durante muito tempo ainda, o homem conhecerá necessariamente a frustração através dos correctivos auto-impostos do karma e através das próprias condições da existência manifesta. Mas a frustração não precisa de nos encolher, nem de nos tolher, nem de nos esmagar; podemos aprender a dançar mesmo dentro dos seus grilhões e a cantar mesmo dentro das suas paredes de prisão. Onde a frustração é inevitável, podemos aprender a aceitá-la pacientemente, positivamente, até alegremente, e assim lançar as bases das nossas futuras vitórias em civilizações que ainda dormitam na matriz do tempo.

Capítulo 22

Dinâmica da Personalidade

Tal como o enredo de uma história bem escrita, a vida é interessante por causa do conflito. Para o homem primitivo, o conflito consistia sobretudo na luta contra outros homens ou contra as forças da natureza. À medida que o homem avançou na escala evolutiva, porém, os seus conflitos passaram a surgir cada vez mais de fontes interiores. Esta luta interior foi descrita, em várias épocas, como a oposição entre o bem e o mal, entre o espírito e a matéria, entre a razão e a paixão, entre a consciência e o impulso, ou entre a mente consciente e a mente inconsciente.

Todas estas descrições contêm verdade; não explicam, contudo, o conflito no sentido pleno do ponto de vista reencarnacionista. Por esta perspetiva, a fonte primária do conflito é o erro que um espírito comete quando se identifica com o nível de densidade espiritual chamado «matéria», através do qual tem de se exprimir para evoluir. Esta falsa identificação conduz a uma conduta egoísta e separativa, e isto, por sua vez, conduz ao funcionamento dos aspetos retributivos do karma. A ação cármica objetiva a má conduta do homem de tal modo que ele próprio fica aprisionado nela; esse aprisionamento é, por conseguinte, a primeira e fundamental fonte da angústia mental do homem. A sua luta contra as barras invisíveis da cela autoimposta constitui a forma primária de conflito interior.

As leituras de Cayce afirmam claramente que existe ainda outra fonte de conflito. É preciso lembrar que o karma tem dois aspetos: o retributivo e o compensatório ou consequencial. Pelo segundo, muitos elementos ou impulsos incongruentes podem ser trazidos do passado ao mesmo tempo, formando outra fonte de conflito no mundo interior do homem.

Nas leituras de Cayce, um «impulso» significa um forte ímpeto ou desejo que surge de alguma experiência de uma vida passada. Por exemplo: um indivíduo pode trazer de uma vida o impulso para a expressão musical; de outra, o impulso para ensinar. Estes impulsos contraditórios dão origem a um conflito na sua mente consciente no domínio da escolha vocacional. Será músico ou professor? Durante anos pode ser dilacerado por uma luta interior extenuante sobre o que fazer; a luta pode acabar por ser resolvida por uma combinação de ambos os impulsos, ou pelo abandono de ambos em favor de outra coisa, em consonância com algum novo objetivo de vida concebido, ou simplesmente em consonância com a necessidade económica.

Uma luta ainda mais difícil do que a provocada por impulsos contraditórios surge quando um impulso foi neutralizado de forma incompleta. Por exemplo: um homem pode ter um impulso para a arrogância, derivado de alguma experiência de vida passada em que deteve poder arbitrário sobre um povo oprimido. Numa vida seguinte, como criança aleijada de um bairro miserável, a

arrogância foi travada pelo karma e a atitude contrária de tolerância e simpatia foi, em certa medida, induzida. A anulação ou neutralização, porém, não foi completa. Como consequência, há agora dois impulsos contraditórios a emergirem na consciência relativamente ao mesmo traço básico. Por isso vemos na personalidade uma aparente incoerência, manifestando-se em atitudes alternadas de arrogância e tolerância. O próprio indivíduo torna-se gradualmente consciente da sua incoerência; se ideias de fraternidade humana se ativarem nele, começará mais conscientemente a luta para conter o ressurgimento da antiga arrogância. Em muitas pessoas, porém, falta esta consciência da própria incoerência.

Esta generalização sobre a neutralização incompleta de impulsos é feita com base num estudo extenso e intensivo de casos nos ficheiros de Cayce. Inúmeras pistas fragmentárias isoladas a sustentam, e vários casos de indivíduos observados diretamente ao longo de um período prolongado, à luz da sua leitura de vida, confirmam-na. Talvez o exemplo isolado mais nítido seja o seguinte caso.

Há, na personalidade deste homem, duas contradições fundamentais. A primeira é uma contradição entre a tendência para ser, por vezes, reservado, introvertido, silencioso, frio, pouco sociável, estudioso, de orientação espiritual; e, noutras ocasiões, afável, extrovertido, expansivo, jovial e sensual. Segundo a leitura, esta discrepância peculiar deve-se a duas correntes distintas de experiência. Uma encarnação como monge numa abadia inglesa dá-lhe a tendência pouco sociável; uma anterior, como Cruzado durante a Idade Média, dá-lhe a jovialidade. Uma dualidade de temperamento tão estranha afasta, em certa medida, as pessoas dele; tornam-se hesitantes em depositar a sua confiança no companheiro expansivo de hoje, que amanhã pode encará-las com fria reserva.

A segunda contradição de personalidade parece surgir claramente de um impulso neutralizado de forma incompleta. Numa das encarnações deste homem, a sua posição foi a de governante no Egipto. Um ar de altiva condescendência, de superioridade distante e quase desdenhosa, teve origem nessa experiência. Mas, numa encarnação seguinte, viveu na Palestina e ficou sob a influência próxima do carpinteiro chamado Jesus. Tão impressionante era a personalidade do grande mestre que o homem adquiriu dessa relação um forte impulso para o serviço social e uma convicção racional quanto à fraternidade humana.

Na vida presente, este último impulso é predominante; escolheu como tarefa de vida trabalho de liderança no campo religioso e do serviço social. Como iniciador de novos modos de levar luz ao povo, os seus esforços são incansáveis; como conselheiro, é bondoso, prestável, extraordinariamente eficaz. E, no entanto, de tempos a tempos é tomado pela feroz altivez da sua experiência egípcia, pois o impulso tinha sido neutralizado de modo incompleto

pelas experiências da vida na Palestina e por outras vidas seguintes. Tornando-se consciente da sua presença latente, luta para a suprimir, porque sabe que é discordante do seu ideal de personalidade. No decurso desta luta, torna-se uma personalidade integrada e não desintegrada; e, deste modo, a frente da sua natureza por redimir avança gradualmente em consonância com os seus novos objetivos de autoaperfeiçoamento e serviço.

Uma consciência de incoerência como esta, uma decisão sobre qual tendência de personalidade é mais desejável e um esforço para superar a sua antítese pareceriam uma forma adequada de abordagem a qualquer conflito profundo. Ao investigarmos casos como este, percebemos mais claramente por que razão as leituras repetiam com tanta insistência o conselho: primeiro formula o teu ideal de vida. À primeira vista, parece um conselho sensato mas rudimentar, ao nível dos sentimentos saudáveis mas ingénuos das *Campfire Girls*. Mas, numa análise madura e exigente, verificamos que o conselho é de importância primordial em qualquer problema adulto de integração.

Uma vez formulado um ideal, temos uma bússola com que viajar, um meio de harmonizar e transcender quaisquer vórtices de pensamento contraditórios que existam no nosso inconsciente. A batalha pode, de facto, ser entendida como entre luz e trevas, entre espírito e matéria, ou entre bem e mal. Mas, noutros termos mais modernos, a batalha é entre a consciência iluminada e as forças por redimir de pensamentos e condutas passadas, não iluminadas, que jazem profundas no inconsciente.

O ideal tal como é concebido intuitivamente pela personalidade pode ser um reflexo fiel do propósito básico para o qual a alma tomou encarnação — um propósito que bem poderia ser chamado o objetivo de vida supraconsciente. Mas, por vezes, o objetivo de vida conscientemente formulado — embora sirva sempre um fim evolutivo — pode apenas aproximar-se do propósito supraconsciente do ser, tal como foi escolhido antes do nascimento. Podemos ilustrar esta generalização com o caso de George Eliot, que constitui um excelente exemplo do fenómeno dos impulsos contraditórios. Muitos observadores sensíveis notaram nesta grande escritora inglesa certas contradições profundas. Seguem-se excertos de duas biografias diferentes:

George Eliot era meio puritana e meio pagã, e, como os dois lados nunca se fundiam nela, era presa de sofrimento e depressão contínuos. George Meredith disse uma vez a seu respeito: “George Eliot tinha o coração de Safo. Mas o rosto, com o seu nariz comprido e os dentes salientes, como os do cavalo apocalíptico, denunciava animalidade.”*

George Eliot... uma mulher de aspeto frágil, que se sentava com a cadeira puxada para junto do lume, e cuja cativante feminilidade de porte e maneiras impressionava todos os que tinham o privilégio de ser apresentados a

ela... Tinha um riso e um sorriso agradáveis, e a sua voz era baixa e distinta, intensamente simpática na sua qualidade...

Para além do retrato de George Eliot por D'Albert, temos um desenho do Sr. Burton e outro do Sr. Lawrence, este último feito pouco depois da publicação de *Adam Bede*. Ao criticar esta última semelhança, um arguto observador da natureza humana comentou que ela não transmitia qualquer indicação da infinita profundidade do seu olhar atento, nem daquela fria, subtil e inconsciente crueldade de expressão que por vezes podia ali ser detectada.*

Estas observações podem ser reduzidas a uma hipótese em termos reencarnacionistas. Os seus impulsos “meio puritanos e meio pagãos” indicam que poderá ter tido uma encarnação como pagã — talvez uma voluptuosa hetaira grega, cantora, bailarina e cortesã, amante de um estadista ateniense — e outra como asceta — talvez um monge num mosteiro medieval. Na personalidade enquanto George Eliot, o impulso pagão foi inibido por um rosto e uma figura que não permitiam a sua livre expressão. Isto, somado à influência ambiental de ser filha de um clérigo na era vitoriana, pode ter tornado predominante o impulso para a retidão oriundo das suas experiências monásticas, mantendo à distância os impulsos voluptuários. A crua “animalidade” dos seus traços pode muito bem ter sido a consequência cármica de uma beleza mal utilizada na sua experiência pagã.

Ninguém que conhecesse a nobreza e a bondade ativa da vida de George Eliot poderia acusá-la de crueldade; contudo, se um arguto observador da natureza humana merece crédito, uma “fria, subtil e inconsciente crueldade de expressão” podia por vezes ser detetada nela. A palavra “inconsciente” é aqui significativa; pois a interpretação reencarnacionista indica que, no profundo inconsciente desta mulher eminentemente bondosa e nobre, jazia, a partir de alguma experiência de vida passada, um impulso para uma crueldade fria e subtil — um impulso que tinha sido quase, mas não totalmente, transmutado em bondade através das experiências entretanto vividas.

O objetivo de vida consciente de George Eliot enquanto personalidade poderia muito bem ter sido “escrever livros” ou “servir a humanidade” ou “despertar nos outros um sentido de responsabilidade moral”. Mas o objetivo de vida do Eu Superior, da Identidade Eterna, pode não ter sido nenhum destes; o propósito que o ser tinha em mente ao tomar encarnação como a filha pouco atraente de um clérigo vitoriano pode ter sido completar a transmutação da crueldade em bondade; ou retificar os pecados da sensualidade; ou alcançar a harmonização entre a intelectualidade monástica e um sentido de valores mais humanista.

O objetivo de vida supraconsciente é, então, o princípio central e unificador de uma vida, que torna inteligíveis todos os acontecimentos externos e os propósitos ostensivos de uma personalidade. Se esta perspetiva viesse

algum dia a ser plenamente aceite, a arte da biografia poderia tornar-se mais subtil e profunda. O biógrafo preocupar-se-ia então em fazer mais do que apresentar uma crónica exata da vida de uma pessoa ou um retrato verosímil da sua personalidade ostensiva; a sua tarefa primária seria descobrir o objetivo de vida supraconsciente, bem como o consciente, da personalidade. A sua segunda tarefa seria traçar as forças cármicas que convergem sobre a vida em virtude de o ser ter feito a escolha de objetivo que fez.

Um estudo da interação de impulsos provenientes de várias encarnações anteriores serviria para explicar componentes do carácter do sujeito que, de outro modo, pareceriam irracionais. Naturalmente, se o biógrafo não for assistido por faculdades clarividentes, terá de chegar intuitivamente a esses elementos, com base nos dados disponíveis sobre a vida do sujeito. Terá também de possuir uma compreensão sólida dos princípios cármicos, como os delineámos, de forma provisória, nas páginas precedentes.

As generalizações feitas sobre o biógrafo e a sua tarefa seriam, evidentemente, igualmente válidas para o psiquiatra e para outras pessoas envolvidas na análise e orientação da personalidade humana. É importante, contudo, que se faça uma distinção entre o objetivo de vida supraconsciente tal como os reencarnacionistas o concebem e o objetivo de vida inconsciente de uma personalidade tal como é geralmente concebido pela psicanálise. Para tornar clara esta distinção, pode ser útil recorrer a um caso hipotético como exemplo.

Suponhamos que uma mulher decide consultar um analista por causa de um esgotamento nervoso. No decurso da análise, o terapeuta descobre que esta mulher desejou toda a vida dominar outras pessoas. Exercera a sua tirania sobre o marido e os quatro filhos sob o disfarce de um amor solícito, mas agora o marido morreu e os quatro filhos adultos recusam ser dominados. Ela interpreta a atitude independente deles como “ingratidão insensível”; sente-se maltratada, indesejada, só e sem qualquer razão para viver.

O analista descobre algum incidente na infância ou na primeira infância em que um sentimento de insegurança a levou a desejar alcançar poder através do controlo dos outros. Depois de revelar que este tinha sido o seu objetivo inconsciente ao longo da vida, recomenda-lhe que cesse os seus esforços para controlar os filhos e outras pessoas e que dedique a vida a obras de caridade de um tipo ou de outro, concedendo a todos a mesma liberdade de auto-orientação que desejaria para si. Pela primeira vez, a mulher vê o seu propósito inconsciente desmascarado; aceita a análise do médico, segue as suas recomendações e supera a neurose que ameaçava engoli-la.

Vejamos agora o mesmo caso do ponto de vista da psicologia reencarnacionista. A diferença primária desta interpretação decorre do facto de reconhecermos causas mais profundas do que as iniciadas na infância.

Inferimos que esta mulher teve, numa encarnação passada, alguma experiência que lhe deu um impulso tremendo para o poder pessoal sobre os outros. Ou ocupou uma posição elevada de autoridade e tenta, por nostalgia, restabelecer o absolutismo do seu poder, ou ocupou uma posição de inferioridade que ressentiu de tal modo que decidiu afirmar o seu valor pela dominação dos outros. Em qualquer dos casos, trouxe consigo um impulso para a tirania. Este é um impulso inconsciente, talvez um objetivo de vida inconsciente, mas não é equivalente ao objetivo global supraconsciente tal como é concebido na perspectiva reencarnacionista.

O objetivo global que esta mulher idealizou antes de tomar encarnação pode muito bem ter sido: perceber que outras pessoas não podem ser vistas como posses pessoais nem como súbditos abjetos da minha vontade; ou aprender a lição de viver e deixar viver. A rebelião dos filhos, a queda da sua tirania no seu pequeno mundo e o esgotamento nervoso que isso ocasionou eram acontecimentos incluídos no plano de vida projetado, para que ela aprendesse a superar o impulso poderoso para dominar.

A psicanálise reencarnacionista difere, assim, da psicanálise comum ao propor que todas as experiências de vida se conformam a um plano de vida, feito antes do nascimento, pelo Eu Superior ou Identidade Eterna. Se a personalidade for capaz de aprender as lições proporcionadas pelas circunstâncias da vida sem rebelião, o colapso é desnecessário; o desmoronamento ocorre apenas para que, na falência total, a obstinação da personalidade se dissolva e a conduta seja trazida para alinhamento com o plano de vida projetado pelo Eu Superior.

O objetivo de vida inconsciente tal como é concebido pela psicanálise é, em geral, um propósito egoísta e material, concebido pela personalidade separativa ou ego para a sua segurança ou instinto de sobrevivência imaginadas, ao passo que o objetivo de vida supraconsciente é não material, porque diz respeito à aquisição de qualidades da alma e à aprendizagem de lições espirituais. Se a personalidade tomar consciência do propósito interior para o qual tomou encarnação, e se o objetivo de vida consciente se tornar idêntico ao objetivo do supraconsciente, então o progresso pode fazer-se muito mais rapidamente, porque a personalidade opõe menos resistência interior às experiências educativas da vida.

A existência de impulsos profundos e por vezes contraditórios no inconsciente, que temos de aprender a redimir, é um conceito de importância cardinal na psicologia reencarnacionista. Este conceito tem várias implicações importantes e pode lançar luz sobre várias áreas da psicologia contemporânea. Desde logo, sugere uma possível solução para o importante problema da dupla e da múltipla personalidade.

A dupla personalidade é conhecida do grande público pela ampla difusão do conto romântico de Stevenson, *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. O que não é tão geralmente conhecido é o facto de não só existirem casos de dupla, mas também de tripla e múltipla personalidade com frequência nos anais da psicologia anormal e de, além disso, muitas das alterações de personalidade que ocorrem serem quase tão dramaticamente diferentes como a diferença entre Jekyll e Hyde. Psicólogos de referência na Europa e na América interessaram-se pelo problema, mas nunca foi oferecida uma explicação definitiva do fenómeno.

Não há exemplos deste tipo de anomalia nos ficheiros de Cayce e, por isso, não se pode dizer com certeza qual teria sido a explicação de Cayce. Contudo, à luz de todos os outros dados de Cayce, uma de duas possibilidades poderia explicar a mudança de personalidade: ou a possessão, sucessiva, por uma ou mais entidades desencarnadas, ou uma irrupção anómala de memória de uma personalidade anterior do próprio indivíduo. Inferimos a primeira possibilidade porque existem vários casos de anomalia mental nos ficheiros que Cayce atribuiu à possessão espiritual. Embora esses casos sejam de possessão parcial e singular, não há evidência contra a possibilidade de a possessão ser — sob certas condições — total e múltipla. A segunda possibilidade — isto é, a irrupção de memória de vidas diferentes — sugere-se como uma extensão do fenómeno da transposição de impulsos de uma vida para a seguinte.

A segunda implicação importante do conceito de impulsos de vidas passadas tem que ver com aquilo a que, em psicologia, se chama a “especificidade dos traços”. Os psicólogos verificaram que os traços humanos são específicos e não gerais. Por exemplo, aprendeu-se que a honestidade não é uma qualidade absoluta e geral, mas antes um conjunto de traços separados. “Honestidade” é, sem dúvida, um conceito ético válido, mas quando é traduzido pelos seres humanos em conduta efetiva, não é algo unitário. Há honestidade relativamente ao dinheiro, honestidade relativamente a exames, honestidade relativamente a jogos, honestidade relativamente à conversa, honestidade relativamente às relações pessoais — e muitas outras honestidades separadas, em vez de uma honestidade absoluta em qualquer ser humano.

Os psicólogos explicam esta especificidade das reações de honestidade pelo facto de a pessoa ter sido treinada pelos pais e professores para responder a determinadas situações, e de ter vivido satisfações ou desilusões que condicionaram as suas reações futuras nessas mesmas áreas. Esta é uma explicação razoável e torna inteligíveis as incoerências que existem em nós relativamente às nossas qualidades.

Contudo, pelo princípio da reencarnação, a especificidade dos traços deve-se não apenas a satisfações ou desilusões nos anos formativos de uma

peessoa, mas também às experiências educativas de muitas encarnações passadas. É possível ter aprendido muito bem a lição da honestidade relativamente ao dinheiro — talvez através de uma experiência de grande vergonha quando a desonestidade foi descoberta e tornada pública — e não ter aprendido a lição da honestidade relativamente às relações humanas. É possível ter aprendido a lição da consideração pela vida humana e não a ter aprendido relativamente à vida animal.

Desigualdades de carácter como estas são comuns a toda a humanidade e podem ser melhor compreendidas à luz da psicologia reencarnacionista. Um jovem profundamente sincero e bem-intencionado pode estar vivamente preocupado, por exemplo, com a paz mundial e a justiça social universal. Fica indignado quando alguém lhe diz, no calor de uma discussão, que a sua natureza é basicamente cruel. Não acredita de todo nessa acusação e guarda o acusador no mais profundo desprezo; mas, alguns meses depois, uma combinação invulgar de circunstâncias leva-o a perceber que, de facto, existe uma certa crueldade na sua natureza de que ele não tinha consciência, e que se manifesta como um esforço determinado para dominar outras pessoas e suprimir quaisquer crenças que lhes dão conforto.

Este súbito autoconhecimento horroriza-o; não consegue compreender a coexistência do seu idealismo e benevolência para com os homens em geral com o seu antagonismo subtilmente tirânico e cruel para com homens em particular. Começa a perguntar-se, de facto, se será “basicamente” cruel, como o seu antagonista alegou, e se todos os seus projetos idealistas não terão sido hipocrisias baseadas no engano pessoal.

Ou tomemos ainda o caso de uma mulher rica que sempre se considerara generosa. De repente, descobre, com espanto pungente da consciência, que é generosa no que respeita a bens materiais como comida, roupa, dinheiro ou outras posses pessoais, mas que é muito pouco generosa no que respeita aos juízos que formula sobre a conduta dos outros.

Descobertas como estas são comuns entre pessoas de maturidade psicológica e são profundamente perturbadoras. Abalam a autoconfiança, levam-nos a duvidar da nossa própria integridade e podem chegar a paralisar o esforço. Tais agonias de introspeção são, sem dúvida, etapas úteis do nosso crescimento. O conhecimento, porém, tende a dissipar a ansiedade — o conhecimento de que as desigualdades da nossa natureza se devem a experiências diversas no passado da nossa alma.

Se aceitarmos este conhecimento, podemos passar a encarar essas disparidades interiores com desapego, com a tranquila consciência de que está ao nosso alcance harmonizá-las — de facto, as experiências dolorosas da vida destinam-se precisamente a produzir essa harmonização. Todas as qualidades têm, em última análise, de ser aprendidas em relação a todos os campos

ambientais da alma. Não podemos esperar, contudo, fazer tudo de uma vez; não é sem boa razão que a escola funciona cinco dias por semana e nove meses por ano, nem é sem razão igualmente válida que necessitamos de muitas vidas para redimir aquilo que permanece por redimir em nós.

Quer estas tendências interiores sejam chamadas «traços» ou «impulsos», na terminologia da psicologia, ou «ímpetos», na das leituras de Cayce, não é de importância primordial (embora a palavra «ímpeto» seja talvez mais vivamente descritiva da força propulsora envolvida). Quando a desigualdade dos impulsos, o seu antagonismo mútuo ou a sua neutralização incompleta são plenamente compreendidos, tanto o autoconhecimento como a compreensão dos outros tornam-se incomensuravelmente mais refinados.

Uma outra implicação decorre do conhecimento da existência de impulsos de vidas passadas, e tem que ver com aquilo a que bem poderíamos chamar a ilusão da inocência. Durante muitos séculos, os homens preocuparam-se com o problema da inocência e do pecado original. Muitos filósofos estiveram seriamente absorvidos pela questão da verdadeira natureza do recém-nascido — se inerentemente bom ou inerentemente depravado. Platão considerava a mente da criança preenchida por reminiscências de estados de existência anteriores; Locke via a mente infantil como uma *tabula rasa*, ou página em branco, sobre a qual as sensações escrevem impressões a serem conceptualizadas em ideias. Os teólogos consideravam todos os recém-nascidos manchados pelo «pecado original» de Adão e Eva, que apenas os sacramentos adequados poderiam redimir.

Segundo a perspectiva reencarnacionista, todos os homens nascem, de facto, com uma herança de pecado, mas essa herança é original deles próprios e não das personagens alegóricas de Adão e Eva. O pecado nasce da conduta dos nossos eus anteriores; não pode ser redimido pelo batismo nem por qualquer outro ritual teológico. Esses ritos têm, certamente, o seu valor e propósito simbólicos, mas não podem ser considerados substitutos das transformações de consciência que se destinam a simbolizar.

Aldous Huxley relata como Peter Claver, o santo monge espanhol do século XVII que deu a sua vida ao serviço dos negros tratados de forma desumana à medida que eram trazidos de África, exortava frequentemente os escravos a refletirem sobre os seus próprios pecados. Tal exortação pareceria, à primeira vista, deslocada; «e, no entanto», como Huxley observa, «Peter Claver estava provavelmente certo... Certo ao insistir que, quaisquer que sejam as circunstâncias em que um ser humano se encontre, há sempre omissões a reparar, comissões cujos efeitos devem, se possível, ser neutralizados. Certo ao acreditar que é salutar até para os mais brutalmente injustiçados serem lembrados das suas próprias falhas».

Huxley tocou aqui numa questão de grande importância — a saber, aquilo a que chamámos a ilusão da inocência. A maioria de nós considera-se mais vítima do pecado alheio do que pecador, mais abusado do que abusivo. Todos nos julgamos inocentes e bons. Em parte, isto pode ser atribuído à vaidade natural da criatura, mas, em maior medida, deve-se ao facto de termos sido banhados no rio do esquecimento. O nosso passado mau foi-nos ocultado pela economia benigna da natureza.

«Sempre fui boa para as pessoas», ouvimos uma mulher queixar-se, «e, no entanto, veja como as pessoas me tratam. Os seres humanos são tão ingratos!» Sim, de facto — poderíamos responder — foste bondosa nesta vida porque, desde cedo, percebeste que não tinhas beleza e que a tua única entrada no favor dos homens era através de atos de bondade. Mas deves compreender que esta é apenas uma virtude recém-adquirida da tua parte. Olha para a tua vida passada como voluptuária bela e sem coração; estás agora a colher os efeitos do que então semeaste. O modo como as pessoas te tratam agora não prova que a humanidade seja ingrata; apenas te reflete, a partir do campo apropriado, a maneira como tu própria outrora trataste a humanidade. Tens estado a semear figos durante toda esta vida, mas estás a colher os cardos da sementeira da vida anterior. As estações da vida acabarão por te trazer os figos que agora semeias; entretanto, aceita os cardos como a tua justa colheita e continua valentemente a semear figos...

Um leitor perspicaz do carácter humano consegue discernir nele onde se encontram os baixios e as profundezas traiçoeiras de que a personalidade não tem consciência. Em algumas pessoas vê-se ódio latente; noutras, uma ânsia predatória de domínio; noutras ainda, uma frieza glacial. A personalidade, iludida por si própria pela juventude, pela beleza, pela riqueza, pela competência intelectual, pelas gratificações sensuais, pela fortuna mundana ou pelo verniz de cortesia convencional, é inocente desses males interiores; mas quando a segurança exterior que a sustentava é abalada e destruída, a personalidade vê-se a expressar aquilo que estava profundamente oculto dentro de si e a enfrentar situações que exigem a sua redenção.

Quando surge uma experiência dolorosa, a personalidade pode ser tentada a protestar: *Nunca fiz nada para merecer isto*. Mas a sua inocência é apenas uma ilusão, e a sua lógica não é mais sensata do que a do francês que foi julgado por assassinar o pai e a mãe, confessou a culpa, mas implorou misericórdia com o argumento de que era órfão. No caso da personalidade, ela não confessou a culpa porque honestamente não tem consciência dela, mas implora misericórdia porque é órfã — e, no entanto, foi o seu próprio crime que a tornou assim. Culpada de algum mal ou de alguma fraqueza ela é, com toda a certeza, pois de outro modo a desgraça não lhe teria sobrevivido. O mal não vem a ninguém a menos que exista nele algum mal latente ao qual ele seja atraído vibratoriamente.

A transformação do carácter é o propósito educativo das vicissitudes da vida — quer se trate de calamidades externas evidentes como guerra, peste ou inundação, quer de tensões e conflitos interiores mais subtis. Quando a psicologia reconhecer a natureza intencional dessas vicissitudes, numa espiral evolutiva, terá dado um grande passo em frente.

Do mesmo modo, os praticantes da religião — sejam eles padres, ministros, rabinos, brâmanes ou outros — deveriam possuir uma compreensão profunda das forças da vida, interiores e exteriores, que operam transformações no carácter humano. Quando homens e mulheres, em desespero, perguntam pelo significado das tragédias da sua vida, poderão então ser consolados e encorajados com uma base verdadeiramente científica, recebendo explicações com a clareza e a precisão de uma equação algébrica e a grandeza e amplitude de um pôr-do-sol sobre as montanhas.

Capítulo 23

Aspetos Diversos do Karma

Uma questão que as pessoas geralmente colocam quando tomam conhecimento da reencarnação e do karma é: «E a hereditariedade?» Quase invariavelmente, os factos conhecidos sobre a hereditariedade são considerados em contradição com os factos presumidos do karma. Não existe, contudo, qualquer contradição real. Cayce usou certa vez uma metáfora muito interessante a este respeito. Alguém perguntou, no final de uma leitura: «De que lado da minha família herdei mais?» A resposta foi: «Herdaste mais de ti próprio do que da tua família! A família é apenas um rio através do qual a alma flui.»

O facto de as leis da hereditariedade desempenharem um papel subordinado em relação às do karma pode ser ilustrado por outra analogia. Suponhamos que um nativo da selva africana fosse levado para Nova Iorque, onde observasse pela primeira vez o letreiro luminoso de um teatro. Repararia em como as pequenas luzes brancas que contornam o letreiro parecem estar em movimento constante, como se corressem umas atrás das outras; poderia até parecer-lhe que cada globo luminoso empurrava o seguinte e que a luz se transferia, como uma tocha, de um para outro. Em suma, poderia parecer-lhe que a causa do brilho de cada luz se encontrava na luz precedente. Mas isto é apenas a aparência da ação; na realidade, o princípio da causalidade reside aqui numa temporização exata, ao segundo, de cada luz, de modo que piscam ligando-se e desligando-se de forma a sugerir o efeito desejado de sequência.

A analogia não é, certamente, exata — nenhuma analogia o é — mas é suficientemente paralela para sugerir como, nos níveis superficiais, pode existir uma aparência de causalidade que não corresponde à realidade mais profunda

do caso. O fluxo da hereditariedade corporal existe, tal como existe o fluxo de luz no letreiro do teatro; mas outras leis de atração magnética estão em funcionamento, e o seu efeito é tal que uma alma gravita infalivelmente para o grupo familiar e para as possibilidades corporais que melhor correspondem às suas próprias necessidades interiores.

Portanto, a hereditariedade — e com ela outras formas de causalidade física próxima — é, na realidade, subserviente à compulsão magnética das leis do karma. Aqueles que atribuem toda a tendência humana à hereditariedade e toda a doença humana a causas físicas imediatas podem, segundo esta perspectiva, ser comparados ao convidado de um banquete que se vira para agradecer aos criados as coisas que lhe trazem à mesa. É certo que são os criados que lhe servem a comida; mas fazem-no em resposta às ordens do seu patrão.

Outra questão frequentemente levantada em ligação com o karma é de natureza ética. No caso do violinista cego descrito no Capítulo 4, a origem cármica da sua cegueira foi atribuída ao facto de, numa vida passada, ter cegado outras pessoas com ferros em brasa quando era membro de uma tribo bárbara na Pérsia. Pode, legitimamente, colocar-se a questão: como pode um homem ser considerado moralmente responsável pelos costumes do seu tempo? Porque deveria ser penalizado apenas por cumprir o seu dever social?

Um carrasco francês da guilhotina, por exemplo, é empregado do Estado; o mesmo acontece com o homem que executa eletrocussões em Sing Sing. Podem estas pessoas ser consideradas pessoalmente responsáveis pelas práticas de pena capital de um sistema legal, de modo a terem de sofrer uma penalidade cármica numa vida futura? E, se a resposta a esta questão for negativa, em que difere então o bárbaro persa que cegava os inimigos tribais de guerra?

Estas são questões legítimas. Uma resposta parcial foi indicada no Capítulo 11, onde se assinalou que não é o ato, mas o motivo, não a letra, mas o espírito, que constitui o determinante cármico. Além disso, parece altamente plausível que exista algo como a culpa social. Isto é, se as práticas de uma sociedade são más num sentido último, então todos os membros dessa sociedade participam, em alguma medida, dessa culpa. Se, num sentido ético último, é errado escravizar, matar ou mutilar outros seres humanos — e, segundo a sabedoria antiga, tal violação do livre-arbítrio de outrem é um mal absoluto — então todas as pessoas que são membros dessa sociedade são culpáveis; são passivamente culpadas, se não ativamente.

A culpa torna-se progressivamente maior se estiverem conscientes do significado moral do costume e, ainda assim, continuarem a tolerá-lo ao não tentarem suprimir o mal. Se estiverem ativamente envolvidos na perpetração do mal, a sua culpa torna-se proporcionalmente maior.

Cegar outras pessoas apenas porque foram vencidas numa guerra tribal é, certamente, um ato cruel. Se o homem encarregado dessa tarefa fosse ele próprio avesso a tal crueldade e a executasse apenas porque se tornara sua obrigação como súbdito do seu chefe, é concebível que não sofresse qualquer penalidade cármica. Mas se exercesse a função dando o seu consentimento interior — isto é, possuindo dentro de si uma crueldade correspondente à crueldade do costume — então geraria uma causa cármica.

Esta questão é tratada de forma admirável no *Bhagavad-Gita* — um tratado excelente e subtil que pode ser altamente recomendado a quem se interesse por formular uma nova ética de conduta tendo como eixo o conceito cármico. (Talvez a melhor edição do *Bhagavad-Gita* para leitores ocidentais seja a tradução de Swami Prabhavananda e Christopher Isherwood, com introdução de Aldous Huxley.) A sua mensagem principal é esta: no desapego impessoal em relação à ação reside a chave para a não criação de karma futuro. Até o amor deve tornar-se amor impessoal, amor desapegado, amor não possessivo, desapego amoroso — caso contrário, forjará novos vínculos no futuro.

Se o homem cego do caso em questão tivesse praticado o ato de cegar, na antiga Pérsia, com o espírito sacrificial com que os sábios realizam todos os atos, e sem a satisfação pessoal do seu próprio desejo de crueldade e domínio, então nenhum karma poderia ter sido criado. Daí só podermos concluir que, uma vez que na realidade recebeu uma consequência cármica, ele deve ter sido culpado de estar psicologicamente ao nível do ato que o costume da sua sociedade o impelia a cometer.

No Capítulo 19 observámos que as leituras de Cayce afirmam explicitamente que a deformidade, em alguns casos de lesão de nascimento, não era de origem cármica. Vale a pena examinar este ponto mais de perto, porque é importante para a compreensão mais completa do conceito de karma. Alguns crentes na reencarnação assumem erradamente que, uma vez que a causalidade pode estar no passado, então toda a causalidade está no passado; isto é, acreditam que a desgraça ou a doença do presente é o sinal externo de algum pecado de uma vida passada. Esta crença é errónea. A causalidade pode estar quer no passado imediato, quer no passado remoto; além disso, existem diferentes níveis de causalidade — físico, emocional, mental, ético.

Um elemento adicional a ter em conta é o facto de que — pelo menos segundo as leituras de Cayce — os acidentes são perfeitamente possíveis, «até na própria Criação». Por vezes acontece que uma lesão ao nascer, ou uma lesão mais tarde na vida, é puramente accidental no sentido de não ter relação intrínseca com causas desencadeadas pelo próprio indivíduo.

Eis, por exemplo, o caso de uma menina de dez anos, cega de um olho e totalmente surda desde a infância. A leitura comenta o seguinte, nas frases iniciais da leitura física feita à criança:

Sim. Que condição triste. E não é resultado de karma, mas um acidente, ou falta de precaução adequada na limpeza por parte da ama no período inicial da presente experiência terrena do corpo.

O tipo de antisséptico utilizado atuou sobre os órgãos sensoriais e provocou inflamação, destruindo a sua atividade. ...

Outro caso, de anomalia mental devido a uma lesão de nascimento após o uso de fórceps de grande pressão, é comentado assim:

Sim — sim — temos aqui o corpo.

Como vemos, pode haver muita ajuda para este corpo. Isto é um erro grosseiro do médico, não da entidade-alma. Alguém terá de pagar, e muito, por isto.

Na condição aqui, será necessária uma aplicação longa e paciente, mas isto deverá ocorrer num ambiente diferente assim que for prático. ...

Frequentemente, pessoas que tinham sofrido alguma lesão ou doença perguntavam se a sua condição era cármica ou não. Eis alguns exemplos, com citações diretas das leituras.

Num caso de hemorragias, o indivíduo perguntou: «Esta condição é cármica, ou deve-se a algo na minha vida presente?» A resposta foi: «Esta condição deve-se a comer demasiado de alimentos muito condimentados.»

Um indivíduo que sofria de ruídos no ouvido fez pergunta semelhante e recebeu esta resposta: «É puramente físico, não cármico. Remova a tensão com o exercício de cabeça e pescoço.» (A referência é a um exercício simples de três movimentos frequentemente recomendado para melhorar a visão e a audição.)

Um homem que, aos quinze anos, perdera uma perna num acidente perguntou: «A perda da minha perna foi uma dívida cármica e, se sim, qual?» A resposta veio: «Foi uma experiência necessária para o teu melhor desenvolvimento. Não em pagamento de algo, mas para que conhecesses a verdade que te pode libertar.»

Outro indivíduo, que sofrera uma lesão na mão direita, perguntou: «Houve uma causa espiritual para o acidente à minha mão direita, ou foi puramente um acidente?» A resposta: «Foi puramente um acidente — não uma causa espiritual.»

Uma leitura feita a um homem que sofria de atrofia muscular progressiva começa assim:

A condição aqui é em grande parte pré-natal; contudo, não poderia ser chamada os pecados dos pais, nem da própria entidade, mas antes aquilo

através do qual a paciência e a consistência podem ser a lição para a entidade nesta experiência.

Assim, não te tornes pessimista por causa das condições que exteriormente parecem estar a fazer com que o corpo se torne um “recluso”, sem uso de nada para além da mente. Lembra-te — a mente é o construtor.

Torna-se evidente, a partir de casos como estes, que alguns acidentes podem ser verdadeiramente «acidentais» neste sentido: a vítima não iniciou, ela própria, a sua causa, em nenhum nível da sequência causal. Torna-se também evidente que tal sofrimento accidental é a exceção e não a regra, mas que oferece à alma uma oportunidade de crescimento e de aquisição de nova força.

De facto, as afirmações feitas nos dois casos citados acima sugerem com bastante força a resposta dada por Jesus aos discípulos que lhe perguntaram acerca do homem cego, tal como é relatado em João 9:1–3. Os versículos dizem o seguinte:

E, passando Jesus, viu um homem que era cego de nascença. E os seus discípulos perguntaram-lhe: «Mestre, quem pecou, este homem ou os seus pais, para que nascesse cego?» Jesus respondeu: «Nem este homem pecou, nem os seus pais; mas foi para que as obras de Deus se manifestem nele.»

Esta passagem é extremamente interessante, sob vários pontos de vista. O simples facto de os discípulos terem feito a pergunta «Quem pecou, este homem ou os seus pais, para que nascesse cego?» indica a familiaridade deles com a ideia da preexistência da alma.

A resposta de Jesus — que por vezes foi citada como argumento contra a reencarnação pelos seus opositores — não admite uma interpretação exata; parece, de facto, algo equívoca.

A Bíblia é uma tradução de uma tradução de uma tradução de relatos de uma série de acontecimentos lembrados.* Ao passar pelas mãos de tantos escribas, mudanças diametralmente opostas de sentido devem ter ocorrido com frequência. Como resultado, é improvável que a Bíblia, tal como a temos hoje, represente os ensinamentos originais, completos e rigorosos de Cristo. Estudos psicológicos sobre a inexatidão do testemunho humano deveriam convencer-nos disso, se nada mais o fizesse. Esta passagem, então, pode ser uma entre muitas centenas de passagens cuja alteração, deliberada ou accidental, modificou a afirmação tal como foi originalmente feita.

Se, porém, a resposta à questão sobre o homem cego for uma transposição mais ou menos fiel do que Jesus disse, então só podemos concluir que Ele estava a afirmar, em grande medida, o mesmo que Cayce

afirmou relativamente à perda de uma perna e ao caso de atrofia muscular progressiva citado acima.

Num capítulo anterior vimos o caso de um homem que, por razões cármicas, se tornou pai de uma criança anormal, embora não tivesse sido ativamente culpado de crueldade; fora apenas culpado do pecado negativo da indiferença. Observámos que esta consequência cármica indireta era possivelmente a primeira de várias experiências corretivas sucessivamente mais íntimas que poderiam surgir para sensibilizar a sua natureza e torná-lo mais atento perante o sofrimento. Concebivelmente, então, por esta interpretação, ele próprio poderia sofrer alguma aflição numa vida futura se não aprendesse vicariamente a lição necessária através da experiência da paternidade; esta aflição física vir-lhe-ia não por a ter infligido diretamente a outro, mas porque precisava de uma experiência dolorosa e educativa para sensibilizar uma zona superficial da sua personalidade.

É concebível, além disso, que o homem cego que Jesus e os seus discípulos encontraram, e as duas pessoas acima mencionadas que sofreram a perda de uma perna e atrofia muscular progressiva, tenham sido afligidas por razão semelhante. Em qualquer caso, deve reconhecer-se que, quer uma dificuldade da vida tenha origem cármica quer não cármica, é sempre uma oportunidade de crescimento espiritual.

O próprio karma não deve ser interpretado de forma fatalista; isto é, não deve ser visto como uma força cega e inexorável. Não atua com a precisão automática de uma máquina em que se carregou num botão de controlo.

O karma é uma lei precisa, sem dúvida; mas o seu propósito é dar à alma uma oportunidade de se reconduzir ao alinhamento com a verdade cósmica do ser. Se a alma se torna, pois, consciente das suas próprias falhas e toma conscientemente a iniciativa de se realinhar, todo o terreno que conquista nesse movimento de retorno é terreno ganho face ao efeito compulsivo do karma.

O propósito do karma é «justificar» a alma, usando a palavra «justificar» no mesmo sentido em que os tipógrafos a usam quando falam em justificar — ou alinhar segundo as especificações — uma linha de composição. Se se compreende a verdadeira intenção do karma como educativa ou justificadora neste sentido, compreende-se também que as suas penalidades não são arbitrárias nem inexoráveis. Consequentemente, não se aceita passivamente a penalidade sem esforços positivos no sentido de aprender a lição espiritual implícita na constrição.

As leis do movimento são muito instrutivas a este respeito. Depois de um corpo ser posto em movimento, desloca-se ao longo de uma determinada linha. Se sobre ele atuar outra força, com direção diferente da linha original de movimento, o corpo começará a mover-se segundo outra linha — a resultante

dos dois impulsos diferentes. Nenhuma energia se perde; nenhuma lei é violada. Uma linha de força foi apenas modificada pela aplicação de outra linha de força. O mesmo se passa com o karma: a sua direção pode ser desviada ou modificada, e a sua força reduzida, pela iniciação de uma nova linha de força — sendo aqui a nova força o pensamento correto e a ação correta. Vê-se assim que uma atitude de *laissez-faire* face ao karma é totalmente desnecessária e auto-derrotista.

Isto pode ser suficientemente claro para um homem no que respeita a si próprio; mas surge uma nova subtileza ética quando considera a atitude que deveria adotar perante a situação cármica dos outros. No Capítulo 11 foi demonstrado que o reconhecimento do funcionamento do karma conduz inevitavelmente a um certo dilema social. Mostrou-se como o abuso de autoridade em encarnações passadas conduziu, em vários casos, a uma situação de pobreza e circunstâncias restritas no presente. Se acreditarmos que a maioria das aflições trágicas tem origem numa falta moral passada de um tipo ou de outro, que atitude deveremos adotar perante as pessoas afligidas? Que atitude devemos adotar perante a condição social dos outros?

Deveremos dizer, com lógica científica: «Estás a sofrer o que mereces sofrer, meu amigo. Não posso interferir com o curso da justiça», e seguir o nosso caminho? Iremos concluir que a compaixão é um sentimento que já cumpriu o seu tempo e que a caridade é uma virtude ultrapassada pela racionalidade do karma?

Estas questões não devem ser respondidas apressadamente nem de forma sentimental. Sabemos que um assassino perverso não aprenderá a lição necessária se sentimentalistas míopes decidirem que ele deve ser libertado ao fim de seis meses de prisão. Sabemos que as tarefas do dia escolar não podem ser cumpridas se um professor excessivamente indulgente dispensar a escola todos os dias três horas mais cedo. Sabemos que uma criança não pode ser ensinada a obedecer se a mãe, por carinho, atenua consistentemente as penalidades justas impostas pelo pai. Sabemos todas estas coisas e sabemos também que as restrições impostas ao homem sob a forma de desfiguração e infortúnio representam, na realidade, as intenções educativas do universo. Como, então, ousaremos interferir com o funcionamento de uma lei cósmica?

Vemos, por exemplo, a viver na degradação de uma pobreza indizível, a vítima contorcida e lastimável de uma doença terrível; não conseguimos evitar, ao olhá-la, um impulso de piedade. Mas, se aceitarmos a visão cármica das coisas, podemos olhar para esse sofredor sob outra luz. Na imaginação, podemos projetar-nos para trás, para além das cortinas do estreito palco do presente, e ver o ator do presente num papel diferente, com um traje diferente e numa época diferente.

Por analogia com casos que vimos nos ficheiros de Cayce, podemos imaginar que o espástico contorcido do presente, cujos membros se contraem de forma tão comovente quando tenta mover-se, foi outrora um príncipe arrogante nos dias czaristas da Rússia — alto, forte, viril, robusto, cruel, degenerado. Seguro na posse de riquezas incontáveis, friamente indiferente às privações dos camponeses que produzem essa riqueza, insolente na consciência da sua força física, sensual e sem escrúpulos na satisfação dos seus apetites, desumano no desprezo pelas mulheres que usa, impiedoso na tortura daqueles que incorreram no seu desagrado — é este o retrato que vemos da sua personalidade anterior.

Olhamos em redor e vemos homens cujos corpos definharam em ermos siberianos para onde foram enviados por mero capricho despótico do príncipe; vemos crianças cujos rostos cavados e olhos fundos denunciam a fome da sua existência de camponeses-escravos. E, ao vermos este quadro hediondo do mal — um quadro que poderia ser duplicado em quase qualquer país do mundo nas eras impiedosas que precederam a nossa própria era impiedosa — murmuramos o desejo de que, um dia, algures, este homem seja chamado a responder pelos seus crimes.

Mal formulamos o desejo, somos devolvidos ao presente e vemos, uma vez mais, o aleijado para quem antes olháramos com tanta piedade. Conseguimos ainda sentir por ele a mesma simpatia sem reservas? Conseguimos ainda — recordando os corpos destroçados das suas vítimas — dizer: *Deixa-me ajudar-te!*

Suponhamos que este caso singular é traduzido em termos universais — como inevitavelmente terá de ser, se a perspectiva da reencarnação for, de todo, aceite. Descobrimos então uma questão psicológica, ética e social de grande importância — uma questão que teremos de enfrentar de forma direta e imediata na nossa conduta de vida. O leitor que estuda sistemas sociológicos recordar-se-á de que este problema já encontrou uma solução na filosofia social de, pelo menos, uma nação: a Índia. Embora o problema só agora se torne evidente para nós, com o nosso reconhecimento ainda recente do princípio da reencarnação, a Índia conhece-o há séculos.

As massas na Índia decidiram a questão a favor da não interferência com a justiça. É isto que explica, em grande parte, a aparente indiferença com que os indianos encaram os aflitos e a exclusividade com que tratam os seus párias.

O sistema de castas da Índia baseia-se nas antigas leis de Manu, um grande legislador e filósofo que, tal como Platão, afirmou que a sociedade se organiza naturalmente em certas hierarquias necessárias de ocupação. O ensinamento tornou-se costume social; o costume cristalizou numa ordem

social. A tradição e a superstição — abundantes numa população quase 90% analfabeta — conspiraram para tornar essa cristalização rígida e inflexível.

A casta mais baixa, composta por aqueles que executam as tarefas mais humildes e servis, tornou-se “intocável”, com base no raciocínio de que, se tinham nascido num estrato tão baixo da sociedade, estariam a expiar a arrogância e o mal de uma encarnação anterior. Daí a lógica de permitir que o karma se cumpra sem interferência.

Admitindo a primeira premissa dos hindus — de que o karma nos atrai inevitavelmente para a posição na vida que merecemos — e admitindo também a sua segunda premissa de uma hierarquia na sociedade (baseada numa verdade oculta sobre o universo, também observada pela Igreja Católica), vemos que a sua conclusão é lógica.

E, no entanto, apesar de toda a sua lógica, esta solução parece, de algum modo, triste. Por esta perspetiva, a humanidade torna-se, como as mônadas de Leibniz, pequenas cápsulas sem janelas, cada uma seguindo os seus intentos e a sua própria órbita no espaço, numa indiferença autocontida perante o progresso das outras mônadas.

Ao contemplar este dilema, lembramo-nos inevitavelmente daquele poema tenso e conciso de Walt Whitman, intitulado «Sento-me e observo todos os sofrimentos do mundo»:

Sento-me e observo todas as dores do mundo, e toda a opressão e vergonha,

Ouço soluços secretos e convulsivos de jovens angustiados consigo mesmos, arrependidos depois dos atos feitos,

Vejo, na vida baixa, a mãe maltratada pelos filhos, a morrer, negligenciada, esquálida, desesperada,

Vejo a esposa maltratada pelo marido, vejo o sedutor traiçoeiro de jovens mulheres,

Assinalo as feridas da inveja e do amor não correspondido tentando esconder-se, vejo estas cenas na terra.

Vejo as operações da batalha, da peste, da tirania, vejo mártires e prisioneiros,

Observo uma fome no mar, observo marinheiros a lançar sortes sobre quem será morto para preservar a vida dos restantes,

Observo os desdéns e as degradações lançadas por pessoas arrogantes sobre trabalhadores, pobres, e sobre negros e semelhantes;

Tudo isto — toda a mesquinhez e agonia sem fim — eu sentado observo, Vejo, ouço, e calo-me.

Whitman acreditava na reencarnação. Sabemo-lo pela sua biografia e sabemo-lo pela evidência interna inconfundível dos seus poemas. E podemos reconhecer, no desaparego sublime e no silêncio com que observa a agonia sem fim do mundo, a sabedoria autêntica de quem vê a causa em cada efeito e o efeito em cada causa. A inatividade é, caracteristicamente, acompanhante da filosofia — não por indiferença ou preguiça, mas antes pela capacidade de ver a necessidade inerente à cadeia causal. Este poema de Whitman parece quase um manifesto da sabedoria da inatividade silenciosa perante a angústia necessária do homem.

E, no entanto, sabemos que Whitman serviu durante vários anos como enfermeiro nos campos de batalha da Guerra Civil; toda a sua vida estranha e algo solitária foi uma vida generosa de entrega, a partir da sua solidão. Este poema exprimia não toda a sua visão do mundo, mas apenas uma parte dela. Era um estado de espírito; uma perspectiva de cume; um ponto de órgão fundamental do tom, talvez, soando por trás da melodia mais enérgica da sua vida quotidiana. Pois a sua vida não foi uma vida inativa face aos seus semelhantes sofredores; e isto porque ele possuía, em alto grau, a grande virtude do amor.

É o amor, de facto, que refuta a lógica do desinteresse que parece tão intelectualmente razoável. Este é, na verdade, o significado central de Cristo, cuja vida dedicada de cura e ensino exemplifica a convicção de que, quaisquer que sejam os pecados de um homem, devemos estender-lhe a mão para o ajudar. A mente supraconsciente de Edgar Cayce não deve ser colocada na mesma categoria de Cristo; e, contudo, também ela exemplificou o espírito cristão de preocupação compassiva através de quarenta anos de esforço para ajudar os perturbados de mente e os quebrados de corpo.

É isto que constitui uma das integrações mais marcantes das leituras de Cayce: reafirmar, em termos explícitos, o conceito de que a subestrutura científica da vida é a lei cármica aceite no Oriente e, ao mesmo tempo, reafirmar a exortação espiritual ao amor e ao serviço, que é a nota dominante do ensino de Cristo.

Independentemente dos pecados de vidas passadas de outros homens, devemos esforçar-nos por os ajudar — sabendo que as barreiras invisíveis da lei cármica impedirão qualquer infração aos mínimos essenciais da sua constrição e sabendo também que a indiferença perante o sofrimento alheio é, em si mesma, um pecado punível cármicamente da nossa parte.

Num certo sentido, o mundo exterior e os outros homens são apenas um campo de prova onde podemos aprender as virtudes do espírito de que precisamos. Nós próprios somos igualmente um campo de prova onde outros

homens têm de aprender as suas virtudes. A lembrança do primeiro facto deverá impedir delírios grandiosos de termos ajudado a humanidade em demasia; a lembrança do segundo facto deverá favorecer tanto a humildade como a dignidade no que respeita a nós próprios. As nossas falhas são tão dolorosas para os outros como as deles são para nós; mas eles também aprendem com as nossas falhas, tal como nós aprendemos com as deles.

Outro aspeto desta matéria subtil é o facto importante de que a vontade do homem é livre e de que toda a história não está predeterminada ao pormenor num sentido fatalista. O nosso esforço para ajudar uma pessoa afligida, então — quer a sua aflição seja física, económica, social ou psicológica — não é apenas uma experiência de que precisamos pessoalmente para nos aperfeiçoarmos na virtude do amor; é também uma experiência que pode conseguir alterar a perspetiva mental do outro, a sua consciência e, desse modo, o curso da sua vida.

Em última análise, deve reconhecer-se que todo o karma é criado pela mente. Um erro de conduta nasce de um erro de consciência; e uma mudança integral de conduta só pode nascer de uma mudança integral de consciência. Daí que as leituras de Cayce estejam profundamente corretas ao afirmar que a mente é o construtor, pois, a menos que um homem mude a sua mente — e, especialmente, a sua noção conceptual da Energia Criativa e da sua relação com ela — nunca poderá redimir o seu karma negativo.

Já citámos a expressão, frequentemente usada pelas leituras em casos de penalidade cármica: *Estás a encontrar-te contigo mesmo*. É uma expressão impressionante; sugere uma qualidade espelhada do karma, como se cada experiência crucial fosse apenas o estranho encontro de alguém consigo próprio, numa antiga réplica de si. Mais particularmente, sugere a seguinte ideia, avançada aqui, entenda-se, apenas de forma especulativa e impressionista.

A teoria da curvatura do espaço — seja qual for o seu estatuto atual nos círculos científicos — é altamente consonante com a ideia cármica do seguinte modo. Se o universo pode ser visto como circular na sua natureza e, portanto, predispondo todo o movimento cósmico a ser também circular, então quase pareceria que a lei do karma, como a chamamos, é apenas o resultado final do movimento circular de cada ato. Um ato, de qualquer espécie, constitui um uso de energia. O facto do karma pode então ser possível porque a energia dirigida pela consciência contra um objeto exterior atravessa diretamente esse objeto, como um raio X que penetra um sólido, mas continua o seu curso circular pelo universo até, por fim, regressar ao iniciador, sem diminuição de força apesar de toda a viagem.

Assim, um ato de bondade de um homem para com um gato afeta objetivamente o gato, mas a energia do ato continua a viajar para fora e à volta

até finalmente regressar ao homem como um ato de bondade. Do mesmo modo, um ato de crueldade para com outro ser vivo tem o seu efeito objetivo, mas prossegue circularmente o seu próprio impulso vital até que, por fim, regressa como um ato de crueldade ao seu originador.

Embora esta tese seja apenas uma fantasia especulativa, pode conciliar-se com a maioria dos casos cármicos que vimos nos capítulos anteriores e talvez — admitindo variações e subtilezas de expressão — com todos eles. Em todo o caso, a ideia tem um certo poder sugestivo, como descobrirá quem tentar viver por ela durante alguns dias. Se imaginarmos que cada ato que praticamos em relação a outras pessoas inicia uma viagem circular que terminará por nos afetar exatamente a nós, descobriremos que alguns dos nossos impulsos serão refreados e algumas das nossas ações enobrecidas com um imediatismo surpreendente.

O conceito cármico é importante porque fornece a justificação científica das exortações à bondade que encontramos no Cristianismo e em todas as outras religiões mundiais. Paul Brunton provavelmente não exagera ao afirmar que a segurança e a sobrevivência da civilização ocidental dependem da restauração da ideia cármica ao pensamento das massas; pois o conhecimento do karma, corretamente entendido, dá ao seu possuidor uma abordagem madura da vida — religiosa sem ser supersticiosa, científica sem ser grosseiramente materialista. O conceito cármico dá ao homem tanto a coragem de suportar como a coragem de ousar. Ele pode aceitar as consequências das suas próprias ações passadas com resignação dinâmica e não estática, sabendo que, a cada momento, está no seu poder iniciar novas cadeias de ação e criar um destino novo e mais abundante.

Em sentido último, é claro, Deus criou o homem. Mas, num sentido penúltimo, o homem é o seu próprio criador. O karma representa os limites dentro dos quais o homem deve desenhar e criar a si mesmo. O karma é o limitador e o disciplinador; mas é, ao mesmo tempo, o libertador e o amigo. Sabendo isto, o budista diz, serenamente, em todas as vicissitudes da vida: *Refugio-me na Lei*. E, para aqueles que compreendem a beneficência cósmica de toda a Lei, por mais impessoal que pareça, estas palavras são tão comoventes, tão consoladoras, tão elevadoras, como as palavras equivalentes do cristão: *Refugio-me no Senhor*. Pois a Lei é o Senhor — e o Senhor é a Lei.

Capítulo 24

Uma Filosofia para Viver

Os carteiros que, ao longo dos anos, entregavam o correio na casa de Cayce eram portadores de apelos dilacerantes por ajuda. Nos últimos anos, as cartas chegavam de todo o mundo: de pessoas na América do Sul, no Canadá, em Inglaterra; de rapazes nos campos de batalha da Europa, ou em postos avançados no distante Pacífico, no Alasca e na Austrália.

É impossível ler estas cartas sem ser movido à compaixão. Os problemas que elas delineiam percorrem toda a escala da miséria humana. Começa-se a compreender, ao ler uma amostra, como Cayce se exauriu ao dar tantas leituras. A sua estatura de humanitário torna-se plenamente discernível quando se percebe que ele não se poupava perante aquela maré cheia de sofrimento que o correio de cada dia lhe trazia à porta.

Algumas cartas vinham de pessoas que exprimiam, com uma competência erudita e de palavras compridas, a sua perplexidade educada; outras vinham de pessoas que escreviam, como uma mulher o fez:

Pergunto-me se seria possível obter uma leitura sobre a minha vida amorosa. Tenho andado muito confusa. Quero voltar a casar e ter um lar e tudo o que isso deve implicar, mas tenho medo de escolher o homem errado ou talvez não devesse pensar em casamento outra vez e, afinal, talvez ninguém me queira realmente.

Elas representam todos os graus de maturidade, desde a mulher que escreveu:

Como posso mudar o meu marido e o meu ambiente para criar saúde, felicidade e uma personalidade encantadora para mim?

até ao jovem licenciado universitário que disse simplesmente:

Quero uma forma de vida pessoal e prática.

Mas, letradas ou iletradas, ricas ou pobres, instruídas ou não, estas pessoas revelavam, quase unanimemente nas suas cartas, o desnorte e a perplexidade da humanidade. Quer fossem tímidas, introvertidas, sós, doentes, frustradas profissionalmente ou infelizes no casamento — todas estavam preocupadas com o problema de melhorar a sua sorte na vida.

Já não é possível a tais pessoas obter aconselhamento pessoal sobre os seus problemas através da clarividência de Edgar Cayce, mas o estudo das recomendações dadas em casos comparáveis é útil para encontrar solução para uma dificuldade imediata. Quase invariavelmente, era-lhes dito que a fonte última da sua situação dolorosa se encontrava dentro delas próprias. Isto é a primeira coisa, segundo as leituras, que as pessoas atribuladas têm de

aceitar. Todo o problema é, em última análise, causado por si mesmo e tem, pois, de ser redimido por si mesmo.

Isto pode parecer um preceito simples, mas é frequentemente difícil de aceitar. Temos tendência a tomar-nos por garantidos, a encarar os nossos traços com a mesma aquiescência com que aceitamos o ar que respiramos. Com raras exceções, tendemos a ver o nosso próprio carácter com complacência; o nosso instinto inconsciente é usar a nossa própria constituição temperamental como medida de perfeição.

Quando chega a compreensão — como as leituras indicam que deve chegar — de que o simples facto de nos sentirmos infelizes ou desconfortáveis é prova de que há algo de errado dentro de nós, então despertamos da nossa complacência. Deixamos de culpar factores externos; cessamos a reorganização inquieta das coisas exteriores; voltamo-nos, em vez disso, para nos escrutinarmos e descobrir em que consiste a nossa falha e qual a lição que precisamos de aprender.

Seja qual for a nossa dificuldade — solidão, um marido incompatível, um filho deficiente, um complexo de inferioridade, um ambiente limitado — temos de reconhecer que só através da transformação do eu a situação pode ser transcendida. As nossas próprias atitudes têm de mudar; a nossa própria conduta tem de ser alterada. As atitudes não podem ser críticas, condenatórias, vingativas, orgulhosas, indiferentes, negativas; a conduta não pode ser egoísta, descuidada, antisocial. As dificuldades exteriores só podem ser resolvidas fazendo emergir as virtudes apropriadas da mente e da alma.

A cultura e transformação do eu, contudo, podem realizar-se melhor dentro de um conceito sistemático do universo e da relação do homem com ele. Tal conceito sistemático está implícito em todos os dados de Cayce e atravessa, como fios de cor, as centenas de leituras de vida dadas. Retirados do enquadramento das leituras individuais em que surgiam, esses fios formam um padrão distinto.

Este padrão é religioso, no sentido em que toma como ponto de partida a existência de um Poder Criador, ou Deus. É filosófico, no sentido em que formula uma perspectiva definida e sistemática sobre a vida, o universo e o destino do homem nele. É psicológico, no sentido em que fornece uma abordagem concreta aos problemas práticos da psique na sua reacção à situação de vida.

Em forma de esquema, este padrão parece ser o seguinte:

- Deus existe.
- Cada alma é uma porção de Deus. (Tu és uma alma; habitas um corpo.)
- A vida tem propósito.
- A vida é contínua.
- Toda a vida humana opera sob lei (karma; reencarnação).
- O amor cumpre essa lei.
- A vontade do homem cria o seu destino.
- A mente do homem tem poder formativo.
- A resposta a todos os problemas está no Eu.

Com base nestes postulados, o homem é exortado a:

- Reconhecer primeiro a sua relação com as Forças Criativas do Universo, ou Deus.
- Formular os seus ideais e propósitos na vida.
- Esforçar-se por realizar esses ideais.
- Ser ativo.
- Ser paciente.
- Ser alegre.
- Deixar os resultados a Deus.
- Não procurar evitar nenhum problema.
- Ser um canal de bem para os outros.

DEUS EXISTE

A teoria psicanalítica sustenta que Deus é uma fantasia infantil da mente humana. As leituras de Cayce discordam desta visão de forma intransigente; insistem, ao longo de todo o corpus, que Deus existe. Mais frequentemente falam da Força Criativa — ou da Energia Criativa — do Universo, em vez de falarem de Deus; e, considerando tudo, o uso desta expressão está bem ajustado ao novo temperamento da nossa época.

Vivemos numa época cujo génio tem sido libertar cada vez mais as forças da natureza; descobrimos uma energia inimaginável no âmago do átomo. Num

mundo de horizontes científicos tão ampliados, a expressão «Energia Criativa do Universo» como descrição de uma fonte central e unitária é talvez mais compreensível, com maior impacto de significado, do que a palavra tradicional, tão vulgarizada pela blasfêmia e manchada pelo abuso.

Todo o universo manifesto é uma expressão da Energia Criativa do Universo; nele vivemos, nos movemos e existimos. Participamos da sua energia e da sua divindade, e temos de aprender a reconhecer a nossa unidade com ela.

Há numerosas expressões deste conceito nas leituras de Cayce. Os exemplos seguintes são representativos.

E o que é a vida? Deus manifestado no plano material. Pois é n'Ele que vivemos, nos movemos e existimos. A vida é uma manifestação material dessa força ou energia universal a que chamamos Deus.

Sabe, ao analisares-te, que estas são verdades inalteráveis: Deus é, e a Ele deves, antes de tudo, toda a lealdade. Ou trabalhas com ou contra esse Divino que existe dentro de ti.

O que a eletricidade é para o homem, isso é o poder de Deus.

CADA ALMA É UMA PORÇÃO DE DEUS

Cada um de nós, segundo as leituras, é uma alma, uma porção da Energia Divina que nos trouxe à existência. Estamos em relação com Deus, ou com a Energia Criativa do Universo, como um raio de sol com o sol, ou uma gota de água com o oceano. Estamos em relação com o nosso corpo como um homem com a sua casa ou com a sua veste.

Uma alma é uma porção da Energia Divina, e é tão eterna como essa própria energia. Assim, se existe um período continuado de atividade que é para a presunção, pode dizer-se que o ser se está a separar, ou a perder a sua relação. Aqueles, porém, que adoram e glorificam a Primeira Causa mantêm-se conscientes do primeiro mandamento ao homem, expresso em: “Não terás outros deuses diante de mim” — diante do EU SOU da alma.

Sabe que és uma alma, e não te limites a vir a sê-lo.

“Outros poderão fazer como fizerem, mas eu e a minha casa serviremos o Deus vivo.” Não interpretes isto como significando apenas os que estão na tua casa física. A tua casa é o teu corpo — esse é o templo do Deus vivo. Essa é a casa inteira, feita para se conformar à vontade de Deus.

A VIDA TEM PROPÓSITO

A vida não é uma situação ao acaso, nem no sentido individual nem no universal. O propósito último da nossa vida é regressar a Deus numa participação consciente da divindade. Fomos um com Ela no princípio; afastámo-nos por apego ignorante à materialidade e por um sentimento de separação, orgulho ou egoísmo.

O ser não nasceu meramente por acaso. Pois a terra é um mundo de causalidade; causa e efeito são na terra uma lei natural. E, à medida que cada alma entra neste plano material, entra para encontrar ou dar estas verdades, para que outros também possam adquirir mais conhecimento do propósito pelo qual cada alma entra.

Tu, no princípio, tinhas companheirismo com Deus, perdendo esse companheirismo pela escolha daquilo que satisfazia apenas o desejo material. Assim, tu, como o Mestre fez, entras de novo e de novo; vens para cumprir a lei, a lei que trouxe a tua alma à existência para ser uma com Ele.

A herança de cada alma é conhecer-se como sendo ela própria e, ainda assim, una com as Forças Criativas.

A VIDA É CONTÍNUA

A nossa reunião com Deus como companheiros dignos e aperfeiçoados, em plena consciência do nosso ser divino, não se realiza rapidamente. O aperfeiçoamento da consciência é um crescimento lento, cuja consumação só pode ser alcançada através de éones de tempo. Num sentido último não há tempo, mas para o nosso sentido tridimensional há. Pela limitação da nossa perspectiva, temos de reconhecer que a vida é contínua.

Não vais para o céu; cresces até ao céu!

Pois a vida é contínua! Não há paragem. Ou progredimos ou regredimos.

A vida é contínua e apenas muda nas suas fases, devido ao estado de consciência ou à mudança da taxa vibratória da existência.

O que o ser é hoje é o resultado do que foi em dias e experiências e idades e éones passados. Pois a vida é contínua; e, quer se manifeste na materialidade, quer noutros domínios de consciência, é uma e a mesma.

Aprende isto bem: primeiro, a continuidade da vida. Não há tempo; é um só tempo. Não há espaço; é um só espaço. Não há força, senão Uma Força nas suas várias fases.

TODA A VIDA HUMANA OPERA SOB LEI

Implícita na expressão «continuidade da vida» está a alternância rítmica da experiência que nós, da perspectiva terrena, chamamos reencarnação. A vida humana opera sob leis de reencorporação, e as condições dessa reencorporação são governadas pelas intrincadas e infalíveis leis do karma.

Sabe que há leis espirituais imutáveis na terra. Começa por: semelhante gera semelhante. O que semeias, colhes. Deus não se deixa escarnecer; pois, como tratares o teu próximo, assim serás tratado pelo outro.

Não é toda a vida viver, nem toda a morte morrer; pois uma é o nascimento da outra quando vista do todo ou do centro, e não é senão a experiência de um ser nas suas transições para e a partir desse centro universal de onde toda a radiação procede.

Lembra-te: as coisas que aplicaste outrora — agora estás a encontrá-las! Vive com isto em mente (e que toda a alma o tenha presente): pagarás até ao último fragmento do que quebrares da lei do Senhor.

Lê os capítulos 14, 15, 16 e 17 de João. “Na casa de meu Pai há muitas moradas.” Medita nisso, não por uma hora, ou um minuto, mas por um dia, enquanto vais fazendo o teu trabalho. Quem é o teu pai? Que significa “moradas”? E que há muitas moradas na Sua casa? Que casa? É o teu corpo — esse é o templo. Muitas moradas estão nesse corpo, muitos templos. Pois o corpo esteve, de novo e de novo, na experiência da terra; por vezes são mansões, por vezes casas, por vezes cabanas.

Como corolário da proposição de que a vida humana opera sob lei, enuncia-se a proposição de que, seja qual for a nossa situação presente, ela é o efeito de causas que nós próprios pusemos em movimento e é, pois, necessária ao nosso crescimento. O homem é o que é porque foi o que foi.

Sabe que, seja em que estado te encontres — de mente, de corpo, de condição física — isso é o que construístes e é necessário para o teu desenvolvimento.

Nunca comeces a ter pena de ti próprio nem penses que alguém te maltratou. O que semeias, colhes. Lembra-te: os outros nunca te maltratarão se tu nunca maltratares alguém. Não é da natureza, pois semelhante gera semelhante.

Não deixes que surjam períodos de indiferença abjeta na tua experiência presente. Sabe que tudo o que é, é para o teu próprio desenvolvimento, se o enfrentares com a aplicação de princípios criativos.

Sabe que, seja em que estado te encontres, isso, neste momento, é o melhor para ti. Não olhes para trás para o que poderia ter sido. Antes, eleva-te, olha para cima, agora, onde estás.

O AMOR CUMPRE A LEI

A lei do karma é infalível no seu funcionamento, tal como a lei do renascimento, até que nos tornemos perfeitos no amor. O amor cumpre toda a lei.

Os filhos da luz amam primeiro, pois, ainda que eu tenha o dom de profecia, ainda que eu fale em línguas desconhecidas, ainda que eu dê o meu corpo para ser queimado, e não tenha o espírito do Filho do Homem — a consciência crística, o Espírito de Cristo — nada sou.

Segue então o exemplo do teu ideal, que disse apenas: “Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, a tua mente, a tua alma; e ao teu próximo, aos teus semelhantes, até ao teu inimigo, como a ti mesmo.” Isto é toda a lei.

A VONTADE DO HOMEM CRIA O SEU DESTINO

Neste universo de lei e ordem, o homem é um agente de livre-arbítrio, participando do poder criativo da grande Força Criativa do Universo e participando dos seus três aspetos: amor, inteligência e vontade. É com a vontade que o homem “peca”, ou vai contra a vontade unitária de Deus. É com a sua vontade que pode alterar a direção da sua alma e trazê-la de novo à harmonia com a Vontade Universal.

A vontade é essa força que é compatível com — ou contra — a vontade da Energia Todo-Criativa. Chama-lhe natureza, Deus, ou o que seja — é ou a favor ou contra! Desenvolvendo-se para ou afastando-se!

Destino é o que uma alma faz com a sua vontade em relação às Forças Criativas.

Sabe primeiro que nenhum ímpeto, nenhuma influência, é maior do que a vontade do eu de fazer aquilo que determina realizar em qualquer direção — física, mental ou espiritual.

Sabe que nenhum ímpeto — astrológico, numerológico, simbólico — ultrapassa a vontade do ser em qualquer experiência.

Pois há dentro do eu aquilo que é criativo; e essa força criativa, cooperando com o divino exterior, conduzirá à escolha daquilo que é vida. E quando a escolha é feita, então pode haver uma visão, astrologicamente e de outros modos, do que é o seu fim. Mas a cada alma é dado o direito de nascença da capacidade de escolher — em qualquer ambiente, qualquer circunstância, qualquer experiência!

A MENTE DO HOMEM TEM PODER FORMATIVO

O homem é, então, livre dentro do enquadramento das leis cósmicas. As penalidades recaem sobre o homem apenas se ele viola essas leis. A sua vontade atua como força propulsora do seu destino; a sua mente, porém, atua como agente diretivo e formativo. É por isso que o primeiro passo em qualquer programa de descobrimento e aperfeiçoamento pessoal é formular, de modo específico, os próprios ideais.

Além disso, *a mente é o construtor*. Isto refere-se à Mente Universal, da qual cada uma das nossas mentes é um fragmento individualizado. A mente, em todos os planos de existência, cria o padrão a partir do qual as coisas materiais são formadas.

Pois cada ser faz um registo no tempo e no espaço através das atividades desse estilete: a mente. Na carne e no espírito, a mente é o construtor. Assim, como o eu aplicou o eu, assim são talhados os padrões da vida.

Os pensamentos são coisas; a mente é tão concreta como um poste ou uma árvore.

A RESPOSTA A TODOS OS PROBLEMAS ESTÁ NO EU

A expressão *a resposta está dentro* surge como um refrão ao longo das leituras e parece ser entendida em vários sentidos. Primeiro, a razão de toda a dificuldade encontra-se dentro do eu, porque, pela lei do karma, tudo o que nos acontece é criado por nós e merecido por nós. As circunstâncias exteriores são apenas o reflexo, como num espelho, de algo íntimo dentro de nós. Encontramo-nos a nós próprios no que quer que nos aconteça; consequentemente, uma autoanálise rigorosa dar-nos-ia a chave para aquilo que nos sucede nas nossas circunstâncias.

Segundo, permanece na mente inconsciente a memória de tudo o que alguma vez nos aconteceu desde o início da nossa individuação. Assim, existe dentro de nós um armazém de conhecimento disponível através do apaziguamento dos sentidos exteriores e da focalização da atenção para dentro, no processo de meditação.

Terceiro, no fundo de nós está o esplendor aprisionado, a essência divina pela qual somos um com a Energia Criativa do Universo. A solução, então, para qualquer problema é voltar-se para dentro, para essa energia radiante do nosso eu divino.

Estuda-te a ti próprio, pois no eu pode encontrar-se a resposta a todos os problemas que te possam confrontar.

Pois o espírito do homem, com todos os seus atributos, físicos e mentais, é uma porção do grande espírito total. Assim, as respostas estão todas dentro do eu.

Sabe isto — que todo o poder, toda a cura, toda a ajuda tem de vir de dentro.

Tudo o que o ser possa saber de Deus, ou mesmo de relações internacionais — já existe na consciência, para que te tornes consciente disso. Deve haver aplicação a fontes materiais de conhecimento, sim; mas com fé e confiança no conhecimento universal. Pois, como indicou o grande legislador: “Não penses em quem virá do mar para trazer uma mensagem; pois eis que está dentro de ti mesmo. Pois a mente e a alma são desde o princípio.”

Aí estão, segundo as leituras de Cayce, as verdades básicas sobre o homem e a sua relação com o universo. Longe de estarem afastados das preocupações quotidianas da vida e dos problemas universais de ajustamento psicológico, estes postulados conduzem naturalmente a uma filosofia prática de viver.

Primeiro, no esforço de traduzir estes conceitos em conduta, é necessário reconhecer a relação com a Energia Criativa do Universo. Tal como um riacho, o homem não pode elevar-se acima da sua fonte; consciente disso ou não, está sempre a agir com base em certas suposições quanto à sua origem e identidade. Se essas suposições forem falsas — mecanicistas, materialistas, ateias — a sua vida não pode deixar de assumir aspetos falsos e distorcidos.

O homem, sendo a «imagem de Deus» em vários sentidos dessa expressão tão mal compreendida, torna-se mais verdadeiramente o reflexo microcósmico quando vê corretamente o original macrocósmico. O seu conceito da sua fonte e da sua relação com ela afeta toda a sua vida nas suas ramificações mais íntimas e mais exteriores. De facto, o modo como trata o seu corpo e os seus semelhantes, o uso que faz do seu tempo e a direção da sua energia derivam, em última análise, das suas suposições não examinadas ou dos seus conceitos formulados acerca da sua identidade e da sua relação com o universal.

Este é o direito de nascença de cada alma que se manifesta num plano material: dar a conhecer aos outros o seu conceito da sua relação com as Forças Criativas.

P. Por favor aconselhe-me sobre como posso ser de maior ajuda ao meu pai.

R. A melhor maneira de ajudar alguém é deixar que a tua vida seja o reflexo daquilo que pensas do teu Deus. Isto conduz a uma vida de serviço, ou ao uso da vida para que o Pai seja glorificado na terra tal como no céu.

Lembra-te de que tudo é Um, e olha para dentro de ti se quiseres compreender o teu próximo, o teu amigo, o teu inimigo. Pois aquilo que fazes ao teu próximo, ao teu amigo ou ao teu inimigo é reflexo do que pensas do teu Criador.

Mantém-te firme nestas verdades, sabendo que a tua vida é uma expressão do divino, que a tua saúde é uma expressão da tua fé e esperança nesse poder divino dentro do teu próprio eu.

Depois de alguém procurar realizar a identidade do seu espírito com a Energia Universal — e consequentemente com todos os outros espíritos vivos, que dela participam igualmente — deve formular os seus ideais, física, mental e espiritualmente, e procurar alcançá-los. A atividade é da máxima importância; o mero serviço de boca e a consciência intelectual, por si sós, são inúteis. A ação é o critério da sinceridade, a medida e o método do verdadeiro crescimento. *Conhecimento não vivido é pecado* é um tema que regressa constantemente nas leituras.

Sabe qual é o teu ideal — e sê ativo! Melhor fazer até a coisa errada do que não fazer nada. Lembra-te: o homem a quem foi dado apenas um talento escondeu-o, e foi ele que foi interrogado, e foi dele que foi tirado.

Não basta que um ser tenha conhecimento acerca da lei — seja lei cármica, lei espiritual, lei penal, lei social, ou o que quer que seja. A questão é: o que faz o ser com o conhecimento que tem? É o conhecimento usado para evitar causa e efeito, ou para coagir outras pessoas a aderirem aos pensamentos do eu? Ou é usado para trazer ajuda aos outros na sua compreensão da lei?

O destino, ou karma, depende do que a alma fez com aquilo de que se tornou consciente.

Sabe que cada outro indivíduo tem tanto direito na terra como tu próprio, ainda que possa não estar, em certos aspetos, tão avançado na sua aprendizagem. Pois lembra-te — o conhecimento, ou a busca da árvore do conhecimento, é o pecado. É o uso do que sabes para a glória de Deus que é justiça.

O conhecimento não pode ser vestido como um manto, mas tem de ser um crescimento interno em direção àquilo que foi determinado como ideal.

Se alguém compreendeu plenamente o significado destes postulados de existência, não pode deixar de ser paciente em qualquer empreendimento ou situação em que se encontre. A paciência não é, pois, apenas uma coisa passiva; é ativa. É uma espera vigilante, uma virtude positiva e não negativa. É a atitude de uma alma que sabe que o tempo e o espaço são, em certo sentido, restrições ilusórias. Quando a consciência se liberta do tempo e do espaço, então a paciência torna-se perfeita.

A paciência não é passiva nem negativa; é uma coisa construtiva, uma força positiva, ativadora. Pois, se alguém te bater numa face, disse Ele para recuares? Não! Antes, oferece a outra! Sê ativo na tua paciência; sê ativo nas tuas relações com o teu semelhante.

Começa então agora a semear as sementes do espírito nas tuas atitudes mentais, e a primeira delas é a paciência. Pois, na paciência, possuis a tua alma. Na paciência tornas-te consciente de que o corpo é apenas um templo, uma aparência exterior; e de que a mente e a alma são aquilo com que habitas constantemente. Pois cada alma está nesse processo de desenvolvimento para se tornar plenamente consciente da sua relação com o seu Criador.

A alegria torna-se também atributo de quem conhece a sua identidade e conhece a lei. Sê *alegre!* é um mandamento inseparável de Sê *bom!*

Lembra-te: Ele é um Deus de Amor, pois Ele é Amor; um Deus de felicidade, pois Ele é felicidade!

Aqueles que caminham mais perto das Forças Criativas deveriam, de facto, estar cheios de alegria, prazer, paz e harmonia interior. Pois a vida é uma manifestação de Deus, e o modo de vida que alguém vive é o conceito que o ser tem de como gostaria que o seu Criador fosse.

Terás de prestar contas por cada palavra ociosa. Não que não devas ser alegre, no entanto. Pois, se perdes a capacidade de rir, perdes a capacidade de ser alegre. E o princípio da vida em Cristo é alegre! Lembra-te: Ele riu — mesmo a caminho do Calvário — não como tantas vezes é retratado; Ele riu. Foi isso que mais os irritou.

Cultiva a capacidade de ver o ridículo e conserva a capacidade de rir. Pois lembra-te: o Mestre sorria e ria muitas vezes, mesmo a caminho do Getsémani.

Deverá haver, juntamente com a atividade, a paciência e a alegria de cada um, também um certo sentido de desapego. Não se deve procurar resultados com demasiada ansiedade, como um jardineiro principiante que está sempre a arrancar os rabanetes para ver se estão a crescer. Planta, rega e lembra-te de que, a seu tempo, Deus concede o aumento. Faz o bem não para colher uma recompensa, mas porque é a coisa bela, adequada, harmoniosa, conforme à lei, a fazer.

Não te permitas ter pena de ti próprio nem condenar-te a ti próprio. Vive e age, em tudo o que fizeres, de modo a trazer o melhor; e deixa as consequências à guarda d'Aquele que dá todos os dons bons e perfeitos.

Acima de tudo, é preciso reconhecer que os problemas — «se os quiseses chamar assim» — são, na realidade, oportunidades. Há pouco sentido em evitar uma situação difícil; mais cedo ou mais tarde, a força de alma

necessária terá de ser desenvolvida, pelo que mais vale tentar desenvolvê-la agora.

Sabe que cada alma acaba por se encontrar consigo mesma. Nenhum problema pode ser evitado. Enfrenta-o agora!

Todos os sistemas bem construídos podem ser comprimidos e simplificados, e os postulados e conselhos de conduta acima, que deles decorrem, não são exceção. A sua essência destilada reduz-se, muito simplesmente, aos dois mandamentos antigos: *Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu corpo, mente e alma; e amarás o teu próximo como a ti mesmo.*

Estes dois mandamentos podem parecer teologicamente banais, mas, na realidade, são uma espécie de transcrição abreviada das leis do universo tal como afetam o homem segundo a visão do mundo presente nas leituras de Cayce. Pois — se se admitir que existe uma Energia Criativa central e que o propósito da nossa vida é evoluir conscientemente a perfeição que em nós está latente em virtude da nossa identidade com ela — então é claro que a forma mais simples de comprimir este conhecimento em sabedoria é: amar a Grande Energia Criativa, a sua beleza multiforme e o seu propósito universalmente benéfico, de modo a esforçar-te por te tornares um com ela e por a exprimires em todos os departamentos do teu ser.

E, se se admitir ainda que a lei cármica retributiva atua para nos punir por quaisquer infrações que cometamos contra a liberdade de vontade e o bem-estar de outras pessoas — tal como amamos o nosso próprio bem-estar.

Vê-se assim que a sabedoria antiga que ensina a evolução da alma através de encarnações sucessivas e pelas leis do karma está de acordo com os ensinamentos cardeais de Jesus.

Mas a era da utilidade da simplificação já passou. O homem já não é um bebé; precisa do alimento forte do conhecimento — exato, racional e inteligível. Há muitas pessoas no mundo ocidental que não conseguem aceitar a visão do mundo das religiões orientais, visão reafirmada pelas leituras de Cayce. E, contudo, embora não a possam aceitar sem prova científica mais rigorosa do que a fornecida pelos dados de Cayce, podem achar difícil negar que a perspectiva reencarnacionista é precisa, racional e inteligível; que é psicologicamente credível, eticamente sólida e cientificamente plausível. Para a pessoa que a consegue aceitar, a reencarnação oferece um propósito para viver, uma estrela polar pela qual se orientar e a garantia de que não está perdida num caos sem sentido de forças sobre as quais não tem, em última

Capítulo 25

Conclusão

Percorremos um longo caminho, nestas páginas, desde o pequeno incidente num quarto de hotel em Dayton, Ohio, quando Edgar Cayce, pela primeira vez, deu a entender — enquanto estava em hipnose clarividente — que a reencarnação é um facto da natureza. Este incidente, juntamente com a série de incidentes relacionados que se seguiram, pode parecer uma base pouco sólida para erguer o edifício psicológico e filosófico cujos contornos aqui foram esboçados.

E, no entanto, se se observar a história da ciência, vê-se que frequentemente grandes e revolucionárias descobertas evoluíram a partir de fontes improváveis. Uma perna de rã a contrair-se e um pedaço de pão bolorento não parecem pontos de partida auspiciosos para a descoberta da bateria galvânica e do fármaco milagroso penicilina; e, no entanto, tais foram as origens dessas descobertas. Uma lâmpada oscilante numa igreja italiana levou Galileu à invenção de um relógio de pêndulo astronómico; uma banheira a transbordar deu a Arquimedes a pista de que precisava para formular uma importante lei da hidrostática.

A história oferece-nos inúmeras instâncias da mesma natureza geral. Temos, pois, de reconhecer que a verdade pode ser descoberta em lugares humildes; e não devemos ficar demasiado surpreendidos por um homem sem instrução, sem gramática, deitado inconsciente num divã, poder contribuir com importante evidência inferencial em apoio de uma teoria revolucionária sobre a vida humana.

Resumamos agora a evidência que testemunha a validade do material das leituras de vida para além do volume de provas que estabeleceu de forma incontroversa a validade da sua clarividência física. Esta evidência consiste em sete factos principais. São eles:

Primeiro: As análises de carácter e descrições de circunstâncias estavam corretas, relativamente a desconhecidos completos, a distâncias de centenas de quilómetros e em milhares de casos.

Segundo: As previsões de aptidões vocacionais e outros traços revelaram-se exatas, anos mais tarde, não só para adultos, mas também para recém-nascidos.

Terceiro: Os traços psicológicos foram explicados de forma plausível por presumíveis experiências de vidas passadas.

Quarto: Os dados foram coerentes consigo mesmos ao longo de um período de vinte e dois anos; isto é, concordaram consigo mesmos, tanto em

princípio básico como em detalhe minucioso, em centenas de leituras separadas feitas em momentos diferentes.

Quinto: Pormenores históricos obscuros foram verificados consultando a história registrada; os nomes de personalidades anteriores obscuras foram encontrados na localidade onde a leitura dizia que poderiam ser encontrados.

Sexto: As leituras tiveram uma influência útil e transformadora na vida das pessoas que as receberam e seguiram; isto verificou-se no plano psicológico, vocacional e físico.

Sétimo: O sistema filosófico e psicológico implícito nas leituras — e delas dedutível — é coerente, consistente, suficiente para todos os factos conhecidos sobre a vida mental e propício à descoberta de novas explicações para aspetos ainda inexplicados da vida mental. Concorde, além disso, com a antiga e honrosa doutrina filosófica ensinada na Índia há séculos.

Em suma, sete fortes argumentos inferenciais sustentam as leituras de vida de Cayce e o princípio da reencarnação que elas afirmam. Embora a evidência inferencial não seja necessariamente conclusiva, é muitas vezes válida. Até a prova de que o mundo é redondo é apenas inferencial — ninguém viu realmente a forma esferoidal completa do mundo; e a existência do átomo também é conhecida apenas por inferência — ninguém viu realmente um átomo. E, no entanto, pela força das nossas inferências, circunavegamos com êxito o globo e concebemos uma bomba atômica cujos efeitos são bem tangíveis. Não é, certamente, demasiado absurdo propor que se faça uma investigação científica séria da reencarnação com base na evidência inferencial que as leituras de Cayce fornecem.

Os reencarnacionistas só podem esperar que as pessoas que procuram uma resposta credível para os enigmas da existência acolham o princípio da reencarnação — que vivam com ele, atuem por ele, durante algum tempo — que se meçam a si próprias e aos seus semelhantes e ao cenário humano em geral pelos seus princípios simples, mas de significado cósmico. Se, no fim de um período de experiência, como dizem os anúncios, não estiverem completamente satisfeitas, podem, sem qualquer custo para si, devolver o artigo ao balcão do pensamento.

É tentador exclamar, com os anunciantes, que *uma experiência convencerá*; mas está demasiado bem estabelecido que nenhuma fé, por mais sólida e científica que seja a sua base filosófica, pode satisfazer todos os homens, e que há muitos que nunca aceitarão a reencarnação. Nunca a aceitarão, isto é, até que a ciência — o messias moderno — a proclame. Espera-se, pois, que cientistas tanto das ciências psicológicas como das ciências físicas dirijam a atenção para a hipótese da qual as leituras de Cayce fornecem prova inferencial.

Poderiam usar-se várias linhas de abordagem. A demonstração laboratorial da reencarnação por método científico pode ser uma possibilidade, desde que se utilizem técnicas apropriadas. Esta é uma estipulação importante. Para sondar novos estratos da realidade, é necessário, por força, usar novas técnicas de exploração.

A hipnose provar-se-á, sem dúvida, a técnica mais imediatamente disponível e mais frutífera; poderiam realizar-se experiências hipnóticas com muitas pessoas para determinar se memórias de vidas passadas podem ser evocadas. Se as memórias assim induzidas pudessem ser verificadas objetivamente com registos históricos e com factos conhecidos da vida mental do sujeito ou das suas circunstâncias, o material constituiria então evidência inferencial válida em apoio da teoria.

Uma segunda possibilidade é o uso de clarividentes treinados em colaboração com experimentação laboratorial e prática clínica. Quando a clarividência for acreditada como uma faculdade da mente humana, as suas enormes possibilidades como nova técnica de obtenção de conhecimento não poderão deixar de ser reconhecidas. Pessoas com poderes percetivos poderiam trabalhar em colaboração com investigadores e terapeutas psicológicos; os registos clínicos da terapia proposta com base em presumível causalidade de vidas passadas constituiriam, por si só, um importante corpo de testemunho.

Testemunho como este não seria diferente do fornecido pelas leituras de Cayce, exceto num aspeto importante. As leituras de Cayce foram aplicadas com resultados notáveis na vida das pessoas que as receberam; inúmeros documentos escritos atestam a sua exatidão e a sua eficácia. Mas não houve supervisão da sua aplicação por investigadores treinados; não houve acompanhamento sistemático; não foram feitas análises psiquiátricas ou psicológicas correlativas ao mesmo tempo que a leitura era dada. Se um clarividente de poderes iguais ou semelhantes aos de Cayce trabalhasse com a plena cooperação de uma equipa profissional de psicologia credenciada, o corpo de material de estudo de casos resultante teria toda a força probatória do material de Cayce, mas nenhuma das suas limitações.

Se a reencarnação é, de facto, a lei da vida pela qual o homem evolui e se torna perfeito — se esta é, de facto, a verdade simples sobre o homem, a chave simples do enigma da existência e do sofrimento — então todas as teologias e todas as psicologias do homem serão vistas como as curiosas distorções vacilantes dos espelhos num Parque de Diversões, numa Sala de Espelhos; a verdade simples será vista a erguer-se no meio delas como a pessoa cuja imagem é tão estranhamente distorcida.

Certamente vale a atenção de pessoas sérias investigar uma possibilidade cujo estabelecimento poderia ser tão clarificador, tão vivificante e

tão transformador. Se, de facto, a alma do homem tem muitas moradas, agora, mais do que nunca, é tempo de conhecermos essa verdade. Pois com esse conhecimento vem uma nova nobreza e uma nova coragem. Com ele vem também uma nova visão — prismática e maravilhosa — do universo; uma nova compreensão — mais subtil e mais profunda — de toda a vida humana; e uma resiliência de novo tempero para todas as múltiplas perplexidades, tragédias e tristezas da vida.

Sobre a Autora

GINA CERMINARA nasceu em Milwaukee, Wisconsin, onde concluiu a Riverside High School, e obteve o grau de BA, MA e PhD na Universidade de Wisconsin. Além disso, estudou na Universidade de Roma, no Wisconsin Conservatory of Music e no Institute of General Semantics. Após os estudos, dedicou grande parte do seu tempo a ensinar, estudar e escrever, bem como a proferir palestras sobre parapsicologia e semântica geral em muitas cidades americanas, assim como em Tóquio, Dublin e Londres.

Pouco depois de obter o seu PhD em psicologia, Cerminara foi à Association for Research and Enlightenment, em Virginia Beach, Virgínia, para investigar os ficheiros do médium americano Edgar Cayce. O que fora inicialmente pensado como alguns dias de investigação académica transformou-se em anos de estudo intensivo. À medida que este estudo avançava, Cerminara descobriu que o trabalho de Edgar Cayce constituía a base para uma nova abordagem à antiga filosofia da reencarnação, que é a estrutura de base de *Many Mansions*.

Importa notar que, ao longo da sua vida adulta, Cerminara esteve ativa a elevar o seu semelhante e tinha um coração bondoso para os animais. Ajudou um homem a frequentar a escola de barbeiros, deu palestras em prisões e ajudou pessoalmente reclusos sempre que pôde. Também resgatou muitos gatos, que encontraram então abrigo seguro em sua casa.

Cerminara nasceu a 11 de Abril de 1914 e faleceu em sua casa, em Ojai, Califórnia, em Abril de 1984.